EXPOSIÇÃO

DISTRICTAL

DE

COIMBRA

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL

DE

INDUSTRIA AGRICOLA E FABRIL

E DE

ARCHEOLOGIA

PROMOVIDA PELA

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

SOB A PRESIDENCIA

DE

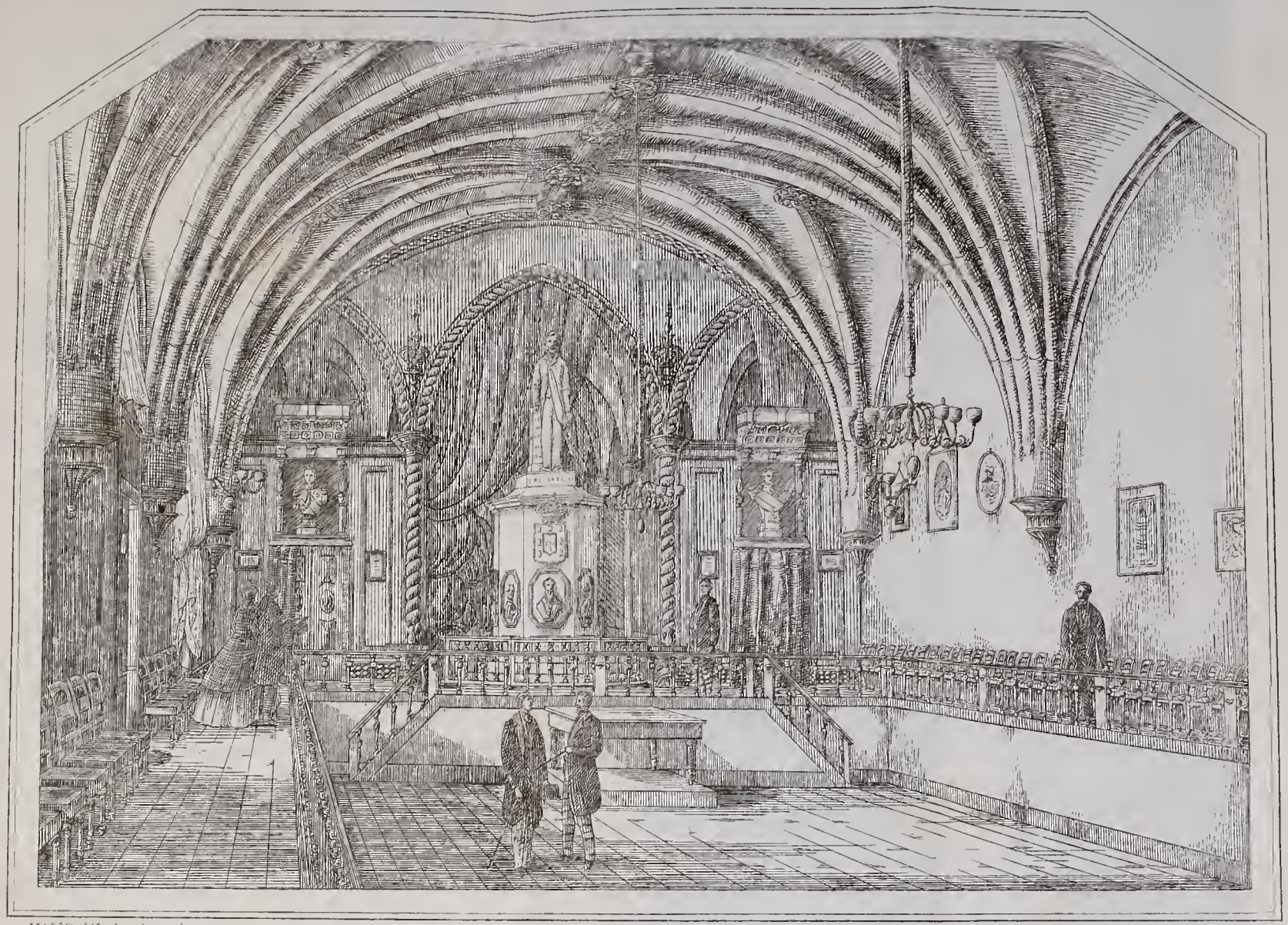
Olympio Nicolau Ruy Fernandes

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1869

19 Agosto
1923



MARIZ Jor des do nat.l e gr.

A. Costa sc.lp — Lith. da Impr. da Universidade

SALA DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS
COIMBRA

PRIMEIRA ÉPOCA

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL

DE

COIMBRA

Em sessão da assembléa geral da Associação dos Artistas de Coimbra de 28 de fevereiro de 1869, ponderou o presidente — que, tendo a Associação attingido um notavel gráu de desinvolvimento, e obtido a sympathia publica, de que era uma prova irrefragavel a consideração e deferencia que lhe têm dispensado tantas pessoas da mais elevada posição social; — que, não podendo duvidar-se, que a classe trabalhadora, congregando-se para um fim util e civilisador, tem tomado, nestes ultimos annos, um logar distincto entre os obreiros do progresso, seguindo assim o motu do nosso seculo e as aspirações da geração actual; — que, sendo certo que, generalisado como está o espirito de associação, a todos os associados é palpavel os muitos beneficios que d'ella se colhem; — e sendo para animar a prospera situação em que se acha a Associação dos Artistas, que, contando seis annos de existencia, tem, pelos esforços e dedicação de alguns de seus membros e pelo auxilio que tem recebido de pessoas a ella extranhas, contribuido para o bem estar de uma numerosa classe social, alem de que, pelos serviços que tem prestado á instrucção, mantendo suas aulas nocturnas, de que se hão colhido optimos resultados, tem direito a esperar toda a cooperação não só dos poderes publicos, mas ainda d'aquelles, que sincera e patrioticamente se interessam pelo engrandecimento d'esta terra, pelo aper-

feiçoamento das artes e pelo desenvolvimento da agricultura; — neste presupposto, intimamente convencido de que era chegado o momento de avançar na senda do progresso, propoz: — que, achando-se consignado no artigo 155 dos estatutos — «que a Associação procurará realisar periodicamente uma exposição dos productos artisticos, e dos da industria agricola e fabril» — não só achava propicia a occasião de dar cumprimento áquella importante e fomentadora disposição dos estatutos, sendo que até convinha dar-lhe mais latitude, promovendo desde já uma exposição districtal, onde fossem exhibidos productos industriaes e agricolas; devendo esta exposição ser aberta nos primeiros dias do proximo mez de julho.

A idêa d'um commettimento tão civilisador foi geralmente applaudida, dando a assembléa as demonstrações mais plenas do seu assentimento, patenteando todos os socios que compunham a assembléa a sua grata satisfação. O sr. presidente ficou encarregado de dar principio aos trabalhos, dando desde logo publicidade a esta deliberação, assim como de fazer os competentes annuncios, e redigir os respectivos programmas; podendo nos trabalhos da exposição ser auxiliado não só pelos corpos gerentes, como por quaesquer socios e outras pessoas, que estiverem nessas circumstancias.

O secretario,

Luiz Adelino Lopes da Cruz.

TRABALHOS PREPARATORIOS

Por muito tempo têm sido descurados os interesses economicos d'este districto, ao passo que são frequentes as tentativas para lhe diminuir a importancia e para aniquilar a sua capital.

A Associação dos Artistas de Coimbra julgou chegada a opportunidade de dar execução ao artigo 155 dos seus estatutos; e por isso deliberou realisar uma exposição districtal de productos artisticos e dos das industrias agricola e fabril, a qual deverá ser aberta no dia 4 do proximo futuro mez de julho.

Será modesta a exposição, mas será significativa, e até superior ao que se espera, porque em varios concelhos do districto se exercem industrias importantes, e alguns de seus artefactos têm assumido a maior perfeição; porém, taes productos, uns não têm procura que anime, outros têm uma extracção quasi ignorada, e até a alguns se lhes nega a proveniencia.

Para a consecução de seus esforços confiadamente espera a Associação dos Artistas que lhe será concedida toda a protecção pelos poderes publicos, e que estes serão secundados pelas patrioticas vereações municipaes e pelos magistrados administrativos dos concelhos, pelas auctoridades parochiaes, pelas benemeritas associações commerciaes do districto e pelas demais corporações e empresas, pela illustrada imprensa periodica, pelos industriaes e agricultores, pelos artistas em geral, por todas as pessoas, em fim, que se compenetrarem das vantagens que da exposição podem provir ao districto em geral e a Coimbra em especial.

A Associação dos Artistas responsabilisa-se pela guarda e restituição dos productos, desde que forem entregues na sua sala.

Ulteriormente será publicado o respectivo programma.

Coimbra, 8 de março de 1869.— *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da associação — *Luiz Augusto Pereira Bastos*, vice-presidente — *Luiz Adelino Lopes da Cruz*, secretario — *José Albino da Conceição Alves*, vice-secretario — *José Joaquim da Cruz*, dicto.

Artigo 1.º A exposição districtal é promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra, e será aberta solemnemente em um dos

primeiros dias do mez de julho de 1869, e que opportunamente será annunciado.

Art. 2.º A exposição terá logar na sala da Associação, e occupará o pavimento da mesma sala, as galerias, o jardim da Manga e o claustro adjacente.

Art. 3.º Na exposição admittem-se, com a selecção devida, todos os productos artisticos e das industrias agricola e fabril do districto de Coimbra, comprehendendo materias primas e suas transformações immediatas; machinas, utensilios e ferramentas; productos manufacturados e processos correlativos; e bellas-artes.

Art. 4.º Os expositores não têm que pagar nenhuma quantia pelo logar, que os seus productos occuparem; porém todos os artigos destinados para a exposição devem ser entregues na casa da referida Associação, livres de despezas para esta e a risco do expositor até á sua entrega na sala.

Art. 5.º A Associação fornece gratuitamente mostradores singelos e descobertos, e o espaço de parede necessario para a devida collocação dos objectos, que tiverem de ser expostos; assim como guardará gratuitamente os caixões em que vierem os volumes, ou as capas dos pacotes dos mesmos.

Art. 6.º Os mostradores envidraçados, as estantes, os ornatos, e quaesquer outros arranjos especiaes, são á custa e ao gosto dos respectivos expositores.

Art. 7.º A recepção dos objectos começará no dia 15 de junho proximo, e continuará até ao dia da abertura, e ainda depois d'esta; não podendo, porém, a Associação garantir a boa collocação dos productos artisticos, que forem enviados depois do dia 25 do mesmo mez. Os productos agricolas, seja qual for a epocha da sua remessa, não deixarão de ter a conveniente collocação.

Art. 8.º Cada um dos objectos destinados para exposição deverá vir acompanhado de guia especial, em que se declare o nome do expositor e o do inventor ou manufactor, localidade em que foi produzido, o seu valor de estimativa, ou o preço definitivo por que se vende, se por ventura assim convier a seu dono, para se lhe collocar o letreiro indicativo e se effectuar a venda, se apparecer comprador.

Art. 9.º Tomar-se-hão todas as providencias e haverá a necessaria cautela para evitar quaesquer prejuizos, perdas, ou sinistro; responsabilisando-se a Associação pelos productos, desde que forem entregues na sua sala e alli verificado o seu estado. Dar-se-ha recibo ás pessoas que o pedirem.

Art. 10.º Não serão admittidas substancias organicas que possam decompor-se, ou quaesquer materias susceptiveis de se derreterem ou de produzir emanações nocivas ou desagradaveis; salvo se vierem encerradas em frascos hermeticamente arrolhados.

Art. 11.º A coordenação e collocação dos productos será feita o mais methodicamente que for possivel, agrupando-se aquelles productos, que maior relação tenham entre si.

Art. 12.º Os expositores não poderão trocar, mudar ou retirar os seus productos durante o tempo da exposição; salvo motivo justificado e imperioso, a que não possa deixar de attender-se.

Art. 13.º Os expositores, por si ou por prepostos seus, poderão auxiliar os encarregados da policia da sala, para que os respectivos productos se conservem na devida ordem, e para darem aos visitantes as necessarias explicações.

Art. 14.º Nenhum objecto será considerado vendido, nem como tal marcado, se o comprador não effectuar previamente o pagamento de 20 % do valor do objecto, o qual lhe será entregue na sala depois do encerramento da exposição; porém, se o comprador não vier concluir a transacção no prazo que para isso for designado, perderá o direito ao deposito effectuado, que reverterá a favor do expositor, ou do asylo de mendicidade local, se o expositor prescindir de receber a importancia depositada.

Art. 15.º Não será permittido tirar, por qualquer fórma, copias ou desenhos dos objectos expostos, sem licença previa do respectivo proprietario ou do seu preposto.

Art. 16.º Nos locaes da exposição têm entrada gratuita as auctoridades administrativas e a militar d'esta cidade, os expositores, os membros da direcção da Associação Commercial de Coimbra, os da imprensa periodica em geral, os socios honorarios da Associação dos Artistas, os membros dos corpos gerentes da mesma Associação, os da commissão auxiliar, e os socios activos, devendo estes comprovar a sua qualidade com a entrega do bilhete da quota da semana finda em 26 de junho ou com os das semanas subsequentes.

Art. 17.º As pessoas do sexo masculino, não incluidas na disposição do artigo antecedente, pagarão 200 réis de entrada nos dias que decorrerem até 8 de julho inclusivamente; as do sexo feminino e as crianças de ambos os sexos pagarão 100 réis. Em todos os demais dias, em que a exposição estiver aberta, o preço da entrada para as pessoas maiores será geralmente de 100 réis, e de 50 réis para as crianças.

Art. 18.º Conferir-se-hão diplomas de merito aos expositores, que se houverem tornado dignos d'esse galardão, segundo a classificação que for feita por um jury, composto de pessoas competentes e que na maxima parte não sejam socios effectivos da Associação dos Artistas.

Art. 19.º Por justos motivos não póde designar-se definitivamente nem o dia da abertura da exposição, nem o do seu encerramento.

Art. 20.º O regimen de todos os negocios concernentes á exposição é exercido pelos corpos gerentes da Associação dos Artistas,

e pelos membros auxiliares, que todos conjunctamente constituem a commissão directora, a qual proverá ao que for omisso neste programma. — Coimbra, 8 de abril de 1869. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da Associação — *Luiz Augusto Pereira Bastos*, vice-presidente — *Luiz Adelino Lopes da Cruz*, secretario — *José Albino da Conceição*, vice-secretario — *José Joaquim da Cruz*, dicto.

A commissão da exposição industrial d'este districto approvou o seguinte additamento ao programma já publicado:

Artigo 1.º Haverá na exposição uma secção especial de archeologia e de objectos raros, naturaes, artisticos e industriaes, comprehendidos nas seguintes divisões:

1.ª Historia natural, constando de — mineralogia, botanica, zoologia e paleontologia.

2.ª Obras scientificas, constando de — plantas photographicas antigas, e pequenos modelos de machinas e instrumentos scientificos.

3.ª Bellas artes, constando de — pinturas a oleo (de qualquer genero) sobre tela, metaes, madeira, vidro, papel, etc.; miniaturas, aquarellas e pasteis, esmaltes, desenhos originaes ou copias, esculpturas, gravuras e mosaico.

4.ª Productos de industria, constando de — moedas e medalhas antigas, ourivesaria antiga, baixellas, pannos de raz, tapeçarias e outros tecidos, moveis antigos, livros raros com illuminuras ou sem ellas, vestuario antigo e objectos correlativos, instrumentos musicos antigos e armaria de qualquer genero.

5.ª Variedades, constando de — autographos de pessoas notaveis, objectos valiosos por terem pertencido a pessoas celebres nacionaes ou estrangeiras, e todos os não especificados nas demais divisões.

Art. 2.º Para esta secção vigora, em tudo que lhe for applicavel, o programma approvado para a exposição districtal.

Art. 3.º Attenta a natureza d'esta secção, a associação sollicitará de pessoas competentes que se dignem patrocinal-a, acceitando o civico encargo de membros da commissão especial, que ha de dirigir os trabalhos da mesma secção.

Proponho para membros da commissão especial os ex.mos srs. Miguel Osorio Cabral, Antonio Borges da Camara Medeiros, dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, dr. Antonio dos Sanctos Viegas, dr. Manuel Paulino de Oliveira, dr. Julio Augusto Henriques, dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, dr. Philippe do Quental, dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, bacharel João Correia Ayres de Campos, bacharel Adelino Antonio das Neves e Mello, rev.do Manuel da Cruz Pereira Coutinho, e Joaquim Martins

de Carvalho, por confiar que a Associação terá de dever a cada um d'estes illustrados e generosos cavalheiros a elevada honra de tão importante coadjuvação, que confirmará o eminente conceito em que geralmente são tidos.

Para membro da commissão da exposição industrial foi proposto o sr. José Rodrigues de Andrade.

Coimbra, 20 de maio de 1869. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da Associação.

Por convocação do presidente da Associação dos Artistas reuniu-se hontem (19), na Imprensa da Universidade, a commissão especial, de quem o mesmo presidente havia sollicitado a sua cooperação para se realisar nesta cidade a exposição de archeologia e de objectos raros, naturaes, artisticos e industriaes.

Estiveram presentes á sessão os srs. dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, que foi escolhido para presidente da commissão, dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, dr. Antonio dos Sanctos Viegas, dr. Manuel Paulino de Oliveira, dr. Julio Augusto Henriques, bacharel João Correia Ayres de Campos, rev.^{do} Manuel da Cruz Pereira Coutinho, e Joaquim Martins de Carvalho, que foi nomeado secretario.

Foi presente uma carta do sr. Miguel Osorio Cabral, desculpando-se de não poder tomar parte nos trabalhos da commissão, por ter de ir occupar o seu logar no parlamento; e outra do sr. dr. Philippe do Quental, participando que não podia comparecer áquella sessão, e que acceitava o cargo.

Tambem foi presente á commissão que os srs. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco e bacharel Adelino Antonio das Neves e Mello se promptificavam a fazer parte da commissão.

Deliberou-se que a exposição fosse aberta nos primeiros dias de julho proximo, junctamente com a exposição districtal de industria; e que desde já fosse impresso o respectivo programma, para ser enviado a todas as pessoas e corporações, que possam concorrer para a realisação d'aquella ideia, começando a recepção dos objectos no dia 15 do mez de junho.

O presidente da Associação dos Artistas ficou incumbido de sollicitar a concessão de casa, no edificio de Sancta Cruz, adaptada para aquelle fim; assim como de prover a todos os arranjos necessarios para a boa accommodação e segurança dos objectos que hão de ser expostos.

Coimbra, 20 de junho de 1869. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da Associação dos Artistas.

A commissão abaixo inscripta, de quem a presidencia da Associação dos Artistas de Coimbra sollicitou a sua cooperação, adoptou o programma seguinte:

Artigo 1.° A exposição de archeologia e de objectos raros, naturaes, artisticos e industriaes, será aberta nos primeiros dias do mez de julho proximo, e encerrada no fim do mesmo mez.

Art. 2.° Nesta exposição serão admittidos objectos existentes no districto administrativo de Coimbra, e comprehendidos nas seguintes divisões:

1.ª Historia natural, constando de — mineralogia, botanica, zoologia e paleontologia.

2.ª Obras scientificas, constando de — plantas topographicas, antigas; pequenos modelos de machinas, notaveis por qualquer circumstancia.

3.ª Bellas-artes, constando de — pinturas a oleo, de qualquer genero; miniaturas, aquarellas e pasteis; desenhos originaes; esculpturas, gravuras, esmaltes e mosaicos.

4.ª Productos de industria, constando de — moedas e medalhas antigas, ourivesaria antiga, baixellas, livros raros, com illuminuras ou sem ellas; instrumentos musicos, antigos; armaria de qualquer genero; moveis antigos, vestuario antigo e objectos correlativos, pannos de raz, tapeçarias e outros tecidos.

5.ª Variedades, constando de — autographos de personagens notaveis; objectos valiosos por terem pertencido a pessoas celebres, nacionaes ou estrangeiras; e quaesquer outros não comprehendidos nas classes anteriores.

Art. 3.° Os objectos enviados á exposição serão dirigidos á casa da Associação dos Artistas de Coimbra, que se responsabilisa pela sua guarda e conservação.

Art. 4.° A mesma associação promptificará as estantes e mostradores envidraçados, que forem necessarios para a boa collocação dos objectos que tiverem de ser expostos.

Art. 5.° Cada um dos objectos enviados á exposição será acompanhado d'uma guia especial, declarando o nome do expositor e a sua residencia, e contendo todos os esclarecimentos curiosos.

Art. 6.° A despeza de transportes, de ida e volta, será feita a expensas da Associação dos Artistas, se os expositores assim o exigirem.

Art. 7.° A commissão directora d'esta exposição poderá rejeitar quaesquer objectos, que não devam fazer parte da exposição.

Art. 8.° A collocação dos objectos será dirigida pela commissão directora d'esta exposição.

Art. 9.° Os expositores não poderão retirar nenhum dos objectos antes de encerrada a exposição.

Art. 10.º Os objectos destinados para venda virão acompanhados d'um preço fixo e com a indicação — Vende-se.

Art. 11.º Os expositores terão entrada franca na exposição, desde o dia da abertura até ao do encerramento.

Art. 12.º A commissão directora da exposição, se para isso houver opportunidade, elaborará um catalogo, em que serão minuciosamente descriptos todos os objectos que tiverem figurado na exposição, e publicados os nomes dos seus possuidores.

Art. 13.º Para esta exposição vigoram todas as disposições correlativas do programma da exposição districtal, que tem logar conjunctamente com esta.

Coimbra, 25 de maio de 1869. — A commissão directora, *Dr. Francisco da Fonseca Correia Torres — Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco — Dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles — Dr. Philippe do Quental — Dr. Antonio dos Sanctos Viegas — Dr. Manuel Paulino de Oliveira — Dr. Julio Augusto Henriques — Bacharel João Correia Ayres de Campos — Bacharel Adelino Antonio das Neves e Mello — reverendo Manuel da Cruz Pereira Coutinho — Joaquim Martins de Carvalho.*

A abertura da exposição terá logar no dia 2 do proximo mez de julho, pelas 9 horas da manhã, para o que são convidadas as auctoridades e mais pessoas, a quem é devida essa deferencia.

As pessoas que devem ter alli entrada, que não receberem convite official, porque a isso obsta a escassez de tempo e o muito trabalho que está pesando sobre os funccionarios da Associação, queiram ter a bondade de sollicitar do presidente da mesma o respectivo bilhete de admissão.

A entrada franca dos socios effectivos só pode ter logar do dia 5 do dicto mez em diante, visto que, pelo seu elevado numero, difficultariam o accesso dos visitantes a esta localidade, onde não podem demorar-se alem do referido dia.

Continuam a ser recebidos os productos industriaes e artisticos, e os objectos raros e archeologicos, para a segurança e boa guarda dos quaes estão tomadas todas as providencias; sendo que, alem da activa vigilancia, que vae ser exercida pelos membros da associação, a quem isso incumbe, está pedida uma força militar e o auxilio da policia municipal, alem dos meios preventivos, que a sollicitude da auctoridade administrativa não deixará de pôr em acção.

Coimbra, 30 de junho de 1869. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da Associação.

No dia 3 de julho de 1869, por não ter sido possivel realisal-o

no dia 2, como estava annunciado, foi aberta a exposição districtal, pelas dez horas da manhã, comparecendo a este acto os srs. secretario geral servindo de governador civil, conselheiro Fortunato Raphael Pereira de Senna, representando o sr. conselheiro vice-reitor da universidade, vigario geral d'este bispado, membros do corpo cathedratico, membros da junta geral do districto, camara municipal de Coimbra e alguns membros de outras vereações, as auctoridades civis e militares, varios funccionarios publicos, presidentes de corporações, e muitas outras pessoas qualificadas, e grande numero de socios e visitantes, o presidente da Associação dos Artistas proferiu o seguinte discurso:

Senhores. — Não foi vanglorioso o pensamento de realisar esta exposição districtal de productos das industrias agricola e fabril: deu-nos incitamento a esta tentativa a lisonjeira consideração, que nos tem sido dispensada; impelliu-nos a isso o desejo de cumprir uma das mais importantes prescripções dos nossos estatutos.

Nenhuns trabalhos preliminares prepararam um facto d'esta ordem, que por si se recommendava: só excitámos o zelo dos artistas e industriaes d'este districto, para que envidassem todos seus esforços, a fim de que uma tentativa, que aos tímidos pareceu arrojada, não viesse, por seu mau exito, prejudicar os creditos d'esses artistas e industriaes individual e collectivamente, nem amesquinhar o nome e importancia de Coimbra em especial e do districto em geral. A todos temos feito conhecer a utilidade e vantagens das exposições, eximindo-nos por tanto de repetir agora o que por tantas vezes temos expendido.

É modesta a exposição, não ostenta primores d'arte; mas, ainda assim, satisfaz ao intuito dos que a promoveram; sendo que não levámos em mira medir forças com alguem, nem pretendemos egualar os que têm conseguido logar distincto nestes certames, só aspirámos a que aufiram um melhor futuro as industrias d'este districto: foram essas só as nossas intenções, que não esperamos que sejam invectivadas.

A exiguidade do periodo, que mediou desde que foi deliberada a exposição, até á epocha em que é realisada, não permittiu que a industria fabril apresentasse maior numero de artefactos, nem que a industria agricola exhibisse escolhidas especies de todos os productos d'este fertil solo: se podessemos esperar pela estação propria das colheitas, mais rica se apresentaria esta secção da exposição.

Accresce ainda que, para se realisar uma exposição, se requer muito conhecimento dos variados ramos da industria, mui discreta direcção de taes negocios, e uma crença firme e unanime no bom exito de tão arrojada tentativa; e, com mágoa o dizemos, tudo isto nos falton, quando aliás (desculpe-se-nos a aspereza da phrase) tudo era preciso numa terra como Coimbra, que a tradição nos

apresenta tão pouco predisposta a caminhar na vereda do progresso e das idéas sociaes, e onde sempre parece cedo para a realisação de qualquer commettimento, que contrarie a rotina. Conhecemos quanto é solemne esta occasião, e abstemo-nos por isso de relatar as difficuldades com que luctámos.

Como compensação a essas contrariedades recebemos tantos e tão valiosos auxilios, que nos escacêam palavras, com que possamos agradecel-os condignamente; temendo até offender a modestia dos que nos coadjuvaram e com especialidade os respeitaveis cavalheiros, que vieram para juncto de nós e tomaram a seu cargo a direcção da secção archeologica.

Outro facto lisonjeiro temos a enunciar, e é o desejo manifestado por tantos industriaes não residentes neste districto, que pretendiam um logar entre os nossos expositores; porém a exposição é districtal, e esta restricção, ainda que a nosso pesar, não permittia a desejada ampliação do programma.

A Associação dos Artistas está compenetrada de que não commetteu nenhum delicto contra o bom nome do districto de Coimbra: fizemos quanto nos permittiram nossas debeis forças — os que nos succederem farão o resto, para que Coimbra se nobilite por todos os modos, sejam quaes forem os esforços ou sacrificios a empregar para o conseguimento d'este fim. E essa nobilitação completa não é de todo o ponto difficil a uma terra por tantos titulos importante, que foi antiga côrte de nossos reis, que tem dentro de seus muros o primeiro estabelecimento scientifico do nosso paiz, e que a tantas tradições honrosas reune a de ser a depositaria das venerandas cinzas do fundador da monarchia e das reliquias da sancta esposa de D. Diniz.

Em nome da Associação dos Artistas agradeço com o maior reconhecimento ás auctoridades administrativas, á juncta geral d'este districto, ás camaras municipaes, ás associações commerciaes de Coimbra e da Figueira, á Associação Artistica Figueirense, ás corporações, aos funccionarios publicos, aos expositores, e a todas as pessoas em geral, que por qualquer modo cooperaram comnosco para que a exposição fosse levada a effeito. — Coimbra, 3 de julho de 1869. — O presidente da Associação, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

No dia 1 de agosto de 1869, pelas onze horas da manhã, teve logar o encerramento da primeira época da exposição districtal, assistindo áquelle acto as mesmas pessoas, que haviam assistido á abertura da exposição, e estando formado em frente da casa da Associação o destacamento de infanteria n.º 14, sob o commando do sr. capitão Antonio Eduardo de Oliveira e Azevedo, acompanhado da philarmonica *Boa-União.*

Naquelle acto, o presidente da Associação dos Artistas disse — que estava cumprida uma das mais importantes prescripções dos estatutos da Associação dos Artistas com a realisação da exposição dos productos das industrias agricola e fabril.

Que a muitos parecera arrojada aquella tentativa, e que por outros fôra desdenhosamente recebida; e que os descrentes não eram só individuos estranhos á Associação, mas até os proprios socios, e ainda alguns dos que exercem cargos nos corpos gerentes da mesma.

Que se empregaram todos os meios para que a exposição se não realisasse; porem que esses meios foram inefficazes; sendo que, com a realisação da exposição, se contrariava um erroneo preconceito de que Coimbra é uma terra em que se não alimenta qualquer ramo de industria.

Que, em taes circumstancias, subiam de valia os auxilios que lhe prestaram os respeitaveis e generosos cavalheiros, que tomaram a seu cargo promover a organisação da secção archeologica e de historia natural, para os quaes todos os elogios eram poucos; e que, proferindo os seus nomes, tinha feito o seu elogio; e em seguida leu os nomes dos membros da secção archeologica e os dos membros do jury classificador, a quem prestou egual testemunho do seu reconhecimento.

Repetiu os agradecimentos, que, por occasião da abertura da exposição, enderessou á junta géral do districto, á camara municipal, aos expositores, e a outras pessoas, que cooperaram para o bom exito da exposição, assim como á imprensa periodica em geral e em especial a dois jornaes d'esta localidade, que tão generosamente se haviam prestado a auxiliar a associação.

Eguaes agradecimentos dirigiu aos cavalheiros, que tomaram sobre si o encargo do desempenho dos excellentes saraus musicaes, que têm tido logar nestes ultimos dias na sala da exposição.

Tambem dirigiu agradecimentos ao digno commandante e mais officiaes da força de infanteria 14, então destacada em Coimbra, e a todas as praças do mesmo destacamento, pelo modo como alli desempenharam o serviço, durante o tempo da exposição; mencionando a deferencia, que o illustre militar, commandante do destacamento, havia tido para com a Associação, vindo espontaneamente fazer a guarda de honra a esta solemnidade, assim como a philarmonica *Boa-União*.

Que, com o que se fez, não exultasse a Associação, nem se ufanasse Coimbra, porque muito mais se poderia ter feito, se para isto tivesse havido um concurso unanime de vontades, tanto na capital do districto, como nos concelhos, alguns dos quaes se não achavam representados na exposição.

Por ultimo disse que, entrando naquelle dia na sala da exposição, alguns cavalheiros lhe patentearam a opinião de que a exposição se

não devia encerrar definitivamente, visto que a secção agricola não estava representada devidamente, por causa da inopportunidade da época em que foram recebidos os productos agricolas; e que mesmo para a secção industrial se preparavam ainda varios artefactos, que não poderam ser apresentados em tempo competente, e alguns até o haviam sido na vespera do dia destinado para o encerramento.

Que, acceitando aquelles conselhos, convocára immediatamente alguns dos socios, a quem incumbia intervir neste caso; e que, sendo tambem affirmativa e unanime a opinião d'estes, fôra deliberado que a exposição se prorogasse até 31 de outubro; que nos dois mezes de agosto e setembro estaria fechada, para dar tempo aos artistas, que de novo pretendessem concorrer com productos á exposição; que no dia 1.º até 10 de outubro se receberiam os productos e quaesquer objectos; e que no dia 16 seria reaberta a exposição, para ser irrevogavelmente encerrada no referido dia 31 d'aquelle mez.

O secretario,

Luiz Adelino Lopes da Cruz.

DOCUMENTOS OFFICIAES

(Pela ordem de suas datas)

Governo Civil de Coimbra, 1.ª Repartição, N.º 3. — Ill.mo sr. — Envio a v. s.ª os inclusos exemplares dos annuncios para a exposição districtal, que a Associação dos Artistas de Coimbra projecta realisar no dia 4 do proximo mez de julho, a fim de que v. s.ª se sirva mandar distribuir dois exemplares a cada um dos parochos e regedores das freguezias d'esse concelho, para que lhes dêem toda a publicidade; cooperando assim para que o districto se apresente d'um modo condigno e possa ostentar os seus recursos nas diversas industrias, que no mesmo se exercem. Espero que v. s.ª, em relação a esse concelho, empregará todos os esforços para se alcançar o desejado exito.

Deus guarde a v. s.ª — Coimbra, 9 de março de 1869. — Ill.mo sr. administrador do concelho de... — O conselheiro governador civil, *Basilio Cabral Teixeira de Queiroz.*

Governo Civil de Coimbra, 1.ª Repartição, N.º 4. — Ill.mo sr. — A Associação dos Artistas de Coimbra deliberou effectuar uma exposição districtal de productos artisticos e das industrias agricola e fabril, que será realisada no dia 4 do proximo futuro mez de julho.

Carece aquella associação de todos os auxilios, e especialmente dos que lhe podem provir das camaras municipaes dos diversos concelhos d'este districto.

Espero, pois, que essa illustrada vereação, pelos meios de influencia moral de que seus membros dispõem, contribua para que os industriaes, e outras pessoas d'esse concelho, concorram com seus productos á referida exposição.

Deus guarde a v. s.ª — Coimbra, 9 de março de 1869. — Ill.mo sr. presidente da camara municipal de... — O conselheiro governador civil, *Basilio Cabral Teixeira de Queiroz.*

Juncta Geral do Districto de Coimbra. — Em sessão de 10 de

março de 1869 propoz o sr. dr. Antonio José Teixeira que se votasse a verba de 200$000 réis para a exposição districtal. — Em sessão de 12 do dicto mez foi votado, por unanimidade, o subsidio de 200$000 réis, proposto na sessão de 9 do mesmo mez.

Administração do Concelho de Coimbra, N.º...—Ill.mo sr.—Em cumprimento do officio circular n.º 3, expedido pela 1.ª repartição do governo civil d'este districto, envio a v. s.ª os inclusos annuncios para a exposição districtal, que a Associação dos Artistas d'esta cidade intenta realisar no dia 4 do proximo futuro mez de julho; servindo-se v. s.ª entregar um dos dictos annuncios ao reverendo parocho d'essa freguezia, para que assim tenham toda a publicidade, a fim de que o districto se apresente d'um modo condigno e possa ostentar os seus recursos nas differentes industrias, que nelle se exercem, e por este modo se avaliem devidamente as suas forças productoras.

Deus guarde a v. s.ª— Coimbra, 15 de março de 1869.—Ill.mo sr. regedor da freguezia de...—O administrador do concelho, *João Maria Soares de Brito.*

Ministerio das Obras Publicas, Direcção do Commercio, Repartição de Agricultura. —Ill.mo sr. — Extremamente penhorado com a carta que v. s.ª, na qualidade de presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, se dignou dirigir-me, com data de 18 do corrente, cumpre-me declarar, que de muito bom grado acceito o honroso convite, que nella se me faz.

Pretende a benemerita Associação illustrar os seus annaes, inaugurando uma exposição de productos industriaes, agricolas, fabris e artisticos.

Para mim é um dever auxiliar tão nobre e patriotico intento.

Nesta conformidade não pouparei esforços para corresponder, quanto caiba nos meus escassos recursos, á confiança que v. s.ª e os seus associados em mim depositam.

Deus guarde a v. s.ª—Lisboa, 19 de março de 1869.—Ill.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. —*R. de Moraes Soares.*

Governo Civil de Coimbra, 1.ª Repartição, —Ill.mo sr. — Renovando a recommendação, que fiz a v. s.ª no officio circular n.º 3, de 9 de março ultimo, envio os inclusos exemplares do programma para a exposição industrial d'este districto, que deverá ser aberta nos primeiros dias do proximo mez de julho, para que v. s.ª fique com um d'elles e mande affixar outro á porta d'essa administração,

envie dous á camara municipal d'esse concelho para os ter patentes na sua secretaria, e dous a cada um dos regedores das freguezias do mesmo; devendo um d'estes ultimos ser affixado na porta da respectiva egreja parochial, e o outro ficar em poder do regedor, para divulgar o seu conteúdo, e assim chegar ao conhecimento dos individuos que desejarem ser expositores.

Opportunamente enviarei a v. s.ª exemplares das guias, que devem acompanhar os productos, a fim de serem entregues aos expositores que as requisitarem.

Deus guarde a v. s.ª Coimbra, 1 de abril de 1869. — Ill.mo sr. administrador do concelho de... — O conselheiro governador civil, *Basilio Cabral Teixeira de Queiroz.*

Governo Civil de Coimbra, 1.ª Repartição, N.º 38. — Ill.mo sr. — Constando na direcção geral do commercio e industria, do ministerio das obras publicas, que a Associação dos Artistas de Coimbra resolvêra effectuar uma exposição de productos artisticos e da industria agricola e fabril, foi-me declarado pelo ex.mo director geral, Rodrigo de Moraes Soares, a fim de o participar á mesma Associação, que ella pode contar por parte d'aquella direcção com a sua coadjuvação para tão louvavel empenho.

Deus guarde a v. s.ª — Coimbra, 1 de abril de 1869. — Ill.mo sr. presidente da Associação dos Artistas. — O conselheiro governador civil, *Basilio Cabral Teixeira de Queiroz.*

Intendencia de pecuaria do districto de Coimbra. — Ill.mo sr. — Havendo a Associação dos Artistas de Coimbra deliberado promover uma exposição exclusivamente destinada para os productos das diversas industrias d'este districto, a qual ha de levar a effeito nos primeiros dias do mez de julho proximo; e cumprindo-me, em virtude de ordens superiores, cooperar para se obterem os productos agricolas que devem figurar naquella exposição; tenho a honra de sollicitar de v. s.ª a graça de me auxiliar no desempenho d'este serviço, fazendo constar aos agricultores do concelho, que v. s.ª tão dignamente administra, o louvavel intento da dicta Associação, e dando-lhes a conhecer a utilidade e importancia economica das exhibições de tal natureza, a fim de que elles concorram para se tornar explendido aquelle arraial do trabalho, e poder alli ser dignamente representada a industria agricola d'essa parte do districto.

Certo de que v. s.ª, tendo na devida consideração estas festas industriaes, que tantos e tão grandes beneficios têm feito a differentes industrias, notavelmente á agricultura, e cada vez mais apre-

ciadas nas nações cultas, não deixará de prestar a coadjuvação que sollicíto, remetto uma relação dos productos agricolas que podem ser enviados á exposição. As guias que os devem acompanhar, serão opportunamente enviadas.

Deus guarde a v. s.ª Intendencia de pecuaria do districto de Coimbra, de abril de 1869. — Ill.mo sr. administrador do concelho de... — O intendente, *Gualdino Augusto Gagliardini.*

Ministerio das Obras Publicas, Repartição de Agricultura. — Ill.mo sr. — Encarrega-me s. ex.ª o ministro d'esta repartição de accusar a communicação, que v. s.ª lhe dirigiu com data de 10 do corrente, declarando-lhe que a Associação dos Artistas de Coimbra resolvera realisar no mez proximo de julho, e na conformidade dos respectivos programmas, uma exposição de productos das industrias agricola e fabril e de archeologia e objectos raros; rogando-lhe que se sirva de dar conhecimento a sua magestade el-rei da dicta resolução, e que submetta á approvação do mesmo augusto senhor a nomeação do jury, que tem de classificar o merito dos expositores; terminando por convidar a s. ex.ª para honrar com a sua presença a abertura da projectada festa do trabalho.

Encarrega-me tambem s. ex.ª o ministro de responder a v. s.ª que levará ao conhecimento de sua magestade a lista dos nomes que compõem o jury; sentindo não poder elle ministro acceitar o convite de ir assistir á inauguração dos trabalhos da exposição, attentas as suas variadas occupações no serviço publico.

Deseja em fim s. ex.ª o ministro que eu testemunhe a v. s.ª, para assim o fazer constar á benemerita Associação dos Artistas de Coimbra, quanto lhe é agradavel a demonstração dos seus intuitos de civilisação e progresso.

Deus guarde a v. s.ª — Direcção geral do commercio e industria, 11 de junho de 1869. — Ill.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — O director geral, *R. de Moraes Soares.*

Camara Municipal do Concelho de Mira, 4.ª Repartição, N.º 126. — Ill.mo sr. — Em resposta ao officio de v. s.ª de 10 do corrente, cumpre-me dizer-lhe, que esta camara não tem bandeira, nem insignia ou brazão, que possa servir para o fim que v. s.ª indica.

Deus guarde a v. s.ª — Mira, 24 de junho de 1869. — Ill.mo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — O presidente da camara, *Manuel Maria Pimentel Calisto.*

Camara Municipal do Concelho da Pampilhosa. — Exmo sr. — Serve este de agradecer a v. ex.ª, em meu nome e da camara municipal d'este concelho, a que presido, o obsequioso offerecimento que v. ex.ª nos faz, em sua carta de 12 do corrente, por parte da Associação dos Artistas de Coimbra, o qual offerecimento acceitamos com o maior reconhecimento.

Em quanto á bandeira, de bom grado esta camara a enviaria a v. ex.ª; porém é objecto que não possue. Armas proprias d'esta villa não as ha tambem, aliás seria enviada a v. ex.ª uma copia exacta d'ellas.

Não tenho respondido ha mais tempo a v. ex.ª, porque queria apresentar primeiro á camara a carta de v. ex.ª

Para tudo quanto v. ex.ª entenda que eu posso servir-lhe, bem como á Associação, que illustra com a sua presidencia, pode contar comigo.

Deus guarde a v. ex.ª — Pampilhosa, 24 de junho de 1869. — Exmo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — O presidente da camara, *Francisco Augusto das Neves e Castro.*

Associação do Concelho de Miranda do Corvo, N.º 98. — Illmo sr. — Tenho a honra de remetter a v. s.ª os objectos que pude colher, para serem presentes na exposição que ha de ter logar na sala da Associação dos Artistas no proximo mez de julho: se podér colher mais alguns, remettel-os-hei a v. s.ª na proxima segunda feira.

Sirva-se v. s.ª accusar-me a recepção d'este, bem como dos referidos objectos.

Deus guarde a v. s.ª—Miranda do Corvo, 25 de junho de 1869. —Illmo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra.—O administrador do concelho, *Francisco Pinto da Costa Salema.*

Intendencia de pecuaria do districto de Coimbra. — Circular. — Illmo sr. — Achando-se proxima a epocha da abertura da exposição promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra, e crendo eu que v. s.ª não deixou de ter em consideração o objecto da circular expedida por esta intendencia, em abril ultimo; rogo a v. s.ª remetta á mesma associação os productos que houver colligido, e, no caso de não ter ainda collecção que possa bem representar o estado da agricultura local, no que toca ao numero e qualidade de seus principaes productos, empregue a sua valiosa influencia para obter, pelo menos, um specimen de cada um dos melhores e mais importantes generos de producção d'esse concelho, a fim de não haver carencia absoluta de productos no logar reservado para os exempla-

res de producção agricola do concelho que v. s.ª tão dignamente administra.

Deus guarde a v. s.ª—Intendencia de pecuaria do districto de Coimbra, 26 de junho de 1869.—Ill.mo sr. administrador do concelho de...— O intendente de pecuaria, *Gualdino Augusto Gagliardini.*

Ministerio das Obras Publicas, Repartição do Commercio e Industria.—Tendo a Associação dos Artistas de Coimbra deliberado realisar no mez proximo de julho uma exposição de productos das industrias agricola e fabril, e de archeologia e objectos raros, na conformidade dos programmas que enviou ao conhecimento do governo; e desejando a mesma Associação que a lista dos membros do jury classificador do merito dos expositores, que concorrerem á dicta exposição, fosse submettida á approvação superior: manda sua magestade el-rei declarar á dicta Associação, por intermedio do seu presidente, que a indicada lista, constante da relação juncta, assignada pelo director geral do commercio e industria, merece a sua real approvação. E outro sim manda o mesmo augusto senhor declarar, que viu com grande satisfação o esclarecido empenho, com que a Associação dos Artistas de Coimbra tracta de realisar uma das mais efficazes condições do progresso industrial. O que se communica ao presidente da Associação dos Artistas de Coimbra para os effeitos convenientes.

Paço, em 28 de junho de 1869.—*Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes.* — Para o presidente da Associação dos Artistas de Coimbra.

Lista dos membros do jury classificador do merito dos expositores da exposição de productos das industrias agricola e fabril e de archeologia e objectos raros, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra (*a*)

Governador civil do districto;
Presidente da Camara municipal;
Chefe da divisão das obras publicas;
Engenheiro districtal de Coimbra;
Intendente de pecuaria do districto;
Presidente da Associação Commercial de Coimbra;
Presidente da Associação Commercial da Figueira;
Presidente da Associação Artistica Figueirense;

(*a*) Como adjunctos ao jury classificador, serviram na secção de agricultura os srs. dr. José Ferreira de Macedo Pinto, Antonio Maria Homem, dr Lourenço d'Almeida e Azevedo, dr. Bernhard Tollens, e Miguel Dias Pereira.

Presidente da Associação dos Artistas de Coimbra;
Visconde de Taveiro;
Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho;
Dr. Albino Augusto Giraldes;
Dr. Antonio dos Sanctos Viegas;
Dr. Philippe do Quental;
Dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles;
Dr. Luiz Adelino da Rocha Dantas;
Luiz Augusto Pereira Bastos;
Francisco Antonio de Miranda;
Abilio Roque de Sá Barreto.

Direcção geral do commercio e industria, 28 de junho de 1869. — O director geral, *R. de Moraes Soares.*

Governo Civil de Coimbra, 1.ª Repartição, N.º 63. — Ill.mo sr. — Accusando a recepção do officio de v. s.ª, que me foi dirigido em data de hoje, tenho a declarar a v. s.ª, que com muito sentimento não posso assistir á abertura da exposição industrial, agricola e archeologica, promovida pela Associação dos Artistas d'esta cidade, de que v. s.ª é digno presidente, em consequencia dos trabalhos do recrutamento, que nesse dia têm logar e a que forçosamente tenho de assistir como presidente da juncta de revisão.

Nesta data são expedidas as convenientes ordens para que a guarda militar da cadêa de Sancta Cruz seja reforçada com doze homens durante o tempo da exposição, os quaes ficam ás ordens do administrador do concelho, para com elles ajudar a fazer a policia da mesma.

Deus guarde a v. s.ª — Coimbra, 30 de junho de 1869. — Ill.mo sr. presidente da Associação dos Artistas. — Servindo de governador civil, o secretario geral, *José da Costa Gomes.*

Universidade de Coimbra, Jardim Botanico — Ill.mo e ex.mo sr. — Tenho a honra de enviar a v. ex.ª, para a exposição de Coimbra, a minha collecção ampelographica, como amostra do processo de minha invenção, empregado com admiravel vantagem na renovação das vinhas na Bairrada, ha doze annos. As videiras, que envio, acham-se no segundo anno de vegetação, no fim do qual serão transplantadas, um pé com torrão para cada vaso, e no fim do terceiro anno separa-se o vaso inteiro do pé, com torrão tambem inteiro, que se colloca no logar vago da vinha ou bacello.

Os tres annos de vegetação da vide no vaso são tres annos ganhos

na vinha ou bacello, fructificando logo no anno seguinte ou pelo menos no segundo anno.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 30 de junho de 1869. — Ill.mo e ex.mo sr. presidente da commissão directora da exposição de Coimbra. — *Dr. Antonino José Rodrigues Vidal.*

Administração do Concelho de Penacova. — Ex.mo sr. — Tendo ha pouco tomado conta da administração d'este concelho, e apenas recebido do intendente de pecuaria um officio com data de 26 do corrente, convidando-me a mandar á exposição promovida pela Associação dos Artistas, a que v. ex.ª dignamente preside, um expecimen de cada um dos melhores e mais importantes generos de producção d'este concelho: tenho a honra de enviar a v. ex.ª o que consta da respectiva guia, não como desejava, mas como foi possivel obter em tão curto espaço de tempo; assegurando a v. ex.ª que por esta administração se deram as competentes ordens ácerca de tão importante objecto, recommendadas pelo governo civil, e reclamadas pela intendencia de pecuaria em abril ultimo.

Asseguro a v. ex.ª o meu respeito e estima.

Deus guarde a v. ex.ª — Penacova, 30 de junho de 1869. — Ill.mo e ex.mo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — O administrador do concelho, *Dr. Joaquim Correia d'Almeida.*

Administração do Concelho de Penacova. — Ex.mos srs. — Tive a honra de receber em tempo competente a officiosa carta de v. ex.as, com data de 25 do passado, com o programma a que se refere, em que tiveram a bondade de solicitar a minha cooperação para a exposição de quaesquer objectos que estejam comprehendidos em alguma das divisões do mesmo programma; e porque os não tenho podido descubrir, dignos de fazerem parte da secção especial da exposição da Associação dos Artistas d'essa cidade, a não ser o foral original, dado a esta villa por el-rei D. Manuel, e um exemplar do desenho das armas da camara, que esta se encarregou de enviar: assim o participo a v. ex.as para os effeitos convenientes, assegurando-lhes a minha gratidão e reconhecimento por tão honroso convite.

Deus guarde a v. ex.as — Penacova, 30 de junho de 1869. — Ex.ma commissão da secção especial da exposição da Associação dos Artistas de Coimbra. — O administrador do concelho, *Dr. Joaquim Correia d'Almeida.*

Municipalidade de Coimbra, N.º 917. — Ill.mo e ex.mo sr. —

Acabo de receber o officio de v. ex.ª, datado de hoje, no qual se me pede, como vice-presidente da vereação municipal, tenha encerrada a repartição da camara, no dia de ámanhã, por ser destinado elle á abertura da exposição industrial nesta cidade.

Tenho a maior satisfação em declarar a v. ex.ª que assentirei de bom grado aos seus desejos, mandando que se conserve fechada a secretaria d'esta municipalidade durante o dia de ámanhã.

A exposição industrial, que vai em breve abrir-se nesta cidade, sendo uma festa d'artistas, é uma festa de todos: geral é o interesse que nella se toma; e eu, bem como a camara, nos promptificamos com o maior prazer a prestar quaesquer serviços a v. ex.ª e á Associação que representa.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 2 de julho de 1869. — Ill.mo e ex.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes. — O vice-presidente, *Anthero Augusto d'Almeida Araujo Pinto.*

Municipalidade de Coimbra, N.º 937. — Ill.mo e ex.mo sr. — A camara municipal de Coimbra registou na acta da sua sessão de 14 do corrente mez um voto de louvor á Associação dos Artistas da mesma cidade, sendo v. ex.ª especialisado nelle, como verá da copia, que envio, da parte da acta referida.

A realisação do pensamento da Associação, a iniciativa que v. ex.ª tomou nelle para a abertura em Coimbra de uma exposição districtal, ennobrece sem duvida a Associação referida, honra a cidade, que por tantos titulos merece a consideração geral, e, provando o progresso e civilisação d'aquella, mostra o desenvolvimento industrial d'esta e em geral de todo o districto.

Intimo pois é o desejo da vereação, que se congratula por ver o bom exito com que se verificou a exposição nesta cidade, pela cooperação espontanea de cidadãos prestantes, que tanto se empenharam na realisação d'esta ideia civilisadora; e finalmente pela prova do quanto v. ex.ª vale e do muito interesse que toma pelas cousas d'esta terra, e com ellas, em extremo, pela Associação a que preside.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 22 de julho de 1869. — Ill.mo e ex.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes. — O vice-presidente, *Anthero Augusto d'Almeida Araujo Pinto.*

Extracto da acta da sessão da camara municipal de Coimbra do dia 14 de julho de 1869

«O vice-presidente mandou para a mesa a seguinte proposta: — Desejando a camara municipal dar uma publica demonstração do

seu intimo regozijo, sempre que vê engrandecer esta cidade de Coimbra com actos que a ennobrecem e elevam á consideração, que por tantos titulos lhe é devida, regista e commemora no livro das suas actas a prova de civilisação e progresso, que a Associacão dos Artistas d'esta mesma cidade acaba de dar, realisando uma exposição de productos da industria artistica, fabril, agricola e de archeologia. A mesma Associação, dando com a sua festa do trabalho um inequivoco testemunho do muito que vale a industria d'esta cidade e districto, de como o progresso e civilisação tem aqui produzido os seus beneficos fructos, marcou uma época notavel para o desenvolvimento industrial d'esta cidade e demonstrou quanto são proficuas e fecundas em salutares effeitos as idéas sociaes, quando bem dirigidas e applicadas. São por isso crédores da mais alta consideração publica todos os prestantes cidadãos, que se empenharam em realisar esta civilisadora idéa, e em especial o benemerito cidadão, iniciador e propugnador incansavel d'este elevado pensamento, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, digno presidente d'aquella Associação, a quem a mesma e em geral a cidade de Coimbra devem relevantes serviços. A todos esta camara, por si e como representante dos povos d'este concelho, regista merecidos louvores pelo seu acrisolado patriotismo, reconhecido amor civico e constantes esforços empregados para ennobrecer esta terra e assegurar-lhe pelas artes e industria a celebridade e consideração que a espada e a sciencia lhe conquistaram.—A camara unanimemente assim deliberou, e que fosse enviada copia da acta ao presidente da Associação dos Artistas para seu conhecimento.»

Está conforme. — Coimbra, secretaria da municipalidade, 22 de julho de 1869. — O escrivão da camara, *Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.*

Regimento de infanteria n.º 14. — Destacamento em Coimbra. — Ill.mo sr. — Cabe-me a honra de agradecer a v. s.ª, em nome dos soldados d'este destacamento, o valioso jantar que se dignou offerecer-lhe no dia do encerramento da exposição districtal.

Tanto eu como os meus officiaes ficámos muito gratos pela prova de consideração que v. s.ª nos concedeu, convidando-nos para assistirmos aos concertos que tiveram logar na sala da exposição; e approveitamos esta occasião para felicitarmos a v. s.ª, como digno presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, por ver coroados com o melhor exito os seus esforços tendentes ao engrandecimento e prosperidade d'esta cidade, concorrendo não só para o melhor aperfeiçoamento do trabalho e das artes, mas tambem para a civilisação dos benemeritos artistas, que com tão nobre exemplo não podem deixar de acreditar no verdadeiro progresso.

Deus guarde a v. s.ª — Quartel em Coimbra, 3 de agosto de 1869. — Ill.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes. — *Antonio Eduardo Pereira d'Azevedo*, capitão do regimento 14.

Infanteria 14. — Ill.mo sr. — O attencioso officio, que v. s.ª dirigiu, em data de 30 do passado, ao sr. capitão de infanteria n.º 14, Pereira d'Azevedo, commandante do destacamento de Coimbra, no qual lhe fez a offerta d'um jantar para as praças de pret, jantar que o dito sr. capitão muito bem fez em acceitar, attenta a delicadeza e desinteresse com que tão cavalheirosamente lhe foi offerecido, não só honra aquelle destacamento, mas ainda laurêa todo este regimento pela elevada opinião, que tão distincto cavalheiro, como v. s.ª, d'elle forma. Eu, na qualidade de coronel commandante d'este corpo, não podia, depois de tão nobre procedimento da parte de v. s.ª, ficar silencioso sem que incorresse no crime de lesa gratidão e civilidade: endereço, pois, a v. s.ª os meus sinceros agradecimentos, e espero que se compenetre de quanto me é lisonjeira a opinião, em que v. s.ª e toda a nobre cidade de Coimbra, tem o regimento de infanteria n.º 14.

Deus guarde a v. s.ª — Quartel em Vizeu, 5 de agosto de 1869. — Ill.mo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, Olympio Nicolau Ruy Fernandes. — *Francisco Antonio da Silva*, coronel do regimento de infanteria n.º 14.

CORRESPONDENCIA EXPEDIDA

Ill.mo e ex.mo sr.—Em sessão da assembléa geral de hontem tive a honra de propôr á Associação dos Artistas de Coimbra, a que presido, que na respectiva acta se lançasse um voto de agradecimento a v. ex.ª e ao digno secretario geral d'esse governo civil, pelas suas visitas ás aulas nocturnas da mesma Associação, e pelo lisonjeiro apreço, que se dignaram fazer, dos trabalhos dos alumnos das aulas de desenho e caligraphia, e do adiantamento dos alumnos das demais aulas.

Cumprindo o grato dever de participar a v. ex.ª esta deliberação dos artistas, succede que já v. ex.ª nos fica crédor de novos agradecimentos, sendo que no relatorio por v. ex.ª hoje apresentado á juncta geral do districto nos concede um honroso galardão ao pouco que temos feito. Com incitações taes a Associação dos Artistas não pode retrogradar: irá ávante em seus commettimentos; e neste intuito foi hontem unanimemente deliberado que a Associação promovesse uma exposição districtal dos productos das industrias agricola e fabril, em conformidade do artigo 155 dos estatutos, a qual deverá ser aberta no dia 4 de julho proximo futuro.

Os esforços proprios serão impotentes para o bom exito d'este projecto, que por si se recommenda, attento o muito interesse que d'aqui provirá ao districto em geral e a esta cidade em especial; e por isso a Associação confia que será auxiliada pelos poderes publicos no muito, que nisto depende do concurso e do apoio moral, que d'elles espera receber.

Envio a v. ex.ª onze exemplares do relatorio e contas da gerencia da Associação dos Artistas no anno findo. Por não ter abundancia de exemplares, e porque os ex.mos srs. visconde das Cannas e dr. Antonio José Teixeira já o receberam como socios honorarios da Associação, não vae numero correspondente aos dos srs. procuradores á juncta geral do districto, a quem por este meio são offerecidos.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 1 de março de 1869. —Ill.mo e ex.mo sr. governador civil d'este districto. — O presidente da Associação dos Artistas, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Ill.mos e ex.mos srs. — Tenho a honra de levar ao conhecimento de v. ex.as, que a Associação dos Artistas de Coimbra, a que presido, deliberou, em assembléa geral de 28 de fevereiro ultimo; realisar uma exposição districtal de productos artisticos e dos das industrias agricola e fabril, a qual será aberta no dia 4 do proximo futuro mez de julho.

Despresados, como têm sido por muito tempo, os interessos economicos d'este districto; sendo frequentes as tentativas dos inimigos d'esta terra, que pretendem de todo anniquilal-a deprimindo-a, e negando-lhe a sua importancia; não podia a Associação dos Artistas conservar-se impassivel, e por isso tomou a resolução referida.

Será modesta a exposição, mas será superior ao que geralmente se acredita. Em alguns concelhos do districto ha industrias importantes, e que têm assumido a maior perfeição; mas esses productos, uns não têm procura que anime, outros têm uma extracção ignorada, e até a alguns se lhe nega a proveniencia.

A Associação dos Artistas verá malogrados os seus intuitos, se não for ajudada por todos aquelles a quem adornam virtudes civicas, e que têm crenças no futuro do nosso paiz. Taes qualidades compraz-se a Associação de reconhecer nos illustrados procuradores á juncta geral d'este districto; e por isso confiadamente espera que, como membros d'aquelle corpo administrativo, e ainda como pessoas particulares, que pela sua importancia social dispõem de tanta influencia, prestarão aos artistas toda a protecção e auxilio.

Deus guarde a v. ex.as — Coimbra, 4 de março de 1869. — Ill.mos e ex.mos srs. procuradores á juncta geral d'este districto. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da Associação dos Artistas.

Ill.mo sr. — A Associação dos Artistas de Coimbra intenta realisar, no dia 4 do proximo mez de julho, uma exposição districtal de productos artisticos e dos das industrias agricola e fabril.

Avaliando devidamente o muito que v. s.a, por si e pelas suas relações, póde cooperar para que tenha o desejado exito aquella tentativa, de que provirão tantos e tão diversos interesses, confiadamente nos dirigimos a v. s.a, esperando que nos prestará todo o auxilio de que precisamos, pelo que a Associação lhe prestará o seu reconhecimento.

Deus guarde a v. s.a — Coimbra, 8 de março de 1869. — Ill.mo sr... — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da associação — *Luiz Augusto Pereira Bastos*, vice-presidente — *Luiz Adelino Lopes da Cruz*, secretario — *José Albino da Conceição Alves*, vice-secretario — *José Joaquim da Cruz*, dicto.

Associação Commercial de Coimbra. — Illmo sr. — Incluso encontrará v. s.ª o prospecto da exposição districtal, que a Associação dos Artistas d'esta cidade pretende, com louvavel intuito, realisar no dia 4 do proximo mez de julho.

A direcção da Associação Commercial considera que esta associação interessa immediatamente no bom exito de tão util emprehendimento; por isso resolveu prestar toda a coadjuvação á benemerita Associação dos Artistas para o levar a cabo, e nesse proposito se dirige aos seus associados, rogando a v. s.ª se digne por si ou pelas suas relações concorrer com alguns productos, ou qualquer auxilio que possa enriquecer aquella exposição, tendo em conta quanto convém que a ella não falte nenhum dos ramos do trabalho, da actividade e riqueza do districto.

Deus guarde a v. s.ª—Coimbra, 8 de março de 1869.—Illmo sr... —O presidente, *José Luiz Ferreira Vieira — Francisco de Sousa Araujo—José João Fernandes Parente—João Mattheus dos Sanctos — Manuel dos Sanctos Junior,* secretario.

Illmo e ex.^mo sr. — Accuso a recepção do officio em que essa juncta pretende saber quaes as bases ou amplitude da exposição, que ha de ser realisada no proximo mez de julho; e se seria possivel adiar a época da exposição.

A idéa, que presidiu áquella deliberação, foi a de apresentar as forças productoras do districto nos diversos ramos industriaes; visto que geralmente se faz uma idéa desvantajosa do seu valor, e parecendo a muitos que Coimbra nada mais é do que uma grande hospedaria para estudantes, e que fóra de seus muros tudo são sertões inhospitos; quando da sua situação topographica provém, em parte, a importancia da capital e do districto, e em quasi toda esta circumscripção territorial é feracissimo o solo, e nada deixa a desejar em relação aos demais districtos, antes se avantaja a alguns.

Como se vê dos annuncios, que envio, deu-se-a maior amplitude á exposição, para serem recebidos todos os productos, desde o menos importante, mas local, até ao de maior valor artistico.

A época designada pareceu a mais opportuna, sendo que por aquella occasião tem logar a festividade da Rainha Sancta Isabel, em que tantos milhares de indivíuos, e de grandes distancias, visitam esta cidade, e que de certo, na maior parte, não viriam depois a Coimbra pelo unico motivo da exposição.

Parecerá limitado o periodo, que decorre até á abertura da exposição, mas isso mesmo lhe dará mais valor; e não seria um longo praso de tempo que incitaria os expositores, os quaes devem convencer-se de que a exposição districtal lhes será mais vantajosa do que as demais a que já têm concorrido, porque nesta serão avalia-

dos mais de perto, sem que tantos outros objectos distráiam a attenção dos visitantes.

Já agradeci pela imprensa a honrosa deferencia d'essa respeitavel corporação para com os artistas, dignando-se visitar as suas aulas nocturnas no dia 8 do corrente. Em nome da Associação renóvo os protestos do nosso reconhecimento.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 11 de março de 1869. — Ill.mo e ex.mo sr. presidente da juncta geral do districto de Coimbra. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da Associação dos Artistas.

Ill.mo sr. — Accuso recebido o officio de v. s.ª de 7 do corrente, acompanhando a copia da acta da assembléa geral d'essa Associação, annuindo do modo mais explicito ao convite que lhe foi feito pela Associação a que presido.

Não me surprehendeu aquelle honroso procedimento da Associação Artistica Figueirense: não devia esperar menos da illustração de seus membros, que assim correspondem ao elevado conceito em que é tida a classe artistica da importante villa da Figueira.

Em nome dos artistas de Coimbra expresso a nossa gratidão á Associação Figueirense e em especial ao seu digno presidente.

Deus guarde a v. s.ª Coimbra, 9 de abril de 1869. — Ill.mo sr. presidente da Associação Artistica Figueirense. — O presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*.

Ill.mo e ex.mo sr. — Propuz á Associação dos Artistas de Coimbra que ampliasse o programma da exposição districtal, addicionando-se-lhe uma secção especial de archeologia e de objectos raros, naturaes, artisticos e industriaes.

Entre as pessoas, que tive a honra de indicar para fazerem parte da commissão especial, que ha de dirigir os trabalhos d'esta exposição, figura o nome respeitavel de v. ex.ª, por confiar que o seu animo generoso o impellirá a prestar-nos a efficaz cooperação, de que precisamos.

Se, pois, v. ex.ª se dignar patrocinar esta idéa, rogo-lhe respeitosamente o especialissimo obsequio de comparecer na Imprensa da Universidade, ámanhã pelo meio dia, para onde são convocados os demais cavalheiros de quem espero receber egual favor.

Sou de v. ex.ª muito attento venerador e creado obrigadissimo. — Ill.mo e ex.mo sr. dr. Francisco da Fonseca Correia Torres. — Coimbra, 22 de maio de 1869. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da Associação dos Artistas.

Identicas para os demais membros da commissão.

Ex.mo sr. — Os abaixo assignados, accedendo ao convite, que lhes foi feito pela presidencia da Associação dos Artistas de Coimbra, acceitaram o encargo de dirigir uma secção especial da exposição, que a mesma Associação promove, constando esta secção de archeologia e de objectos raros, naturaes, artisticos e industriaes.

Não precisa a commissão de encarecer as vantagens e os resultados de taes exposicões; e confia que v. ex.ª lhe prestará toda a possivel cooperação, expondo quaesquer objectos que estejam comprehendidos em alguma das divisões do programma juncto (*a*); pelo que a commissão desde já se mostra grata e reconhecida.

Deus guarde a v. ex.ª— Coimbra, 25 de maio de 1869. —A commissão directora, *Dr. Francisco da Fonseca Correia Torres — Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco — Dr. Antonio da Cunha Vieira de Meireiles — Dr. Philippe do Quental — Dr. Antonio dos Sanctos Viegas — Dr. Manuel Paulino de Oliveira — Dr. Julio Augusto Henriques — Bacharel João Correia Ayres de Campos — Bacharel Adelino Antonio das Neves e Mello — Manuel da Cruz Pereira Coutinho — Joaquim Martins de Carvalho.*

Serenissimo Senhor. — A Associação dos Artistas de Coimbra, ufanando-se de ter por seu protector a sua magestade el-rei o senhor D. Fernando e a vossa alteza por seu presidente honorario, julgou dever patentear ao publico que tão elevadas honras lhe eram incentivo a novos commettimentos; deliberou, pois, realisar uma exposição de productos das industrias agricola e fabril e de archeologia e objectos raros, que será aberta nos primeiros dias do proximo mez de julho, e de que já enviou os respectivos programmas.

Não sabendo com certeza a Associação dos Artistas se algum outro motivo trará vossa alteza a Coimbra, por aquella occasião, ou seu augusto pai, a respeito do que correm lionjeiros boatos: com o maior respeito supplico a vossa alteza se digne mandar declarar-me se taes boatos se realisarão, para, em conformidade com as ordens de vossa alteza, ser deliberado o dia em que solemnemente deva ser aberta a exposição.

Deus guarde a preciosa vida de vossa alteza. — Coimbra, 9 de junho de 1869. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da Associação.

Ill.mo e ex.mo sr. — A Associação dos Artistas de Coimbra deliberou realisar no proximo mez de julho uma exposição de productos das industrias agricola e fabril e de archeologia e objectos raros, de que já enviou para esse ministerio os competentes programmas.

(*a*) Está publicado a pag. 12 e 13.

A Associação, participando esta sua deliberação, roga a v. ex.ª se digne eleval-a ao conhecimento de sua magestade el-rei e submetter á sua real approvação a lista dos membros do jury classificador do merito dos expositores, que concorrerem á mencionada exposição, e que foi formulada pelo respectivo conselho director.

Muita satisfação teria a Associação dos Artistas se v. ex.ª podesse vir assistir á abertura d'esta festa do trabalho; e confiadamente espera que v. ex.ª se dignará dar prompta solução ao nosso pedido, para que os negocios da exposição possam correr com toda a regularidade, como tanto é para desejar.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 9 de junho de 1869. — Ill.mo e ex.mo sr. ministro e secretario d'estado das obras publicas, commercio e industria. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes,* presidente da Associação.

Ill.mo sr. — A Associação dos Artistas de Coimbra vai realisar nos primeiros dias do proximo mez de julho uma exposição districtal de productos das industrias agricola e fabril e de archeologia e de objectos raros, de que já enviou os respectivos programmas.

Esta festa da civilisação e do trabalho não é só da cidade de Coimbra e do seu concelho: é de todo o districto; e por isso, todos os concelhos devem estar alli representados convenientemente; e neste intuito tenho a honra de convidar aos dignos membros d'essa vereação para que, no caso de virem a Coimbra por aquella occasião, se dignem acceitar o cartão de entrada permanente.

Outro obsequio espera esta Associação d'essa illustrissima camara, e vem a ser — emprestar-lhe a sua bandeira e a de algum outro concelho, que tenha sido annexado a esse, a fim de serem collocadas na sala da exposição, responsabilisando-se a Associação pela sua guarda e entrega; e ainda seria maior o favor se, com a possivel brevidade, me fosse enviado o desenho ou descripção do brazão das armas d'esse concelho, para com elle ser pintado um trophéu, que tambem alli deve ser devidamente collocado.

Espera a Associação ser attendida nestes seus pedidos.

Deus guarde a v. s.ª — Coimbra, 12 de julho de 1869. — Ill.mo sr. presidente da camara municipal de... — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes,* presidente da Associação.

Ill.mo e ex.mo sr. — Tenho a honra de participar a v. ex.ª que no dia 2 do proximo mez de julho, pelas 9 horas da manhã, ha de ter logar a abertura da exposição industrial, agricola, de archeologia e de objectos raros, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra; convida a Associação a v. ex.ª para assistir á abertura da exposição, e espera da sollicitude de v. ex.ª que, pelos meios ao seu

alcance, proverá a que a policia administrativa e a força militar auxiliem os funccionarios da Associação no melindroso encargo que sobre elles pésa.

Deus guarde a v. ex.ª— Coimbra, 30 de junho de 1869.—Ill.mo e ex.mo sr. governador civil do districto de Coimbra. —*Olympio Nicolau Ruy Fernandes,* presidente da Associação.

Egual convite para a ill.ma camara municipal, pedindo-lhe o auxilio da policia municipal; egual convite ao ill.mo administrador do concelho, pedindo o auxilio da policia administrativa; convite aos ex.mos governador militar, governador do bispado, conselheiro vice-reitor da Universidade, secretario da Universidade, director das obras publicas, director das obras do Mondego, etc. etc.

Ill.mo e ex.mo sr. — A Associação dos Artistas de Coimbra, a que presido, teve a honra de propor a sua magestade a lista dos membros do jury classificador da exposição industrial d'este districto, que a mesma Associação promovera.

Foi approvada aquella proposta, como consta da portaria do ministerio das obras publicas, de 28 de junho ultimo (*a*), inserta no *Conimbricense* de hoje, e que envio a v. ex.ª; rogando-lhe o obsequio de comparecer ámanhã, pelas oito horas da tarde, na sala da mencionada Associação, para ser constituido o jury de que v. ex.ª é um dos dignos membros.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 10 de julho de 1869. — O presidente da Associação, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Ex.ma redacção do jornal... — Foi aberta no principio d'este mez a exposição districtal de industria agricola e fabril, de archeologia e de objectos raros, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra; e, se não pode ser opposta suspeição ao que opino, parece-me que ella satisfaz, em cada uma das diversas secções, aos intuitos de seus promotores.

Para a consecução d'esta arrojada tentativa teve a Associação valiosissimos auxiliares; servindo-lhe tambem de incitamento a maneira benevola por que a imprensa periodica do nosso paiz a acolheu, e á qual prestamos a nossa gratidão.

A companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, no interesse commum, estabeleceu comboyos, a preços reduzidos, desde o dia 29 do corrente até 1 do mez proximo futuro.

Não foi espontanea a concessão, nem foi feita como podia e de-

(*a*) Está a pag. 24.

vêra sêl-o. Aquella companhia parece sympathisar mais com as festas de Sevilha ou com os touros em Badajoz, do que com as festividades portuguezas e singularmente com a exposição e com as festas de Coimbra: não admira.

Animado, pois, pela generosidade com que a Associação tem sido tractada pela imprensa, vou confiadamente rogar a v. ex.as que nos proximos numeros do seu jornal se insiram, nos respectivos logares, as noticias e annuncios co-relativos, e pela forma que essa illustrada redacção entender, assim como a publicação d'esta carta, no que v. ex.as prestarão mais um relevante serviço a esta Associação e ao districto de Coimbra.

A exposição ha de ser encerrada, irrevogavelmente, em 1 de agosto proximo, dia em que finda a concessão feita pela direcção dos caminhos de ferro. Nos dias immediatos terá logar a entrega dos productos artisticos e dos demais objectos expostos.

Repito o convite feito á imprensa periodica, e inserido no programma publicado em tempo competente; podendo affiançar a v. ex.as que pela Associação dos Artistas será tida como um galardão a seus esforços a honrosa visita de qualquer dos dignos membros d'essa redacção. — Sou, com affectuosa estima e reconhecimento, de v. ex.as, attento venerador e creado obrigadissimo — O presidente da Associação, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Coimbra, 20 de julho de 1869.

Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro José da Silva Mendes Leal — Apresso-me a cumprir um lisonjeiro dever comprimentando a v. ex.a e enviando um bilhete de entrada franca na exposição, que promoveu a Associação dos Artistas de Coimbra, a que presido; desejando saber previamente quando v. ex.a se dignará realisar a sua visita.

Sou, com toda a consideração e respeito, de v. ex.a, muito attento venerador e criado obrigadissimo — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Coimbra, 29 de julho de 1869.

Ill mo e ex.mo sr. — Tenho a honra de convidar a v. ex.a para assistir ao encerramento da exposição districtal de industria agricola e fabril e de archeologia, que promoveu a Associação dos Artistas de Coimbra, a que presido, o qual terá logar no proximo domingo, pelas 11 horas da manhã.

Deus guarde a v. ex.a Coimbra, 30 de julho de 1869. — Ill.mo e ex.mo sr... — O presidente da Associação, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Illmo sr. — Cumpro um satisfatorio dever, manifestando a v. s.ª quanto a Associação dos Artistas de Coimbra, a que presido, se confessa agradecida pelo optimo serviço que na exposição districtal tem prestado a força do commando de v. s.ª

Se o brioso regimento de infanteria n.º 14 carecesse de novo testemunho da sua disciplina, prestava-o, e mui pleno, o modo como se tem havido o destacamento estacionado em Coimbra.

Contando com a benevolencia de v. s.ª tómo a liberdade de offerecer um jantar ámanhã ás praças do dito destacamento, para o que vou remetter os generos necessarios; esperando que v. s.ª e os seus subordinados não impugnarão esta insignificante offerta, que se desculpa pelo intuito com que é feita.

Ainda tenho outro pedido a fazer a v. s.ª e aos demais srs. officiaes, e vem a ser — concederem-nos o favor da sua visita á nossa sala nestes ultimos dias, em que terão logar concertos musicaes ás oito horas da tarde; assim como a sua companhia e dos ditos senhores á solemnidade do encerramento da exposição, o qual terá logar no proximo domingo, pelas onze horas da manhã.

Deus guarde a v. s.ª — Coimbra, 30 de julho de 1869. — Illmo sr. capitão commandante do destacamento de infanteria n.º 14, estacionado em Coimbra. — O presidente da Associação, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Illmo e ex.^{mo} sr. marquez de Sousa Holstein. — Teve o melhor exito a tentativa da exposição industrial d'este districto, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra, a que presido e que tem a honra de contar a v. ex.ª entre os seus socios honorarios.

Algumas industrias estavam dignamente representadas; e a de sapateiro, apresentou-se d'um modo, que satisfez plenamente a todos os visitantes.

Um dos expositores d'aquella classe, o sr. Antonio Fernandes Ervideira, esmerou-se em apresentar trabalhos excellentes e entre elles figuram alguns, que parecem dignos do fim a que os destinou, e vem a ser:

Um par de botas de caça, offerecido a sua magestade el-rei o senhor D. Luiz; um par de botas altas, offerecido a sua magestade el-rei o senhor D. Fernando; outro par de botas altas, offerecido a sua alteza o senhor infante D. Augusto; um par de sapatos bordados a ouro, offerecidos a sua alteza o serenissimo principe D. Carlos.

Tómo a liberdade de enviar estes objectos a v. ex.ª, rogando-lhe que se digne obter d'aquelles augustos senhores que concedam ao artista a elevada honra de aceitarem as suas humildes offertas, com o que pretende mostrar o affecto, que lhes consagra, e não só o artista offerente, como a Associação dos Artistas em geral; sentimen-

tos estes de que, na qualidade de presidente, me prézo de testemunhar perante v. ex.ª, para que tambem se digne de o elevar ao conhecimento de suas magestades e altezas.

Coimbra, 10 de agosto de 1869. — De v. ex.ª humilde criado — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Ex.mo sr. Goudchaux — Apresso-me a responder á carta de v. ex.ª de hontem, relativa á minha carta publicada em differentes jornaes, ácêrca da exposição districtal de Coimbra.

Em primeiro logar devo dizer a v. ex.ª que, nos differentes pedidos, por mim feitos á direcção dos caminhos de ferro portuguezes, não tenho levado em mira quaesquer interesses proprios. Não sou negociante ou proprietario em Coimbra, e nem ao menos sou d'aqui natural, o que não obsta a que devéras me interésse por esta terra.

Talvez eu me tenha tornado importuno nas repetições d'aquelles pedidos; e assim o parece, porque ainda não tive a fortuna de ser attendido em um só....

O anno passado pedi que fosse ampliado o praso para a sahida das pessoas que viessem a Coimbra por occasião das festas da Rainha Sancta e da visita de sua alteza o senhor infante D. Augusto; e, não obstante as razões apresentadas, obrigou-se a grande multidão a sahir em um só comboyo, com o maior incommodo das pessoas, que então vieram a Coimbra; vendo-se os empregados da estação na impossibilidade de fazer seguir naquelle comboyo muitas das pessoas, que não cabiam nos vagões para isso destinados.

Este anno fiz egual pedido, reforçando-o com a circumstancia de se abrir a exposição industrial; e, a despeito de todas as considerações e conveniencias, deu-se o mesmo rigor; tendo os visitantes de deixar Coimbra no dia 5, o que equivale a dizer-se que não se lhes deu tempo para visitarem a exposição, que só pôde ser aberta na vespera, em que havia as festas da egreja, visitas aos estabelecimentos universitarios, procissão, etc.

Ainda fiz novo pedido, que em parte foi attendido, estabelecendo-se comboyos a preços reduzidos, e valiosos de 29 de julho a 1 de agosto; mas a reducção dos preços não era convidativa, como ás vezes tem sido para outras diversões; e, segundo me disseram, só se venderam bilhetes especiaes no dia 29, não podendo por isso aproveitar-se da reducção dos preços quem pretendesse partir para Coimbra nos dias 30 ou 31.

Não poderá, em boa fé, dizer-se que se concedeu alguma vez a Coimbra favores eguaes aos que se têm concedido a outras terras d'este paiz. Todos nos recordamos dos diminutissimos preços, que se estabeleceram para ir ver a parada a Lisboa, para visitar a ex-

posição do Porto, para ir assistir á semana sancta em Sevilha, para ir ver os touros a Badajoz, a Aveiro, etc.

Impressionado por este desagradavel confronto, inseri aquellas linhas na carta dirigida aos jornaes, a proposito da exposição de Coimbra.

Não foi meu intuito offender a direcção d'essa companhia, e especialmente a v. ex.ª, por quem tenho toda a consideração. Accrescendo a isto que a direcção está longe, e por isso precisa que d'aqui lhe partam os avisos e informações, que conciliem os reciprocos interesses de Coimbra e os d'essa empresa, pela prosperidade da qual faço sinceros votos, porque a essa prosperidade e á de empresas semelhantes está ligado o porvir de Portugal.

De v. ex.ª, com a maior estima e consideração, me assigno muito attento venerador e criado — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Coimbra, 11 de agosto de 1869.

CORRESPONDENCIA RECEBIDA

Associação Commercial de Coimbra. — Ex.mo sr. — Chegou ao conhecimento da direcção da Associação Commercial d'esta cidade, que a Associação dos Artistas, de que v. ex.ª é dignissimo presidente, tenciona realisar uma exposição districtal, agricola, industrial e fabril, que será inaugurada no dia 4 do proximo mez de julho.

Primeiro que tudo a direcção, em nome da classe commercial, felicita a v. ex.ª e á Associação dos Artistas por tão excellente idéa, que lhe é tanto mais grata, quanto ella tambem tenciona empregar todos os esforços para elevar o commercio e a agricultura d'esta cidade, em particular e em geral de todo o districto, áquelle gráo de desenvolvimento e prosperidade, que as circumstancias peculiares d'esta terra permittem, e todas as conveniencias e interesses aconselham.

Ora, nesta empreza, a que a direcção da Associação Commercial se propoz, o conseguimento do seu fim — a regeneração de Coimbra pelo trabalho, — será tanto mais certa a victoria, será tanto menos custosa e difficil, quanto maior for o numero dos obreiros que trabalharem com vontade, denodo e energia.

Por outro lado conhece tambem a direcção que uma exposição districtal é a fonte de innúmeras vantagens para todas as classes sociaes de Coimbra, e muito principalmente para as classes industrial, artistica e commercial.

Levada por estas considerações, cuja verdade v. ex.ª, pela sua illustração, será o primeiro a reconhecer, a direcção da Associação Commercial offerece á Associação dos Artistas todos os serviços, que, para realisar o seu honroso intento, a Associação Commercial lhe possa prestar.

Quando todos se vão convencendo de que é preciso que Coimbra progrida e marche na senda civilisàdora de sua elevação pelo trabalho, a Associação Commercial faltaria a um dos seus mais imperiosos deveres se olhasse com indifferença para esta obra espinhosa, mas util e gloriosa, que será de incalculavel proveito para esta nossa terra.

Pedimos, pois, a v. ex.ª queira participar á Associação dos Artistas os nossos bons desejos de cooperarmos com ella para o bri-

lhantismo e importancia da projectada exposição districtal, que, assim o cremos, será o principio de tempos mais ditosos e felizes para Coimbra.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, em sessão de 7 de março de 1869. — Ex.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, dignissimo presidente da Associação dos Artistas. — O presidente, *José Luiz Ferreira Vieira — Francisco de Sousa Araujo — José João Fernandes Parente — João Mattheus dos Sanctos — Manuel dos Sanctos Junior*, secretario.

Ex.mo sr. — Meu sogro, o sr. conde de Podentes, tendo recebido a carta que v. ex.ª lhe dirigiu na qualidade de presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, assignada tambem pelos ill.mos srs. Luiz Augusto Pereira Bastos, Luiz Adelino Lopes da Cruz, José Albino da Conceição Alves e José Joaquim da Cruz: não podendo responder-lhe pessoalmente, como desejava e devia, encarrega-me, em consequencia do estado grave em que se acha minha cunhada, de dizer a v. ex.ª, que muito sente não estar em Condeixa para satisfazer, na parte que lhe fosse possivel, os desejos da meritissima Associação dos Artistas de Coimbra, não só pela muita consideração que tem para com v. ex.ª e seus ill.mos collegas, mas tambem pela sua grande sympathia por uma Associação que emprehende um commettimento de tanta transcendencia, e que pode no futuro apresentar os mais auspiciosos resultados.

Meu sogro tenciona, se sua filha se restabelecer, seguir d'aqui para Lisboa, onde terá de demorar-se; não podendo, por isso, satisfazer as indicações que v. ex.ª e os seus ill.mos collegas lhe fazem na sua carta de 8 do corrente.

Aproveito esta occasião para, com meu sogro, comprimentar a v. ex.ª e para lhe offerecer esta casa e a minha inutilidade; protestando que sou, com elevada consideração, de v. ex.ª muito attento venerador e servo obrigadissimo — *Carlos Augusto de Mascarenhas Relvas e Campos.*

Gollegã, 16 de março de 1869.

Ill.mo sr. — Recebi a sua carta: conte com tudo o que d'aqui podér ir; convoquei todos os que podem dar qualquer contingente para obra tão civilisadora quanto utilitaria; todos prometteram. e de seguida se entregam ás encommendas; conto fazer-se alguma cousa.

Amigo verdadeiro — *Francisco Maria Henriques. de Carvalho.*

Buarcos, 18 de março de 1869.

Ill.mo sr. — Recebi a carta de v. s.ª, de 15 do corrente, com os inclusos annuncios, que immediatamente distribuí, não só por alguns artistas, como a alguns cavalheiros, que muito poderão cooperar para o bom resultado de tão elevado pensamento, que honra sobremaneira a v. s.ª e aos membros de tão util e civilisadora Associação.

Sinto não ter as relações. que v. s.ª julga, para cumprir com melhor resultado as ordens de v. s.ª; em todo o caso empregarei todos os esforços para que os artistas e industriaes d'esta localidade concorram á grande festa districtal.

Disponha pois v. s.ª de quem tem a honra de ser de v. s.ª attento venerador e muito obrigado — *Fructuoso Abel.*

Figueira, 22 de março de 1869.

Ill.mo sr. — Nesta data escrevo de officio ao sr. governador civil. Não seria preciso, porque é um magistrado muito zelozo e esclarecido, para deixar de promover activamente o feliz resultado do louvavel empenho, em que v. s.ª está envolvido.

Manifesto de novo a v. s.ª os meus sinceros desejos, que v. s.ª porá em acção como e quando entender.

Sou, com muita estimação, de v. s.ª amigo affectuoso — *R. de Moraes Soares.*

Lisboa, 24 de março de 1869.

Ill.mo sr. — Pela Associação dos Artistas, de que v. s.ª é digno presidente, foi-me dirigida uma carta de convite á concorrencia d'uma exposição, que tem de realisar-se nessa cidade no dia 4 de julho proximo futuro.

O curto espaço marcado não me permitte apresentar o que desejára: todavia, pelo grande amor que consagro ao progresso de nossas artes e industrias, não posso deixar de acceder ao convite de v. s.ª, contribuindo, para um fim tão util, com o que couber em minhas limitadissimas forças.

Deus guarde a v. s.ª—Figueira, 28 de março de 1869.—Ill.mo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — *José Marques de Mattos.*

Ill.mo e ex.mo sr. — Foi-me dirigida de Maiorca a carta em que v. ex.ª se dignava communicar-me a resolução, que tomou a Associação dos Artistas d'essa cidade, de promover ahi uma exposicão de productos fabris e agricolas em julho proximo; servindo-se v. ex.ª por esta occasião de enviar-me as suas benevolas lembranças.

Regosijo-me com a resolução dos artistas, e peço a v. ex.ª que

se sirva felicital-os, em meu nome, pelo feliz pensamento que tiveram.

Devo entretanto ponderar, que é para sentir que, comprehendendo a exposição tambem os productos agricolas, se destinasse para ella o principio de julho, epoca em que nem haverão ainda sequer as primeiras fructas do anno; quando, aberta mais tarde, podiam concorrer productos valiosos.

Eu bem vejo, que se quiz aproveitar o tempo da grande concorrencia de gente de fóra a essa cidade, por occasião da festa de Sancta Isabel; mas, debaixo d'este ponto de vista, a exposição attrahia ainda uma nova concorrencia na época, em que Coimbra é tambem encantadora, que é a de setembro, tão propria para se gosar o Bussaco, e em que os empregados e familias procuram sahida para algum lugar ameno, e para as praias; sendo então que a exposição apresentaria uma boa collecção dos excellentes productos agricolas, em que esse districto abunda.

No principio de julho mal poderá expor alguns vinhos, quem os tiver; porque mesmo de fructas nem um pomo talvez se veja na exposição.

Quiz fazer estas considerações, como tributo de saudade e de reconhecimento á patriotica Associação dos Artistas d'essa cidade, juncto da qual peço que v. ex.ª seja o interpetre dos sentimentos sinceros, que me levam a desejar-lhe toda a prosperidade; acrescentando que, se para levarem a effeito qualquer dos seus intuitos generosos, o meu prestimo lhe podér alguma vez ser util, pode sempre contar comigo.

E a v. ex.ª renóvo os protestos da consideração e estima com que sou de v. ex.ª amigo attento e muito obrigado —*A. R. O. Lopes Branco.*

Lisboa, 29 de março de 1869.

Ill.mo sr. — Recebi a carta de v. s.ª de hontem, tão honrosa quanto lisongeira para mim.

A minha influencia sobre os artistas d'aqui, se eu tenho alguma, é pequena; mas, pequena como é, será exercida por todos os meios possiveis no intuito de auxiliar a v. s.ª na tentativa da exposição districtal de productos industriaes e artisticos, que se propõe realisar nessa cidade no proximo mez de julho.

Por estes dias v. s.ª terá em seu poder a prova do que digo.

Eu já outro dia fui honrado com uma circular da illustrissima commissão d'essa exposição, com um P. S. do proprio punho de v. s.ª Agradeço este e aquella, assim como os prospectos, que por duas vezes me hão sido remettidos mui obsequiosamente, e os quaes tenho distribuido.

Assigno-me, com todo o respeito e consideração, de v. s.ª muito attento criado e venerador — *Affonso Ernesto de Barros.*

Figueira, 2 abril de 1860.

Associação Artistica Figueirense, N.º 21. — Ill.mo sr. — Em nome da Associação Artistica Figueirense, cujo presidente sou, venho hoje agradecer o officio, que v. s.ª, na qualidade de presidente mui digno, que é, da Associação dos Artistas de Coimbra, lhe dirigiu, convidando-a a auxiliar esta no commettimento, que resolveu tentar, de fazer uma exposição districtal de productos artisticos e das industrias agricola e fabril, cuja abertura deverá realisar-se no dia 4 do proximo mez de julho.

Como resposta a tão honroso convite permitta v. s.ª que á illustrada Associação dos Artistas de Coimbra offereça a da Figueira o incluso extracto da acta da sua sessão da assembléa geral celebrada em 15 do preterito, e na qual eu dei conta de haver recebido o citado officio de v. s.ª

Enviando este extracto, presume a Associação Artistica Figueirense dar á sua irmã de Coimbra a mais irrefragavel prova de sincera adhesão ao seu elevado pensamento d'uma exposição districtal, a qual, como v. s.ª mui acertadamente diz, deve ser de mutuo interesse para ambas.

Deus guarde a v. s.ª — Figueira da Foz, 7 de abril de 1869. — Ill.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, dignissimo presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — *Affonso Ernesto de Barros,* presidente da Associação Artistica Figueirense.

Extracto da acta da sessão da assembléa geral da Associação Artistica Figueirense, celebrada em 15 de março de 1869

«Disse o presidente (Affonso Ernesto de Barros), que estando-se a tractar de exposição, pedia venia para communicar á assembléa, que recebêra um officio do digno presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, convidando a nossa a auxiliar esta no intuito de levar a effeito naquella cidade uma exposição districtal de productos artisticos e das industrias agricola e fabril, a abertura da qual deveria verificar-se no dia 4 de julho proximo, como constava dos convites impressos, que conjunctamente recebêra, e que seriam distribuidos pelos srs. socios.

Que a tão honroso convite era indispensavel responder sem demora, mas que para o fazer se tornava necessario que a assembléa manifestasse a sua opinião sobre a resposta a dar.

Que as idéas d'elle presidente, sobre exposições, verdadeiras alavancas da moderna civilisação, eram já bem conhecidas, tendo-as

patenteado bem claramente durante o anno passado, quando empregou todos os seus esforços para que se realisasse aqui uma exposição industrial, e que, por motivos alheios da sua ventade, só em parte se conseguira, mas, ainda assim, com provado proveito para os industriaes que entraram nesse tentamen.

Que a sua opinião franca e leal era, que todos os srs. associados artistas deveriam concorrer com algum producto da sua industria á exposição conimbricense, com o que não só mostrariam o seu adiantado estado de civilisação, mas tambem o justo apreço em que tinham o honroso convite a elles dirigido.

Pedindo a palavra o socio José Jorge Ribeiro, para apoiar a opinião do presidente, toda a assembléa manifestou adherir a ella.

O presidente, elogiando a assembléa pela resolução tomada, disse que, apenas lh'o permittissem os seus muitos afazeres, responderia, como cumpria, ao officio recebido.

Está conforme. Secretaria da Associação Artistica Figueirense, 7 de abril de 1869. — O secretario, *Fernando da Costa Andrade.*»

Amigo e sr. — Ahi vão os modelos das vazilhas. Peço o favor de accusar officialmente a recepção. Desculpe, que me falta o tempo para escrever; mas sempre chega para lhe assegurar que para o que for necessario para a exposição, e para o que for do seu serviço, disponha sempre do seu amigo — *Fradesso da Silveira.*

Lisboa, 15 de abril de 1869.

Dimensões do vazilhame, em millimetros

Designação	Numero de litros	Comprimento interior	Diametro do bojo	Diametro da base
Meio-hectolitro...	50	454	389	345
	75	520	445	395
Hectolitro	100	572	490	435
	125	616	528	469
	150	655	561	499
Duplo-hectolitro..	200	720	618	548
	250	776	665	591
	300	825	707	628
	400	908	778	691
Meio-kilolitro....	500	978	838	745
	600	1039	891	791
	700	1093	938	833
	800	1144	980	871
	900	1190	1019	906
Kilolitro	1000	1232	1095	938

Extracto da acta da sessão da direcção da Associação Commercial da Figueira da Foz, em 13 de abril de 1869

«Sendo o objecto da presente sessão tractar, principalmente, de um officio recebido do presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, officio que foi lido, assim como um dos dez exemplares do annuncio, que com elle vieram, para a exposição districtal, que aquella Associação pretende realisar na referida cidade, no proximo mez de julho, deliberou-se prestar o auxilio no mesmo officio pedido; e, sobre proposta de mim, secretario, resolveu-se convocar para a proxima quinta feira á noite a assembléa geral a fim de ahi se tractar mais desenvolvidamente d'este assumpto.»

Figueira da Foz, 16 de abril de 1869. — O secretario, *Affonso Ernesto de Barros.*

Ill.mo sr. — Não tenho respondido á carta de v. s.ª de 29 do corrente, por desejar dizer-lhe alguma cousa de positivo sobre o assumpto a que se refere.

Hontem promovemos uma reunião da assembléa geral da Associação Commercial, aonde expozemos as conveniencias de coadjuvarmos a exposição districtal, que vae ter logar nessa cidade, promovida pela Associação de que v. s.ª é digno presidente. O convite foi acolhido por unanimidade, e logo em seguida foi nomeada uma commissão de tres membros para promoverem, não só entre os membros da Associação Commercial, mas tambem entre os artistas d'aqui, o maior numero de objectos possivel, que possam ser-lhe enviados.

Foi decidido que as despezas dos transportes sejam pagos pelo cofre da Associação Commercial.

Os individuos que fazem parte da dicta commissão, são os srs. Affonso Ernesto de Barros, João Maria Sant-Iago Gouveia e Antonio Vieira.

O espaço de tempo é curto para se obterem expositores em grande numero; mas, ainda assim, espero que alguns hão de concorrer.

Da classe vinhos, podia ir uma boa collecção de amostras; mas não sei se este artigo será muito proprio para uma exposição em Coimbra, visto que o preparo d'este genero aqui é mais adequado ao gosto dos mercados consumidores do Brazil, do que ao nosso em Portugal.

Emfim, veremos o que se póde conseguir.

Sou com respeito e a maior consideração — De v. s.ª venerador e criado — *João dos Santos Pereira Jardim.*

Figueira, 16 de abril de 1869.

Associação Commercial da Figueira da Foz, N.º 3.—Ill.mo e ex.mo sr. — Por motivos justificados só agora me é possivel cumprir o dever de accusar recebido o officio de v. ex.ª de 10 do proximo passado, solicitando o auxilio d'esta Associação Commercial para a exposição, que nessa cidade se deve realisar no proximo mez de julho por iniciativa da illustrada Associação dos Artistas de Coimbra, e os dez exemplares do annuncio para a referida exposição, vindos com aquelle officio, os quaes muito agradece a Associação, a que presido.

Tendo feito convocar extraordinariamente a assembléa geral d'esta, em 15 do corrente, para lhe dar conhecimento do conteúdo do citado officio de v. ex.ª, deliberou ella o que consta do incluso extracto da acta da sua sessão, e o qual muita honra tenho em passar ás mãos de v. ex.ª para os devidos effeitos.

Deus guarde a v. ex.ª — Figueira da Foz, 20 de abril de 1869. — Ill.mo e ex.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, dignissimo presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — *Manuel José de Sousa Junior*, presidente da Associação Commercial da Figueira.

Extracto da acta da sessão extraordinaria da assembléa geral da Associação Commercial da Figueira da Foz, celebrada em 15 de abril de 1869

«Expoz o sr. presidente (dr. Manuel José de Sousa Junior) o fim da presente sessão, que era dar á assembléa conhecimento d'um officio do sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, pedindo o auxilio do corpo do commercio d'esta villa para a realisação d'uma exposição districtal de productos artisticos e das industrias fabril e agricola, que por iniciativa da referida Associação se deve verificar naquella cidade no proximo mez de julho, como constava do annuncio impresso, de que se haviam recebido conjunctamente dez exemplares, e que ia ser lido em seguida ao officio. Que elle achava desnecessario lembrar a vantagem das exposições em geral, pois a considerava bem conhecida de todos, tornando-se assim egualmente inutil recommendar a conveniencia de concorrer-se com productos áquella, para que esta Associação tivera a honra de ser convidada. Que, depois da leitura do officio e do annuncio alludidos, a que se ia proceder, daria a palavra a quem a pedisse para apresentar qualquer reflexão que tivesse por conveniente. Lido o officio e o annuncio, pedi e obtive eu, secretario, a palavra, e, reportando-me ao que sobre exposições em geral dissera o sr. presidente, accrescentei que, com referencia á de Coimbra, era dever nosso prestar o auxilio tão attenciosamente solicitado. Pelo menos que era essa a minha opinião, e que por isso pedia licença para ler uma proposta, que nesse sentido redigíra, e que era do theor se-

guinte: Proponho 1.º que todos os srs. associados, nas circumstancias e disposição de mandarem productos á projectada exposição de Coimbra, inscrevam seus nomes e designem a natureza d'esses productos num papel, para se poder saber approximadamente qual o numero dos que querem ou podem concorrer; 2.º que seja nesta sessão determinado o tempo, em que devem estar promptos taes productos, tendo em vista que a abertura da exposição ha de realisar-se no dia 4 do proximo mez de julho; 3.º que para receber estes productos e envial-os, bem acondicionados, ao seu destino, seja desde já nomeada uma commissão de tres membros; 4.º que a despesa a fazer com o acondicionamento, remessa e retorno dos productos destinados á exposição, seja paga pelo cofre d'esta Associação; 5.º finalmente, que do que se deliberar na presente sessão, com referencia ao objecto sujeito, se faça communicação, por extracto, ao sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, para seu conhecimento e dos demais membros da mesma Associação, a que s. s.ª tão dignamente preside. Sala das sessões da assembléa geral da Associação Commercial da Figueira da Foz, 15 de abril de 1869. — Affonso Ernesto de Barros, secretario da mesma Associação. — Admittida á discussão, foi seguidamente approvada por unanimidade. O sr. presidente lembrou para membros da commissão proposta, os srs. Antonio Vieira e João Maria de Sant-Iago Gouveia, e a mim, secretario. A assembléa approvou por maioria esta proposta do sr. presidente, e os socios nomeados declararam acceitar a honra, que acabava de se lhes fazer, protestando empregar todos os esforços para o melhor possivel se desempenharem da commissão, que lhes era incumbida. Assentou-se no dia 10 de junho proximo para termo da recepção dos objectos destinados á exposição; e recolheram-se as declarações d'alguns dos srs. associados presentes, dispostos a concorrer áquella.»

Está conforme. Secretaria da Associação Commercial da Figueira da Foz, 20 de abril de 1869. — O secretario, *Affonso Ernesto de Barros.*

Ex.mo sr. — Desejando cooperar com o óbolo do meu trabalho para a proxima exposição districtal, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra, a que v. ex.ª muito dignamente preside, e a que eu tenho a honra de pertencer, tómo a liberdade de offerecer um hymno de minha composição, dedicado á abertura da mesma exposição.

Não faço remessa do original, porque o estou instrumentando para banda marcial, a fim de ser distribuido ás philarmonicas de Coimbra, e cuja distribuição eu mesmo me encarrego de fazer.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 20 de maio de 1869. — Ex.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, dignissimo presidente da As-

sociação dos Artistas. — O socio n.º 407, *José Maria Casimiro de Abreu.*

Ill.mo e ex.mo sr. — Em conformidade com o que annunciei a v. ex.ª em sessão particular da mesa da assembléa geral e da direcção d'essa Associação, envio a v. ex.ª o *Hymno da exposição* para piano e canto, e instrumentado para banda marcial.

Não sei, menos pelo meu offerecimento, mais pela declaração prévia que fiz em tempo competente, se o hymno terá as honras da preferencia, visto constar-me haver outro; mas se a tiver, desde já cedo a propriedade d'elle á Associação, a fim de poder mandar lythographar a parte que diz respeito a piano e canto, expondo-o á venda durante a exposição.

E, crendo que se poderá obter resultado, só fico desejando que elle seja o mais lisongeiro possivel, e sel-o-ha certamente, se v. ex.ª desviando para este mesquinho assumpto, mesquinho porque elle parte de mim, os seus muitos esforços cumulados, e que necessariamente terá de subdividir para muitos pontos.

Rogo a v. ex.ª, como digno presidente que é da Associação dos Artistas de Coimbra, se digne relevar-me a insignificancia da offerta, continuando v. ex.ª e a mesma Associação a considerar-me o mais humilde, mas sincero apostolo das idéas consagradas a prol das classes operarias, das quaes v. ex.ª tem sido um dos mais estrenuos defensores, quer theorica, quer practicamente.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 1 de junho de 1869. — Ill.mo e ex.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, meritissimo presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — O socio, *J. Melchiades Ferreira Sanctos.*

Ill.mos e ex.mos srs. — Accuso a recepção da carta, que v. ex.as me dirigiram com data de 25 de maio proximo passado, convidando-me a enviar á exposição, que vai ter logar nessa cidade, alguns objectos mencionados na lista que acompanha a mesma carta; tenho a responder, que darei cumprimento aos seus desejos, mandando alli os objectos que eu tiver, e mereçam ser expostos.

Deus guarde a v. ex.as — Pereira, 2 de junho de 1869. — Ill.mos e ex.mos srs. membros da commissão directora da exposição artistica de Coimbra. — *Francisco Barreto Botelho Chichorro.*

Ill.mo sr. — Recebi a sua presada carta de 17 de junho; fiquei certo do seu conteúdo, e fiz quanto possivel para satisfazer ao seu pedido; tive algumas promessas, e julgo que algumas se realisarão, concorrendo assim para abrilhantar tão instructiva festa industrial.

Os meus immensos afazeres não me deram tempo para eu con-

correr a essa exposição como desejava, apresentando typos economicos para casas de operarios, de 300$000 até 800$000 réis; e, como fui encarregado de elaborar um projecto de casa para um proprietario d'aqui, aproveitei a occasião de o mandar á exposição, porque é uma casa com certa elegancia, e extremamente barata em relação á grandeza d'ella. Se o projecto que envio fosse construido de cantaria, de certo custaria acima de 20:000$000 réis.

Tenho encetado alguns estudos economicos ácêrca de construcções, que ainda não estão resolvidas, mas espero tel-os para o anno que vem.

Rogo a v. s.ª o distincto obsequio, se ainda for possivel, de expôr o projecto e umas amostras de cimento hydraulico, que já aqui ensaiei para a substituição das cantarias, do que colhi excellente resultado, ficando no praso de quarenta e oito horas com a resistencia da pedra, perfeitamente moldado e liso, apresentando um lindo aspecto em obra. Esta composição não se fende exposta á acção dos agentes atmosphericos, e cada vez resiste mais; é um importante melhoramento introduzido na industria das construcções.

O projecto, que tenho a honra de lhe enviar, por falta de tempo não o mandei pelas vias competentes, e com as formalidades que o programma exigia; mas, fiado na sua extrema bondade, atrevo-me a enviar-lh'o por este meio, esperando da bondade de v. s.ª a exposição d'elle. O projecto vai num canudo de folha, e as amostras do cimento vão num caixote de madeira.

Dou-lhe os meus sinceros parabens pelo conseguimento de tão importante festa districtal, devida aos immensos esforços de v. s.ª

Disponha, pois, v. s.ª de quem tem a honra de ser, com todo o respeito e consideração, verdadeiro amigo e muito obrigado — *Fructuoso Abel.*

Figueira, 1 de junho de 1869.

Ill.mo sr. — Impedimentos, que eu não posso remover, me privam do gosto de acceitar o honroso conivte, que v. s.ª me faz, em nome da benemerita Associação, a que v. s.ª dignamente preside.

Augmenta o meu expressado desgosto a circumstancia de ser assignado por v. s.ª aquelle convite.

Sou, com a maior estimação, de v. s.ª amigo affectuoso — *R. de Moraes Soares.*

Lisboa, 12 de junho de 1869.

Ill.mo e ex.mo sr. — Recebi em Lisboa o ultimo favor do programma, que v. ex.ª se serviu mandar-me, para a nova secção da exposição de Coimbra; e agradeço a lembrança, em que v. ex.ª se digna continuar a ter-me.

Correspondendo á benevolencia de v. ex.ª, quero concorrer, com o pouco que posso, aos convites, com que v. ex.ª me tem honrado, e pedir licença para mandar á exposição dois objectos de minha filha, se não podérem ir mais; e por mim algumas garrafas de vinho; sentindo que a exposição se antecipasse tanto á época, em que ella podia ser mais concorrida de productos agricolas, como já observei a v. ex.ª

Nos dias que restam se fará opportunamente a remessa dos productos, a que me referi, os quaes serão entregues ao cuidado de v. ex.ª, contando por isso com a sua bondade.

Eu volto a Lisboa. Sou, com a maior consideração, de v. ex.ª amigo e muito obrigado — *A. R. O. Lopes Branco.*

Maiorca, 15 de junho de 1869.

Ill.mo sr. — Tendo-me esforçado em satisfazer ao honroso convite da ill.ma direcção da Associação dos Artistas de Coimbra, de que v. s.ª é digno presidente, concluí hoje um relogio de torre para a sua exposição districtal. Não poderei porem apresental-o ahi antes do dia 28 ou 29 do corrente; e por isso vou previamente rogar a v. s.ª o obsequio de destinar o logar da sua collocação, tendo em vista que elle forma um quadrilongo de 1m,30 de comprimento, por 0m,90 de largo; o banco, sobre que ha de sustentar-se e que só deverá ser feito á chegada do relogio, basta ter 1m de altura. Será muito conveniente que em roda d'elle fique um espaço para poder analysar-se por todos os lados; por quanto leva uma caixa de vidro que o resguarda.

Deus guarde a v. s.ª — Figueira, 18 de junho de 1869. — Ill.mo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — O expositor, *José Marques de Mattos.*

Ill.mo sr. — Desejo a v. s.ª todas as felicidades. Lembrou-me remetter, para ver se v. s.ª acha dignos de figurarem na exposição, 14 volumes da Geographia Blaviana do seculo XVI, dadiva da imperatriz Maria Thereza d'Austria ao sr. Antonio Rangel Pereira de Sá, quando estava enviado naquella côrte: era irmão da avó do visconde e senhor da casa do Rangel e Sancto Varão.

Valendo pois a pena, podem ahi ficar entregues a v. s.ª

Deus o ajude em todas as nobres e grandes empresas, que v. s.ª intenta, e que tanto o honram e distinguem.

De v. s.ª muito attenta veneradora, e obrigada — *A Viscondessa de Maiorca.*

Maiorca, 20 de junho de 1869.

Ill.mo e ex.mo sr. — Tenho a honra de enviar a v. ex.ª, para serem apresentados na exposição districtal de Coimbra, os seguintes trabalhos:

Um quadro calligraphico, que fiz em o anno de 1862; assim como a minha arte calligraphica e seu additamento, que dei á estampa em 1865; e tambem a collecção das escriptas dos alumnos, que mais se distinguiram na aula de calligraphia da Associação dos Artistas d'esta cidade, nos annos lectivos de 1866-1869, e bem assim a collecção das primeiras e ultimas escriptas dos differentes alumnos, que tenho ensinado em dezoito lições.

. . . . . .

Bem desejava eu, alem dos trabalhos que envio a v. ex.ª, apresentar mais outros, como a relação dos socios honorarios da nossa Associação e a dos alumnos que mais se distinguiram nas aulas nocturnas da mesma Associação em o anno lectivo de 1867-1868, e bem assim um livro feito á penna, comprehendendo differentes caracteres de letras, e uma quasi encyclopedia de instrucção primaria, cujos trabalhos já tinha começado; mas o meu estado de saude, como v. ex.ª não ignora, me inhibe de poder levar ao fim as minhas intenções: se porventura me restabelecer a tempo, farei todos os esforços para ainda enviar os trabalhos indicados.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 21 de junho de 1869. — Ill.mo e ex.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — O secretario da Associação dos Artistas, *Luiz Adelino Lopes da Cruz*.

Ill.mo sr. — De muito bom grado me prestarei a diligenciar, que por parte do governo concorram á exposição districtal de Coimbra alguns objectos das diversas especialidades agricolas: todavia devo declarar com franqueza a v. s.ª que não depende de mim a resolução final d'este negocio.

Em fim, farei o que de mim depender para dar seguimento á sua indicação.

Sou, com muita estimação, de v. s.ª amigo affectuoso — *R. de Moraes Soares*.

Lisboa, 23 de junho de 1869.

Ill.mo e ex.mo sr. — A minha ausencia, e o pouco espaço de tempo, que nos resta, pois só hontem recebi aqui o seu honroso convite com data de 8 de março, são o motivo de não poder d'esta vez concorrer com as minhas fracas forças para tão louvavel, quanto patriotico empenho de uma exposição districtal de productos artisticos e agricolas.

Faço os mais sinceros votos pelo melhor resultado de tão gloriosa empresa; e tenho a honra de me assignar, com a mais distincta consideração, de v. ex.ª muito attento venerador e obrigado. — *Gonçalo Tello de Magalhães Collaço.*

Lisboa, 24 de junho de 1869.

Ex.mo sr. — O abaixo assignado, gerente da photographia Academico-conimbricense, tem a honra de enviar para a exposição districtal, de que v. ex.ª foi benemerito iniciador, dois quadros contendo differentes exemplares photographicos.

Permitta pois, ao abaixo assignado, fazer algumas considerações que o pequeno espaço e deficiencia da guia não permittiram se fizessem, esperando que v. ex.ª dignar-se-ha apresental-as aos dignissimos membros do jury, a fim de que o seu *veredictum* seja tão justo, quanto ser possa.

A galeria, onde actualmente se tiram os retratos, está collocada nas peores condições de luz, como pode ser analysado pelos competentes peritos: o abaixo assignado serve-se d'ella provisoriamente em quanto se não completa uma outra, para onde tenciona mudar-se.

Accresce mais que os retratos não são tirados pelas machinas inglezas, unicas conhecidas, como as que melhor satisfazem ao fim desejado; todavia o abaixo assignado não faz estas declarações por temer a justa competencia, que a não receia, porem sim para melhor poder ser avaliado o merecimento artistico do operador.

O abaixo assignado, entendendo dever dar estas explicações, pede a v. ex.ª queira ser d'ellas interprete para com o meritissimo jury.

Deus guarde a v. ex.ª por muitos annos.—Photographia Academico-conimbricense, 28 de junho de 1869.—Ex.mo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — O administrador, *Francisco Teixeira de Araujo.*

Ill.mo e ex.mo sr. — Como disse a v. ex.ª na minha carta de Maiorca, tenho tenção de mandar algumas amostras dos vinhos, que tenho fabricado, sem mais alguns productos que podiam ir tambem, porque a estação ainda não o permitte; mas eu tive de vir aqui antes de concluir estas cousas, e só pelo dia 2 ou 3 poderei fazer a remessa.

Será tambem d'essa vez que irá alguma cousa, que minha filha manda; e o meu fim é prevenir d'isto a v. ex.ª, para que se sirva contar com logar para estas pequenas provas, que lhe dou, de que até nisto desejei mostrar-lhe o meu affecto e consideração.

Cumpre que v. ex.ª tambem conte que, para um dos objectos,

que minha filha manda, se carece de maior espaço na exposição, porque é um sophá, que ella se deu ao trabalho de fazer, por um figurino do penultimo jornal de modas de Paris.

Sou, com a maior consideração, de v. ex.ª, amigo e muito obrigado — *A. R. O. Lopes Branco.*

Lisboa, 29 de junho de 1869.

Associação Commercial de Coimbra. — Ex.mo sr. — A direcção da Associação Commercial encarrega-me de solicitar de v. ex.ª cinco bilhetes de entrada na exposição districtal para os membros da direcção da mesma Associação.

Deus guarde a v. ex.ª — Coimbra, 1 de julho de 1869. — Ex.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernande, dignissimo presidente da Associação dos Artistas. — O secretario, *Manuel dos Santos Junior.*

Ill.mo sr. — Acabo de receber a honrosa carta, na qual v. s.ª em seu nome, e no dos membros da Associação dos Artistas de Coimbra, me convida para assistir á abertura da exposição que ha de effectuar-se mui proximamente.

Se as minhas occupações me derem folga de alguns dias, certo que com muito prazer, irei presenciar o honroso certamen de que v. s.ª é esforçado promotor; mas em todo o caso cumpre-me desde já agradecer o convite e aproveitar esta occasião para me confessar de v. s.ª venerador e obrigado — *Sá da Bandeira.*

Lisboa, 2 de julho de 1869.

Ill.mo e ex.mo sr. — Remetto os objectos para a exposição industrial e agricola. Conto de felicitar este mez a v. ex.ª, vendo ahi a exposição, com que Coimbra recebeu da sua sempre illustrada iniciativa e direcção um impulso, para tomar grande desenvolvimento a prosperidade que lhe está sorrindo.

Parto para Lisboa, mas será pouca a minha demora; e então é que terei a satisfação de estar com v. ex.ª ahi.

Queira acreditar nos sentimentos de subida consideração e apreço com que sou de v. ex.ª amigo e muito obrigado — *A. R. O. Lopes Branco.*

Maiorca, 3 de julho de 1869.

Meu caro sr. Olympio — Eu vou escrever hoje a respeito dos comboyos, que v. s.ª pretende e com razão. Já hontem fallei d'isso

a um empregado superior do caminho de ferro, mas que não é o director. Hoje escrevo ao sr. Munró.

Eu desejo prestar aos artistas quantos serviços possa e mais aos de Coimbra, que do seu zelo e perseverança estão dando tão notaveis documentos. — Sou de v. s.ª muito attento venerador e amigo —*A. A. Teixeira de Vasconcellos.*

Lisboa, 5 de julho de 1869.

Ill.mo e ex.mo sr. —Visitei a exposição, de que v. ex.ª é dignissimo presidente, e, como não observasse na secção numismatica medalha alguma egual á que possuo, tenho a honra de a offerecer a v. ex.ª, em prova da sympatia que me inspirou o seu cavalheirismo.

É um dos quatro individuos, que hontem perderam os bilhetes dentro da primeira sala da exposição, quem teve esta lembrança. — De v. ex.ª muito attento venerador e obrigado — *João Pedro Correia*, morador em Lisboa, rua da Cruz da Carreira dos Cavallos n.os 36, 38 e 40.

Coimbra, 5 de julho de 1869.

Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, Direcção, N.º 648. — Ill.mo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — Em resposta á carta de v. s.ª, de 28 de junho proximo passado, não posso senão confirmar o conteúdo da minha carta de 22 de junho n.º 621, e sinto ter de informal-o novamente que não podemos por forma alguma prolongar até 6 do corrente o praso fixado para os bilhetes especiaes para Coimbra, nem mudar em cousa alguma o que já se acha estabelecido.

As alterações que nos seria necessario fazer á ultima hora, deveriam antecipadamente ter a approvação do governo, e além d'isso ser-nos-hia impossivel avisar a tempo as estações e o publico.

Esperamos comtudo que o praso fixado será sufficiente para attrair a Coimbra os viajantes, cuja concorrencia é necessaria para a empreza de que v. s.ª é digno presidente.

Receba v. s.ª a certeza da minha estima e consideração. — Pelo director ausente, *Munró.*

Lisboa, 1 de julho de 1869.

Ill.mo sr. — Recebi o obsequioso convite de v. s.ª para o Asylo da infancia; participarei á direcção o seu obsequio, e direi o dia em que ella com os alumnos vão visitar a exposição e receber o favor de v. s.ª

Sou, com respeito, de v. s.ª veneradora e obrigada — *Maria José Forjaz.*

Coimbra, 8 de julho de 1869.

Ill.mo sr. — A portaria, que approvou a nomeação do jury, foi assignada no dia 30 do mez passado, e expedida no dia immediato. Causou-me pois verdadeira surpreza a sua carta de hontem.

Podia, por esquecimento, ter-se retardado a expedição. Indaguei, e soube que effectivamente houvera a suspeitada demora, mas foi no correio geral. Ahi não enviam de officio, senão a correspondencia entre auctoridades. Foi preciso, pois, estampilhar. A esta hora já v. s.ª terá recebido a portaria.

O ministro hesitou, por algum tempo, se devia passar acto official, para a approvação do jury, por não ter caracter official a exposição, que v. s.ª promove.

Resolveu-se a fazel-o por deferencia com os louvaveis esforços de v. s.ª, representante d'essa Associação.

Disponha v. s.ª de quem é, com muita estimação, de v. s.ª amigo affectuoso — *R. de Moraes Soares.*

Lisboa, 10 de julho de 1869.

Associação Artistica Figueirense. — Ill.mo e ex.mo sr. — Coube-me o agradavel dever de accusar recebido o officio de v. ex.ª de 10 do actual, e o *Conimbricense* que o acompanhava, informando-me de eu haver sido nomeado membro do jury classificador da exposição industrial d'este districto, e convidando-me a comparecer na sala da respeitavel Associação dos Artistas d'essa cidade, a fim de se constituir o mesmo jury.

Por não me ter sido possivel fazel-o mais cedo, só hoje venho manifestar o meu reconhecimento pela distincção, com que a benemerita Associação dos Artistas de Coimbra me quiz honrar, reconhecimento que é tão sincero, como fundo é o sentimento, que tenho, de não me consentirem motivos imperiosos, e de todo o ponto justificados, accudir, como me cumpria, ao convite de v. ex.ª, pelo que peço desculpa.

Deus guarde a v. ex.ª — Ill.mo e ex.mo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — *Affonso Ernesto de Barros,* presidente da Associação Artistica Figueirense.

Figueira da Foz, 20 de julho de 1869.

Ill.mo sr. — Recebi a carta de v. s.ª com data de 13 do corrente; e, se ha mais tempo não respondi, é porque era minha intenção vi-

sitar num d'estes ultimos dias a exposição districtal de Coimbra, promovida pela Associação de que v. s.ª é digno presidente; reservando-me para agradecer pessoalmente, por essa occasião, o honroso convite que me fôra dirigido.

O grande numero de negocios importantes e urgentes, a que me tem sido necessario prestar toda a attenção, não me consentiu, porém, por emquanto, realisar similhante desejo, posto que não desista ainda de o fazer, se para isso se me proporcionar occasião opportuna.

Entretanto, creia v. s.ª que sou, com muita consideração, de v. s.ª muito attento venerador e criado — *Sebastião Lopes de Calheiros.*

Amigo e sr. — Não me lembrei da circumstancia de que tinha os moldes pelos quaes o sr. José Bernardes Galinha me fundiu dois centros para a roda hydraulica, vinte cambotas de engrenagem para as abaduras da mesma, e dois carretões para engrenarem nestas, sendo os moldes feitos por direcção minha, e executados pelo meu mestre carpinteiro Manuel Luiz Antunes, da Gandara da Louzã. Julgo que neste districto não haverá uma obra tão grandiosa, tanto em relação ao bem executado de fundição, como pelo serviço que está fazendo nesta fabrica, sendo os ajustamentos dos centros, braços e cambotas, que tudo ficou muito certo, tembem pelo sr. José Bernardes Galinha.

Sou de v. s.ª muito attento venerador — *José Joaquim de Paula.*

Serpins, 23 de julho de 1869.

Illmo e ex.^mo sr. — Tendo recebido ha dias, das mãos do meu antecessor, a carta circular de v. ex.ª em que se dignava convidar-me, na qualidade de presidente da Associação Commercial d'esta villa para comparecer nessa cidade como membro eleito do jury classificador da exposição industrial d'este districto: cumpre-me levar ao conhecimento de v. ex.ª, que se torna de todo o ponto impossivel a minha comparencia nessa cidade em virtude dos meus muitos affazeres, o que devéras sinto, esperando comtudo que a minha falta não seja sensivel para a questão de regularidade, como de certo o não é pela minha incompetencia para tão importante commissão.

Deus guarde a v. ex.ª — Figueira da Foz, 27 de julho de 1869. — Illmo e ex.^mo sr. presidente da Associações dos Artistas de Coimbra. — *Nestorio Dias*, presidente da Associação Commercial.

Illmo sr. — Pode v. s.ª contar com o pequeno serviço, que me pede, para auxiliar a Associação de que v. s.ª é dignissimo presi-

dente; e mandarei abrir a porta do claustro quando v. s.ª, julgando-o opportuno, se dignar fazer-m'o constar, servindo-se designar-me pessoa fiel e competente para auxiliar aquella que eu encarregar da guarda do Sanctuario. — Sou, com particular estima, de v. s.ª muito attento venerador e criado obrigado — *Manuel Cardoso de Figueiredo Nogueira.*

Sua casa, 28 de julho de 1869.

Amigo e sr. — Agradeço a sua carta de hontem. Não posso ir á exposição, que v. s.ª com tanta e tão louvavel dedicação promoveu, porque varias causas me obrigam a estar em Lisboa. Creia que sinto não poder ir, e que por muitas razões sou grato á demonstração, que me dá, de não se ter ainda esquecido de mim. É fineza muito para ser apreciada neste bom tempo que vai correndo.

Disponha de quem é, com particular estima e agradecimento, de v. s.ª amigo obrigado — *Fradesso da Silveira.*

Lisboa, 28 de julho de 1869.

Ex.mo sr. — Previno a v. ex.ª de que, satisfazendo ao seu desejo, mando hoje os orphãos do collegio de S. Caetano visitar a exposição, e que ámanhã irão as meninas.

Em ambos os dias escolhemos a hora das 4 ás 5 da tarde.

Sou, com toda a consideração, de v. ex.ª amigo verdadeiro — *Antonio de Carvalho Coutinho de Vasconcellos.*

Coimbra, 28 de julho de 1869.

Ex.mo sr. — O sr. Mendes Leal deseja ir esta tarde visitar a exposição: pareceu-me dever prevenir a v. ex.ª, porque talvez v. ex.ª quizesse fazer-nos a honra de recebel-o.

Sou, com toda a consideração, de v. ex.ª amigo verdadeiro — *Antonio de Carvalho Coutinho de Vasconcellos.*

Coimbra, 30 de julho de 1869.

Sociedade philarmonica *Boa-União.* — Ill.mo sr. — Tenho a honra de participar a v. s.ª, para os fins convenientes, que a sociedade philarmonica *Boa-União*, a que presido, deliberou ir tocar no domingo proximo, 1 de agosto, das 4 horas da tarde em diante, á exposição, no local que v. s.ª julgar conveniente.

Deus guarde a v. s.ª — Coimbra, 30 de julho de 1869. — Ill.mo sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — O presidente, *Domingos Antonio de Freitas.*

Ill.mo e ex.mo sr. — Sinto não me ter sido possivel ir ver a exposição d'essa cidade, e não fui porque me demorou em Lisboa um incommodo de saude mais tempo que eu pensava.

Felicíto a v. ex.ª pelo successo da sua iniciativa, na qual outros proseguirão, se v. ex.ª não quizer proteger mais outra vez a sua idéa, de tanto progresso e beneficio para essa cidade.

Sou, com muita consideração e estima, de v. ex.ª amigo e muito obrigado — *A. R. O. Lopes Branco.*

Maiorca, 4 de agosto de 1869.

Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, Direcção, N.º 784. — Ill.mo e ex.mo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — Nos jornaes da capital e do Porto, em data de 23 de julho, vem publicada uma correspondencia de v. ex.ª, com referencia á exposição de Coimbra, na qual v. ex.ª julgou a proposito atacar a companhia, accusando-a de retirar o seu apoio a empresas de utilidade publica, favorecendo pelo contrario as corridas de touros, quer no paiz, quer em Badajoz.

Não posso deixar passar em silencio uma accusação, que os factos destróem, como vou ter a honra de provar a v. ex.ª pelo principio seguinte, que domina toda a discussão: as companhias de caminhos de ferro têm sempre em vista augmentar as suas receitas, procurando todos os meios possiveis para conseguir esse resultado.

Pelo que respeita á exposição districtal, a companhia cuidou logo em estabelecer, por occasião das festas de Coimbra, um serviço especial, que proporcionava ao publico o tempo sufficiente para visitar a referida exposição.

Não tendo tido logar a abertura no dia determinado, em consequencia de demora imprevista, sollicitou v. ex.ª a prolongação, até 8 de julho, do praso de validade para os nossos bilhetes especiaes; porem, não foi possivel á ultima hora alterar um serviço já annunciado ao publico, e foi esta impossibilidade que v. ex.ª julgou dever discutir, e que nos valeu o seu ataque indirecto.

Por ultimo, a companhia, *prevendo já de antemão o pouco resultado que tiraria,* consentiu, não obstante, em fazer as despezas de um serviço especial, com o fim de facultar aos viajantes os meios de visitarem a exposição durante os ultimos dias: será isto a falta de vontade, a que v. ex.ª faz allusão?

Os factos vieram confirmar o que previamos, e uma venda de bilhetes especiaes, que durou quatro dias, apenas deu um producto de 200$000 réis; isto é, uma somma muito áquem dos gastos realisados; e ainda assim a companhia perdeu nessa occasião os passa-

geiros ordinarios com destino a Coimbra, que, naturalmente, aproveitaram o abatimento que se offerecia.

Ouso esperar que as explicações que precedem, convencerão v. ex.ª de que a companhia não merecia a censura, que lhe foi feita nos periodicos.

Podiamos ter tambem respondido pelos jornaes, mas julgámos mais acertada uma resposta directa a v. ex.ª

Receba v. ex.ª a certeza da minha estima e consideração.—O director, *E. Goudchaux.*

Lisboa, 10 de agosto de 1869.

Ill.mo sr.—Recebendo o convite, que v. s.ª se servira enviar-me para assistir ao encerramento da exposição districtal, que ultimamente houve em Coimbra, e sendo-me impossivel acceital-o, resolvi todavia logo responder-lhe. Só o faço, porém, agora por falta de tempo. E faço-o, agradecendo-o, agradecendo o excellente discurso, a magnifica poesia da musa do Mondego, e o interessante relatorio, e felicitando de todo o coração o homem incansavel e benemerito, cujos esclarecidos esforços, coroados de tal exito, ficarão memoraveis por muitos titulos.

Aproveito, com muito gosto, a opportunidade para me assignar de v. s.ª muito affectuoso amigo e apreciador—*Mendes Leal.*

Lisboa, 13 de setembro de 1869.

SYNOPSE GERAL DA CORRESPONDENCIA

(Expedida pela presidencia da Associação)

Março 1 — Officio para o governador civil d'este districto, communicando a idéa da exposição districtal.

» 4 — Officio de communicação do mesmo objecto para a juncta geral do districto.

» 5 — Dicto para a Associação Artistica Figueirense, pedindo-lhe a sua cooperação para se realisar a exposição.

» 6 — Sahiu no *Conimbricense* e *Tribuno Popular* o annuncio da exposição districtal.

» 8 — Sahiu no *Paiz* o referido annuncio.

» 9 — Officios para os administradores dos concelhos e presidentes das camaras municipaes do districto, enviando-lhes o annuncio para a exposição publicado nos jornaes.

» » — Começou-se a distribuição das cartas aos industriaes e agricultores, acompanhadas dos annuncios.

» 10 — Começou-se a distribuição dos annuncios aos socios da Associação dos Artistas.

» » — Officio para a Associação Commercial de Coimbra, accusando a recepção do officio d'aquella Associação de 9, e remettendo-lhe 50 exemplares do annuncio; dicto á Associação Commercial da Figueira, pedindo-lhe o seu apoio para a exposição, e enviando-lhe 20 exemplares do annuncio da mesma; cartas com annuncios para os escrivães de fazenda dos concelhos, recebedores e regedores das freguezias d'este districto; dictas e annuncios para a empresa das minas de Buarcos e fabrica de vidros da mesma villa.

» » — Expediram-se 44 cartas a diversos industriaes e agricultores.

» 11 — Expediram-se 117 cartas a diversos industriaes e agricultores.

Março 11 — Recebeu-se um officio da juncta geral do districto, perguntando: quaes as bases ou amplitude da exposição; e se seria possivel adial-a para mais tarde.

» » — Officio em resposta ao anterior, dizendo que a exposição, ainda que local, tinha toda a amplitude; e que em quanto á época, a que estava fixada era de certo a mais opportuna, visto que em tal occasião vêm a Coimbra alguns milhares de pessoas, que de certo não viriam só para a exposição.

» 12 — Expediram-se 56 cartas para industriaes e agricultores.

» » — Enviaram-se cartas aos directores dos correios de Monte-mór-o-velho, Figueira, Condeixa, Louzã, Penella, Táboa, Oliveira do Hospital, Soure, Arganil, Poiares, Avô e Cantanhede.

» 13 — Enviaram-se cartas aos membros das commissões, que mandaram productos á exposição universal de Paris, dos concelhos de Coimbra, Figueira, Louzã, Miranda do Corvo, Táboa, Poiares, Penacova, Penella, Cantanhede, Mira, Soure, Condeixa e Montemór-o-velho.

» » — Enviaram 28 cartas a diversos industriaes e agricultores.

» 15 — Officio á juncta geral d'este districto, agradecendo a verba de 200$000 réis, votada pela mesma juncta como auxilio para as despesas da exposição districtal; agradecendo egualmente a visita da juncta geral ás aulas da Associação no dia 8 do corrente; e pedindo aos procuradores, que ainda não eram socios honorarios da Associação, permittissem que como taes fossem inscriptos.

» 15 — Officio ao administrador d'este concelho, enviando os exemplares da circular por elle mandada imprimir, recommendando aos regedores das freguezias do mesmo concelho que cooperassem para o bom exito da exposição.

» » — Cartas para o conselheiro Moraes Soares, João Chrysostomo Melicio, administrador do concelho de Goes, director technico da companhia edificadora da Figueira da Foz, e Manuel Francisco d'Almeida Maia.

» 16 — Cartas para D. Maria Thereza Joyce, Anselmo Urbano de Sampaio e sua familia.

» 20 — Expediram-se 22 cartas para diversos industriaes e agricultores.

Março 21 — Cartas para o conselheiro Rodrigo Moraes Soares, João Chrysostomo Melicio, administradores dos 16 concelhos do districto, conselheiro Adrião Pereira Forjaz, dr. Antonio de Carvalho Coutinho Vasconcellos, Francisco Maria Henriques de Carvalho, João da Silva Linhaça, Manuel Fernandos Thomaz, Affonso Ernesto de Barros.

» 22 — Expediram-se 42 cartas para diversos industriaes e agricultores.

» 24 — Expediram-se 6 cartas a industriaes.

» 26 — Expediram-se 8 dictas a agricultores.

» 29 — Officio á Associação Commercial de Coimbra, agradecendo a circular expedida pela direcção da mesma Associação a favor da exposição; e pedindo-lhe que faça extensivas as suas solicitações ás pessoas do commercio, além dos seus socios, que tenham commercio de vinhos, ou os preparem para consumo ou exportação.

Abril 1 — Cartas para o conselheiro A. R. O. Lopes Branco e Affonso Ernesto de Barros.

» 7 — Cartas para o escrivão da camara da Pampilhosa e Francisco Paula dos Sanctos.

» 8 — Carta para o conselheiro Rodrigo Moraes Soares.

» 9 — Carta para a Associação Artistica Figueirense.

» 11 — Enviaram-se os avisos impressos para as camaras municipaes dos concelhos d'este districto.

» 13 — Carta ao conselheiro Fradesso da Silveira, e 4 cartas a industriaes e agricultores.

» 15 — Carta ao conselheiro Moraes Soares, conselheiro Fradesso da Silveira, e Associação Artistica Figueirense.

» 16 — Carta para João dos Sanctos Pereira Jardim, e programma para o conselheiro Moraes Soares.

» 17 — Expediram-se 4 cartas a industriaes e agricultores.

» 22 — Officio para a Associação Commercial da Figueira, agradecendo a copia da acta, que enviou; carta a José d'Almeida e Castro.

» 26 — Remetteram-se os exemplares dos programmas para as redacções dos jornaes politicos e outras pessoas.

» 27 — Enviaram-se os programmas para suas magestades e altezas, ministros d'estado, marquez de Sousa Holstein, aos socios honorarios, e outras pessoas.

Maio 1 — Remetteram-se 15 cartas a diversos industriaes e agricultores.

» 7 — Enviaram-se 4 cartas a industriaes e agricultores.

..

Maio 10 — Enviaram-se 3 cartas a industriaes e agricultores.
» 11 — Enviaram-se 6 dictas a dictos.
» 16 — Remetteram-se 50 programmas para a Associação Commercial de Coimbra.
» 19 — Enviaram-se 4 cartas para industriaes.
» 21 — Carta ao visconde de Taveiro e programma.
» 22 — Cartas para os membros da commissão especial da exposição de archeologia, convidando-os para comparecerem na Imprensa da Universidade no dia 23.
» 24 — Mais 11 cartas, renovando a convocação da commissão especial de archeologia.
» 26 — Expediram-se 65 cartas e programmas para a exposição archeologica.
» » — Enviaram-se 50 exemplares do programma para a Associação Commercial de Coimbra.
» 27 — Enviaram-se 38 cartas para a exposição de archeologia.
» 28 — Expediram-se 9 cartas para diversos jornaes com os novos programmas; e 21 cartas para diversos industriaes e agricultores.
» 31 — Cartas e programmas da secção de archeologia para sua magestade el-rei o senhor D. Luiz, sua magestade el-rei o senhor D. Fernando, sua alteza o serenissimo senhor D. Augusto, marquez de Sousa Holstein, marquez de Sá da Bandeira, conselheiro Rodrigo de Moraes Soares, Antonio Maria de Mello, direcção da companhia dos caminhos de ferro, e outras pessoas.
Junho 1 — Cartas ao arcebispo de Gôa, conselheiro A. R. O. Lopes Branco, João de Lemos de Seixas Castello-Branco, Antonio Augusto da Costa Simões, e Fernando de Mello.
» 3 — Enviaram-se 100 guias para as Associações da Figueira e para Buarcos; dictas para as administrações dos diversos concelhos do districto.
» 4 — Mmais 15 remessas de guias e programmas.
» 10 — Officios para as camaras municipaes de todos os concelhos do districto, pedindo-lhes as respectivas bandeiras e brazões.
» 13 — Remessa de programmas de archeologia para as camaras municipaes dos concelhos do districto.
» 18 — Cartazes e annuncios para as dictas; e 4 cartas para industriaes.
» 19 — Cartas, programmas e annuncios para o marquez de Sousa Holstein e companhia dos caminhos de ferro.

Junho 20— Officio para a direcção da companhia dos caminhos de ferro, pedindo a ampliação do praso dos comboyos até 8 de julho; dictos para varias camaras municipaes do districto, repetindo o pedido das bandeiras; cartas para diversas pessoas de Maiorca.

» 26— Cartas para o commendador Baeta Neves, conselheiro Moraes Soares, Borges de Medeiros, Gonsalo Tello de Magalhães Collaço, visconde de Taveiro, João Baptista de Freitas, Francisco de Lemos Ramalho, Mansellos Aragão, e Joaquim Pereira.

» 28— Carta para a juncta de parochia da Sé Nova, pedindo-lhe um sino para ser collocado juncto do relogio, que veio da Figueira da Foz, para dar as horas.

» » — Cartas para o marquez de Sá da Bandeira, ministro do reino, marquez de Sousa Holstein, conselheiro Moraes Soares, e companhia dos caminhos de ferro, renovando o pedido que lhe foi feito.

Julho 2— Cartas convidando todas as auctoridades e diversos funccionarios d'esta cidade, para assistirem á abertura da exposição no dia 2 do mesmo mez.

» 5— Carta a Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos para interceder a favor do pedido, que ia ser feito á companhia dos caminhos de ferro, para haver comboyos a preços reduzidos nos sabbados, domingos e segundas-feiras do presente mez.

» 6— Carta á direcção dos caminhos de ferro no sentido supra; dicta ao conselheiro Rodrigo de Moraes Soares, instando pela confirmação da proposta do jury classificador da exposição industrial.

» 7— Officios ás direcções do Asylo da Infancia desvalida e ao provedor da Sancta Casa da Misericordia, para concederem licença ás crianças d'aquelles pios estabelecimentos para visitarem a exposição industrial e a de archeologia.

» 8— Carta ao secretario geral d'este districto, pedindo-lhe que participasse officialmente ao governo a abertura da exposição, visto parecer que d'esta formalidade dependia a confirmação superior da proposta do jury classificador.

» » — Carta para Brito Aranha, accusando a recepção do sinete da Associação, e perguntando quanto custariam as medalhas para os expositores premiados.

» 9— Carta ao conselheiro Moraes Soares, instando novamente pela confirmação da proposta do jury classificador da exposição.

Julho 9 — Carta pedindo a J. Chr. A'Nell de Medeiros que fosse auxiliar Francisco Lopes Lima de Macedo nos concertos musicaes.

» 10 — Officios aos 19 membros do jury classificador, para reunirem no dia 11, a fim de se constituir, visto ter sido approvado por portaria de 28 de junho ultimo.

» 14 — Cartas aos ministros do reino e das obras publicas, convidando-os novamente a visitar a exposição; e ao director da direcção geral do commercio e agricultura, pedindo-lhe emprestadas algumas maquinas e instrumentos agricolas, para estarem patentes durante a exposição e por occasião da feira de S. Bartholomeu.

» 20 — Carta á direcção do Asylo da Infancia, pedindo-lhe que de novo voltem as crianças do Asylo a visitar a exposição.

» 21 — Cartas a 70 redacções dos jornaes politicos, e pedindo-lhes que insiram a mesma.

» 23 — Cartas a alguns jornaes para repetirem os annuncios, e noticiar os concertos musicaes, etc.

» » — Carta de aviso aos membros do jury classificador da exposição.

» 27 — Carta ao director do collegio de S. Bento, para conceder licença a um dos alumnos do mesmo collegio para ir tocar nos concertos musicaes.

» » — Carta ao prior de Sancta Cruz, para permittir que o Sanctuario do mosteiro esteja aberto ao publico nos ultimos dias da exposição, sendo a entrada pelo Claustro do Silencio.

» » — Carta ao ministro das obras publicas, instando pela sua visita á exposição industrial; e outra ao conselheiro Fradesso da Silveira, perguntando se a Inspecção dos pesos e medidas quereria vender as vazilhas do systema metrico, que emprestou.

» 30 — Carta convidando o conselheiro Mendes Leal para visitar a exposição.

» » — Officio ao commandante do destacamento de infanteria n.º 14, convidando-o e aos demais officiaes para assistirem aos concertos, e offerecendo um jantar ao destacamento do seu commando no dia 31.

» 31 — Enviaram-se 48 cartas, convidando as auctoridades, corporações, e outras pessoas qualificadas d'esta cidade, para assistirem ao encerramento da exposição no dia 1 de agosto.

APRECIAÇÃO DA IMPRENSA PERIODICA

E PARTE NOTICIOSA (a)

Duas idéas proficuas acabam de suscitar-se em Coimbra: uma, a da creação de um mercado de cereaes por parte da Associação Commercial; outra, a de uma exposição agricola e industrial, que a Associação dos Artistas promove para o proximo verão.

São dous excellentes pensamentos, honrosos ambos, um pela illustração de que attesta, o outro pelas largas vantagens e interesses de que póde e deve ser origem.

Cumpre por isso auxiliar a sua realisação, e levar a todos, que nelles podem ser interessados, o convencimento de quanto é necessario concorrer para o seu bom exito.

Coimbra, o seu districto e a sua provincia têm muito que expor com honra e com proveito; a prova devem tel-a adquirido nas exposições do paiz e de fóra d'elle, nas quaes muitos productos da sua agricultura e das suas manufacturas têm recebido menções e premios honrosos. Reune pois todas as condições para realisar uma exposição importante, especialmente na parte agricola, em que toda esta provincia é rica, apesar de atrazada nos processos dos serviços agrarios, e de muitos outros conhecimentos indispensaveis.

Mas, por este lado mesmo a exposição se torna util e conveniente. A ella concorrerão instrumentos e productos, que ensinarão aos mais atrazados e menos instruidos. Acreditar os productos bons, e aprender como se produz melhor e mais harato, é o grande exito d'estes concursos das industrias, ou sejam provinciaes, ou nacionaes ou universaes.

As palhoças, de que usam os nossos camponezes contra a chuva, foram muito consideradas na exposição de Paris, como as mais efficazes e economicas para a sua applicação. Dizei isto ao artista,

(a) As transcripções dos artigos e noticias, que se seguem, são as de que teve conhecimento a presidencia da Associação dos Artistas: porventura outros jornaes dispensariam eguaes favores, que, por ignorados, se não mencionam.

que fez a palhoça, e talvez ainda não acredite, apesar de ser um facto. Mas levae-o á exposição uma ou muitas vezes, e convencer-se-ha de que produz um objecto valioso.

Dentro de Coimbra mesmo ha estabelecimentos fabris e de outras naturezas, ha as suas artes, que têm muito que expor.

A exposição é pois um util commettimento, e principalmente tambem um symptoma da vida, que esta cidade não tem, mas para que, não obstante, a natureza a fadou, tornando-a tão rica de elementos de trabalho e riqueza, como de bellezas e encantos.

A creação do mercado cerealico é um melhoramento justificado por milhares de considerações, de interesse e conveniencias geraes, e particularmente d'esta cidade, á qual falta a actividade e movimento economico e commercial, que produz a riqueza e importancia das povoações.

O estabelecimento do mercado póde e ha de trazer comsigo largas vantagens, porque abre um grande centro de trafico, de negociações e de concorrencia.

A Associação Commercial tomou a iniciativa de um importantissimo serviço, ao qual demais se não oppõem obstaculos de especie alguma, sendo por isso de crer que nenhuns encontre nos poderes a quem compete a sua approvação e estabelecimento.

As occasiões são tudo; e a d'estes dous importantes emprehendimentos não deve deixar-se perder.

Trabalhemos todos por elles, e honra a quem os incita.

— Exposição em Coimbra — Tambem a terceira cidade do reino vai ter, muito proximo, uma exposição districtal de productos artisticos e das industrias fabril e agricola, devida á iniciativa da Associação dos Artistas, que, em virtude do disposto no artigo 155.º dos seus estatutos, tomou tão honrosa e digna deliberação em sessão da assembléa geral do dia 28 de fevereiro ultimo.

É este um commettimento de grande consideração, e do mais subido valor para Coimbra, onde se alimentam alguns importantes ramos da industria. E, sendo certo que quasi todas as artes têm assumido o maior aperfeiçoamento, e se produzem artefactos de muito apreço, accrescendo ainda a fertilidade do seu solo com relação aos productos agricolas, é de suppor que as pessoas em circumstancias de concorrer para a exposição, se não negarão a entrar nesta arrojada e trabalhosa empresa, accedendo assim ao convite que lhes vai ser dirigido pela Associação dos Artistas.

A época não podia ser mais bem escolhida — é ella marcada para a occasião da popular festividade da Rainha Sancta Isabel, padroeira de Coimbra, e a cuja solemnidade religiosa costumam affluir muitos milhares de pessoas de todas as classes e jerarchias, que o mesmo de localidades bem distantes não duvidam presencial-a.

Somos informados de que ha tenção de sollicitar de sua mages-

tade el-rei o sr. D. Luiz a elevada honra e graça especial de se dignar vir pessoalmente abrir a exposição; assim como tambem se projecta fazer egual pedido a el-rei o sr. D. Fernando e a seu augusto filho o sr. infante D. Augusto; o primeiro, protector; e o segundo, presidente honorario da Associação dos Artistas de Coimbra.

Sabemos, por nol-o dizerem, que o sr. presidente da Associação officiára á juncta geral do districto, por intermedio do sr. secretario geral, servindo de governador civil, sollicitando a valiosissima cooperação d'aquella respeitavel corporação; sendo de esperar que seus illustrados membros se dignarão tomar na consideração devida o pedido que acaba de lhes ser feito. Egualmente vai ser sollicitado o importante apoio das illustres camaras municipaes e dignos administradores dos concelhos d'este districto, a fim de se obter que seja o mais lisonjeiro e satisfatorio o resultado da exposição; e sendo assim, como é de crer, estamos convencidos de que aquelles zelosos funccionarios empregarão os esforços possiveis para satisfazer aos desejos da Associação, que tanto empenho mostra pelo desinvolvimento e maximo aperfeiçoamento da industria e das artes.

Ao conselho administrativo da Associação dos Artistas cumpre trabalhar, corajosa e denodadamente, para conseguir a realisação de tão sublime pensamento, constituindo-se, por assim dizer, em sessão permanente até se acharem resolvidas quaesquer difficuldades, que por ventura possam apparecer e servir de obstaculo.

Nunca, como agora, a Associação dos Artistas teve maior ensejo de se elevar á altura que lhe compete e que de ha muito devia ter tomado; nunca, como agora, os associados acharam melhor occasião de mostrar o quanto podem e o quanto valem.

Qual será, pois, o artista, que terá a coragem e a fraqueza de não preparar um objecto qualquer pertencente á sua profissão, deixando assim de se inscrever como expositor?

Qual será o associado, que não terá o orgulho de apresentar alli um trabalho desempenhado por si, embora, depois de concluido, encontre suas mãos calosas, em virtude da assiduidade e esmero que empregou?

Qual será o artista, que, não tendo concorrido á exposição, ao entrar na sala onde estiverem depositados os productos, se não arrependa e envergonhe de não haver imitado os seus irmãos, cujos nomes figuram na lista dos expositores?

Quantos artistas adquirem nome e se tornam conhecidos pelas obras que apresentam nestas festas do trabalho?

A occasião não pode ser melhor; preparae-vos a concorrer á exposição com os vossos productos; e a classe industrial d'este districto terá dado um grande passo no caminho do progresso.

Tribuno Popular, 6 de março.

Associação dos Artistas de Coimbra — Progridem activamente os trabalhos para a exposição districtal. A direcção d'estes está incumbida a uma grande commissão, composta de todos os corpos da Associação, de que foram nomeados adjunctos os socios os srs. José Pereira Junior, Antonio José Gonçalves Neves, Abilio Augusto Martins, Ignacio Simões, Manuel d'Abreu Pinto, Domingos Antonio de Freitas, Joaquim Gonçalves Fino, José Coelho de Oliveira, José Correia dos Santos, José Julio Cesar, Joaquim Alfredo Pessoa, Paulino José Pereira d'Araujo, Possidonio da Silva Alves Brandão e Joaquim Maria Nunes

Os corpos da Associação e todos os socios em geral estão animados do desejo de cooperar para que o seu honroso commettimento se realise com o melhor exito. *Conimbricense,* 9 de março.

É o dia 4 de julho o prefixado para a abertura da exposição de productos industriaes e agricolas em Coimbra, promovida pela Associação dos Artistas, de que é presidente o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da Imprensa da Universidade, e cavalheiro a quem muito devem as classes populares d'aquella cidade.

Jornal do Porto, 10 de março.

Exposição districtal — A juncta geral, em sessão de sexta feira, e sob proposta do procurador por Arganil o sr. Dr. Antonio José Teixeira, votou a verba de 200$000 réis, para ajuda das despezas da exposição, que neste districto projecta levar a effeito a Associação dos Artistas de Coimbra.

Felicitamos esta sociedade, por ter obtido a sua illustrada idéa o valioso apoio de corporação tão distincta.

É de crer que a juncta geral complete o seu nobre procedimento, votando o projecto, de que nos occupamos noutro logar d'esta folha (*a*).

E assim a Associação dos Artistas de Coimbra receberá a justa recompensa dos seus esforços, energia e tenacidade em sustentar a sua utilissima instituição. *Conimbricense,* 13 de março.

A juncta geral votou que pelo cofre districtal se entregassem 200$000 réis á Associação dos Artistas d'esta cidade, como subsidio para o custeamento das despezas com a exposição agricola e industrial, que a mesma Associação intenta fazer em julho proxi-

(*a*) Projecto para um estabelecimento de instrucção secundaria para a classe operaria, intitulado — *Gymnasio dos artistas* — apresentado á juncta geral, pelo dr. Antonio José Teixeira, em 12 de março

mo. Pouco se espera de tal exposição, porque não é por certo o mez de julho a época mais conveniente para se exporem productos agricolas, nem é o espaço que docorre até esse mez, o bastante para se preparar uma exposição digna de Coimbra e da Associação que a promove. *Jornal do Commercio*, 16 de março.

A Associação dos Artistas de Coimbra teve a civilisadora e louvavel idéa de promover uma exposição districtal, e o seu benemerito presidente o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, com aquelle seu tão conhecido zelo por tudo quanto possa aproveitar á industria e honrar os artistas, tem empregado todas as diligencias a fim de que aquella exposição seja brilhante.

A pedido d'aquelle cavalheiro, o sr. conselheiro Moraes Soares, director geral do commercio e industria, prometteu á Associação dos Artistas de Coimbra toda a sua valiosissima coadjuvação, não só official como officiosamente. Foi uma excellente acquisição, a que o sr. Olympio acaba de fazer, porque a Associação lucra immensamente com a protecção do sr. conselheiro Moraes Soares.

Commercio do Porto, 18 de março.

Temos diante de nós uma tão util idéa, que não é perdido todo o tempo que se gasta em insistir nella. Fallamos da exposição districtal, que a Associação dos Artistas premedita e trabalha por effectuar no dia 4 de julho proximo, aproveitando esta occasião em que outros motivos festivaes costumam chamar a Coimbra grande concurso de viajantes procedentes de todo o reino.

Já ouvimos ponderar que não era aquella a quadra mais propria para a exposição, pelo que toca á secção de productos agricolas, porque, não estando então as novas colheitas ainda feitas, poderão ainda faltar alguns generos, ou não poderão concorrer dos mais escolhidos, porque uns estejam exhaustos, outros deteriorados pelo tempo.

D'algum peso parece á primeira vista este inconveniente; mas fica elle completamente resolvido se os expositores destinarem desde já, e guardarem convenientemente, os productos com que tencionarem concorrer á exposição.

O que é preciso é que todas as classes, todos os estabelecimentos e todos os individuos se compenetrem da conveniencia de contribuir para que a exposição seja, como é, uma cousa séria. A benemerita Associação dos Artistas trabalha para esse fim; obteve já da juncta geral do districto o auxilio de 200$000 réis, para despezas, e tambem tem, nem podia deixar de ter, a coadjuvação dos poderes publicos. Hoje, pois, é objecto que passou já para o brio e

pundonor do districto, que por isso deve empregar todo o empenho em que não se fique fazendo uma idéa desfavoravel dos seus elementos de riqueza, que são muitos e que muito lucram em se tornar conhecidos.

Lembremo-nos da importancia que deu á cidade de Braga a exposição districtal, que realisou em 1862, segundo cremos, e da qual aquella municipalidade herdou o seu excellemte passeio do Campo de Sant'Anna.

O anno passado abortou a idéa de fazer uma exposição na villa da Figueira, mas ainda se salvou uma exposição limitada, e bazar de productos artisticos, onde appareceram muitos dignos de consideração. A Figueira tem artes, em que talvez nenhuma povoação do reino a exceda, como por exemplo em tanoaria, entalhe, suppomos que tambem poleame, e, não ha muito ainda, em construcções navaes. Tem a sua mina de carvão, a frabrica de vidros, industria pescatoria, etc.

Alli pois, na tentativa infelizmente gorada da exposição, a que nos referimos, poderá a nossa exposição districtal encontrar um bom contingente, sendo de crer que os cavalheiros, que a promoveram, se não recusem a concorrer para esta.

Lembramos aquelle ponto, pela circumstancia especial da exposição que tentam; mas tambem os concelhos e terras do districto têm que expor, sejam productos da terra ou do trabalho.

A Associação Commercial tambem resolveu auxiliar directamente a exposição; e fez bem, porque á sua classe interessa, mais que a ninguem. O commercio é o intermediario entre o productor e o consumidor; é o que compra a um para vender ao outro, e por tanto lhe interessam estes concursos de todos os productos.

As camaras municipaes e as auctoridades devem contribuir tambem quanto podérem, que podem muito, e melhor lhes virá d'ahi do que de fazerem eleições. *Tribuno Popular*, 20 de março.

A Associação dos Artistas projecta fazer uma exposição districtal, que se deve abrir no dia 4 de julho proximo. Ha commissões nomeadas, e promovem-se os meios de o districto ser condignamente representado. Julga-se porem que não haverá tempo sufficiente para uma empreza de tanta magnitude. Entretanto, e é o que melhor nos parece, a exposição será um ensaio, uma iniciativa para commettimento futuro.

A Associação dos Artistas, que tem á sua frente um nobre caracter, um cavalheiro verdadeiramente devotado ao desenvolvimento da classe operaria, tem feito progressos, caminha na vanguarda da civilisação. O sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, que é o cava-

lheiro a quem nos referimos, é merecedor da estima e consideração publica.

A Associação Commercial offereceu a sua coadjuvação e auxilio á Associação Artistica, o que bem prova os sentimentos que a animam pela realisação da empresa, de que tomou iniciativa a associação operaria.

Desejamos a fraternidade de todas as classes, e anhelamos até que mutuamente emprehendessem commettimentos de publica prosperidade. A classe commercial d'esta cidade tem caracteres distinctos, que podem, querendo, ser muito uteis, e promover desenvolvimentos civilisadores. É necessario que se desenganem que a inercia mata o homem, e definha a sociedade, emquanto que a energia é a vida e a fomentadora do progresso.

Braz Tizana, 23 de Março.

Exposição districtal — Grande numero de industriaes estão animados da melhor vontade de concorrer com os seus productos á exposição districtal, que tenciona levar a effeito a Associação dos Artistas d'esta cidade.

Vai-se creando uma louvavel emulação entre os artistas, e tudo faz esperar que, attendendo aos limitados recursos do districto, serão numerosos os productos expostos.

Não só d'esta cidade, mas das differentes localidades do districto, e em especial da importante villa da Figueira, ha bem fundadas esperanças de que affluirão productos muito variados.

Confiamos que a exposição, que vai ter logar nesta cidade, dará muito credito á industria e á agricultura d'este districto.

Conimbricense, 23 de março.

Exposição — A Associação dos Artistas de Coimbra tem recebido muitas provas de adhesão ao seu nobre pensamento de realisar uma exposição de objectos de arte naquella cidade.

A Associação Commercial da Figueira deliberou, que se accedesse ao convite da Associação dos Artistas de Coimbra, sendo logo nomeada uma commissão de tres membros, para promover a remessa dos productos, solicitando-os não só entre os individuos que fazem parte da referida Associação Commercial, como tambem entre os das classes artisticas.

O sr. intendente de pecuaria do districto de Coimbra vai tambem dirigir circulares aos administradores dos respectivos concelhos, a fim de, por todos os meios ao seu alcance, cooperarem para o bom exito da exposição. *Jornal de Setubal*, 25 de abril.

....Mudando de assumpto, apraz-me registar dois factos importantes para o nosso paiz. São as duas exposições, que se projectam levar a effeito: uma é de sericultura, na cidade do Porto; outra é de productos artisticos e da industria agricola e fabril, na cidade de Coimbra.

A primeira d'estas exposições é devida á iniciativa do governo; a segunda á iniciativa da Associação dos Artistas de Coimbra, de que é digno presidente o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, cavalheiro que tem prestado grandes beneficios ás classes laboriosas d'aquella cidade, e que, na presente occasião, envida todos os seus esforços para que seja coroada do melhor exito a exposição que projecta a referida Associação.

Não tenho a honra de conhecer pessoalmente o sr. Ruy Fernandes; mas os seus serviços em favor dos que mais precisam de protecção, bastam para que eu préze o seu nome e o considere como um dos filhos mais prestantes da nossa patria.

Até hoje, pouco ou nada se tem feito; e eu sinto que isto succeda, porque entendo que da falta de creação de industrias novas está resultando um grande mal ás classes pobres, ás quaes o trabalho escasseia muitas vezes. *Jornal de Setubal*, 17 de abril.

Exposição districtal — O sr. presidente da Associação dos Artistas d'esta cidade recebeu communicação official da Associação Commercial da Figueira, ratificando a noticia, que já inserimos, de que aquella illustrada corporação deliberara coadjuvar a Associação dos Artistas na sua patriotica tentativa, e prestando-se generosamente a tomar á sua conta as despezas com a remessa e retorno dos productos, que por sua intervenção forem enviados á exposição.

Conimbricense, 27 de abril.

Exposição em Coimbra — A tradicional Coimbra, côrte dos nossos reis, padrão glorioso da historia patria, antigo emporio das letras, cidade bella entre as bellas, terra aonde a liberdade e o progresso têm sempre tido culto fervente, vai em breve ajuntar novo florão á sua corôa de princeza, novo titulo de honra aos que lhe engrandecem o nome, e que lhe dão os fóros de terceira cidade do reino. É a benemerita Associação dos Artistas que pretende asselar-lhe o novo titulo, fazendo reunir ahi em congresso os productos das principaes industrias do districto, para que d'esse certamen resultem estimulos aos productores e galardão ás suas fadigas. Temos presente o programma d'esta festa industrial, que se realisará na vasta sala da Associação que a promove, nas suas galerias, no celebre e historico jardim da Manga, e no claustro adjacente. Admit-

tem-se os productos artisticos e das industrias agricola e fabril do districto, comprehendendo: materias primas e suas transformações immediatas; machinas, utensilios e ferramentas; productos manufacturados e processos correlativos; e bellas artes. Serão conferidos diplomas de merito por um jury competente. A exposição abre-se num dos primeiros dias de julho. Os productos começam a receber-se a 15 de junho. Têm entrada franca as auctoridades da cidade e districto, a imprensa em geral, etc. A entrada para o publico até 8 de julho é de 200 réis, e depois 100 réis. Fecharemos esta resenha com as nobres palavras da mesa da illustre Associação promotora, que tornamos nossas: «Será modesta a exposição, mas significativa e até superior á expectativa geral, porque em varios concelhos do districto ha industrias importantes, e alguns de seus artefactos têm attingido grande perfeição; porem de taes productos, uns não têm procura que anime, outros têm extracção quasi ignorada, e até a muitos se negará a devida proveniencia!»

Diario de Noticias, 28 de abril.

Exposição districtal — Num dos primeiros dias do mez de julho realisa-se na sala da Associação dos Artistas de Coimbra uma exposição districtal de todos os productos artisticos e das industrias agricola e fabril do districto administrativo de Coimbra, comprehendendo: materias primas e suas transformações immediatas; machinas, utensilios e ferramentas; productos manufacturados e processos correlativos; e bellas artes.

A Associação é digna de ser imitada neste passo civilisador, que prova cabalmente o afan com que ella se dedica ao desenvolvimento das industrias.

Oxalá todas as associações artisticas se compenetrassem de tão nobres intuitos. *Revolução de Setembro*, 28 de abril.

Exposição districtal — No proximo mez de julho deve ter logar em Coimbra uma exposição districtal, em que serão admittidos productos artisticos e das industrias agricola e fabril do districto. Estes productos comprehendem materias primas e suas transformações immediatas; machinas, utensilios e ferramentas; productos manufacturados e processos correlativos; bellas artes.

Esta exposição, sem duvida de grande alcance para os artistas e industriaes d'aquelle districto, é promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra, da qual é digno presidente o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes. *Commercio do Porto*, 29 de abril.

Ouvimos que alguns amigos das letras envidam ahi esforços para a organisação de uma *Sociedade archeologica*. Oxalá que se lhe não esfrie a vontade neste tentamen tão arduo, como proficuo. Abastam em Coimbra assumptos para lhe desvelarem a attenção e espertarem a diligencia. Que não levantem mão d'este empenho até o realisarem, são os nossos desejos.

— Continuam incessantes os trabalhos para a exposição districtal de julho. Parece que ha idéa de lhe annexarem uma secção retrospectiva, abrangendo trabalhos artisticos e industriaes de antigos tempos. Temos que não destoaria com o plano primitivo esta lembrança, antes faria realçar a exposição aos olhos dos visitantes. Mas são taes e tantos os obstaculos para a realisação d'esta idéa, que não sabemos se os auctores lograrão traduzil-a em factos.

Primeiro de Janeiro, 4 de maio.

Exposição districtal de Coimbra — O sr. Olympio apresentou no dia 20 á commissão da exposição um additamento ao programma para a mesma, ampliando esta com uma nova secção especial de archeologia e de objectos raros, naturaes, artisticos e industriaes, comprehendidos nas divisões seguintes: historia natural, obras scientificas, bellas artes, productos de industria, e variedades.

Sabemos que o sr. Olympio conta com a protecção de pessoas competentissimas para a realisação d'essa sua nova tentativa, e que da parte dos ex.mos visconde de Taveiro e Luiz de Mello, de Soure, já o mesmo sr. recebeu resposta de sua annuencia a prestarem os objectos raros e de estimação, que s. ex.as possuem.

— Bem opportuna era esta occasião, diz o sr. Olympio em carta que hoje nos escreve, para que Coimbra reivindicasse a espada do fundador da monarchia; a escrivaninha que o papa offereceu a D. Frei Bartholomeu dos Martyres, e que serviu no concilio de Trento, e por aquelle doado ao mosteiro de Sancta Cruz; as pinturas em cobre, que ornavam o Sanctuario do mesmo mosteiro; e muitas outras preciosidades, que d'aqui foram levadas para o Porto; e pede-nos que ergamos a nossa voz para que isto se consiga, e que solicitemos da parte da ill.ma camara toda a energia na immediata requisição de taes objectos, energia que se tornará agora mais proficua por estar exercendo as funcções de deputado por este circulo o sr. dr. Raymundo Venancio Rodrigues, presidente da camara municipal d'este concelho, a quem o governo não negaria o justo deferimento d'esta pretenção.

Perfilhamos a idéa do sr. Olympio, e pedimos á illustrada vereação municipal que envide todos os seus esforços para aquelle fim, o que seria a reparação da offensa que se fez a esta terra sub-

trahindo-lhe aquelles objectos, e com o que tão menospresada tem sido até hoje.

— Os trabalhos da exposição progridem auspiciosamente. Ha dois hymnos compostos para aquella festa civilisadora, sendo um pelo socio da Associação dos Artistas, o sr. José Maria Casimiro de Abreu, que o está instrumentando para banda marcial.

Tribuno Popular, 22 de maio.

Coimbra — Está proxima a época na qual o districto de Coimbra vai manifestar o seu grande desenvolvimento de productos artisticos e das industrias agricola e fabril, na exposição districtal, que se ha de abrir no dia 4 do proximo futuro mez de julho nesta cidade.

A este grandioso pensamento muita honra pertence ao dignissimo presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, decidido apostolo das idéas sociaes, porque partíra d'elle a iniciativa para se dar execução ao artigo 155 dos seus estatutos.

Sei, por via certa, que os individuos, que fazem parte da mesa da assembléa geral, conjunctamente com a commissão auxiliar, estão promptos a trabalhar, com todo o desvelo e actividade, para que a exposição seja superior á espectativa geral; e para isso já vão empregando todos os esforços para que o seu programma seja cumprido fielmente, como são os desejos de todos aquelles que fazem votos pela prosperidade d'esta terra. *Nacional,* 23 de maio.

Exposição districtal — Approxima-se a época em que deve começar a recepção dos productos; vai proceder-se á construcção dos mostradores em que hão de ser collocados; e por isso muito convem que os srs. expositores dirijam á presidencia da Associação quaesquer esclarecimentos, para assim se poder calcular qual o espaço que deva occupar cada um dos respectivos productos.

A presidencia da Associação dos Artistas julga superfluo renovar o incitamento dos artistas d'este districto, porque seria offender o seu pundonor; e confiadamente espera que elles comprehenderão o dever, que a todos assiste, de concorrer para que a exposição industrial esteja á altura das forças productivas do districto, e da aptidão dos individuos que nelle exercem as differentes artes e profissões industriaes. *Tribuno Popular,* 28 de maio.

Exposição districtal — Começaram hontem, na sala da Associação dos Artistas, os trabalhos de construcção dos mostradores para os productos, e vão progredir activamente, visto que se approxima

a época em que têm de ser recebidos os objectos enviados á exposição.

Consta-nos que da parte da empreza dos caminhos de ferro se proporcionarão todos os meios para que a exposição seja concorrida de visitantes, havendo para isso comboyos a preços reduzidos, e valiosos por oito dias. *Conimbricense*, 1 de junho.

Exposições de archeologia, industrial e agricola — Comprazno-nos noticiar que ha lisonjeiras esperanças de que esteja surprehendente qualquer d'aquellas exposições, a julgar pela animação que se nota nos artistas, e pela annuencia que tem havido da parte de muitas pessoas, que possuem objectos raros, e que da melhor vontade se prestam a expol-os. Se nos não illudimos em nossa espectativa, veremos alli o que muita gente não esperava.

Conimbricense, 8 de junho.

Parecem-nos dignos de toda a attenção os alvitres que o sr. Olympio, digno presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, enuncía na carta que nos enviou. Na occasião da exposição, em que de certo hão de visitar esta bella terra pessoas de todo o reino, é preciso que Coimbra mostre o que vale e possa ostentar todas as riquezas que tem dentro de seus muros. É ainda preciso que Coimbra se apresente como terra civilisada que é, e que os seus visitantes levem d'aqui gratas recordações e desejos de voltarem novamente. Para isso devemos antes de tudo offerecer-lhes todas as commodidades, e tractal-os com a lhaneza e attenções, que quasi já são proverbiaes nos habitantes da rainha do Mondego.

Coimbra vai inaugurar uma grande festa e mostrar ao paiz que tambem d'aqui parte a iniciativa do progresso. Pois trabalhemos todos para secundar os esforços da nobre Associação dos Artistas, e daremos um documento de civilisação, que o paiz saberá avaliar como merece. *Tribuno Popular*, 5 de junho.

Exposição districtal — Trabalha-se com grande actividade para levar a effeito a idéa do illustre presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, o nosso amigo o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes. Dizem-nos que já ha muitos expositores inscriptos.

Progridem os trabalhos na sala da Associação e jardim da Manga, onde têm de ser expostos os productos.

Consta-nos que se officiára ao sr. ministro das obras publicas, convidando-o para assistir á abertura da exposição, e que a sua magestade el-rei o senhor D. Luiz fôra enviada uma carta com os

nomes dos cavalheiros que compõem o jury classificador, para ser confirmada tal nomeação.

Tambem foram dirigidas cartas ao senhor D. Fernando e ao senhor D. Augusto, expressando o desejo de que sua magestade e alteza venham assistir á abertura da exposição.

A exposição não pode ter melhores auspicios, e estamos certos que ella ha de exceder os bons desejos do iniciador de tão util idéa, coroando os seus trabalhos e fadigas com a gloria immorredoura para o districto de Coimbra e para a primeira das associações do paiz. *Tribuno Popular*, 12 de junho.

Está proxima a abertura da exposição industrial, agricola e archeologica do districto de Coimbra. D'aqui a poucos dias a cidade e o districto virão mostrar neste civilisador amplexo o que valem os productos do seu solo, e as riquezas que estão escondidas pelas mais ricas e bellas povoações d'esta parte da provincia da Beira.

Todos os auspicios são favoraveis a esta grande festa do progresso, e nos levam a crer que a exposição de 1869 marcará uma época gloriosa nos annaes da historia conimbricense, e será a origem de novos e fecundissimos progressos nas artes e na industria d'esta bella cidade e seu districto.

A Associação dos Artistas, não cessaremos de o apregoar, tem a primeira parte neste honroso certame, porque a ella se deve a iniciativa e a realisação de tão famoso projecto, que será abundante de excellentes resultados praticos.

Cremos poder affirmar que a exposição será concorridissima de objectos. Os artistas comprehenderam a importancia de mostrar os recursos da sua habilidade, e de fazer ver ao paiz que os cultivadores da arte tambem nascem em Coimbra. Os industriaes e agricultores tambem secundaram com a melhor vontade a idéa da Associação, e vão expor os mais bellos productos d'este abençoado torrão. A parte archeologica parece-nos poder affirmar que estará soberba. A illustrada commissão tem alcançado objectos, que farão a admiração de quantos os analysarem. Prociosidades magnificas, que pouca gente conhece, deslumbrarão a vista dos visitantes, que as examinarem com olhos de estudo e curiosidade.

Nós temos o maior prazer em dar conta d'estas particularidades, porque ninguem nos excede em desejos de ver a nossa patria prosperar, e occupar o logar que pela sua importancia e riqueza lhe pertence.

O numero dos expositores é muito grande. Já o esperavamos, porque sempre confiámos na illustração e no merecimento das classes artistica e industrial, que pelo seu proprio interesse devem ser as primeiras a auxiliar empresas d'este genero.

• •

Temos pois á porta a exposição districtal. Certamente ella corresponderá aos esforços dos que se têm empenhado para que Coimbra sáia com honra do seu intento.

Os nossos votos e as nossas crenças a este respeito, assim nol-o permittem julgar. *Tribuno Popular,* 10 de junho.

A exposição e os boatos — Temos ouvido a algumas pessoas, que ha quem se abstenha de enviar productos artisticos e industriaes á exposição, por lhes terem dicto que o sr. escrivão de fazenda d'este concelho tenciona tomar nota de todos os expositores para os sobrecarregar com décima.

Custa-nos a crer que isto se espalhe, por ser de uma estupida falsidade; mas é conveniente tambem que ninguem se deixe abalar por boatos sem fundamento e sem criterio.

Não admira, comtudo, que haja quem ignore as vantagens d'estas exposições, e por isso desdenhe concorrer a ellas: mas façam segunda, e verão como os indifferentes e os incrédulos de agora se apressam a concorrer a ella.

Ha quem não acredite senão na rotina; mas, é para a combater e á miseria que d'ella resulta, que a civilisação tem inventado estes meios, pelos quaes se chega á instrucção do espirito, ao aperfeiçoamento do trabalho, e á barata commodidade da vida.

É possivel que aquelles boatos não passem de boatos. Mas assim mesmo é bom combatel-os. *Tribuno Popular,* 26 de junho.

Exposição districtal — Nestes ultimos dias têm chegado e continuam a chegar muitos objectos para a exposição districtal, que promove a Associação dos Artistas; e pelo que vamos vendo parece-nos que o resultado desmentirá completamente as más prophecias dos agourentos. A algumas pessoas, felizmente poucas, aliás instruidas e illustradas, temos ouvido que a exposição dará ao paiz um triste documento do desenvolvimento agricola e industrial d'este districto, sem se lembrarem que, ainda que assim fosse, a exposição seria um incentivo poderoso para melhoramentos futuros. Mas os productos já recebidos são uma prova de que o nosso estado não é tão precario como a esses se affigura.

Este districto tem excellentes artistas, optimas producções e grandes riquezas; mas estavam desconhecidos, mas ninguem sabe d'ellas, e por isso alguns desconfiavam que podessem vir á exposição obras de merito. Mas ellas lá estão, e outras chegarão em breve; e agora os incrédulos e os desconfiados avaliarão por seus proprios olhos o engano que os dominava.

Tambem muita gente julgou a exposição internacional do Porto

uma temeridade louca; e o successo mostrou que estes receios, posto que justificados pelo patriotismo, estavam muito longe de ter fundamento serio. Ora das cousas grandes se tira comparação e similhança para as pequenas. Fazer uma exposição em Coimbra era certamente uma empreza muito arriscada; mas o amor patrio, a iniciativa e a actividade individual haviam de vencer com a sua boa vontade os obstaculos, que sempre apparecem nas primeiras tentativas d'este genero.

E, dizemol-o para honra de quem pertence, a Associação não se tem poupado a esforços e sacrificios para fazer vingar com o melhor exito a sua civilisadora idéa. A Associação desejou apresentar ao paiz os melhores artistas e as mais bellas producções d'este districto; e, pelo que vemos, estamos convencidos que a sua aspiração será convertida em realidade, tanto mais animadora, quanto, segundo cremos, vai além das esperanças nutridas.

Os objectos já recebidos, e os que já temos visto em casa dos expositores, cada vez nos fortificam mais esta opinião.

Já está na sala da exposição um lindo relogio de torre, construido pelo habilissimo artista da Figueira, o sr. José Marques de Mattos. É uma peça perfeitamente acabada, e todas as suas partes são obra de artistas figueirenses. Tambem já lá vimos alguns quadros de madeira em alto relevo, trabalho esmeradissimo do sr. Joaquim Dias da Costa, da Figueira. Este expositor, que já conta 83 annos, ainda pode abrir na madeira bordados magnificos, que são um modelo de elegancia, e revelam uma paciencia aturadissima.

O sr. Vieira Braga, d'esta cidade, apresenta uma borla de doutor. feita com toda a perfeição.

Tambem alli apparecerá o livro dos assentos dos Sanctos Martyres de Marrocos. O mais notavel d'este livro é a encadernação de prata, feita em 1740, e que prova que a arte já nessa época era cultivada por homens de habilidade.

Já vimos uma barra, que tenciona expôr o sr. Antonio Diniz de Carvalho. É toda de ferro forjado, com bonitos ornatos, sobresahindo na frente as armas reaes portuguezas.

O sr. José Lopes Ferreira expõe um orgão, e seu filho Aloysio uma locomotiva a vapor, em ponto pequeno, construida com todos os requisitos que exigem estas machinas.

O sr. Henrique Marques Perdigão manda para a grande festa industrial um presepio de cortica, perfeitamente acabado, e de muito apreço.

Tambem estarão expostas algumas carruagens construidas na fabrica do sr. Manuel José da Costa Soares Junior.

Outras muitas especialidades já ornam o salão da Associação, todas notaveis ou pela perfeição do trabalho, ou pela antiguidade, ou por outro qualquer titulo importante.

A exposição de cereaes e objectos de agricultura, a julgar pelos que se recebem e pelo numero dos expositores inscriptos, deve ser muito boa; e a tudo deve sobresahir a parte archeologica, para a qual hão de vir objectos do maior apreço e importancia.

Para a secção archeologica está designado o salão aonde algum tempo foi a eschola primaria. Na parte superior do claustro do Silencio serão collocadas as flores e outros objectos de industria agricola. O salão principal será reservado para os objectos mais delicados e que não possam estar tão expostos á influencia atmospherica.

Nós temos o maior prazer em communicar estas novas aos leitores, reservando-nos para em occasião opportuna dar desenvolvida noticia de todas as cousas expostas.

Continúa a esperar-se pela vinda do senhor D. Fernando.

Tribuno Popular, 30 de junho.

Exposição districtal — Parece que a industria e as artes se deram as mãos neste districto, para engrandecer e abrilhantar aquella revelação grandiosa do genio e do trabalho. Industriaes e artistas correm, como á porfia, a inscrever-se entre os lidadores d'esta pugna tão sancta como incruenta, e ha ahi já muitos productos a attestar que lhes não falece talento nem coragem. Tudo promette, pois, que esta manifestação da intelligencia e das forças productivas do districto será digna da Associação que a inicía e da cidade que a protege. O dia 2 de julho, que a patenteará ao publico, darnos-ha, esperamol-o, razão cabal.

Primeiro de Janeiro, 1 de julho.

Exposição districtal de Coimbra — Vai abrir-se a exposição districtal das industrias fabril e agricola, de archeologia e de objectos raros.

Desde o apparecimento da idéa saudámol-a, como era do nosso dever, porque sempre nos enthusiasmamos quando se nos depara assumpto, que a si tenha ligado o bom nome e o credito da nossa Coimbra; temos dirigido palavras de louvor e de estimulo aos iniciadores da idéa; temos-nos até associado aos seus trabalhos, sem que com isto lhes queiramos roubar a gloria, que se lhes não pode deixar de conceder, e no que temos sido secundados pela quasi totalidade dos nossos collegas da imprensa periodica.

D'este modo incitámos os que haviam tomado sobre seus hombros tão ardua e difficil empreza, para que não esfriassem nos seus esforços, e não fosse incerto o bom exito da tentativa.

Do que ahi vai apparecer, hão de mais tarde provir fecundos resultados economicos para o districto de Coimbra, ao passo que

desde já se reconhece que se professam nelle as artes e officios, e alguns com esmero.

Num ponto essencial differe a exposição de Coimbra das demais exposições, e vem a ser — que se contrariou aqui a opinião dos que pensam que emprezas taes não podem, sejam quaes os esforços praticados, ostentar toda a magnificencia, fulgor e galas, sem a cooperação official dos governos.

A Associação dos Artistas nãs incommodou o governo, e em seu cofre não se vasaram os cofres geraes da nação.

A abertura da exposição não terá o apparato, que a actos taes dão a presença de altas personagens: se lhe faltar, em parte, esse numeroso funccionalismo official, que parece indispensavel em similhantes occasiões, não descerá por isso a exposição do seu valor, o que com tanto lidar conseguiram os mais dedicados membros da Associação dos Artistas. Em compensação, lá se verão representadas as corporações municipaes do districto, aquellas que mais directamente podem e devem cooperar para a regeneração moral e material do nosso paiz, e a seu par estarão, sem duvida, as maiores illustrações d'esta terra. *Conimbricense,* 3 de julho.

I

Coimbra, 1 de julho — ....A exposição districtal devia abrir ás nove horas da manhã de 2, mas foi transferida por causa da chegada de muitos productos á ultima hora. Não é cumtudo muito concorrida de productos industriaes; mas os poucos que alli figuram são outros tantos titulos de gloria para o districto, e provam a rara habilidade artistica dos productores. A commissão promotora, e especialmente o sr. Olympio, incançavel presidente da illustre Associação dos Artistas, têm-se visto como que abandonados d'aquelles a quem, como a todos, ou mais que a muito, interessava o maximo esplendor do primeiro d'esses certamens que patenteiam os talentos, e lhes criam estimulos uteis, desentranham muitos thesouros do trabalho manual e intellectual, desafiam a concorrencia, promovem o desenvolvimento dos diversos ramos da actividade, e provam, emfim, o gráu de civilisação e progresso das localidades. A exposição será por isso honra dos que a ella concorrem; desdouro dos que, por indolencia ou por desprezo, não acudiram ao chamamento. A fraternisação do trabalho é uma das mais sagradas conquistas da liberdade. Estas reluctancias hão de acabar. Celebra-se ámanhã ás nove horas da manhã a abertura d'este modesto congresso. Irei e contarei.

II

Coimbra, 2 — ....Continuam a affluir productos á exposição. A agricultura, e especialmente a viticultura, a sciencia archeologica,

a marcenaria, a latoaria, a relojoaria, a sapateria, e outras artes e industrias, estão alli lisongeiramente representadas. Dizem aqui que o *rei artista*, cuja estatua está presidindo a este certamen, vem assistir á abertura, indo depois ao Bussaco. Veremos.

III

Coimbra, 3 — Está aberto o templo em que se presta culto ao trabalho. É uma vasta sala, abobadada, onde outr'ora reboára a voz melancolica dos religiosos de profissão erguendo canticos de louvor a Deus, e em que hoje se escuta outro hymno, que lhe não será menos grato, por sancto e respeitoso — o do progresso. No centro de immenso quadrado circumdado por espaçosas galerias lateraes se eleva um extensissimo aparador sobre o qual, bem como infileirados no chão ou vestindo as paredes, se acham dispostos os diversos productos da industria fabril do districto. O objecto que logo á entrada attrae as vistas do visitante, é um magnifico *relojo para torre* funccionando dentro de uma machineta de vidro, provisoriamente, com sinos de horas e quartos. É uma formosa machina trabalhando com a maior suavidade, e deixando ver nas compassadas oscillações do pendulo a regularidade de suas funcções. — Pois fazem-se relojos em Portugal? perguntam admirados alguns concorrentes. — Fazem-se relojos de torre, de extrema perfeição, e summa barateza; mas, apesar d'isso, mandam-se vir de fóra para os estabelecimentos publicos, sem vantagem alguma para o estado, e em detrimento da industria nacional, que renegados filhos tanto amesquinham com pasmo dos estrangeiros. — E que terra se honra com tal industria? — A villa da Figueira. Ahi, o sr. José Marques de Mattos, artista emprehendedor e estudioso, aprendeu sem mestre a fabrical-os, educando officiaes seus para o coadjuvarem, e desde 1855 até hoje tem produzido 30 de diversos tamanhos e feitios, não havendo feito mais, porque de certo muita gente ignora que Portugal possue tão notavel e importante estabelecimento. O presente relojo avalia-o o fabricante em 300$000 réis. As machinas da sonaria podem mover pesos de 6 a 8 kilogrammas. Em quanto contemplamos embevecidos este primoroso artefacto ferem-nos os ouvidos os sons de um *orgão!* Olhámos, e um se nos depara feito em Coimbra. Outra surpresa. É tosco; foi feito para estudo, mas outros tem o auctor produzido mais acabados. É elle o sr. José Lopes Ferreira, artista de rara habilidade. Cá em baixo, juncto ao estrado em que o relojo descança, outro primoroso artefacto chama a nossa attenção. É uma locomotiva a vapor de baixa pressão, de um metro de comprimento, prompta a funccionar, e que tem marcado o preço de 400$000 réis. É toda de bronze, cobre, zinco e chumbo. Fabricou-a um mancebo de 18 annos, o sr. Aloysio Lopes Ferreira. Correndo a vista por todos os objectos expostos

vê-se que abunda em intelligentes aptidões o districto, entrando nellas em logar distincto o sexo bello, que expõe diversas obras de costura, tecido, desenho e bordado a diversos fios e por varios methodos, revelando os thesouros de paciencia e o vivo engenho das productoras. Se houveramos de catalogar quanto se acha distribuido pela sala teriamos de requerer, não as columnas de um jornal, mas um volume *in folio*, que o leitor não toleraria por esses haverem passado de moda. Faço apenas resenha das cousas que mais me captivaram o espirito ou por seu merito extraordinario, ou por sua utilidade real, e verdadeira importancia industrial, sem que a falta de menção signifique menos consideração ou recusa de louvor ao muito que aqui ha que o merece. Em vistosa montra expõe a industria de sapateiro os seus primores. O sr. Ervideira, artista conimbricense, fabricou alguns bellissimos pares de botas da mais rara perfeição. Tres de polimento e relevos ponteados para el-rei D. Luiz, D. Fernando e duque de Coimbra, dois de botas de montar que não invejam as melhores do estrangeiro, e um gracioso par de sapatos de setim bordados a oiro para o principe real. Saudamos no apurado gosto, e cuidoso acabamento d'estes trabalhos, bem como em outros productos do mesmo officio que estão expostos, os progressos d'esta industria no districto, onde ella allia a todas as condições a baratesa.

São dignos de menção os trabalhos de latoaria (funileiro), que se acham expostos, com especialidade os acharoados. Dois oratorios de folha de flandres, em fórma de templo, executados segundo os preceitos architectonicos, com columnas de ordem composita e cupulas de relevo, tão perfeitas que similham prata, são objecto de geraes louvores. As industrias de camas de ferro, bahuleiro e corrieiro, alfaiate, polieiro, colxoeiro, torneiro e serralheiro exhibem exemplares que as honram e exaltam os seus aperfeiçoamentos. Uma fechadura de aço e bronze, de complicado segredo, solidez e belleza, que o auctor, o sr. Antonio Moya, avalia em 1:000$000 réis, é trabalho *sui generis*. A marcenaria e a arte de entalhador e embutidor estão adiantadas no districto Figuram aqui alguns moveis bellisimos, e especialmente umas bancas de jogo feitas de diversas madeiras, obra do melhor gosto e acabamento, e uma mesa de bilhar exposta pelo sr. Fino, que não inveja o melhor que no genero se faz em Lisboa.

Em louça ha aqui trabalhos excellentes. Uma nova fabrica de lanificios, a do sr. Bibiano & Irmão, de Castanheira de Pera, expõe casimiras e picotilhos de bonitos padrões, e tecido muito tochado. Pareceram-me os preços de algumas amostras mais elevados que os de outras fabricas. Mas esta está em começo, e não poderá ainda baratear os seus productos a ponto de competir com as fabricas antigas. Todavia, ha de fazer-lhes vantajosa concorrencia.

Coimbra, 4 —....Tive de me alongar com a exposição. É preciso prestar homenagem aos que trabalham para escarmento dos mandriões, e louvar as obras uteis para vergonha e castigo dos maldizentes inuteis.

IV

Coimbra, 5 —....Ha excellentes amostras de massas de farinha de diversas qualidades, muito bem fabricadas. Estão expostos tres trens feitos numa fabrica da Sophia, muito solidos, elegantes, e acabados. Entre a infinita variedade de objectos de curiosidade que ornam a exposição devo mencionar os quadros de baixo relevo em madeira de buxo, allusivos á historia do cerco do Porto, feitos por um veterano da liberdade, residente na Figueira, e que aos 83 annos de idade possue um buril vigorosissimo e uma vista tão activa que o dirige na execução dos mais phantasiosos relevos. Não devemos subir á sala de archeologia, nem percorrer o claustro da exposição agricola, sem mencionar uma commoda e uma mesa de tomar chá na cama, douradas e acharoadas ao gosto chinez por um artista que residiu na Asia, e cuja habilidade racionalmente aproveitada produziria prodigios. A secção agricola é muito circumscripta. Não obstante offerece amostras de excellentes vinhos, azeites e vinagres, licor, aguardentes e geropigas fabricados pelos mais adiantados processos, e justamente apreciados. Muitos são preparados para exportação, e adquirem lá fóra rasoaveis preços. Ha tambem algumas collecções de legumes e cereaes, em que o districto é riquissimo, e que provam a uberdade do solo, e o genio agricola que aqui inspira os proprietarios na direcção das culturas.

A direcção das obras do Mondego expõe um precioso herbarium de plantas do choupal e das mattas. Estão aqui amostras de lindas madeiras, plantas formosissimas, bellas ortaliças, alguns marmores dignos de exploração, amostras de terrenos, cimentos, e calcareos de optimas qualidades, carvão de pedra e alguns outros mineraes, formando uma pequena secção de industria extractiva, etc., etc. Vê-se que ha uma grande actividade nos diversos ramos de trabalho industrial, e que se acompanham de perto os progressos que mais adiantados povos inauguram. Muitos dos objectos das duas exposições têm encontrado compradores, que se dão por bem pagos de os haverem adquirido.

V

Volvamos á secção archeologica.

É elevada missão da archeologia a reconstrucção da historia da civilisação antiga, a revelação dos costumes e usos dos povos que passaram. Por isso essa sciencia é com justiça uma das que mais predilectamente captivam o espirito dos estudiosos. Um quadro, uma estatua, uma medalha, um manuscripto, uma inscripção, são outros tantos capitulos de historia universal nas mãos de um ar-

cheologo. Á methodica exhibição das antiguidades mais raras do districto, pertencentes a esta provincia da sciencia, dedicou com razão especiaes cuidados a commissão promotora da exposição conimbricense de que vimos fazendo brevissimo retrospecto. Ha com effeito alli verdadeiras preciosidades. Pena foi que o adiamento da abertura não désse logar a que os visitantes de fóra apreciassem mais detidamente tantas raridades. Alli avultam as riquissimas pratas da Sé de Coimbra, enthesouradas pelos jesuitas, algumas de lavores primorosos, devidos ao buril dos Benevenutos, e taças e objectos de diversos usos sagrados e profanos, e de muita raridade, imagens, quadros, manuscriptos, algumas collecções numismaticas, entre as quaes sobresae a de dinheiro das familias dos imperadores romanos, celtibero, gothico e portuguez, do sr. Ayres de Campos, encontradas em diversas escavações no districto, uma lapide funeraria, uma inscripção gothica, um monumento funebre com a imagem da Virgem, algumas edições dos primitivos tempos da typographia em Portugal, padrões de pesos e medidas do seculo XV, uma antiga planta da cidade, um capelo do seculo anterior, vasos sagrados de muita originalidade, candieiros antigos, foraes authographos, productos da industria dos subditos pretos das possessões portuguezas de Africa, dois pratos do serviço de Sancta Theresa, alguns colletes e gibões do seculo XVII, etc., etc. Não devemos esquecer o interessante annexo em que se acha a riquissima collecção de coleópteros de Portugal, a unica do seu genero no paiz, devida ao trabalho e paciencia do sr. dr. Manuel Paulino de Oliveira, e em que ha exemplares bellissimos.

A presente exposição foi um inicio, uma experiencia, que, mau grado aos attritos oppostos á sua realisação, surtiu como se deprehende o mais lisongeiro resultado. Oxalá que os desgostos de que se viram cercados os iniciadores, lhes não sejam desanimo para emprehenderem de futuro um novo e mais desenvolvido certamen. Sirvam-lhes de estimulo os sinceros e enthusiasticos emboras dos homens de boa vontade, e lembrem-se de que a maledicencia é a companhia inseparavel de todo o honrado esfôrço, a inveja das almas ruins o açoute, e o galardão do verdadeiro merito, e que toda a corôa de gloria tem espinhos, que rasgam a pelle, mas honram o nome, e exaltam a consciencia.

Diario de Noticias, 3, 4, 6, 7 e 8 de julho.

Abriu-se effectivamente, no sabbado, a exposição do districto de Coimbra. Assistiram a este acto as auctoridades administrativas, a camara municipal, e muitos outros cavalheiros.

O digno presidente da Associação dos Artistas, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, leu por essa occasião um curto relatorio

dos trabalhos da exposição, terminando por agradecer ás pessoas, que por qualquer fórma haviam contribuido para se realisar este commettimento civilisador.

Principiou logo a affluencia de visitantes, a qual da mesma forma continuou hontem. Vimos alli numerosas pessoas das mais competentes e illustradas, que todas ficavam admiradas do que examinavam. A linguagem uniformemente empregada, era que a exposição excede muito tudo quanto haviam imaginado.

Muito folgamos que assim aconteça, e que todos com razão bemdigam esta tentativa. Foi na verdade grande arrojo o fazer uma exposição em um districto em que as artes não têm o desenvolvimento que ha no Porto e Lisboa; mas por isso mesmo, mais merecimento tem o bom resultado.

O trabalho e a boa vontade tudo vence. Foi devido a isso que se levou a effeito, com feliz exito, a primeira exposição industrial, agricola e archeologica, que tem havido no districto de Coimbra.

Bem hajam os artistas, os lavradores, e em geral todos os amadores das nossas cousas, que attenderam aos convites que lhes foram feitos, para virem tomar parte nesta festa do trabalho.

O exemplo está dado; e o caminho fica aberto. Se a actual exposição excedeu toda a espectativa, um dia virá em que ella se repita; e então, não tendo já de se desfazer tantos attritos, e de vencer tantas difficuldades como agora, será ainda muito mais explendido o resultado.

Como ensaio foi altamente lisonjeiro o que ahi se vê, e a approvação geral deve compensar das fadigas, que tiverem as pessoas, que lançaram hombros a esta ardua empresa.

Conimbricense, 6 de julho.

Exposição em Coimbra — Abriu-se no sabbado a exposição districtal de Coimbra, promovida pela Associação dos Artistas d'aquella cidade.

Pelas dez horas e meia do referido dia, achando-se reunidos na sala da Associação dos Artistas varias auctoridades, funccionarios publicos e grande numero de outras pessoas, o digno presidente d'aquella Associação, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, leu o seguinte discurso (*a*).

A exposição, segundo d'alli nos communicam, se não offerece todo o deslumbrante aspecto dos grandes torneios industriaes, é comtudo, como exposição districtal, muito digna de ser vista, e honra sobremodo tanto os expositores do districto que a ella con-

(*a*) Está a pag. 11.

correram, como a Associação dos Artistas pela nobre e, bem pode dizer-se, arrojada iniciativa que tomou em tal commettimento.

Grande parte do honroso galardão, merecido por aquella, cabe sem duvida ao seu digno presidente o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, que incansavelmente trabalhou para a realisação de um facto, que ennobrece a terra onde tem logar. Nestes seus esforços, se soffreu contrariedades, que são para sentir, obteve a cooperação efficaz de muitos e sinceros amantes do progresso, cooperação que deu em resultado o que se patenteia na sala da Associação dos Artistas de Coimbra.

Bem merecem, pois, todos de que se consignem com muito louvor os seus esforços; e nós, fazendo-o, desejamos egualmente que da exposição resulte ás industrias do districto de Coimbra as vantagens que estes combates incruentos costumam produzir.

Commercio do Porto, 6 de julho.

A exposição d'esta cidade excedeu a espectativa dos que confiavam nella, surprehendeu o grande numero dos que não conheciam as industrias do districto, e desmentiu completa e triumphantemente os que desdenhavam a tentativa, e até lhe oppunham os obstaculos indirectos da sua indifferença e falta de coadjuvação.

Felicitemos-nos por isso. O bom exito d'este commettimento não é um simples titulo de orgulho para um ou outro individuo: representa um progresso, um passo adiantado na civilisação do districto, que a todos interessa, porque reverte em utilidade de todos.

É geral o conceito, de quem tem visitado a exposição, que ella excede muito quanto se esperava. Na secção manufactureira e fabril figuram muitos productos notaveis pela perfeição e barateza, que só por si fariam a honra da exposição, e demonstrariam a sua grande utilidade, pois que a muitos dos proprios visitantes conterraneos fizeram novidade.

Na parte agricola contém collecções e exemplares muito valiosos, do que ha já, como naquella, compras e procuras importantes; e na archeologica é por ventura a mais rica e curiosa, que se tem feito no paiz. Figuram alli objectos que já estiveram nas exposições de Paris e Londres, e outros como naquellas não appareceram ainda.

Taes são, por exemplo, algumas alfaias da Sé Cathedral, que pela sua antiguidade e riqueza são de valor incalculavel.

Contém outras secções, que poderiam apparecer honrosamente em concursos de mais largas pretenções.

A iniciativa particular, desajudada da protecção official, e dispondo de poucos recursos e de pouco tempo, não podia conseguir mais.

Ainda concorrem todos os dias novos productos. O estimulo, a

impressão agradavel que tem produzido a exposição em todos que a têm visitado, e a nota de — vendido — que em muitos productos se vê, e que mostra a vantagem d'estes bazares do trabalho, decide a irem mostrar os fructos das suas fadigas e da sua intelligencia muitos expositores, que andavam arredados pela indifferença e alguns tambem pela maldade.

Damos aqui apenas idéa geral do exito d'este auspicioso emprehendimento; não faltaremos tambem com a nota mais circumstanciada dos productos e objectos expostos.

Tem sido numeroso o numero dos visitantes, e espera-se que o caminho de ferro dê d'aqui em diante viagens a preços reduzidos para a exposição, o que é justo, pois facilitará a viagem a muita gente, que de certo desejará visitar e conhecer este especimen importante da civilisação e progresso do paiz.

Por não sabermos andamos muitas vezes a procurar longe, ou nos estabelecimentos estrangeiros, productos que temos ao pé da porta eguaes áquelles.

Os resultados maravilhosos da associação e da liberdade manifestam-se alli incontestaveis e brilhantes.

Visitem pois a exposição, que ella é digna d'isso; e quem a visita uma vez sente o desejo e a necessidade de a visitar muitas mais.

Tribuno Popular, 7 de julho.

Tem continuado a ser lisonjeiramente apreciada por todos os visitantes a exposição districtal de Coimbra. Muitas pessoas ficam surprehendidas com o que vêem, mostrando que ignoravam completamente que se fabricavam já, e tão bem, certos productos neste districto.

Os expositores lucram muito em que os seus artefactos sejam examinados pelo publico, e que se fique fazendo um juizo seguro da sua importancia, perfeição e barateza relativa.

A prova evidente de que os objectos expostos têm agradado, é o grande numero de compras que se tem effectuado. Não só se têm vendido os productos expostos, mas varios artistas têm recebido muitas encommendas. Eis ahi já uma vantagem da exposição.

Tambem está acontecendo o que em tempo previ'ramos. Alguns artistas, apesar de todas as instancias, recusaram-se a expor os objectos das suas industrias, uns por indolencia, e outros por descrença no bom resultado da exposição. Agora esses artistas mostram-se muito arrependidos do seu procedimento, e têm grande desejo de ainda o remediar. Se tornar a haver em Coimbra outra exposição, estamos convencidos de que já ninguem se recusará a expor os objectos do seu fabrico.

Os esforços de poucos produziram os maravilhosos resultados,

que ahi observamos! De nada valeram as invejas e os despeitos de uns, os obstaculos e intrigas de outros, para que a exposição se ostente pela forma que a vemos! O que faria, se todos fossem aconselhados pelo bom senso, e se os exemplos salutares partissem de quem devêra, em logar de se alimenter a descrença e a desanimação! Venceram-se, porem, todas as difficuldades, desfizeram-se todas as contrariedades, prescindiu-se de todos os apparatos, passou-se até sem musica, mas a idéa triumphou em todo o seu esplendor, sem que os iniciadores se prendessem a frivolidades. E fizeram bem.

Com quanto não desejemos mostrar preferencias entre tantos e tão bem feitos objectos expostos, seria uma flagrante injustiça não especialisar os artistas da villa da Figueira.

Na verdade, tudo quanto veio d'aquella villa revela da parte dos artistas, seus manufactores, um notavel bom gosto. Os expositores da Figueira fazem neste certame da industria uma figura brilhante.

Temos toda a satisfação em aqui o declarar; e nisso não somos mais do que os interpretes da opinião geral.

Conimbricense, 10 de julho.

Exposição districtal — A exposição districtal excedeu todas as esperanças dos que conheciam as contrariedades contra que havia a luctar, e os obstaculos a vencer; e, se grande é a gloria que resulta aos propugnadores de tão nobre idéa e áquelles que mais ou menos concorreram para a levar a effeito, maior deve ser o remorso para os que se deixaram adormecer no caminho do trabalho, e para os que procuraram de muitos modos obstar á realisação d'esta festa civilisadora.

Hoje os que mais clamaram contra a idéa, os auruspices e os prophetas confessam que foram infelizes nas suas adivinhações, e que a exposição chegou aonde nunca era licito esperar.

Muitos artistas estão já arrependidos de não terem concorrido a este certame industrial, porque agora vêem que as obras expostas são analysadas e compradas pelos visitantes, e que os manufactores recebem os elogios que merece a perfeição do seu trabalho.

Podem pois cantar victoria os iniciadores da festa artistica, que os seus esforços foram coroados do mais feliz e animador resultado.

Se houve ociosos e praguentos, que se entretinham em ridicularisar e em desfazer, tambem houve, e muitos mais, trabalhadores que se esmeraram em apresentar objectos que fossem a traducção fiel da perfeição em que as artes se acham nesta cidade e districto.

Honra pois aos que souberam comprehender a importancia da exposição, e cooperaram para tão lisongeiro exito.

— Para a secção archeologica da exposição foram hoje enviados

alguns ricos objectos pelo sr. Francisco de Lemos Ramalho; entre elles um *rewolver* antiquissimo, de quatro tiros; o que mostra que não é moderna a invenção d'estas armas.

Tribuno Popular, 10 de julho.

A exposição districtal abriu-se no sabbado pelas dez horas da manhã. O infatigavel presidente da Associação dos Artistas, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, inaugurou esta festa do trabalho, lendo um substancioso discurso, que foi publicado com muita honra para o auctor, por alguns jornaes da localidade. Estranhou-se que o sr. secretario geral, servindo de governador civil, não tivesse meia duzia de palavras de animação e louvor para dirigir aos artistas expositores. E o mesmo foi abrirem-se as portas do grande salão dos artistas, que regosijarem-se todos os que têm fé na nossa actividade industrial com a vista surprehendente de excellentes productos artisticos.

É que mesmo para aquelles, que rasteavam na exposição alguma cousa de serio e grave, para esses mesmos, os resultados sobrelevaram muito as esperanças. É honrosissima para o districto de Coimbra a secção da industria fabril; auspiciosa e muito para contentar a secção agricola; pregoeiro do bom gosto e pericia artistica dos antigos portuguezes, e do trabalho e curiosidade dos de hoje, a de archeologia e de objectos raros, naturaes, artisticos e industriaes.

Notam-se na primeira os trabalhos de folha de flandres, expostos pelo sr. Manuel Teixeira da Cunha, e os oratorios feitos da mesma materia pelo sr. Antonio Gomes Tinoco Junior.

São perfeitamente acabados os quadros abertos em madeira, representando as linhas do Porto, e onde ninguem adivinharia um buril, manejado pelo pulso ainda firmissimo de um octogenario, o sr. Joaquim Dias da Costa. Encantam os bellos trabalhos de agulha feitos no collegio das Ursulinas; prende a attenção uma locomotiva a vapor, de média pressão, com um metro de comprimento, e fabricada por um artista, o sr. Aloysio Lopes Ferreira, que ainda não conta 18 annos completos, e é muito para ver-se a perfeição com que o sr. José Marques de Mattos fabricou um excellente relogio para torre, de quartos e horas.

É primorosissima a fechadura apresentada pelo sr. Antonio Moya, e avaliada por este artista num conto de réis; são dignos de muito louvor os trabalhos ceramicos das fabricas dos srs. José Julio Cesar e Joaquim Alfredo Pessoa; e merecem sincero elogio quasi todos os productos que representam a industria de alfaiate e sapateiro.

Na secção agricola temos por mui apreciavel a collecção ampelographica das vinhas da Bairrada, exposta pelo sr. dr. Antonino

José Rodrigues Vidal, e de inquestionavel valor as amostras de plantas existentes no Choupal, e nas mattas de Remolhas e Gerias, apresentadas pela direcção das obras publicas do Mondego.

Fôra imperdoavel esquecimento deslembrar nesta secção os productos exhibidos pelo sr. Wenceslau Martins de Carvalho, e os que mostra o sr. Antonio Rodrigues Pinto.

É porem a secção archeologica a que mais leva após si vontades e tenções dos que a visitam. Nesta, os primores da esculptura pleiteiam entre si rivalidades. A pixide de 1152, os calices lavrados no seculo XVI, um gomil e bacia de prata, a cruz d'este metal e a de azeviche, tudo pertenças da Sé de Coimbra, attestam que houve aqui um tempo em que as artes não tiveram que invejar a estranhos..

A pintura tambem ahi se acha bem representada. Quatro quadros pintados em madeira dão a lembrar a eschola chamada de Grão Vasco ou de Vizeu, e alguns outros revelam a excellencia dos pinceis que os traçaram.

A historia natural do districto figura dignamente por uma formosa collecção de coleopteros e outra de lepidopteros (borboletas), pertencentes ao sr. dr. Manuel Paulino de Oliveira, por 47 ninhos com os ovos e respectivas aves, dos arredores de Coimbra, e não sei quantos reptís das proximidades da cidade. Estas duas bonitas collecções devem-se ao sr. José Maria Rosa de Carvalho, nome já conhecido por todos os que tractam sciencias naturaes dentro e fóra do paiz.

Falece-nos porem o tempo e o espaço para dizermos de outras muitas cousas que o pedem e merecem em todas as secções da exposição.

Será quando se nos deparar ensejo favoravel, e estivermos mais feriados de trabalhos. *Primeiro de Janeiro*, 10 de julho.

No domingo foi visitada a exposição districtal de Coimbra por por um numeroso concurso de pessoas de todas as classes. A exposição cahiu no agrado do publico, e na verdade ella é bem digna d'isso.

O magnifico salão da Associação dos Artistas, onde se acha a exposição dos productos da industria fabril, offerece uma vista surprehendente. A casa já por si é magestosa; mas, reunindo-se-lhe o grande numero de objectos expostos, torna-se um quadro encantador. Sobre tudo á noute, a abundante illuminação a gaz, faz realçar o aspecto da casa; e só vendo-se, se pode ajuizar do quadro que se gosa.

Do salão sáem os visitantes para o pittoresco jardim da Manga, que só por si é um lindo passeio. D'alli sobem para a parte supe-

rior do claustro do Silencio, uma das maiores preciosidades que em architectura ha no reino. Alli se vê a exposição agricola; e ainda parte da industrial, que não coube no salão da Associação dos Artistas.

Em communicação immediata com o claustro estão os dois grandes salões, pertencentes á camara municipal, e que em tempo serviram de bibliotheca dos conegos regrantes de Sancta Cruz. Está nessas vastas casas a exposição archeologica e de objectos raros. Todas as pessoas que alli entram ficam admiradas da riqueza e bom gosto do que observam.

Os productos em todas as tres secções, em que se divide a exposição, são já tantos, que, por mais ligeiro que se queira fazer o seu exame, reconhece-se logo que não pode ser feito de uma só vez, e que é necessario voltar de novo á exposição. É o que grande numero de pessoas tem praticado; achando de cada vez, que vão alli, novos objectos que chamam a sua attenção.

A remessa de productos tem sempre continuado, tendo-se da melhor vontade recebido tudo, apesar de já virem um pouco fóra de tempo; e, com quanto as casas da exposição sejam muito vastas, já é necessario ir encurtando o espaço que havia entre cada um dos objectos expostos.

No sabbado foi a exposição visitada pelos alumnos do Asylo da infancia desvalida d'esta cidade; e brevemente se espera que tambem seja visitada pelos alumnos dos collegios dos orphãos da Sancta Casa da Misericordia, e pelos discipulos das aulas da Associação dos Artistas. Bom é que a infancia tome parte nesta festa da industria, e vá adquirindo gosto pelas artes.

Tambem é de esperar que a resolução tomada pela direcção da companhia dos caminhos de ferro, de reduzir o preço do transporte ás pessoas que quizerem vir ver a exposição, desde 29 do corrente até 2 do mez proximo, faça com que aqui venham muitas pessoas da capital e de outros pontos do reino.

De certo não virão aqui encontrar maravilhas; mas o que asseguramos, e que todos hão de reconhecer, é que, attendendo aos limitados recursos do districto, e a ser esta a primeira tentativa d'este genero, que se faz nesta localidade, não era possivel fazer mais, e que até não esperavamos tanto. Pelo menos é isso o que até agora têm confessado todos os que têm visitado a exposição.

— No domingo á noute teve logar a primeira reunião do jury classificador da exposição districtal de Coimbra, no salão principal da secção archeologica.

Presidiu o sr. secretario geral, servindo de governador civil.

Foram nomeados secretarios os srs. dr. Antonio dos Sanctos Vieira, e Candido Celestino Xavier Cordeiro, engenheiro districtal.

Foi encarregado do relatorio geral da exposição o sr. dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles.

Em seguida dividiu-se o jury em tres secções.

Ficaram pertencendo á secção de industria fabril os srs. chefe da divisão das obras publicas, engenheiro districtal, presidente da Associação Commercial da Figueira, presidente da Associação Artistica Figueirense, presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, dr. Albino Augusto Giraldes, dr. Philippe do Quental, dr. Luiz Adelino da Rocha Dantas, e Francisco Antonio de Miranda.

Á secção agricola ficaram pertencendo os srs. visconde de Taveiro, intendente de pecuaria, presidente da Camara municipal de Coimbra, presidente da Associação Commercial de Coimbra, dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho, e Abilio Roque de Sá Barreto.

E a secção de archeologia e objectos raros ficou composta dos srs. dr. Antonio dos Sanctos Viegas, dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, e Luiz Augusto Pereira Bastos.

Depois de alguma discussão, o jury decidiu que houvesse quatro classes de premios, sendo as tres primeiras, medalhas de cobre, do mesmo metal prateado, e dourado; e a ultima constando de menções honrosas. *Conimbricense*, 13 de julho.

Exposição districtal — Hontem foi a exposição districtal visitada por s. ex.ª reverendissima o sr. arcebispo de Gôa, primaz do Oriente, que se acha nesta cidade hospedado em casa do sr. Diogo Barata de Lima Tovar.

S. ex.ª foi acompanhado na sua visita pelo seu secretario, pelo sr. Diogo Barata, pelo sr. Olympio e por algumas outras pessoas. O sr. arcebispo demorou-se na exposição durante duas horas, examinando tudo com a maior curiosidade, e mostrando-se summamente agradado de que Coimbra, a terra das suas melhores recordações, prestasse tão brilhante preito ao progresso e á civilisação.

Antes de sahir s. ex.ª cumprimentou o sr. presidente e os socios presentes pelo excellente resultado da exposição, dispensando-lhes as expressões mais affectuosas e animadoras.

Á entrada e sahida recebeu s. ex.ª as honras militares de uma força militar que estava postada á porta, e repicaram os sinos de Sancta Cruz. *Tribuno Popular*, 14 de julho.

I

Exposição industrial e archeologica de Coimbra — Entre todos os pensamentos mais fecundos em bons resultados para a industria, sobresahem as exposições. Ellas são uma recompensa para o artista

habil, um estimulo para o mediocre; o artista, certo de que os seus productos têm um logar onde sejam admirados, e onde soffrerão o parallelo com as obras dos collegas, apura-se; não se contenta com o bom, procura o optimo; era habil, torna-se perfeito. A exposição torna-o conhecido, e busca-lhe a freguezia. O louvor do publico é a alma do artista.

É por isso que em toda a parte se procura realisar este interessante e civilisador pensamento. Coimbra não podia fugir á corrente: todos o sentiam; mas ha sempre certo receio ante a realisação de uma idéa nova. Somos naturalmente propensos a amesquinhar o que é nosso, e suppomol-o inferior.

A idéa de uma exposição em Coimbra affigurava-se a muitos irrealisavel, a outros ridicula: grande coragem teve pois o primeiro que ousou tornar a exposição uma cousa real. A classe artistica devia muito, muitissimo ao sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, hoje a divida é muito maior, é impagavel.

S. s.ª é o homem que em Coimbra mais tem feito pelo artista; e com que sacrificios, com que desgostos! Mas s. s.ª é superior a tudo: concebeu um pensamento, ha de realisal-o. A exposição é sua obra, mais que de ninguem; e ainda bem que ella justifica s. s.ª que teve fé nos expositores, e confiou que viriam ao templo da industria prestar homenagem ao progresso.

Comprehende a exposição tres secções: a industrial, a agricola e a archeologica; e se esta ultima prende mais a attenção dos visitantes pela collecção de objectos de arte e curiosidades que contém, não a merecem menos as outras, especialmente tomando em consideração o curto espaço de tempo que tiveram os industriaes e agricultores para se prepararem e ser dignamente representados.

Nós sentimos que seja tão limitado o tempo que nos sobeja de nossas obrigações, que não nos tenha permittido fazer muitas visitas ás salas da exposição; será isto talvez causa de omittirmos algum objecto digno de louvor.

II.

A secção industrial, apesar de não ser extensa, tem muito que ver, e é uma prova evidente de que entre nós os artistas não são menos admiraveis do que os estrangeiros.

Logo á entrada da sala chama a attenção um relogio de torre, exposto pelo sr. José Marques de Mattos, artista já premiado na exposição industrial portuense de 1861.

O seu estabelecimento é na Figueira da Foz e nelle occupa tres officiaes e um aprendiz. Desde 1855 tem o sr. Mattos construido 30 relogios de torre. Este é avaliado em 300$000 réis.

— O sr. Antonio Maria Gomes Tinoco, de Coimbra, expoz duas peças de folha de Flandres, que têm excitado a admiração de quantos as vêem: são dois oratorios, tão bem trabalhados e de tão bom

effeito, que mais parecem de prata, que de lata. É a perfeição no genero.

É obra bem acabada, e digna de figurar em uma exposição.

— Proximo do relogio está uma locomotivasinha, obra do sr. Aloysio Lopes Ferreira, moço de 18 annos, filho do sr. José Lopes Ferreira.

É uma obra de curiosidade, boa para uma aula de physica, e que o seu auctor reputa em 400$000 réis.

— A industria de funileiro está bem representada pelo sr. Manuel Teixeira da Cunha, com loja na rua do Visconde da Luz.

O sr. Teixeira expõe varios productos da sua arte, dignos de attenção. É um artista habil, e que tem sempre na sua loja objectos não menos bem acabados do que os expostos.

— De marcenaria ha bastantes expositores, cujas obras bem deixam ver o esmero com que entre nós se trabalha.

Citaremos de Coimbra os srs. Joaquim de Carvalho Porto, com estabelecimento na rua de Quebra-Costas; José Coelho das Neves e Oliveira, com estabelecimento no largo da Sé Velha; Antonio dos Santos Gomes Freire, da rua das Cosinhas; Antonio Maria dos Santos; Joaquim Gonçalves Fino; e Luiz Francisco Neves, morador aos Grillos. *Paiz*, 16 e 20 de julho.

A exposição districtal continúa a merecer as attenções e os elogios dos que se interessam pelo adiantamento das industrias e pelo progresso das classes laboriosas. Os obstaculos, que lhe oppozeram os invejosos, os praguentos e aquelles que deviam ser os primeiros, pela sua posição social, a favorecel-a e animal-a, não poderam deter no seu intento os promovedores da grande festa.

Hoje ahi está a exposição a desmentir eloquentemente os agoiros dos prophetasinhos, e a responder ás catilinarias furibundas, que ainda se ouvem como expressão do despeito que se apoderou de certo numero de individuos.

Realmente a inveja róe-os, porque nunca imaginaram que a exposição poderia chegar aonde a elevaram os esforços reunidos de muitos homens prestantes.

Mas que querem. Como certos individuos não poderam obstar á realisação da excellente idéa da Associação dos Artistas, e vêem que as pessoas sensatas lhes voltam as costas e se riem das suas baforadas de eloquencia pedantesca, *inde irae*.

Pois, senhores, que desacreditaes a exposição e bramaes contra ella no excesso do vosso furor, de certo ainda não passastes no edificio aonde ella apresenta as suas maravilhas. Vangloriaes-vos de patriotas, gabaes-vos de exceder a todos no amor pela terra da vossa patria; mas vós, que assim discursaes, ou ainda não entrastes no

templo do trabalho, ou a má fé vos obscurece as idéas. Em ambos os casos commetteis um peccado grave e feio, de que não podeis ser absolvidos.

Depois d'estes, ha muitos individuos que por indolencia ou por outro motivo, que não sabemos explicar, ainda não foram admirar a exposição districtal. Sentimos dizel-o, mas a verdade primeiro que tudo. Coimbra é uma terra essencialmente rotineira; pois apesar da exiguidade do preço e de ser uma festa nova, apenas ainda visitaram a exposição 2:800 pessoas.

E depois, se nos disserem que nós somos indolentes pelo trabalho, que não nos queremos acostumar a ser grandes pelo commercio e pela industria, doêmos-nos; e todavia, porque não vai toda a Coimbra examinar os producros expostos no grande salão da Associação dos Artistas? Porque é que muitos homens, illustres pela sciencia, notaveis pelo talento, como que se dedignam de entrar na modesta sala dos expositores?

É uma vergonha, que os filhos d'esta terra sejam os primeiros a deprimir as emprezas da sua actividade, principalmente quando a critica é immerecida e injusta, e revela um espirito pouco apreciador dos sentimentos nobres.

Mas embora! Quem examinar a exposição, imparcial e desapaixonadamente, ha de confessar que excedeu todas as esperanças, e faz honra, e muita honra, ao districto e principalmente a Coimbra. E isto nos basta. Os clamores dos zoilos são vozes lançadas ao vento.

Pela nossa parte não cessaremos de louvar e elogiar com toda a satisfação aos que concorreram, mais ou menos directamente, para que se realisasse a exposição districtal em Coimbra.

Tribuno Popular, 17 de julho.

No domingo ultimo aconteceu o mesmo, que no domingo antecedente. Foi muito grande o concurso de pessas a visitar a exposição districtal. Muitas pessoas já alli têm ido quatro e cinco vezes, e sempre acham que examinar.

A exposição já tem sido visitada por muitos cavalheiros de Lisboa e Porto, attrahidos pela fama que este certame industrial tem adquerido.

No domingo de manhã occuparam-se os membros encarregados da secção agricola da exposição, na analyse dos vinhos; e hoje continuaram no mesmo trabalho. Este exame tem sido feito com o maior rigor, porque o jury quer ser muito cauteloso nas provas. Tambem se está já a proceder, no laboratorio chimico, á analyse chimica dos vinagres e azeites. Essa parte do trabalho acha-se imcumbida a pessoa competentissima.

Na exposição agricola são muito variados os vinhos, vinagres,

aguardentes, azeites e licores; de modo que o jury tem larga base para fazer a sua apreciação.

Tem continuado a affluir productos á secção industrial; e ainda esta semana se esperam muitos outros. Por esta fórma, quem foi no principio ver a exposição, e agora lá volta, encontra-a muito differente do que a viu. A parte industrial da exposição tem melhorado consideravelmente. Ha alli muito que ver e examinar.

A companhia real dos caminhos de ferro já annunciou os comboyos a preços reduzidos, para as pessoas que queiram visitar a exposição.

— Exposição districtal — Sabemos que na proxima quinta feira, no fim da tarde, vão alli tocar, por obsequio á Associação dos Artistas, os srs. Medeiros e Macedo.

É mais um attractivo para todos que apreciam o merito artistico de cada um d'aquelles cavalheiros. *Conimbricense*, 20 de julho.

Exposição districtal — No domingo foi extraordinaria a concorrencia de povo de todas as classes a visitar a exposição districtal. Os salões estiveram continuamente cheios; e notava-se que os nossos artistas observavam com a maior curiosidade os objectos expostos, e principalmente os que pertencem ás suas respectivas artes. Isto é mais um symptoma de que a exposição vai marcar uma época gloriosa na historia do aperfeiçoamento da industria conimbricense.

O certo é que não só já têm sido vendidos muitos dos objectos expostos, alguns a pessoas de fóra de Coimbra, mas tambem os expositores têm recebido encommendas para serem satisfeitas o mais breve possivel. É esta uma das grandes vantagens das exposições: dar a conhecer ao publico os artistas e os seus trabalhos.

— Têm continuado a affluir muitos productos; quasi todos os dias chegam objectos de merecimento, de sorte que só esta semana é que a exposição fica completa.

O salão de industria apresenta uma perspectiva formosissima; e faz gosto ver que Coimbra não estava tão atrazada nos diversos ramos industriaes, como a muitos se affigurava.

Vemos alli excellentes amostras de cousas que até agora tinhamos o pessimo gosto de importar, quando aqui, em parte, as temos melhores e mais baratas.

— Ámanhã, proximo da noite, os srs. Medeiros e Macedo, vão á Associação desempenhar algumas escolhidas peças de musica na rebeca e piano. O distincto merito dos dois professores, e as bellezas da exposição, hão de certamente alli attrahir numerosissima concorrencia.

— Principiou já a prova dos vinhos, para o que a respectiva commissão tem tido frequentes reuniões.

— Entre muitas pessoas illustres, que têm visitado a nossa exposição, conta-se uma das glorias das letras patrias, o sr. A. F. de Castilho, que lá esteve no sabbado, acompanhado por seu irmão o sr. José Feliciano de Castilho. S. ex.as partiram de Coimbra na segunda feira. *Tribuno Popular*, 21 de julho.

Coimbra — Já chegou a portaria approvando a lista dos membros do jury classificador do merito dos expositores. E o mesmo foi chegar, que reunir-se o mesmo jury no salão da exposição archeologica, para entender no melhor meio de realisar a sua tarefa. Presidiu-o o sr. secretario geral, e foram escolhidos para secretarios os srs. dr. Antonio dos Santos Viegas e Candido Celestino Xavier Cordeiro. O relatorio geral. que deve ser elaborado em face dos relatorios parciaes das diversas secções, foi incumbido ao sr. dr. Vieira de Meirelles. O jury repartiu-se em tres secções.

Os premios, que hão de distribuir-se aos expositores, abrangem quatro classes — menção honrosa, medalha de cobre, de cobre prateada e de cobre dourada.

Para mais de tres mil pessoas têm até hoje visitado a exposição. Extremam-se nellas um principe da igreja, o sr. arcebispo de Goa, e um principe da litteratura patria, o mavioso poeta o sr. A. F. de Castilho.

Ninguem dirá que tal concorrencia é convidativa de iguaes emprehendimentos noutras terras do paiz.

E ha alli que ver e que aprender; porque, se os productos de algumas industrias não destoam da vulgaridade, outros se nos deparam a evidenciar-lhe os progressos.

A mais das que enumerámos na precedente correspondencia, são dignas de elogio, na *secção industrial*, as obras de serralheria e fundição do sr. José Bernardes Galinha, as de marceneria do sr. Joaquim Gonçalves Fino, e as de polearia do sr. Julio Braz de Lemos, da Figueira da Foz.

Tambem nas de celleiro se reconhece o aperfeiçoamento; e merecem louvor quasi todas a de tecedeira.

Tornam-se notaveis, pela sua barateza, os sabonetes da fabrica de Poiares e os chailes fabricados em Castanheira de Pera e expostos pelo sr. Antonio Alves Bibiano & Irmão.

Os dois phaetontes e americanas fabricados pelo sr. Manuel José da Costa Soares Junior, acreditam a industria conimbricense. E não fecharemos esta secção sem lembrarmos honrosamente, como merecem, as obras de tamanqueiro e cordoeiro.

— Na *secção agricola* ha excellentes e numerosas amostras de vinagre, azeite e vinhos. As cerealiferas não envergonham, e de batatas ha excellentes typos. Tambem alli está o plano d'uma casa,

em via de edificação na Figueira, em que a cantaria é substituida pelo cimento de Alcobaça. Se o tempo sanccionar as vantagens d'este, a construcção de um edificio tornar-se-ha relativamente baratissima.

— A *secção archeologica* é a que principalmente captiva a attenção dos visitantes. E em verdade merece-o, porque ha alli muita cousa boa e rara. De livros encontram-se as primeiras edições das publicadas em Coimbra, e outros em sanscrit e chinez, a *Geographia Blaviana*, a *Galeria de gravuras de assumptos biblicos*, etc., etc., o Breviario que serviu ao celebre bispo D. Miguel da Annunciação, durante o seu longo captiveiro, e onde se lêem, escriptas com pó de tijolo solvido em agua, muitas reflexões do desditoso sigillista.

É interessantissima a grande collecção de gravuras em cobre; admiraveis todos os trabalhos photographicos. Da ceramica do Oriente apresentam-se bellos e curiosos exemplares. A numismatica representa-se por uma apreciavel collecção de medalhas romanas, celtiberas e portuguezas, achadas no districto.

E os pratos que a tradição diz terem pertencido ás infantas D. Sancha e D. Thereza, que estiveram no convento de Lorvão, um rewolver antigo, o sinete da inquisição de Coimbra, a espada, que se suppõe ter pertencido a um dos conjurados de 1640, uma rede de arame e ferro, que usava nas batalhas o celebre auctor do *Viriato tragico*, as armas de Portugal em vidro colorido, e uma cabeça d'um imperador romano, são, entre muitas outras cousas, dignas de especial recommendação.

E pomos ponto. *Primeiro de Janeiro*, 21 de julho.

Exposição Districtal — Recebemos do sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes uma carta, que em seguida publicamos, com referencia á exposição industrial, agricola, fabril e archeologica, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra, de que s. s.ª é digno presidente.

Promettemos satisfazer ao pedido que nella nos faz e agradecemos o seu delicado convite.

Eis a carta (*a*). *Nacional*, 23 de julho.

Recebemos do sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, por iniciativa da qual foi levada a effeito a exposição industrial e de archeologia, que se acha

(*a*) Está publicada a pag. 37 e 38.

aberta naquella cidade, a seguinte circular, relativa á mesma exposição,

Satisfazemos, do melhor grado, os desejos do illustre signatario da circular, cujos esforços tanto concorreram para a realisação e esplendor da exposição industrial de Coimbra, dando-lhe a publicidade que nos é pedida,

Eis a circular que nos foi enviada (*a*).

Commercio do Porto, 23 de julho.

A camara municipal de Coimbra acaba de lançar no livro das suas actas um voto de louvor, honrosissimo para as pessoas a quem é dirigido.

A exposição districtal, que ahi se vê actualmente, é na verdade um commettimento grandioso, e que, se se não visse realisado, não se acreditaria. Muitas pessoas achavam temeraria a tentativa, receando que, em logar de um resultado lisonjeiro, se visse apenas uma ridicula exposição de insignificantes productos do districto.

Não aconteceu, felizmente, assim. O patriotismo e o amor do trabalho ainda não estão de todo extinctos entre nós; e por isso, com o impulso dado aos esforços individuaes, resultou uma exposição surprehendente e que a todos tem maravilhado.

A camara municipal d'esta cidade, tornou-se, portanto, ecco da opinião geral, manifestando solemnemente os maiores louvores á Associação dos Artistas de Coimbra e ao seu digno presidente, e em geral a todas as pessoas, que contribuiram para um facto, de que hão de provir vantajosos resultados para esta cidade, e que concorrerá para lhe dar a importancia, que por todos os titulos lhe é devida.

É por isso, que com a maior satisfação damos o principal logar neste jornal, aos seguintes valiosos documentos (*b*).

Conimbricense, 24 de julho.

Exposição districtal — Recebemos do sr. Olympio, presidente da Associação dos Artistas, a seguinte carta (*c*).

Sentimos discordar um pouco da opinião do nosso digno amigo. A imprensa periodica do paiz, na sua grande maioria, tem ligado pouca importancia á exposição districtal! A politica, esta maldita e mesquinha politica, que traz os animos agitados e sempre arredios das grandes questões economicas e industriaes, que nos possam in-

(*a*) Está publicada a pag. 37 e 38.
(*b*) Estão publicados a pag. 27.
(*c*) Está publicada a pag. 37 e 38.

teressar sob qualquer fórma, de tal sorte absorve os cuidados do jornalismo, que raro é encontrar-se uma voz, que destôe algum tanto dos assumptos *obrigados*.

Nós lamentâmos que assim aconteça, e tanto mais quanto convinha que se soubesse nos paizes estrangeiros, para honra de Coimbra e do nosso paiz, que ha aqui uma exposição só nossa, e que as industrias do districto se apresentaram demonstrando um gráu de perfeição, que não era licito esperar.

Pela nossa parte temos feito o que podemos; e continuaremos na nossa tarefa, em quanto a exposição estiver aberta ao publico.

— A concorrencia de visitantes á exposição augmenta todos os dias.

Na quarta feira, apesar de ser dia de trabalho, frequentava os salões uma concorrencia numerosa de pessoas, entre as quaes muitas das mais gradas da nossa terra. Tambem já têm concorrido muitas pessoas dos logares proximos, e tambem de Lisboa e Porto.

— Para a secção archeologica chegaram algumas amostras da louça chineza e peças de charão, pertencentes ao sr. arcebispo de Gôa. São de uma perfeição admiravel, e cremos que o melhor que se pode ver nestes generos.

— Para a secção industrial ainda nesta semana se receberam importantes productos e manufacturas, que cada vez tornam mais grandiosa a perspectiva do salão.

Muitas pessoas já alli têm voltado differentes vezes, e sempre acham que ver e admirar. *Tribuno Popular*, 24 de julho.

Do sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, dignissimo presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, recebemos a carta que nos apressamos a publicar em seguida (*a*).

Nas secções competentes gostosamente satisfazemos ao que na mesma se nos pede.

Cumpre-nos agradecer, muito profundamente reconhecidos, o convite honroso, que nos faz o mesmo digno presidente em nome da Associação, para visitarmos aquella festa do trabalho, para o que nos sobeja desejo, e com mágoa deixaremos de ir, se isso for incompativel com outros deveres que temos a cumprir.

Pelas informações, que temos recebido, podemos dizer aqui, e fazemol-o com o maior jubilo, que a exposição honra quem a promoveu, sendo assim coroados de glorioso exito os louvaveis esforços para isso empregados. *Campeão das Provincias*, 24 de julho.

(*a*) Está publicada a pag. 37 e 38.

Cada vez mais se augmenta o interesse do publico pela exposição districtal de Coimbra. A concorrencia é sempre muito grande, e ultimamente, com a approximação do termo da exposição, tem augmentado muito o numero dos visitantes.

No domingo ultimo excederam a 700 as pessoas que foram ver a exposição districtal. Os salões da exposição offereciam uma bonita vista com a affluencia de visitantes.

Á noite houve musica no grande salão da Associação dos Artistas, onde está a secção da industria. Os srs. Francisco Lopes Lima de Macedo e Manuel Messias Mendes Fragoso, tocaram alternadamente piano e orgão harmonico; o sr. José Christiano A'Nell de Medeiros tocou rebeca; e o sr D. Lucio Dias tocou rabecão. Todos são bem conhecidos pela sua pericia artistica, e por isso escusado será dizer que tocaram com todo o primor e com geral applauso dos numerosos visitantes.

Consta-nos que na quinta feira, sexta. sabbado e domingo, á noite, haverá egualmente musica no mesmo salão. Alem d'isso, na quinta feira, teremos o gosto de ouvir alli cantar o filho do sr. D. Lucio Dias.

Terá assim o publico, por um preço diminutissimo, occasião de ver a exposição e de gozar da boa musica.

Aproveitem-se, por isso, todos do pouco tempo que resta; porque tarde virá o ensejo de um tão variado passatempo.

Conimbricense, 27 de julho.

Exposição districtal — Desde a abertura da exposição, ainda não houve dia de tanta concorrencia de povo a visital-a, como no domingo; estavam perto de 800 pessoas. Isto quer dizer que toda a gente se vai convencendo de que é um dever de patriotismo e uma prova de progresso e civilisação admirar os productos das artes, que aqui já têm tão numerosos e habeis cultivadores.

Á noite o salão principal estava explendido, com a sua excellente illuminação e com o grande numero de senhoras e cavalheiros, que o adornavam.

— O encerramento da exposição districtal é no proximo domingo, 1 de agosto. Quem ainda não viu aproveite-se, em quanto ha tempo:

— Os jurys das differentes secções continuam nos seus trabalhos para a classificação dos objectos. Por em quanto nada ainda foi resolvido definitivamente. *Tribuno Popular*, 28 de julho.

Exposição em Coimbra — Continúa a ser bastante concorrida a exposição industrial e archeologica de Coimbra.

Segundo d'alli nos escrevem, desde o dia 29 do corrente até 1 de agosto, em que se fecha a exposição, haverá concertos musicaes na sala da Associação dos Artistas.

Durante aquelle praso é que a companhia dos caminhos de ferro, como os leitores já estão informados, estabeleceu comboyos a preços reduzidos.

Isto deve por certo contribuir para que de todas as partes afflua maior numero de visitantes á exposição, a qual todos são concordes em affirmar que está muito digna de ver-se.

Commercio do Porto, 28 de julho.

Exposição districtal de Coimbra — Coimbra, 29 de julho de 1869 — Os grandes e fecundos commettimentos devem registar-se com jubilo, assim como os nomes dos individuos propugnadores de iniciativas grandiosas e fomentadoras, os quaes não trepidam nem vacillam para o conseguimento de um fim util á patria, e que é mais um passo ávante na senda do progresso e da civilisação.

Por mais que se esforcem, por mais embaraços que façam surgir os menos propensos ao desenvolvimento moral e material dos povos, os adeptos da eschola, que têm por principio o estacionamento, jámais o conseguirão; a civilisação caminha: PROGREDIOR é o moto do nosso seculo

Ainda que lentamente, Coimbra, que tem sido victima dos despeitos e caprichos politicos de muitos dos seus filhos, que estão em posição de lhe dar impulso e de a fazer realçar, para que se não diga que ella é uma outra Necropole, tem, não obstante, estes ultimos annos, dispertado da sua habitual lethargia, e, graças aos evangelisadores do espirito da associação, e aos apostolos fervorosos dos bons principios sociaes, tambem, com alegria para uns, e espanto para outros, exclamou: PROGREDIOR!

É a palavra, que em si consubstancía idéas grandiosas, e que, no sentido complexo, exprime o incessante lidar da humanidade, cujo escopo é alcançar a sua maxima perfeição, sahiu dos filhos do trabalho, dimanou do seio de uma associação artistica, que tem á sua frente um homem inteiramente devotado ao desenvolvimento das classes trabalhadoras, ao derramamento da instrucção e do progresso, e que é um genio, um apostolo, um crente das idéas sociaes.

É que o progredir, o caminhar, o ir ávante, é a lei immutavel da humanidade, que, se hoje tem quem lhe embargue o passo, avança ámanhã e caminha sempre: é como a liberdade, que quando lhe interrompem os vôos, quando lhe supitam as aspirações, adianta-se depois com mais denodo e audacia, com mais energia e coragem...

Coimbra de hoje não é Coimbra de outr'ora.

Fez, é verdade, sacrificios pela independencia da patria, e, depois da cidade invicta, foi ella sempre prompta a secundar os movimentos, que tinham por fim sustentar e garantir os foros e immunidades populares; e soube combater quando da palavra magica — liberdade — se queria fazer um mytho, uma irrisão. No campo da batalha estiveram muitos de seus filhos, que com denodo e convicções profundas souberam manter-se onde o brio e a coragem os chamava.

Coimbra, illustre pelas suas gloriosas tradições, e que é o alcaçar das letras, não é menos notavel pelo porte de seus filhos no campo de Marte.

Mas depois, entregou-se a contemplar os livros de Minerva, recostou-se sobre as corôas de oliveira, e entretinha-se a meditar nos gloriosos feitos em que tinha tomado parte, sem se lembrar que o passado vai esquecendo, que o presente é passageiro, e que o futuro... o futuro pertence a novas gerações, que têm idéas differentes, e aspirações civilisadoras, que cedo ou tarde se hão de realisar.

Coimbra não podia deixar de permanecer vexada por ter tomado a iniciativa num commettimento fecundo... Era progressista, mas não dava um passo... era partidaria da civilisação, mas dormia no mais profundo quietismo... Resurgiu, porem, agora; levantou o estandarte do progresso!

Coimbra de hoje não é Coimbra de outr'ora. Parabens, conimbricenses! parabens!...

Da Associação dos Artistas nasceu a idéa de fazer uma exposição districtal, que deveria comprehender productos industriaes, fabris e agricolas, e de bellas-artes, havendo uma secção archeologica de objectos raros, etc.

A idéa era grande, grandiosa; porém a sua consecução pareceu arrojada a uns, e impossivel a outros, porque só havia tres mezes para a realisação de um commettimento, que seria de muita ufania para esta cidade e districto se désse bom resultado, mas redundaria em descredito se não correspondesse, e se se não elevasse á sua verdadeira altura.

Esta circumstancia, forçoso é confessal-o, fez enfraquecer muitas pessoas, que tinham optimos desejos, e que pela sua intelligencia e posição deviam prestar relevantes serviços e cooperação efficaz á festa do trabalho, porque, estamos certos, a um certame tão civilisador, aonde se afferem as forças productivas de um districto, não deve ser indifferente o cidadão mais obscuro.

Entretanto já não podiam prevalecer considerações, que, um pouco mais cedo, não eram para despresar.

Coimbra tinha despertado; era um pouco tarde, talvez; mas não obstante, queria, resoluta e firme, tomar o logar que lhe compete

no progresso, e acompanhar de uma maneira brilhante o desenvolvimento da civilisação.

A Associação dos Artistas tinha dado o primeiro passo, feito annuncios, expedido convites; tinha, finalmente, compromettido o seu nome; — para desistir, era tarde; porque parar é morrer: só lhe cumpria — caminhar, ir ávante e redobrar de esforços; — foi o que fez, e quaes elles seriam, num periodo tão limitado, é facil de avaliar.

Luiz XIV, querendo lisongear os aulicos, e preparar uma diversão á côrte, abriu os salões do Louvre, e a capital da França, pela iniciativa do seu monarcha, viu pela primeira vez uma exposição, onde sómente era permittido expor productos de bellas-artes.

Os industriaes e manufactores, estimulados pela parcialidade e pouca consideração que se dava ao desenvolvimento das artes, solicitaram ser admittidos a ella; mas, mau grado seu, só lhes era concedido expor seus productos ao ar livre... Como é natural, a negativa causou grande desgosto nos industriaes, e com justificada razão.

Luiz XIV julgou plausivel não acceder, não só para lisongear a côrte, que era bastante vaidosa da sua preponderancia e posição para se deixar approximar do habito dos filhos do povo, mas tambem porque era principio assente não dar impulso nem animar a maior das classes, que nutria idéas adversas ás dos elevados cortezãos.

Mais tarde, no tempo do directorio, e quando todos os actos d'elle dimanados eram em nome do povo e para o povo, querendo festejar-se o sexto anniversario da republica, realisou-se a primeira exposição industrial na França.

Haveria, é de suppor, da parte do directorio, idéa politica, fins reservados para chamar ao partido republicano grandes elementos de força e de vigor; mas o que é certo, é que a idéa foi abraçada pelas classes trabalhadoras, que a applaudiram com phrenetico enthusiasmo. Como alcance social, foi um impulso dado ao progresso; como fim economico, ninguem lhe contestou as vantagens.

A soberba Albion fez a sua monumental exposição; e o governo britannico, com os muitos recursos de que dispõe, auxiliou, protegeu e subsidiou a exposição de Londres.

A França, que não quiz ficar na rectaguarda da sua rival, fez a sua não menos brilhante, a que o governo imperial deu impulso, auxiliando-a por todos os modos, e como convinha ao nome e grandeza de um imperio, que se jacta de ser o foco da civilisação.

O Porto, a segunda cidade do nosso paiz, que é sempre a primeira em commettimentos uteis, fez tambem a sua exposição, digna de ser admirada, obtendo do governo um subsidio, o que não fez nada de mais.

Coimbra não intentou uma exposição internacional, porque não o comportavam suas forças: limitou-se a uma exposição districtal, e não fez pouco. Obteve um subsidio pecuniario, que lhe foi votado pela juncta geral, pelo que muitos louvores merecem os dignos procuradores, e da parte do governo central nem sequer obteve a mais leve protecção. Pelos individuos dedicados e amantes do progresso d'esta terra, e pelas relações de amisade particular é que se conseguiu levar ao cabo, com geral applauso, e com muita admiração, um commettimento, que tem surprehendido, e que merece ser visto e examinado por todos quantos presam a prosperidade da agricultura, primeira fonte da riqueza nacional, e o desenvolvimento da industria, que é a força activa da nação.

Mas será ou não uma cousa util uma exposição? Por certo que é. O seu fim é todo moralisador, porque como, em geral, o caracter dos artistas é extremamente sensivel, é d'esta excitação, que muitas vezes nascem os grandes talentos, que devem animar e concorrer poderosamente para o desenvolvimento das artes.

Temos feito uma succinta e previa resenha do que se ha passado a respeito da exposição districtal, acompanhando-a de singelas divagações. Parece-nos que seria aqui o logar proprio de tributar os mais bem cabidos encomios aos principaes individuos, que tantos sacrificios fizeram para a realisação do commettimento, que Coimbra não esperava presenciar. Mas não: reservamos-nos para o fim das nossas cartas, e esperamos que justiça será feita a todos.

Na carta de ámanhã tractaremos do que se ha passado na exposição, desde a sua abertura, para pôrmos os nossos leitores ao corrente do que é mais importante; e desde já diremos, que quem se quizer aproveitar dos comboyos a preços reduzidos, tem agora ensejo para fazer uma digressão recreativa, porque no dia 1.° do proximo mez é encerrada a exposição.

Coimbra, 30 de julho — A exposição foi aberta no dia 3 do corrente, sendo convidadas para acto tão solemne as auctoridades ecclesiasticas, civis e militares, e differentes pessoas de consideração. Tudo se achava predisposto para o festim da industria, para os esforços do trabalho.

Os interiores dos salões achavam-se decorados com a singeleza, que convem a uma festa não ostentosa, porque dimanava de braços humildes. O exterior da casa da Associação fazia notar-se pelas bandeiras, flammulas e galhardetes, e por um arco e duas elegantes pyramides, que symbolisavam o triumpho que alcançava a vetusta Coimbra, que, neste dia, qual donairosa dama, parecia remoçar á edade juvenil.

Que mudanças não fez o progresso, que metamorphoses não opéra a civilisação!

Quem diria que Coimbra se tornaria imponente, que se nobilitaria, e que com afan tomaria parte activa no desenvolvimento social, para compartilhar das glorias de que o progresso e a civilisação são motores?

Coimbra de hoje não é com certeza a de outr'ora... A humanidade caminha sempre; a sociedade avança e progride.

Eram 11 horas da manhã quando o digno presidente da Associação, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, na presença de um auditorio numeroso e selecto, pronunciou o seguinte discurso (*a*).

Foi, portanto, aberta a exposição ao publico, sendo constantemente muita a concorrencia dos visitantes, e de dia para dia é cada vez mais numerosa.

—As salas da archeologia têm objectos admiraveis: nesta parte são superiores, em valor e qualidade, aos expostos na nossa exposição internacional.

—O salão da industria é surprehendente, e possue variados objectos de muito merito e valor artistico.

—O claustro, onde estão os productos agricolas, é digno de ser examinado, para se reconhecer a riqueza do districto e a fertilidade de seu solo.

—As artes de funileiro, oleiro, alfaiate, sapateiro, serralheiro, marceneiro, carpinteiro, correeiro, etc., estão perfeitamente representadas, e nada deixam a desejar.

—A villa da Figueira está muitissimo bem representada, condignamente, e são de muito merito artistico os productos que expoz. A Figueira tem optimos artistas.

—Os productos de tecidos de linho e algodão, expostos por differentes senhoras, que exercem esta industria, e que na maior parte são da Torre de Vera, Castello Viegas, Maiorca, Tentugal, Poiares, Monte-mór-o-velho, etc., são dignos de se examinarem, porque não se fazia idéa que esta industria estivesse tão adiantada, especialmente sendo na sua maior parte exercida por pessoas, que só têm a prática e nada mais.

Temos as cousas ao pé da porta, e ignoramol-as! E haverá quem sustente a inutilidade das exposições?

—A crochet, em escumilha e em bordados, ha objectos admiraveis, que não só revelam muito merito, mas uma paciencia incrivel.

—O collegio Ursulino, modelo de educação, e d'onde sáem objectos primorosos, apresentou productos tão bem feitos e acabados, que nós, confessando nossa inopia, não sabemos dar d'elles uma exacta informação. É necessario vel-os e examinal-os; pela nossa parte, repetimos, restringimo-nos a admirar os primores da arte.

Todavia diremos quaes os objectos expostos por aquelle estabe-

(*a*) Está a pag. 14.

lecimento de educação, que tanta nomeada têm dentro e fóra do paiz.

—Um quadro grande, com moldura dourada, bordado a escumilha, representando o rei saudoso, o amigo dos que trabalhavam —o sr. D. Pedro v. É magnifico este quadro.

—Um quadro com moldura dourada, tambem bordado a escumilha, representando o palacio real de Cintra.

—Um dicto com moldura dourada, bordado a floque, em seda branca, representando um elegante ramo de flores.

—Outro, representando um papagaio, em alto relevo.

—Outro a floque, assente em vidro de espelho, representando um ramo de flores com um passaro.

—Outro de cartão picado, representando um ramo de flores.

—Um véu de calix, de seda de cordão, bordado a ouro.

—Uma bolça de corporaes, bordada a ouro.

—Um *porta caeli* para sacrario, bordada a ouro.

—Um lenço de cambraia branco, bordado a branco.

—Um ramo bordado a branco, de cambraia.

Todos estes objectos, como já dissemos, estão acabados com maxima perfeição.

—Estão expostas tres armas, tão bem encoronhadas, e com tanta perfeição e bom gosto, que rivalisam, se por ventura não excedem, as que vêm do estrangeiro. E o manufactor é um humilde cidadão, que reside numa freguezia sub-urbana d'esta cidade, e que exerce com proficiencia sua profissão, vivendo quasi na obscuridade.

—Foi exposta uma fechadura digna de ser examinada pelo seu complicado machinismo. O seu auctor avaliou-a num conto de réis! Haverá exageração, estamos certos, mas os entendidos avaliam-na em 180$000 a 200$000 réis. O que é verdade é estar ella feita com muita perfeição.

—O sr. Joaquim Dias da Costa expoz sete quadros com altos relevos, abertos em madeira, representando dois as linhas do Porto, na occasião do cerco; outros dois contêm as datas commemorativas dos principaes acontecimentos no tempo das nossas luctas civis e politicas; um outro é bordado, e tem no centro a palavra *fraternidade;* outros dois representam uma ave de rapina; e outro a commemoração da actual exposição, offerecido á Associação dos Artistas de Coimbra.

Podemos affiançar que é um trabalho perfeitissimo e para admirar, quanto mais que o expositor tem 83 annos de edade.

—O sr. Antonio Diniz de Carvalho expoz e manufacturou uma barra e lavatorio, tudo de ferro forjado e sextavado, obra de um trabalho insano, e perfeitissima no seu genero. Os officiaes que trabalharam na construcção da obra foram os srs. Joaquim de Campos Lobo, que executou todo o trabalho de lima e a armou, e Francisco

da Costa, que a forjou. Está avaliada em 72$000 réis, e é digna de ser examinada com attenção.

No estabelecimento do sr. Diniz de Carvalho fabrica-se toda e qualquer obra de ferro fundido ou forjado.

—A camara municipal de Coimbra expoz uma carta de venda de algumas propriedades em Villarinho d'Eiras, na era de 1252 (anno de Christo 1214), isto é, ha 655 annos! A carta de venda está bem conservada.

Tambem expoz uma carta de liberdade e alforria, que Fernando Nunes e sua mulher deram a Elvira Fernandes, que fôra sua moura, pelo preço de 12 morabatinos. O documento é da era de 1260, anno de Christo de 1222: está primorosamente bem escripta, e em bom estado de conservação.

Não proseguimos agora em dar conta de outros objectos, que se acham na exposição, por entendermos que vai um pouco longa esta nossa missiva. Continuaremos ámanhã. Entretanto, pedimos desculpa aos nossos benevolos leitores de não termos nas nossas cartas feito selecção dos objectos archeologicos e raros, e dos puramente industriaes e agricolas.

O systema, a ordem e a clareza pedem a selecção: reconhecemol-o perfeitamente. Todavia não nos foi possivel, já porque o não comportavam os limites de uma correspondencia, já pela nossa occupação diaria e cumprimento do serviço publico, alem de que são estas missivas feitas ao correr da penna e á ultima hora. Pedimos, portanto, indulgencia para os erros involuntarios, e lapsos que commettermos.

Coimbra, 31 de julho — Se ha dias faustuosos, e momentos de verdadeiro regosijo para a classe operaria, foi hoje, por certo, um d'elles. Não se pense, porém, que tractamos de uma digressão meramente recreativa, ou que fallamos dos alegres regosijos de uma festa de campo, onde as massas populares se entregam ao mais arrebatador divertimento, e aos transportes da mais innocente expansão. É mais nobre e elevado o assumpto de que nos occupamos, é da mais transcendente utilidade publica a materia de que fallamos.

Hoje foi o dia destinado para o encerramento da exposição districtal, para o certame civilisador, onde se apresentaram magnificos objectos archeologicos, apreciaveis producções da intelligencia, e valiosos productos das differentes industrias.

A Associação dos Artistas fez um festim brilhante a todos os respeitos: e assim devia ser, para corresponder á magnitude do commettimento, que, partindo de uma classe, nobre sim pelas suas civilisadoras e uteis aspirações, não superabunda, comtudo, em meios pecuniarios, porque então seriam mais arrojados os seus vôos, e assumiria a mais elevada importancia social. Não obstante, a As-

sociação de que fallamos, seja dicto sem intenção de offensa, é a primeira do nosso paiz.

Exultem, pois, todos os socios, dêem-se os mutuos parabens pelo alcance do commettimento que reflecte numa cidade e no districto de que é capital; e congratulem-se, pelo successo fausto, todos os verdadeiros cidadãos, pelo triumpho alcançado nas lides da intelligencia e do trabalho.

Desde as nove horas até ás onze da noite foi immensa a concorrencia.

Pelo generoso cavalheirismo do commandante da guarnição d'esta cidade, foi toda a força disponivel, e de grande uniforme, assistir ao encerramento da festa dos filhos do povo. Foi em extremo lisonjeira tão dedicada acção da parte do digno commandante, o sr. Antonio Eduardo de Oliveira, que prestou testemunho sincero da consideração que votára á festa da civilisação. Receba, pois, s. s.ª os mais bem merecidos louvores, assim como os srs. officiaes e subalternos. É assim que nós comprehendemos os deveres do bom militar, que sabe alliar a disciplina com os festejos populares, quando são de ordem elevada, e que tendem para o progresso e civilisação. Se mais provas não houvera, seria sufficiente a que acaba de prestar o destacamento da guarnição, para attestar a disciplina do sempre intrepido regimento n.º 14, cujo commandante é modelo de disciplina, valor e lealdade.

A excellente banda de musica da philarmonica *Boa-União*, por voto espontaneo, acompanhou a força militar no acto da ceremonia, e executou lindas peças de musica do seu escolhido repertorio. A philarmonica practicou uma acção briosa, e não quiz ser indifferente ao grande festejo applaudido pela opinião illustrada... É presidente d'esta philarmonica o sr. Domingos Antonio de Freitas, cidadão sympathico e prestante, e mestre o sr. Silva, homem jovial e sociavel, que pertenceu ao bravo regimento n.º 15, e que nunca se recusa a contribuir para tudo que for civilisador e dê realce aos progressos d'esta terra. Louvores, finalmente, sejam dados a todos os membros que compõem a philarmonica, que souberam justificar na presente occasião as sympathias que todos lhe consagram.

Ao meio dia, estando a sala da industria completamente cheia de pessoas de todas as gerarchias sociaes, e presentes um grande numero de socios, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, presidente da sociedade operaria, pronunciou um discurso, que em substancia constou do seguinte:

Fez uma resenha do que se ha passado ácerca da exposição, e que o levar-se a effeito é uma das mais importantes prescripções dos estatutos por que se rege a Associação. — Que foi evidentemente um arrojo de tentativa, ao principio desdenhosamente rebebida, mas que com assombro para todos assumiu proporções gran-

diosas. — Que com este facto não devia ufanar-se Coimbra e o seu districto, porque não chegou onde devêra chegar. — Tributou agradecimentos á juncta geral pelo auxilio pecuniario que votou, assim como á camara municipal pelo voto de louvor que lhe consignou no livro das actas das sessões camararias. — Incitou os expositores para melhor occasião. — Agradeceu ao jury classificador, á imprensa periodica, aos officiaes do destacamento, e ás pessoas que realisaram os saráus musicaes.

Deu, pois, por encerrada a exposição; mas, não podendo deixar de acceder aos desejos de muitos cavalheiros importantes, ficára adiado o definitivo encerramento para 31 de outubro proximo, devendo abrir-se outra vez a exposição no dia 16 do dicto mez.

Eis em resumo o que se passou na ceremonia solemne da Associação dos Artistas.

Encerrou-se provisoriamente a festa do trabalho, o certamen onde se apresentaram, não gladiadores, que, com lança em riste, disputavam em lucta de sangue a gloria e o valor do combate, mas sim os fructos da intelligencia, as producções do trabalho.

Foi, sem duvida alguma, um festim ostentoso, de interesse commum e de alcance economico, que abre uma nova phase no progresso d'esta terra, e que ha de ser fecundo em suas consequencias, porque animou os crentes e alentou os tibios.

Como ensaio, deu um resultado tão lisongeiro como inesperado: demonstrou o adiantamento das artes nesta cidade e seu districto, e o quanto se acham desenvolvidas muitas industrias que jaziam no olvido, e que poucas pessoas d'ellas se apercebiam.

E de facto têm-se ido procurar objectos no estrangeiro, quando os temos tão bem acabados e perfeitos no nosso paiz; mas que razão haverá para se procurarem, por se ignorar o que entre nós possuimos... Neste ponto de vista, as exposições têm duplo interesse, e deveriam repetir-se periodicamente.

Ficam, portanto, lançadas as bases para futuro commettimento, que não poderá deixar de vir a ser — uma exposição de productos industriaes, fabris e agricolas das duas provincias da Beira. Se ella se realisar, o que é de crer, só então é que se poderá bem avaliar a riqueza do solo de tão ricas provincias, a perfeição de seus productos fabris, o adiantamento da agricultura, e o quanto se acha desenvolvida a sua industria.

A iniciativa da actual exposição pertence unica e exclusivamente á Associação dos Artistas d'esta cidade. Não se lhe dispute a gloria, não se lhes contestem os louros que colhêra.

Genio emprehendedor, apostolo dedicado e estrenuo das idéas sociaes, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, presidente da Associação, com acrisolado patriotismo, está, pelos impulsos da alma e inspirações do coração, devotado á causa do progresso, e por sua

iniciativa se hão colhido os beneficos fructos que dimanam de uma communidade social, que elle congregou e tem elevado e feito respeitar. A altura em que hoje se acha a Associação é, sobre todos, devida a tão dedicado cidadão, que tem prestado indiziveis serviços ás classes trabalhadoras. É a s. s.ª a quem compete o primeiro logar e as mais distinctas honras na actual exposição.

Joaquim Martins de Carvalho, genio intelligente e activo, não só pela escripta, mas pela palavra e acção, auxiliou de um modo inexcedivel todos os trabalhos, com o zelo e criterio que o caracterisa. O nosso humilde parecer é que lhe compete o segundo logar.

Augusto Pinto Tavares, fautor das idéas sociaes, com a perseverança que o distingue e com firmeza de acção, foi incansavel e prestou o melhor dos serviços. Cabe-lhe na verdade parte importante dos louros, que a Associação colhêra, devendo-lhe ser sempre reconhecida e grata.

Francisco Antonio Saraiva, de genio trabalhador, sempre assiduo e constante, prestou valiosos serviços, com a dedicação que inspira um crente fanatico pela prosperidade da Associação.

Ha outros que, dentro da sua esphera, muito coadjuvaram e auxiliaram os trabalhos da exposição. Não publicamos os seus nomes para não offendermos susceptibilidades.

É pois evidente que aos quatro individuos que acabamos de mencionar cabem as principaes distincções.

Engrinalde-se portanto a fronte do primeiro, como preito, homenagem, testimunho e prova indelevel que os operarios tributam ao homem que tem fé no futuro da classe trabalhadora, e que por ella tem feito constantes e indiziveis serviços.

Tribute-se ao segundo o mais cabido agradecimento, não só porque é homem de crenças e foi lançado ao antro de uma masmorra pela sua dedicação á causa da liberdade, mas porque é sempre promptissimo a auxiliar o desenvolvimento de uma idéa, quando d'ella possa resultar bem para esta terra, e seja util ao paiz.

Ao terceiro e quarto preste-se-lhes a consideração que merecem e a estima de que são crédores. Têm elles direito ao reconhecimento de gratidão por parte da sociedade, que não deve olvidar os optimos e constantes serviços que prestaram socios tão dedicados, talvez com prejuizo proprio. Todos, em geral, recebam nossos sinceros encomios; e a opinião publica, que se acha reconhecida e plenamente satisfeita pelo optimo resultado da primeira exposição, que acaba de ter logar, faz justiça ao amor civico e patriotismo que anima seus principaes promotores, a quem ninguem contesta as honras, nem pretende roubar a gloria.

Prosiga no seu nobre empenho a Associação dos Artistas, muito especialmente no derramamento da instrucção ás classes desprotegidas. Não haja receio da acção dos povos instruidos, e das intel-

ligencias esclarecidas. Os povos barbaros regem-se com vara de ferro, mas não é com ella que se dominam, em quanto que os que possuem espirito desenvolvido, obedecem á palavra, cedem á razão.

A individualidade vai desapparecendo no imperio do saber. No nosso seculo já não pode apparecer um Cicero, um Platão, e muitos outros homens notaveis, que digam: «venham ouvir-nos, porque nós somos os unicos mestres do saber.» Isto acabou; a instrucção é só uma: quem a possue é a humanidade.

Dilatar, portanto, a instrucção, é o que mais importa, é a tarefa mais gloriosa e util ao genero humano.

A verdadeira educação artistica é aquella que cultiva o espirito e aperfeiçoa o desenvolvimento intellectual do homem, para que não fique rude e privado do tracto com seus similhantes. Numa nação civilisada, appellidar o homem de machina, seria uma affronta á dignidade individual.

A Associação dos Artistas tem-se compenetrado do espirito do seculo, e da sua tendencia generosa e util.

As suas escholas nocturnas, cujos resultados têm correspondido ao empenho de seus dignos professores, são prova inequivoca de que não tem sido inutil, ainda que com muito sacrificio, o diffundir e facilitar a instrucção aos desprotegidos da fortuna, áquelles que mendigam o cultivo do espirito.

Se é necessario ser perseverante por parte da sociedade, cumpre aos poderes publicos animar e proteger a tarefa espinhosa, mas de muita magnitude, que sobre seus hombros tomou a Associação operaria, para que ella, qual verdejante e vigoroso arbusto, que implantado em praia arenosa, vai, desde as radiculas até ao tronco, cedendo aos impetos assoladores do *simoun* do deserto, não se veja privada de proseguir na mais sagrada das missões, no elemento mais importante e util para a vida social.

— Ámanhã está gratuitamente patente a exposição para todos os artistas e operarios, que a quizerem visitar.

Applaudimos a deliberação para que não possa ser taxada de egoismo ou de pura especulação o commettimento que acaba de ter logar.

Aos alumnos e alumnas do Asylo da infancia tambem foi offerecida entrada gratuita, utilisando-se já do offerecimento.

— Os orphãos e orphãs da Sancta Casa da Misericordia visitaram a exposição por convite especial, que foi feito ao digno provedor, o ex.mo sr. dr. Antonio de Carvalho Coutinho de Vasconcellos.

Diario Mercantil, 30 e 31 de julho, e 4 de agosto.

Coimbra, 3 de julho — ... Voltando a Coimbra soube que não se abrira hontem a exposição, como estava annunciado. Abriu-se hoje

pelas 11 horas uma das secções, a fabril, ficando para abrir-se ámanhã as de agricultura e historia natural, assim como a de archeologia e objectos raros.

Na abertura tocou um orgão, que está exposto, e que é tambem industria conimbricense. Assistiram as auctoridades, e tudo se passou regularmente.

Pelo que respeita a esta festa, que foi o que cá me trouxe, poucos a tomaram a serio (e persuado-me que nem a propria auctoridade superior do districto lhe deu a importancia que merecia); a causa seria talvez supporem que uma exposição districtal em Coimbra, emprehendida por uma associação recente e pobre, só poderia exhibir palitos de Lorvão, pasteis de Tentugal, e manjar branco de Cellas. Felizmente não foi assim; e eu, com jubilo de um bom filho, me regosijo em affiançal-o.

Não pode por certo a exposição da Associação dos Artistas de Coimbra competir com a do Porto, por milhares de causas, que seria impertinente mencionar; prova porém á evidencia, que neste districto beirão se têm ultimamente desenvolvido muitas industrias, desconhecidas, ou pelo menos no berço, ha uma duzia de annos; e se aqui não ha inventores, ha comtudo excellentes vocações e gosto artistico. Não mencionarei todos os objectos expostos na secção fabril, porque isso seria demasiado longo, e porque os curiosos podem ler essa descripção no *Conimbricense* de hoje e no de terça feira proxima; não posso todavia poupar-me a referir quaes foram os que mais me surprehenderam pelo seu bom acabamento, perfeição ou bom gosto. Vão pela ordem em que os vi:

Um relojo de torre, exposto pelo sr. José Marques dos Sanctos, da Figueira da Foz, avaliado (o relojo, não o auctor que vale muito mais) em 300$000 réis. É para lamentar que se tenha ido comprar ao estrangeiro um relojo para a torre da Universidade, pela avultada quantia de dois contos de réis, havendo tão perto de Coimbra um constructor relojoeiro de tanto merito.

Lanificios da fabrica de Antonio Alves Bibiano & Irmão, da Castanheira de Pera (entre Louzã e Penella). Não são superiores aos da Covilhã, porém approximam-se-lhe muito em perfeição, e é sobre tudo notavel a modicidade dos preços. É industria recentissima no districto de Coimbra.

Uma commoda, imitando charão, pintura chineza, exposta pelo sr. Francico Solano Ansuatigni, peruano, residente em Coimbra.

Uma fechadura de portão, primorosamente trabalhada, exposta pelo sr. Antonio Moya, empregado nos caminhos de ferro, e que seu auctor avalia em um conto de réis: pode valer a quarta parte.

Um grande oratorio de folha de Flandres, lavrada, exposto pelo sr. Antonio Maria Gomes Tinoco Junior, de Coimbra.

Uma locomotiva a vapor, de 1 metro de comprimento, perfeitis-

simamente acabada, e exposta por um curioso de 18 annos de edade, o sr. Aloysio Lopes Ferreira, filho do sr. José Lopes Ferreira, ajudante machinista do observatorio astronomico da Universidade.

Um quadro a carvão, do sr. Manuel Augusto da Cunha Novaes (folhetinista do *Tribuno Papular*), representando Eva offerecendo rosas, e outro que é o retrato do sr. Mendes Leal, fingindo gravura.

O primeiro, que é o mais notavel, é uma imitação e não uma copia: o auctor não tem principios alguns de desenho, nem empregou esfuminho. Este quadro, não sendo uma perfeição, como não o podia ser, é comtudo, a meu ver, a revelação de um grande talento artistico, que deve ser aproveitado.

É notavel tambem pelo acabamento a obra de colchoaria do sr. Manuel Martins Ferreira.

Quadros de escomilha bordados, expostos pelo collegio das Ursulinas, representando um, D. Pedro v, e outro o castello real de Cintra.

Mêsinhas de xadrez para jogo de damas, avaliadas a 30$000 réis, de mosaico de madeira, obra de Julio Braz de Lemos, da Figueira.

Uma mesa e toucador, de perfeitissimo trabalho de talha, por um marceneiro de Ançã, o sr. Francisco Fortunato da Silva Teixeira.

Um oratorio, tambem com excellente trabalho de talha, exposto pelo sr. Sousa Lima, porém sem o nome do artista que o manufacturou.

Duas plantas photographicas das linhas do Porto no tempo do cerco, em madeira, alto relevo, aberto por um octogenario, o sr. Joaquim Dias da Costa.

Duas dentições, uma em platina, do preço de 150$000 réis, outra de coautchouc, de 120$000 réis, que podem competir com as melhores feitas em França e Allemanha. Seu fabricador foi o sr. José Maria dos Sanctos, ourives em Coimbra.

A frontaria e fachada do palacio de Queluz, em cartão picado, pela sr.ª D. Felisbella da Conceição e Silva.

Um quadro (a Senhora da Cadeira, de Raphael) notavelmente pintado a oleo pelo sr. João Pedro Fernandes Thomás Pipa, escrivão do juizo de direito da Louzã.

Continuarei ámanhã, depois de ver as outras duas secções.

Coimbra, 5 de julho — Posto não tenha sido publicada, no *Jornal do Porto* de hontem, a minha carta de 3 do corrente, aproveito uma hora, que me resta antes de entrar para o comboyo de volta a Lisboa, para cumprir a promessa que fiz de dizer-lhe alguma cousa sobre as duas secções da exposição conimbricense, que deviam abrir-se no dia seguinte. Com effeito no domingo de manhã expoz-se á concorrencia publica, no claustro chamado *do silencio,* em Sancta

Cruz, a collecção de productos agricolas e de minas, bem como de loiças e outros artefactos, que melhor cabimento teriam na secção fabril, de que já dei succinta noticia; e nas duas salas immediatas abriu-se egualmente a exposição archeologica e de objectos raros, assim como de collecções zoologicas, amostras de madeira, etc. A parte exposta no claustro não merece menos attenção do que a da sala mais propriamente destinada á industria fabril.

Tudo quanto ahi existe significa riqueza, vegetal ou animal, do districto de Coimbra, ou industria nelle exercida.

Em alguns minutos, e só em resultado de uma visita feita hontem com a rapidez de quem tinha, d'ahi a meia hora, de ir ver passar a procissão de Sancta Isabel, seria impossivel descrever todos os objectos dignos de menção alli existentes: talvez que nem eu os visse todos. Entretanto, não deixarei de mencionar os seguintes:

Bellas amostras de carvão de pedra, coke, cal hydraulica, etc., da companhia de mineração do Cabo Mondego.

Amostras de seis qualidades de marmore, que se encontram no concelho de Condeixa-a-velha, expostas pelo sr. Wenceslau Martins de Carvalho.

Uma collecção ampelographica, de que é expositor o dr. Antonino José Rodrigues Vidal. Consta de 54 qualidades de vide, com que o expositor-cultor pretende demonstrar a proficuidade dos processos agricolas da sua invenção. Se me perguntam quaes estes sejam, respondo *que não sei.*

Uns vasos grandes, de elegante fórma, fabricados na olaria do sr. Antonio da Silva Rocha; e umas talhas grandes, bronzeadas, dizem-me que feitas em outra fabrica de louça por um oleiro chamado João Bicho.

Nas salas, e especialmente na parte numismatica, temos logo a notar tres excellentes collecções de moedas e medalhas, que pertencem ao sr. João Correia Ayres de Campos. A reconhecida competencia e vastos conhecimentos archeologicos do distincto collector, attrahiram-me immediatamente áquella secção: encontrei uma collecção, realmente preciosa, de todas as moedas de familias romanas, imperadores, celtiberas, etc., encontradas no districto de Coimbra; outra completa de moedas portuguezas, desde D. Sancho (I ou II?) até D. João IV; e finalmente outra de medalhas portuguezas, a mais antiga das quaes é a da convenção d'Utrech em 1815. Entre ellas encontra-se a já rara medalha *da poeira* (commemorativa do passeio *anti-constitucional* de D. João VI a Villa Franca de Xira), assim como a rarissima medalha do batalhão academico, de 1809, da qual só se sabe existirem no paiz dois exemplares — este, e outro em poder não me lembra de quem.

Lá está tambem o primeiro livro impresso em Coimbra: é um breviario, com letra preta e vermelha, com a data de 8 de abril de

1531; e deve notar-se a circumstancia de que foi impresso no convento de Sancta Cruz, e presume-se que no mesmo local em que está exposto, pois alli era naquella época a typographia dos frades. Proximo, encontram-se os foraes de Coimbra (de 1516), o de Botão (1514), e outros.

Nesta mesma sala, e no lado opposto, se vê um outro breviario, que deve considerar-se uma preciosidade historica: pertenceu ao bispo D. Miguel da Annunciação, preso por ordem do marquez de Pombal no forte de Pedroiços, e ahi conservado por perto de nove annos, sem outro livro senão aquelle, e sem papel nem pennas. O breviario está quasi todo escripto marginalmente e entre as linhas impressas, pelo proprio punho do prelado, que ahi exarava as suas reflexões moraes, servindo-se de um palito e do pó do tijolo do carcere, diluido em agua.

O mostrador, que existe ao centro da primeira sala é principalmente occupado pelas pratas do cabido da Sé de Coimbra, as quaes só haverá 4 ou 5 annos lhes foram entregues, e que escaparam aos francezes, entaipadas em Sancta Cruz. As peças, que mais notaveis me pareceram nesta divisão, foram as seguintes;

Um calice de prata dourada, dado por D. Sancho II ao cabido em 1162: não prima hoje pelo valor artistico, porém é o vaso sagrado mais antigo que existe em Portugal.

Um gomil e salva de prata, pertencentes ao sr. Chichorro, de Goes, e notaveis pela sua grandeza, elegancia e primoroso lavor.

Uma taça de ouro (unico objecto d'este metal, que ha na exposição, a não serem algumas poucas moedas), pertencente tambem ao sr. Chichorro.

Uma cruz de azeviche, com crucifixo de prata, pertencente ao cabido de Coimbra. A cruz tem perto de tres palmos de altura; é tão bem acabada, e tão primorosamente lavrada, que não sei se deva reputal-a objecto de valor superior ás peças de prata e ouro que mencionei.

Na mesma sala temos a notar: um busto de pedra, de dimensões grandiosas, que foi encontrado no campo de Soure, e se suppõe ser de um imperador romano, não se sabe de qual.

Uma espada pequena, de punho de prata, que se diz ter pertencido a um dos conspiradores de 1640.

Uma collecção de typos (caracteres hebraicos), pertencente aos jesuitas, expulsos do reino em 1759.

Um Senhor dos Passos em relevo, feito de miolo de figueira, creio que na Ilha do Fayal, por Ferreira Madraga, e exposto pelo sr. José Maria Mendes Fragoso. É, dos trabalhos d'este genero, o que tenho visto mais perfeito.

Uma collecção de padrões de pesos e medidas legaes, de 1499, pertencente á camara de Coimbra.

Uma cantara de barro vermelho e fórma ordinaria, perfeitamente bem conservada, com as armas de Coimbra no gargalo, e ao lado d'estas a data de 1744, provando assim ter 125 annos de existencia. É exposta por Joaquim Mendes Simões e Castro.

O enorme ferrolho da porta de Almedina; e varias outras preciosidades archeologicas, que já não teria tempo de especificar.

Na segunda sala, notam-se logo 86 caixas de insectos, do meu amigo Manuel Paulino de Oliveira. Da familia dos *coleopteros* ainda não vi collecção melhor do que esta, devida ao incansavel trabalho do joven naturalista brigantino. A outra familia, *lepidopteros*, é por ora pobresinha.

Tambem do mesmo collector está exposta uma collecção de 47 aves do districto; e houve a feliz lembrança de, ao pé de cada uma, pôr os correspondentes ninhos e ovos. Estes pertencem a outro collector não menos laborioso, o meu parente José Rosa, de Cellas.

Depois encontrámos, uma galinha com quatro pernas; uma collecção de cobras e outros bicharocos meus patricios, pertencentes ao sobredicto sr. Rosa: entre estes reptís encontra-se a linda cobrasinha denominada *Periops hipocrepes*.

Apparece tambem uma collecção de amostras de madeiras do districto; — um enorme tortulho petrificado; — e outras cousas, que lhes diria, se não tivera já ouvido o primeiro aviso de sahida do comboyo. *Jornal do Porto*, 6 e 7 de julho.

Revista succinta da exposição districtal de Coimbra, promovida pela Associação dos Artistas d'esta cidade — Nos estatutos que regem a florescente Associação dos Artistas de Coimbra, presidida pelo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, encontra-se o artigo 155, que reza d'este modo: «A Associação procurará realisar periodicamente uma exposição dos productos artisticos e dos da industria fabril e da industria agricola.»

Uma exposição é por sua natureza o commettimento mais util e mais nobre, que pode levar a effeito um paiz civilisado; é a festa mais interessante, que pode dar-se entre os que amam o progresso e desejam seguir o caminho da moderna civilisação.

Uma exposição é aquella grande reunião a que o expositor vem com jubilo exhibir seus productos, e mostrar os recursos de que pôde dispor, indicando o progressivo aperfeiçoamento da sua industria. É uma grande eschola a que todos concorrem, e em a qual os mais adiantados dão, aos que ainda estão em principio, lições silenciosas, mas eloquentes, para o aperfeiçoamento das especialidades, dando logar a discutirem-se na presença dos factos os methodos mais ou menos vantajosos, que cada um tem a seguir ou a desprezar.

Compenetrado pois o muito digno presidente da Associação dos Artistas das vantagens palpaveis e interessantes que immediatamente provêm d'estes certames civilisadores, conformando-se com a letra dos estatutos que regem a Associação dos Artistas de Coimbra, talvez a primeira Associação d'este genero em o nosso paiz, propoz em março d'este mesmo anno uma exposição industrial e agricola, exclusivamente de productos do districto de Coimbra.

A idéa foi sublime; os obstaculos porém, que encontrou, a nimia escassez do tempo e outros tropeços, que fariam por certo desanimar ao homem que não fôra o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, não foram bastantes para deixar só em projecto uma tão nobre empreza.

Auxiliado em commissão o digno presidente da Associação por alguns cavalheiros, que igualmente apreciam o engrandecimento do nosso districto, tornando conhecida a sua industria, deram mãos á obra simultaneamente; e, voltando a cara aos maus agouros, que de todos os lados eram fulminados á realisação, que creram impossivel, da exposição districtal, fizeram abrir as portas da magnifica sala dos Artistas no dia 3 do corrente julho, apresentando uma exposição, que não envergonha o districo e que excede a geral expectativa, enchendo assim da maior confusão os pessimistas, e dando grande alegria aos amadores sinceros do progresso industrial.

Quando transpomos os umbraes da sala da exposição, confessamol-o ingenuamente, experimentamos um transporte de enthusiasmo de ordem tal, que, sendo modificado em um gôzo intimo e permanente, nos leva a passar algumas horas em apreciavel distracção, e a não deixar aquella casa sem desejo de em breve fazer-lhe nova visita.

Desejariamos apresentar uma resenha minuciosa de tudo o que se encontra na exposição districtal; como porém nos não achamos com força de desempenhar bem um trabalho tão dificil, já porque é grande a quantidade de productos e curto o espaço de que podemos dispor, já porque não somos competente apreciador de todos elles, estando de mais d'isso encarregado competentemente do relatorio geral o sr. dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, limitar-nos-hemos a fazer um leve esbôço, mencionando só os productos que por qualquer circumstancia mereçam especialisar-se.

O visitante, entrando na secção artistica e industrial, seguindo a ordem da collocação, depára logo com dois leitos de ferro fabricados nas serralherias do sr. J. B. Galinha e do sr. A. Diniz de Carvalho, de Coimbra. São bons: notando-se porém que um fôra manufacturado expressamente para este fim.

No mesmo pavimento encontra um bilhar feito na officina do sr. Gonçalves Fino, o qual já se acha vendido por 250$000 réis.

Agradou-nos, e disseram-nos que a madeira é d'umas tilias que ha dois ou tres annos foram cortadas no Jardim Botanico.

Descendo ao pavimento inferior, vêem-se obras de alfaiate lindamente bem executadas, e defronte calçado de todo o genero, que muito acredita os seus artistas. Destaca, e nem pode deixar de ser, a *vitrine*, onde estão magnificos pares de botas offerecidas pelo artista o sr. Ervideira, a el-rei o sr. D. Luiz, a el-rei o sr. D. Fernando, ao infante o sr. D. Augusto, e uns sapatinhos bordados a oiro, com todo o primor, offerecidos ao principe o sr. D. Carlos. Em Lisboa com certeza não se trabalha melhor.

Caminhando á direita encontramos encostados á galeria boas obras de colchoeiro, bahús, malas de viagem, etc., tudo feito em Coimbra com a maior perfeição e segurança; producto da fabrica de lanificios de Castanheira de Pera, entre os quaes ha pannos que bem demonstram o aperfeiçoamento d'esta especialidade; fogões de cosinha, seguros, fabricados na serralheria do sr. J. Diniz de Carvalho; uma pipa exposta pelo sr. J. A. F. Aguas, da Figueira da Foz, e por elle manufacturada, de boa madeira, e que tem a particularidade de não ter arcos, pelo menos exteriormente; e fogões de sala manufacturados pelo sr. J. B. Galinha, de Coimbra.

É digno de menção especial o relogio de torre, que está collocado no topo da sala e que dá certa vista áquella festa da industria. É construido na Figueira da Foz pelo sr. J. M. de Mattos, e vem a ser um dos muitos objectos d'aquella villa, que bastante honram os productos do nosso districto.

Vê-se uma pequena locomotiva, bem acabada, que tem de peso 73 kil. e meio e a força de dois homens, a qual é construida pelo esperançoso artista o sr. Aloysio Lopes Ferreira, de Coimbra, que conta apenas 18 annos de idade.

Perto acha o visitante uma machina electrica, esquadrias e compassos de reducção de metal e aço, construidos tambem em Coimbra pelo sr. A. M. Rego.

Não longe destaca uma elegante *etagère* de madeira, feita pelo habil artista o sr. Adelino Maia, de Coimbra, a qual já figurou nas exposições de Paris e Londres: nesta se vêem collocados com ordem vasos de vidro, contendo diversas qualidades de massas da moderna fabrica em Coimbra do sr. J. Clemente Pinto. Estão na maior perfeição. Ao pé encontra-se, o que a muitos talvez passe desapercebido, objectos de poliame, que são dignos de todo o merecimento. Estes objectos feitos, com a maior pericia, aceio e segurança, que são devidamente apreciados na Inglaterra, por quanto d'elles se servem os proprios inglezes para os seus navios, foram construidos na Figueira da Foz pelo sr. Custodio de Lemos.

As obras de lata e zinco estão primorosamente representadas

pelos productos expostos pelo artista o sr. Augusto Pinto Tavares: são perfeitas as banheiras para banhos de chuva. Este artista é um dos que mais poderosamente concorreram para a realisação d'esta peleja civilisadora.

Continuando com o exame muito superficial pelos objectos que se encontram agora encostados á galeria do lado esquerdo, mencionaremos boas mesas com espelhos, ou toilettes, construidas em Coimbra e em Ançã; quatro lindas mesas nas quaes se pode jogar o jogo das damas, e outras de diversos gostos, construidas na Figueira da Foz por varios artistas, nas quaes se admira principalmente o bello verniz com que se acham pulidas; commodas, guarda-vestidos, oratorios lisos e rendilhados, de boa madeira, mesas com pedras de marmore e cadeiras á Voltaire, etc., etc.

Tambem se encontram magnificos quadros, dois executados pela sr.ª D. M. J. Forjaz, de Coimbra, um a papel recortado e outro feito com cabello dos sobrinhos da mesma senhora; outros bordados por varias senhoras do districto, a retroz, a matiz, a missanga, a crayon e a lapis; e finalmente uma toalha e outros objectos, bordados a labyrintho com uma delicadeza inexcedivel, pela sr.ª D. Thereza A. C. Frazão, de Coimbra.

Tudo isto demonstra perfeitamente quão notavel vai sendo no districto de Coimbra o adiantamento na industria fabril, e a perfeição artistica.

Passando agora á larga mesa central, que se acha estendida a todo o comprimento da vasta sala da Associação, fica o visitante inteiramente surprehendido pelo mimo e valor dos objectos, que alli se vêem. Seria difficil, quando não impossivel, fazer uma descripção miuda de todos os aprimorados productos que lá se encontram, sendo certo todavia haver alguns que não passam da mediocridade. Omittindo porém estes e muitos objectos dignissimos de serem especialisados, apontaremos para exemplo tão sómente os seguintes:

Um collete branco, para homem, feito a crochet pela sr.ª D. Dulla, mestra do collegio das orphãs d'esta cidade.

Uma estatueta representando o Belisario pedindo esmola, esculpida em barro pelo sr. Possydonio S. A. Brandão, artista curioso de reconhecido merito, que fez a estatua do sr. D. Fernando em tamanho natural, a qual preside na sala da Associação a esta festa do trabalho.

Dois oratorios de folha de lata, feitos pelo joven A. G. Tinoco Junior, de Coimbra, que illudem completamente, parecendo de prata; faz pena lembrar o grande trabalho do artista em dois objectos, de cuja materia prima o valor é insignificante.

Um desenho original a lapis, que se vê modestamente encaixilhado, feito pelo sr. Joaquim de Mariz Junior, representando a

nobre fachada da igreja de Sancta Cruz d'esta cidade, segundo o qual foi feita pelo sr. Nogueira da Silva a gravura que acompanha o livro — *Guia do viajante em Coimbra.*

Alguns objectos de prata manufacturados por ourives d'esta cidade.

Alguns quadros a escumilha de um bordado delicadissimo imitando a crayon. O que figura o retrato do chorado monarcha o sr. D. Pedro v é realmente de um apuro inexcedivel. Foram bordados no real collegio Ursulino d'esta cidade.

Boas amostras de vidros da fabrica de Buarcos, e de preço muito razoavel.

Uma meada de linho finissima, fiada em Condeixa; e duas fechaduras valiosas, uma delicadamente construida pelo sr. A. Moya, empregado na estação do caminho de ferro em Coimbra, e outra pelo sr. J. G. Ribeiro Junior, de Oliveira do Hospital, que tem a particularidade de tocar uma campainha interna quando se abre ou fecha.

Devemos ainda fazer menção de uns martellos pulidos, que igualam o pulimento das navalhas de barba inglezas, expostos pelo sr. J. A. Galvão, de Villa Nova d'Anços, e por elle manufacturados.

São bons uns selins feitos pelo artista o sr. Joaquim Esteves, de Coimbra; e outros, inclusivè uma sella de picaria e caça, feitos pelo artista o sr. Gaudencio Dias.

A isto accresse ainda uma admiravel quantidade de outros productos, como: varias qualidades de bolacha da fabrica do sr. J. F. da Cruz, de Coimbra; capellos e borlas de doutor de todas as faculdades da Universidade; bustos; estatuetas; desenhos; gravuras; excellentes cordas e cordeis; uma machina de fiação manufacturada na Figueira da Foz; e muitos outros objectos dignos de mencionar-se; não contando com a extraordinaria affluencia de productos, que todos os dias dão entrada.

Nas galerias lateraes acham-se muito bons productos de tecelagem, expostos por manufactoras do districto, e duas lindas cobertas feitas pela sr.ª D. Zulmira A. Bandeira, de Coimbra.

Oleados da fabrica do sr. Francisco d'Almeida, do bairro de Sancta Clara.

Um orgão não acabado, construido pelo artista o sr. J. Lopes Ferreira, d'esta cidade.

Uma fachada do palacio de Queluz, feita de cartão pela sr.ª D. Felisbella C. e Silva, d'esta cidade, que revela uma paciencia admiravel.

Alguns quadros de madeira em relevo, feitos pelo sr. J. Dias da Costa, da Figueira da Foz, representando tres d'elles cartas topographicas das linhas do Porto no tempo do cerco, os quaes já foram premiados na exposição internacional do Porto.

E finalmente acham-se boas photographias de todos os *ateliers* photographicos de Coimbra, e d'alguns curiosos amadores d'esta arte.

Eis um esboço traçado muito superficialmente sobre a secção da industria artistica e fabril da exposição districtal de Coimbra.

Passando agora o visitante ao Jardim da Manga, e subindo ao pavimento superior do magnifico claustro do Silencio de Sancta Cruz, encontra a secção agricola.

Antes de chegar a esta secção e mesmo nella acham-se ainda alguns productos da industria fabril, que não couberam no salão dos Artistas; taes são:

Uma collecção de vasilhas de 1:000 litros, 500, 200, 100 e 50, feitas de madeira de castanho, pelo artista o sr. Manuel Contente Pinto, de Coimbra.

Tres carros construidos nesta cidade na officina de carruagens do sr. Soares, que nos pareceram razoaveis, attendendo á novidade d'este fabrico em Coimbra.

Louças das fabricas do sr. J. A. Pessoa e do sr. José Julio, de Coimbra. Estes productos têm chegado a um adiantamento consideravel, devido ao muito zelo dos proprietarios d'estes dois estabelecimentos

Papel das fabricas de Sepins na Louzã e de Penella; palhoças, esteiras, capachos, peneiras, cordas e joeiras; e outros productos peculiares do nosso districto.

Abre a secção agricola uma porção de productos da industria extractiva (mineraes); taes são:

Carvão de pedra da mina do Cabo Mondego, o qual vem acompanhado de uma interessante planta da mina.

Do concelho de Soure encontram-se amostras do — Silice — das minas de Alemcorça de Cima; da — Argila Sinactite — das minas do Limociro; e da — Argila Sanguincia — das minas de Assamaça e Cascão. Alem d'estes productos apparecem minerios de betume, de chumbo e de gesso, igualmente do concelho de Soure; e seis amostras de pedra marmore expostas pelo sr. Wenceslau Martins de Carvalho, de Condeixa.

Seguem immediatamente expostos em todo o comprimento do mostrador um grande numero de frascos e outros vasos, contendo amostras de varios productos agricolas do districto.

Alli se vêem representados os productos da industria agricola da quinta de Sancta Cruz de Coimbra, e da quinta da Varzea, em milho, feijão e centeio da colheita de 1868.

Apparecem tambem do concelho de Miranda do Corvo, de diversos agricultores, amostras de milho e de variedades de feijão e outros grãos do anno passado, e de centeio d'este anno.

Do concelho de Poiares expoz o sr. M. J. Simões, tremoço sil-

vestre, que é um adubo para as vinhas muito usado pelos francezes e allemães; bem como boas batatas semeadas pelo systema allemão.

Encontram-se do concelho de Soure amostras de arroz carolino da terra, e de arroz redondo, creado no campo, e descascado nos moinhos do expositor o sr. J. Cardoso dos Reis.

De Ançã vê-se, exposto pela sr. Maria J. Barreirão, linho em palha e em rama, fiado, curado e por curar, creado em terreno calcareo: e de Maiorca algodão em rama, creado para experiencia pela sr.ª Conceição E. G. de Lemos.

Tambem apparecem bons productos dos concelhos de Cantanhede e de Monte-mór-o-velho.

E finalmente uma collecção curiosissima de nabos, exposta pelo sr. Wenceslau M. de Carvalho, creados na quinta d'Atadôa, do concelho de Condeixa, que foram premiados na exposição de Londres pela excellencia da qualidade.

A deficiencia, que até certo ponto se nota na secção agricola, dos productos d'este genero, é compensada dignamente pela grande variedade de vinhos e sua boa qualidade, que ornam dois armarios envidraçados voltados ao nascente.

Ha vinhos tinto, branco, passado, de maçã, para embarque, de conserva, fino de meza, etc., das colheitas de 1845, 1846, 1853, 1857, 1858 até 1868, provenientes de Coimbra e de seu concelho, de Sepins (concelho de Cantanhede), da Figueira da Foz, de Oliveira do Hospital, de Ançã (concelho de Cantanhede), do Sebal Grande (concelho de Condeixa), Antas (concelho da Mealhada), e de Miranda do Corvo.

Ha tambem amostras de vinagre e algum excellente, aguardente ordinaria, aguardente fina de vinho e medronho, azeite purificado e ordinario e de zambujeiro, geropiga e mel.

A classificação d'estes productos é indubitavelmente a mais trabalhosa; especialmente a do vinagre, que é feita no Laboratorio chimico da Universidade com todo o rigor recommendado pela sciencia.

Os productos florestaes, ou da industria silvicola, fazem nesta secção um importantissimo papel.

A direcção das obras do Mondego dá um testemunho authentico de que tem sido compenetrada devidamente das grandes vantagens que a cultura florestal presta ao nosso paiz, tendo o cuidado de promover escolhidas sementeiras e plantações apropriadas nas mattas das Remolhas, de Valle de Cannas, do Choupal e da Geria.

Encontra o visitante nesta secção os productos das referidas mattas expostos em herbarium e em vasos.

O herbarium, collocado em dois armarios envidraçados, contém amostras, não só das plantações existentes nas mattas do Choupal e de Valle de Cannas em junho de 1866, mas tambem das plantações que foram feitas nestas mattas e nas das Remolhas e da Geria

no mesmo anno e nos seguintes de 1867 e 1868, onde antes d'aquella época nem uma só arvore existia.

Da matta do Choupal (excellente passeio na estação calmosa) apparecem em vasos algumas plantas das mais modernas dos seus viveiros, como: a juglans alba (nogueira branca), a juglans nigra (nogueira preta), quercus graeca semper virens (azinheiro da Grecia), quercus rubra (carvalho de folha vermelha), e fagus castanea (castanheiro), pela maior parte semeados já em 1869.

Alem d'estas amostras de futuras arvores encontra-se em um vaso um exemplar de milho do Japão; em outro uma planta forraginosa de grande importancia para os nossos lavradores; alguns frascos com amostra de terra, de nateiro do Mondego, e de sementes d'outras plantas forraginosas; e sete amostras de madeiras bellissimas creadas todas na matta do Choupal.

De vinte e cinco amostras de madeiras tambem é expositor o sr. Wenceslau Martins de Carvalho, creadas no concelho de Condeixa.

Da matta de Valle de Cannas apparecem vinte e seis vasos, nos quaes avulta principalmente uma variedade de eucalyptos semeados, pela maior parte, em março de 1868, alguns cedros, e uma magnolia.

Tambem ha d'esta matta uma amostra de madeira de pinho a 6$000 réis o metro cubico.

Temos para nós como certo que a cultura florestal é um dos mais importantes ramos da agricultura, cujos proficuos resultados claramente se patenteam a bem do nosso paiz. Já numa proposta de lei apresentada a 5 de março de 1857, tendente á conservação e accrescentamento do nosso dominio florestal, se dizia que, no estado de adiantamento das sciencias naturaes está evidentemente demonstrado o propicio influxo dos arvoredos sobre as condições da propriedade dos povos; por quanto, concorrendo os bosques, convenientemente dispostos para a salubridade do clima, pela continua purificação do ar respiravel, ao mesmo tempo representam o principio regulador do equilibrio das estações, abrigam os campos, fecundam as terras, enriquecem os mananciaes, adornam os valles e amenisam as montanhas.

Sendo isto assim, a direcção, que tem a seu cargo subministrar com boas sementeiras e plantações os meios aptos para a util propagação das arvores pelo nosso abençoado solo portuguez, é digna do maior elogio.

Perto d'estas amostras acha o visitante uma collecção de 54 vasos, contendo cada um dois ou tres pés de videiras, de dois annos de vegetação, expostas pelo sr. dr. Antonino J. Rodrigues Vidal, lente de prima de philosophia na Universidade e director do Jardim Botanico da mesma, como amostra do processo de sua invenção,

empregado ha 12 annos, com admiravel resultado, na renovação das vinhas velhas e novas na Bairrada.

O expositor dá uma excellente explicação da sua collecção ampelographica no n.º 1:403 do jornal — *O Tribuno Popular*.

Tambem apparecem productos de horticultura, expostos pelo sr. Antonio Rodrigues Pinto Junior. São excellentes os exemplares de couves e repolhos que apresenta, os quaes têm sido objecto de geral admiração. O mesmo expoz uma collecção de oito variedades de eucalyptos, e alguns exemplares d'outras plantas.

São expositores de flores e plantas proprias para jardim os cultivadores das mesmas, os srs. Douverol Gabriel, jardineiro de profissão, e Antonio Mendes Simões de Castro, de Coimbra. São lindos alguns exemplares de qualquer dos expositores; sendo para admirar a collecção do sr. Mendes, a qual, para ser de mero curioso, muito acredita o seu assiduo e habil cultivador.

Concluimos, pois, a revista succinta da exposição districtal de Coimbra, afastando-nos talvez um pouco do nosso primitivo plano. Devêramos terminar aqui, se não fora haver ainda um annexo, que tanto tem prendido as attenções, e enchido de admiração os visitantes amigos das nossas antiguidades.

Fallamos da secção archeologica.

Lembrando-se o incançavel presidente da Associação dos Artistas de Coimbra de que, principiando a vigorar agora, por felicidade, um gosto decidido pela archeologia em todos os seus differentes ramos; e, sendo o districto de Coimbra senhor de um magnifico peculio, era occasião propicia para convidar os possuidores a apresentarem, não só os objectos archeologicos, mas mesmo os que fossem raros, naturaes, artisticos e industriaes: fez para isso uma proposta em sessão especial; a qual, sendo approvada, deliberou-se que se nomeasse uma commissão, que se encarregasse d'esta agradavel secção.

Foi nomeada uma commissão dignissima, presidida pelo ex.^{mo} sr. dr. Francisco da Fonseca Correia Torres; a qual, encarregando-se com todo o empenho d'esta especialidade, conseguiu apresentar ao mesmo tempo que a exposição districtal uma secção surprehendente e maravilhosa de archeologia e objectos raros, devida principalmente aos extraordinarios esforços dos srs. João Correia Ayres de Campos e Joaquim Martins de Carvalho.

Acha-se exposta a secção archeologica em duas grandes salas, pertencentes á camara municipal, cuja porta communica com o claustro onde estão os productos agricolas. Entrando o visitante nesta secção a vista geral extasia-o.

Aqui admira a grande riqueza de muitos objectos valiosissimos, a veneranda antiguidade de muitos outros. Alli dá margem a seu

espirito para cogitações profundas, ora na consideração das privações por que passou o prelado virtuoso, ora na recordação ominosa de estabelecimentos d'outras épocas. Acolá lê o visitante apreciador em livros de pedra e em medalhas, memorias preciosas da historia patria. Alem vê uma pintura valiosa de auctor notavel, que não se farta de contemplar; perto, outra, cujo mimo bem revela o talento do artista; e em seguida muitas em tela, em pedra, em vidro, em madeira, em cobre e em lapis-lasuli.

A attenção do visitante tambem se prende, já com a leitura de alguns pergaminhos, que mãos regias e outras liberaes prodigalisaram generosamente, já com o exame de muitos artefactos europeus, africanos, asiaticos e americanos, e finalmente com muitos objectos de incontestavel estimação, collegidos por amor da sciencia e por louvavel curiosidade.

Seria materia para grossos volumes descrever cada um d'esses objectos, e seguir a sua descripção da historia que lhe corresponde. Longe de nós tão ousada idéa. Apontaremos simplesmente um ou outro exemplo de cada especialidade, que justifique a nossa admiração.

A *vitrine* central é tão rica, que, me parece, salvo o melhor juizo, não ter visto na exposição internacional do Porto nenhuma que lhe igualasse.

Occupa o primeiro logar da *vitrine* uma riquissima collecção de pratas da Sé Cathedral de Coimbra. Nesta collecção encontra o visitante apreciador archeologia, riqueza e perfeição artistica.

São dignas de mencionar-se: Uma *pixide* de prata dourada do seculo XII, que tem esculpidas em volta da copa as figuras de Christo e dos Apostolos. Foi feita por Gedo Menendis, na era de 1190 (anno de Christo 1152, reinado de D. Affonso Henriques), segundo se deprehende da inscripção latina que tem na base.

Dois calices em estylo gothico, tambem antiquissimos. Uma cruz de banqueta do mesmo estylo, de prata dourada é rendilhada, tendo de um lado a imagem de Christo e do outro a de Nossa Senhora.

E finalmente bacias, gomís, outras custodias, relicarios, thuribulos e outras cruzes, todas de prata, distinguindo-se entre estas um crucifixo tambem de banqueta, cujo Christo é de prata, e a grande cruz de azeviche. É d'um valor extraordinario.

Do sr. F. Barreto Chichorro apparecem, uma bacia e seu gomil muito antigos, alguns objectos tambem de prata lavrada, e uma taça d'ouro antiga com o seu prato e tampa do mesmo metal. O resto da *vitrine* está cheia d'objectos de subido preço.

Encontra o archeologo venerandos monumentos no seguinte: Uma carta d'alforría em pergaminho dada por uma senhora a uma escrava mourisca no anno de 1222; é em latim, e pertence ao sr. João Correia Ayres de Campos.

Quatro breviarios antiquissimos, dos quaes o mais antigo e mais notavel é o da edição de 1531. Foi o primeiro livro que se imprimiu em Coimbra, e no mosteiro onde hoje se faz a exposição.

A primeira edição dos estatutos (primeiros) da Universidade, que é de 1593; edição rarissima, cujo manuscripto original existe na Bibliotheca da Universidade. E, alem d'estes, outros impressos e manuscriptos de grande valor.

Noutra parte encontra o visitante, ora o breviario do uso do bispo de Coimbra D. Miguel d'Annunciação (fundador do Seminario Episcopal), em quanto esteve preso no forte de Pedrouços; nas margens do qual se vêem annotações escriptas por elle com um pau aguçado e agua de tijolo, porque dos proprios elementos da escripta o privaram; ora uma grande lanterna dos familiares da inquisição, cujo aspecto horrorisa, uma grande candeia que de longe dava luz escassa aos encarcerados nas masmorras, e o sinete com as armas do mesmo tribunal.

Numa das extremidades da vasta sala acha o archeologo restos de grossas columnas com inscripções que indicam ser marcos milliarios dos romanos, pertencentes ao Museu da Universidade; lapides de tumulos com suas inscripções gothicas; e uma cabeça de um imperador romano, que, se não era de algum busto, o corpo que lhe pertencia teria mais de 20 palmos, a qual foi achada em 1844 proximo a Bobadella, villa do concelho de Oliveira do Hospital, em uma escavação.

Na outra extremidade do salão encontra o numismata uma importantissima collecção de medalhas e moedas romanas e portuguezas de ouro, prata e cobre. Algumas alli se vêem que não se encontram nas Memorias das medalhas, condecorações e moedas portuguezas, etc., feitas pelo sr. Manuel Bernardo Lopes Ferreira, e mandadas imprimir pela academia real das sciencias de Lisboa.

Acima d'esta collecção depara-se-nos um quadro pintado em madeira, pertencente á Sé de Coimbra, representando o Sancto Sepulchro, que se suppõe ser de Grão Vasco; bem como um outro, que se vê perto, representando S. Pedro com vestes pontificias.

Attribue-se ao celebre pintor hespanhol Murillo um pequeno quadro em tela, que representa dois rapazes jogando o pião.

Julga-se serem do pintor Carlos Marata dois pequenos quadros, que não estão longe dos que acabamos de mencionar; e do pintor Carlos Dossa, o que representa Sancta Rosa de Viterbo.

Ha duas cabeças de grande merecimento, a que representa a de S. João Baptista, degolado, numa salva, e a que figura a de um homem que escreve meditando: os toques de luz são maravilhosos. Ignora-se seu auctor.

Tambem se encontra um Christo preso á columna, que pelo mimo do pincel nos faz lembrar os quadros de Sequeira. Ha um outro

em cobre, da eschola allemã, que representa dois homens tocando guitarra, cujo auctor ignoramos.

Alem d'esses, que nos pareceram os principaes, encontra-se ainda uma extraordinaria quantidade de boas pinturas e gravuras magnificas, devendo especialisar uma gravura feita a agua-forte pelo celebre Van-Dyk, a qual representa o retrato de Lucas Vorstermans; está numa *vitrine*.

Tambem são de merecimento archeologico alguns foraes originaes dados por el-rei D. Manuel a algumas cidades e villas do reino, com a assignatura do monarcha; entre os quaes apparece o de Coimbra, dado no anno de 1516.

São ricas as louças asiaticas expostas pelo ex.^{mo} sr. bispo de Gôa, que ha poucos mezes regressou d'aquellas paragens, nas quaes se vêem esmaltadas as armas de s. ex.^{a} e a sua firma. Nunca vimos objectos d'aquelle genero tão preciosos.

É grande o numero de curiosos artefactos dos pretos dos sertões d'Africa; e são de algum valor os arreios mexicanos de cavallo para caça.

Finalmente é de todo o merecimento scientifico a collecção de coleopteros de Portugal, devida á perseverança do sr. dr. Manuel Paulino de Oliveira, de Coimbra, na qual ha a admirar a belleza de algumas borboletas, e o tamanho quasi microscopico de muitos insectos.

É tambem curiosissima a collecção de 47 ninhos, com os ovos, e as suas respectivas aves, dos arredores de Coimbra, feita pelo sr. José Maria Rosa de Carvalho, de Coimbra; e tambem uma collecção de todos os reptís que ha nas proximidades d'esta cidade.

Muitos outros objectos se admiram na exposição, que não cabe descrevel-os, sendo aliás de reconhecida importancia. Ficaremos portanto aqui; sendo-nos permittido ainda dizer, que a exposição districtal de Coimbra, que devêra ser considerada antes um ensaio que uma obra perfeita e completa, muito honra o districto pela industria, e a Associação dos Artistas pela monumental idéa, de cuja feliz execução ficará a memoria em seus archivos, attestando ás gerações futuras os louros gloriosos, que os artistas souberam colher neste certame eminentemente civilisador.

Campeão das Provincias, 31 de julho.

Exposição districtal—Approxima-se o termo da exposição districtal de Coimbra, e o publico afflue cada vez mais a tomar parte nesta grande festa do trabalho. É com a maior satisfação que vemos o excellente resultado que obteve uma tentativa tão aventurosa!

Tambem a exposição foi visitada na quarta feira pelos orphãos da Sancta Casa da Misericordia, e pelos alumnos do Asylo da In-

fancia desvalida; e na quinta feira foram alli egualmente as orphãs da Sancta Casa.

Estas ultimas, que ha mais de 6 annos não sahiram nem uma unica vez do seu recolhimento, mostravam a mais viva satisfação por lhes ser permittido ver tantos e tão variados productos, que se acham reunidos na exposição.

Ao incentivo, que até aqui havia para a concorrencia, accresceu desde hontem o poderem os visitantes ver o magnifico Sanctuario de Sancta Cruz, tendo entrada pelo lado da exposição agricola.

Na quinta feira á noite houve o concerto musical, que annunciámos, e que esteve brilhantissimo. A concorrencia de senhoras e cavalheiros foi extraordinaria; e o grande salão offerecia a todos os respeitos uma vista deslumbrante.

As musicas, que se tocaram, foram as seguintes:

Traviata, de Verdi, trio de rabeca, orgão harmonico e piano, executado pelos srs. José Christiano A'Nell de Medeiros, Francisco Lopes Lima de Macedo e Manuel Messias Mendes Fragoso.

Fausto, de Gounod, dueto de flauta e piano, pelo sr. Manuel Ferreira Cardoso, e pela ex.ma sr.a D. Erminia Sophia de Almeida Pacheco.

Lucrecia Borgia, de Donisetti, ária para piano e canto, pelos srs. Macedo e José Lucio Dias Villaoz.

Linda de Chamounix, de Verdi, trio para rabeca, flauta e piano, pelos srs. Medeiros, Ferreira Cardoso, e Macedo.

Lucia, de Donisetti, dueto para rabeca e piano, pelo sr. João Diogo Pinto Gomes, e pela ex.ma sr.a D. Erminia.

Hernani, de Verdi, phantasia para piano a quatro mãos, pela ex.ma sr.a D. Erminia, e pelo sr. Fragoso.

Canto maritimo para canto e piano, pelos srs. José Lucio Dias Vialloz, e Eduardo Oliveira Lopes de Macedo.

Macbeth, de Verdi, quarteto para orgão, piano, rabeca e rabecão, pelos srs. F. Macedo, Fragoso, Pinto Gomes, e D. Lucio Dias.

Traviata, de Verdi, dueto para flauta e piano, pelos srs. Ferreira Cardoso, e Fragoso.

Barbeiro de Sevilha, de Rossi, dueto para rabeca e piano, pela ex.ma sr.a D. Erminia, e pelo sr. Medeiros.

Norma, de Bellini, trio para flauta, rabeca e piano, pelos srs. Ferreira Cardoso, Pinto Gomes, e Francisco Macedo.

Dos srs. Francisco de Macedo, Medeiros, D. Lucio e Fragoso, já fallámos em o numero passado com o merecido louvor; e por isso só nos cumpre accrescentar, que mereceram geraes applausos a ex.ma sr.a D. Erminia Sophia de Almeida Pacheco, menina apenas de 13 annos de edade, no piano; o sr. Pinto Gomes, na rebeca; o sr. Ferreira Cardoso, na flauta; e o sr. José Dias Lucio Villaoz, no canto.

Hontem repetiu-se o concerto musical, tocando-se treixos escolhidos do *Rigoleto, Traviata, Norma,* e um nocturno, com o titulo de *Lagrimas de anjo,* feito pelo sr. Macedo.

Hoje e ámanhã haverão egualmente concertos musicaes.

Ámanhã, pelas 11 horas da manhã, terá logar o acto solemne do encerramento da exposição. Fará a guarda de honra o destacamento de infanteria n.º 14.

De tarde tocará na parte superior do claustro do Silencio a philarmonica *Boa-União,* que para isso briosamente se offereceu.

As praças do destacamento de infanteria n.º 14 têm-se prestado com a melhor vontade todos os dias a fazer a guarda da exposição. Como possivel testemunho de reconhecimento, deu hoje a Associação dos Artistas áquelle destacamento um abundante jantar.

Conimbricense, 31 de julho.

Exposição districtal — Tem sido extraordinaria a concorrencia nestes ultimos dias. Na quinta feira em todo o dia concorreu muito povo, e á noite mal se podia transitar pelo salão principal. Entraram mais de 400 pessoas.

Hontem tambem numerosas pessoas visitaram a exposição.

— Á noite houve concerto musical, em que tomaram parte os srs. Macedo, Medeiros, Fragoso, e dois alumnos do collegio de S. Bento, um dos quaes toca admiravelmente flauta e o outro rebeca. Hoje e ámanhã continuam os concertos á mesma hora.

— Ámanhã ás 11 horas tem logar a solemnidade do encerramento da exposição.

— A Associação obteve a obsequiosa concessão de estar aberto o Sanctuario de Sancta Cruz durante estes dias, sendo a entrada pelo claustro em que está a secção agricola da exposição.

—Hontem e hoje, em consequencia do diminuto preço de viagem, chegaram muitas familias, para visitar a nossa festa artistica.

Tribuno Popular, 31 de julho.

Concluiu-se no domingo a primeira época da exposição d'este districto de Coimbra. Em outubro proximo se abrirá novamente, sem duvida, ainda mais esplendida do que agora.

Grande e feliz commettimento foi este para esta cidade e para todo o districto! Os seus iniciadores, e todas as pessoas, que para elle concorreram, não podiam obter um triumpho mais completo.

Por muita fé que houvesse nos esforços individuaes e na sua boa direcção, não era possivel prever que os resultados d'esta tentativa fossem tão grandiosos, e que o enthusiasmo fosse tão unanime e tão justificado. Ainda os mais incrédulos e descrentes tiveram de ceder

perante um facto tão surprehendente e superior a tudo o que se podia imaginar.

As consequencias, que d'esta festa do trabalho podem provir para a industria e agricultura d'este districto, são muito grandes; e por isso todos á porfia applaudem e louvam os seus auctores.

Limitamos aqui as nossas reflexões, porque noutra parte d'este jornal damos mais circumstanciada noticia da exposição.

— Exposição Districtal — No domingo de manhã teve logar a cerimonia, que estava annunciada, para o encerramento da exposição d'este districto de Coimbra.

Compareceram na sala da Associação dos Artistas a camara municipal d'este concelho, as auctoridades, e grande numero de cavalheiros para assistir a este acto.

No largo, em frente da sala da Associação, achava-se formado o destacamento de infanteria n.º 14, com o seu digno commandante o sr. Antonio Eduardo de Oliveira e Azevedo, e egualmente a philarmonica *Boa-União*, tendo subido ao ar, na occasião da sua chegada, grande numero de foguetes.

O digno presidente da Associação dos Artistas, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, dirigindo-se ao numeroso auditorio, proferiu o seguinte discurso (*a*).

— Foi geralmente muito bem acceite a idéa de tornar a abrir a exposição em outubro, porque alli podem apparecer muitos productos, que por diversos motivos não appareceram agora.

A concorrencia de visitantes, se nos dias anteriores tinha sido grande, no domingo foi muito maior. Foi nesse dia visitada a exposição por perto de 1:400 pessoas.

Em uma terra como Coimbra é facto digno de se registar.

A philarmonica *Boa União*, que tocou de tarde no claustro do Silencio bonitas peças de musica, é merecedora de todos os louvores pela espontaneidade do seu offerecimento. O seu comportamento foi proprio de artistas briosos, que, sem a mira no interesse, foram tomar parte nesta festa da industria.

Á noite encheu-se completamente a vasta sala da Associação dos Artistas, para assistirem ao concerto musical. Estava alli quasi tudo quanto havia de melhor na cidade, tanto em damas, como em cavalheiros. Perto de 600 pessoas se achavam na sala.

O concerto foi brilhante; e todas as pessoas, que cavalheiramente se prestaram a tomar parte nelle, foram muito applaudidas.

Constou o concerto do seguinte:

Sonambula, de Bellini, quarteto para piano, orgão, rabeca e rabecão, pelos srs. Francisco Lopes Lima de Macedo, Manuel Messias Mendes Fragoso, João Diogo Pinto Gomes, e D. Lucio Dias.

(*a*) Está extractado a pag. 16.

Lucrecia Borgia, de Donisetti, dueto para piano e canto, pelos srs. Macedo, e José Dias Villaoz.

Rigoleto, quarteto para piano, orgão, rabeca e rabecão, pelos srs. Macedo, Fragoso, Pinto Gomes, e D. Lucio.

Fausto, de Gounod, dueto de rabeca e piano, pelos srs. Pinto Gomes, e José Lopes Guimarães Pedrosa.

Capitão de corveta, canção maritima, pelos srs. José Dias Villaoz, e Eduardo de Oliveira Lopes de Macedo.

Favorita, de Donisetti, trio de orgão, piano e rabeca, pelos srs. Macedo, Fragoso, e Pinto Gomes.

Fausto, de Gounod, para piano a quatro mãos, pela ex.ma sr.a D. Erminia Sophia de Almeida Pacheco, e pelo sr. Fragoso.

Favorita, de Donisetti, trio de rabeca, piano e orgão, pelos srs. Pinto Gomes, Fragoso, e Macedo. Repetição a pedido do publico.

Traviata, de Verdi, dueto para piano e rabeca, pelos srs. Guimarães Pedrosa, e Pinto Gomes.

Assim terminou esta festa, que ficará por muito tempo lembrada entre todas as pessoas de Coimbra.

É de esperar que em outubro proximo, por occasião da nova abertura da exposição, se gosem alli eguaes passatempos.

— Allocução — Em seguida publicamos uma excellente allocução que, apesar de não ser lida no domingo, por se resolver adiar o encerramento definitivo da exposição, não podemos resistir ao desejo de a publicar, com a devida permissão do seu auctor, o nosso intelligente e honrado patricio e amigo, o sr. Anthero Augusto de Almeida Araujo Pinto, dignissimo vice-presidente da camara municipal d'este concelho.

Archivando-a nas columnas do nosso jornal, damos a s. ex.a um testemunho da nossa consideração e respeito, pelo muito que s. ex.a quer á terra que o viu nascer.

«Senhores — Os actuaes representantes do municipio exultam por ver coroado do melhor exito o esforçado empenho da benemerita classe industrial e artistica, á frente da qual está um operario incessante da grande obra da civilisação e progresso d'esta nossa boa terra de Coimbra, illustre pelas letras, e que já começa por se engrandecer pelas artes.

Senhores: a exposição industrial, que fôra para uns apenas uma esperança, e para outros um receio ou uma temeridade na historia dos grandes commettimentos, converteu-se, felizmente para nós todos, numa realidade, num facto, que todos admiramos e applaudimos, registando-o nos annaes d'este municipio como uma das glorias, como um titulo que attesta o nosso gráu de civilisação e desenvolvimento industrial. Receio, se o houve, desappareceu; e as esperanças redobraram, tornando-se numa realidade animadora.

E animo, senhores! animo para proseguir no futuro nesta gran-

diosa e nobre cruzada do progresso pelas artes, que todos coadjuvarão á porfia os esforços, e fecundarão a iniciativa d'esta benemerita Associação, sempre, mas hoje mais do que nunca, digna dos nossos louvores.

Se não é pela grandeza de recursos e pela extensão das forças que se medem as virtudes dos homens e dos povos, Coimbra abriu para si, na honrosa lista dos fautores do progresso, se não um logar glorioso, pelo menos modestamente distincto.

Lá fora as capitaes das grandes nações, e entre nós algumas cidades do reino, pagaram esta divida, este tributo, ao desenvolvimento industrial, á civilisação do povo pela glorificação do trabalho.

Eu vos felicito, senhores, pelos optimos resultados que colhestes da vossa dedicação, e, mais do que tudo, da vossa perseverança.

Tendes á vossa frente um homem, que até hoje tem mostrado querer e desejar só o vosso bem-estar e a vossa felicidade. Caracterisam-no duas grandes virtudes — a dedicação por aquelles que elle chama irmãos no trabalho, seus consocios aqui, — e a mais completa abnegação, porque não aspira a outro premio e a outra recompensa do que a illustração, a gloria e a prosperidade da classe artistica d'esta cidade.

Para concluir direi, que o facto, que hoje celebramos, não é um encerramento; pelo contrario, vimos todos aqui rubricar a primeira pagina de uma historia gloriosa, á qual os annos futuros ajunctarão outras muitas, porventura, mais gloriosas ainda, porque espero em Deus e na vossa illustração, que continuareis a ser dedicados, perseverantes e fieis ao vosso instituto, onde se encontram os principios e os elementos de toda a civilisação.»

Conimbricense, 3 de agosto.

Terminou a primeira época da exposição districtal conimbricense, que ahi se ostentou durante um mez á admiração dos que a visitaram.

Innegavelmente Coimbra deu um grande passo no caminho do progresso, e no aperfeiçoamento das industrias. D'elle hão de provir o incitamento a outras emprezas mais grandiosas e a convicção de que, quando a civilisação nos aponta para o futuro, é preciso marchar com a mira nelle.

Os medrosos ficaram convencidos e os vandalos do progresso vencidos; e a gloria que d'esta pugna resulta é tanto maior, quanto mais difficil foi a realisação da idéa, quantos mais impecilhos estorvaram os que se propunham convertel-a em facto.

A exposição, pois, acreditou Coimbra; e louvores sejam dados áquelles que para ella concorreram. E nós não podemos deixar de considerar como o primeiro, digno de todo o elogio, ao sr. Olympio

Nicolau Ruy Fernandes, dedicado presidente da Associação dos Artistas. Esta cidade deve já muitos serviços a s. s.ª; e este de certo é o mais importante de todos.

Se não fosse a actividade e a iniciativa do sr. Olympio e de poucos mais individuos, a exposição districtal ou não passaria de um pensamento magnifico, ou seria o ludibrio e o escarneo dos que se regosijam com os desastres alheios.

Ao sr. Olympio e a quantos trabalharam para a realisação de tão nobre empreza, merecendo especial menção o sr. Joaquim Martins de Carvalho, os nossos cordeaes parabens em nome dos que professam as grandes doutrinas do progresso, e tomam interesse pelo adiantamento das classes laboriosas, e pelo bom nome d'esta nossa terra.

O primeiro passo está dado. Pena foi que muitos não concorressem como podiam e deviam. Os esforços de todos seriam menos custosos e mais proficuos. Mas então? Houve concelhos, que não enviaram um só producto. E é crivel que isto acontecesse, se os administradores tractassem de promover a remessa de alguns trabalhos, e se empenhassem, como é do seu dever, para que os seus administrados respondessem ao convite da Associação? Mas alguns não quizeram incommodar-se, e fizeram bem; porque o exemplo, que vem do alto, é quasi sempre contagioso.

Mas houve concelhos que não concorreram? Peior para elles, que deram um triste documento do seu brio patriotico, e não souberam comprehender as vantagens de tão grande festa.

Mas que admira? Aqui mesmo em Coimbra, vergonha é dizel-o, muitos industriaes não quizeram expôr as suas manufacturas, e outros recusavam-se a dar esclarecimentos que lhes eram pedidos pelas commissões ou pela imprensa.

No entretanto, para honra de todos elles, estamos convencidos que noutra occasião serão mais promptos em acudir ao convite da Associação; porque muitos, que no principio se riram da tentativa, depois apressaram-se em expôr os productos, e outros estão summamente anciosos pela segunda época para tambem tomarem parte nesta festa industrial.

É que ninguem pensava que a exposição seria tão brilhante, e daria tanta honra aos que a promoveram e aos que a ella concorreram.

Pois bem. Que o desengano sirva de lição para commettimentos futuros, e que todos se compenetrem de que, quando a força de vontade e a iniciativa são poderosas e valentes, tudo se consegue com mais ou menos trabalho.

Agora é mister que todos os industriaes e agricultores se preparem para a segunda época da exposição, que terá logar de 16 a 31 de outubro. Recebem-se todos os productos do dia 1 a 10 d'este

mez. É preciso que os medrosos ou os incrédulos procurem desfazer a má impressão que o seu procedimento causou no publico. Que todos aquelles, que agora não poderam mostrar o que valem, não desaproveitem a nova occasião, que se lhes offerece, para que não se diga que nesta nobre terra ainda falta o estimulo que incita e a vontade que produz.

—Exposição districtal—No domingo terminou a primeira época da exposição districtal conimbricense, que a todos deixou plenissimamente satisfeitos.

Ao meio dia estavam reunidos na sala da Associação a camara municipal e varias auctoridades, e um numeroso concurso de povo.

O sr. Olympio, presidente da Associação, dirigiu-se ás pessoas presentes, e discursou ácêrca dos differentes pontos que diziam respeito á solemnidade que alli as reunia.

Começou s. s.ª dizendo que se tinha realisado a grande festa industrial, excedendo as esperanças d'aquelles a quem ella menos interessava; lembrando que a Associação luctára com immensos obstaculos, que muitos atiraram ao caminho da realisação de tão grande commettimento, mas que os esforços reunidos de alguns animosos poderam levar a cabo tão excellente idéa, que já começou a produzir bons resultados praticos. Notou que a exposição podia estar brilhante, se todos os membros da Associação e os individuos habilitados para competir neste certame glorioso, se tivessem compenetrado das vantagens que resultam de expor ao publico as obras do talento e habilidade de cada um; que ha concelhos que pouco, e outros que nada expozeram, o que de certo deve attribuir-se á indolencia dos que, por seu interesse, deviam ser os primeiros a acudir ao patriotico chamamento da Associação; mas que no entretanto esta exposição serviu de glorioso e nobre incitamento para os artistas, e foi um principio de regeneração industrial para esta terra, abrindo a porta para outras emprezas d'esta natureza.

Disse mais o sr. Olympio, que dos embaraços souberam triumphar a boa vontade e a actividade de algumas pessoas, para agradecer ás quaes não tinha phrases que revelem a intensidade do seu sentimento, e por isso se contentava em registrar os seus nomes, que eram os dos membros da camara municipal, os da commissão archeologica e os do jury classificador; lembrando, a este proposito, que difficil seria encontrar em outra terra do reino um jury mais competente e imparcial pela illustração e probidade dos individuos que o compõem.

Agradeceu tambem o illustre presidente á juncta geral do districto a subvenção concedida (*a*), agradecendo igualmente aos expo-

(*a*) A juncta geral era composta dos seguintes srs. procuradores: dr. Miguel Leite Ferreira Leão, Visconde das Cannas, dr. Antonio José Teixeira,

sitores, á imprensa periodica, em especial a dois jornaes d'esta terra, que tinham dedicado muitas columnas a assumptos da exposição; ao digno commandante do destacamento que por espontanea resolução viera com o destacamento ás suas ordens, fazer a guarda de honra; á philarmonica *Boa-União*, e aos soldados que, fazendo a guarda da exposição, de tal modo procederam, que pareciam ter tanto empenho na guarda dos objectos como os proprios membros da Associação, encarregados d'este officio.

Por ultimo disse o sr. Olympio que a exposição terminava no domingo, mas que tornaria a ser aberta numa segunda época, de 16 a 31 do proximo outubro, recebendo-se os productos de 1 a 10 do mesmo mez, para que toda ella, e principalmente a secção agricola, se apresentasse completissima. Em seguida declarou encerrada a exposição districtal conimbricense.

Durante este acto a philarmonica *Boa-União* desempenhou algumas peças de musica em frente da casa da Associação, e tambem esteve postada no largo da cadeia toda a força do destacamento de infanteria n.º 14, fazendo a guarda de honra.

— Foi talvez por ser o ultimo dia que a exposição, no domingo, esteve extraordinariamente concorrida. Nunca alli tinha entrado tanto povo. Nos salões mal podia romper-se pela massa compacta de gente que se accumulava de todos os lados. Calcula-se que entraram mais de 1:000 pessoas, não contando os expositores e convidados que elevam aquelle numero a mais de 1:400. O producto da venda dos bilhetes nesse dia foi de 94$800 réis, e o total nesta época foi de 729$450 réis.

Á noite o concerto esteve excellente, e só terminou depois das 11 horas. Muitas das mais bellas damas conimbricenses adornavam brilhantemente aquella esplendida reunião.

— Na segunda feira entraram gratuitamente na exposição mais de 700 officiaes e aprendizes das differentes artes e officios.

Tribuno Popular, 4 de agosto.

---

dr Antonio Egypcio Quaresma Lopes de Vasconcellos, Antonio José da Silva Poiares, Francisco Augusto das Neves e Castro, Manuel Joaquim de Macedo Souto-Maior, Abilio Augusto Fragoso, Fernando Gambôa de Vasconcellos Ayala, Alipio Oliveira de Sousa Leitão, Augusto Cesar Cortez, Lino Xavier de Figueiredo, e João Pedro Fernandes Thomás.

ADVERTENCIA

As relações dos expositores da secção da industria fabril e de outras vão feitas pela ordem da apresentação dos productos ou objectos, pela difficuldade que havia em os agrupar methodicamente.

As classificações dos productos foram divididas em quatro gráus.

A **1.**ª corresponde á *medalha de ouro.*
A **2.**ª corresponde á *medalha de prata.*
A **3.**ª corresponde á *medalha de cobre.*
A **4.**ª corresponde a *menção honrosa.*

Na secção da industria agricola levam os productos inscripta a classificação especial, e no fim do artigo encontra-se a classificação geral ou definitiva, pela qual tem de ser passado o respectivo diploma.

SECÇÃO DA INDUSTRIA EXTRACTIVA

Empreza das Minas do Cabo Mondego — Tres grandes amostras de carvão de pedra, extrahido das minas em lavra de Buarcos, expostas a par das de Glasgow e de Newscastle; coke, fabricado nas mesmas minas; cal hydraulica em pó; cal hydraulica em pedra; trinta e seis frascos, contendo differentes substancias mineraes. (2.ª)

Commissão de Soure — Argilla ocreuse rouge, ou sanguinea (almagre), das minas de Assamaça e Cascão; argilla suectite (greda), da mina do Livreiro; silice, da mina de Alemcarça de Cima; gesso, da mina do Pinheiro; mineral de chumbo e lignites, da mina de Valle de Cavallos; betume da Judea, da mina de Milhariça. (3.ª)

Estas minas estão situadas no concelho de Soure.

Administrador do Concelho de Penacova — Amostra de marmore da pedreira de Sazes. (4.ª)

Fructuoso Abel, engenheiro, residente na Figueira da Foz — Amostra de argamassa hydraulica de cimento de Alcobaça, comparado com o de Portland, tambem exposto. (4.ª)

Narciso Fortunato da Silva Teixeira, de Ançã — Amostras de pedra calcarea das pedreiras de Ançã. (4.ª)

Wenceslau Martins de Carvalho, de Condeixa — Seis differentes qualidades de marmores, que se encontram na freguezia de Condeixa. (4.ª)

Julio Pereira, estudante, residente em Coimbra — Diversos exemplares de mineraes.

João Ferreira Maia, de Coimbra — Nove amostras de differentes marmores. (4.ª)

Luciano Fernandes Falcão, de Penella — Quatro pedras de fraga com amostras de material.

Miguel Dias Barata, de Coimbra — Quatorze pedras de giz.

Albino José de Freitas e Almeida — Minerio de chumbo e barro para fabrico de louça preta. (4.ª)

SECÇÃO DA INDUSTRIA FABRIL

José Marques de Mattos, da Figueira da Foz — Relogio para torre, de quartos e horas, tendo as maquinas da sonaria força para mover malhos de 6 a 8 kilogrammas; 6 esquadros de madeira e metal, sendo tres de nova invenção; dois prumos de metal amarello, sendo um apparelhado; escrivaninha de metal amarello.[1] O relogio vende-se por 300$000 réis. (1.ª)

Rosa Ferreira, da Torre de Bera, freguezia de Almalaguez — Coberta de cama, lavrada, de linho e algodão; duas toalhas de mesa. (4.ª)

Joaquim Fernandes da Conceição, de Coimbra — Par de polainas de panno, com botões de seda.

José Antonio de Azevedo Galvão, de Villa Nova de Anços — Dois martellos polidos. Vendidos a 1$000 réis cada um. (4.ª)

Maria Emilia, da Portella do Casal Novo, freguezia de Almalaguez — Guardanapos lavrados.

Manuel José Vieira Braga, serigueiro, de Coimbra — Borla de doutor; alamares de seda.[2] (2.ª)

[1] Em 1855 principiou-se na officina do expositor a fazer relogios de torre, e outros diversos trabalhos, como instrumentos de metal, etc. Para o seu fabríco tem uma plataforma, tornos de banca, tarracheiras e outras ferramentas indispensaveis.

Os moldes para a fundição, e a caixa de madeira, que resguarda o relogio que apresentou na exposição, foram feitos por officiaes que tiveram o aprendizado na sua officina, onde se conservam.

Já fez trinta relogios de torre, de diversos tamanhos e differentes riscos da sua invenção; e tem estabelecimento separado para todos os concertos de relojos de algibeira e caixas de musica.

Obteve a medalha de prata na exposição industrial do Porto; e emprega tres operarios, sendo os salarios d'estes de 300 a 600 réis.

[2] O expositor tem loja estabelecida ha dezenove annos, e occupa tres officiaes.

Francisco Correia Lopes, residente no pharol do Cabo Mondego — Dez bordões para piano.[1] (4.ª)

Francisco Rodrigues de Carvalho, da Figueira da Foz — Roda de fiar. (4.ª)

Manuel José da Costa Soares Junior, de Coimbra, rua da Sophia — Dois faetontes para um ou dois cavallos; uma americana, tambem para um ou dois cavallos.[2] (1.ª)

João Marques da Silva, preso na cadeia de Santa Cruz, d'esta cidade — Cinco capachos de esparto, differentes.

D. Modesta Felismina, de Midões — Lençol de linho bordado; toalha de linho; dois guardanapos.

Joaquim Francisco, do logar de Espinho, concelho de Miranda do Corvo — Talha e cabaça de barro vermelho.

Francisco Solano Ansuatigni, de Lima, capital do Perú, e residente em Coimbra — Cómmoda pintada ao gosto chinez, imitando charão (2.ª); quadro de flores pintadas em papel.

Guilherme Francisco Pereira Nunes, de Oliveira do Hospital — Machadinha com martello.

Antonio Moya, empregado nos caminhos de ferro — Fechadura de porta, que seu auctor avalia em 1:000$000 réis; partidor de pinhões, avaliado em 10$000 réis. (2.ª)

Victorino da Cruz, de Coimbra — Collecção de cinco panellas de folha de Flandres, para cosinha.[3] (4.ª)

[1] Para os seus trabalhos serve-se de uma pequena maquina de engrenagem portatil, feita na officina do sr. José Marques de Mattos, da Figueira da Foz.

Tem feito quatro orgãos, e afina e concerta pianos.

[2] Um dos faetontes é avaliado em 150$000 réis, e o outro em 170$000 réis; a americana em 200$000 réis.

Neste estabelecimento, que principiou ha quatro annos, concertam-se todas as qualidades de carruagens. A madeira de pau ferro para as rodas e lanças das carruagens vem do Brazil; e as de nogueira e sobro, que se empregam, são do paiz. O ferro é escossez ou suecio; o couro e polimento são inglezes; e as tintas para os vernizes são francezas.

Os productos d'esta fabrica são vendidos nesta cidade, Vianna, Leiria, Tondella, Mealhada, etc.

Emprega ordinariamente de 12 a 14 operarios; e os salarios regulam de 240 a 800 réis.

[3] Este estabelecimento, sito na rua dos Gatos, existe ha dezesete annos. Occupa regularmente dois officiaes e um aprendiz, e os salarios são de 160 a 300 réis diarios.

Manuel Teixeira da Cunha e Augusto Pinto Tavares, de Coimbra — Banheira para banhos geraes, com cylindro de cobre; banho de chuva, com bomba; cadeira para semicupios; outra de concha para banhos; *retraite;* balde e regador para serviço de quarto; escarrador; bacia para pés; filtrador para café; funil para lavar arroz; duas maquinas para café, imitando locomotivas; jogo de medidas do systema metrico-decimal.[1] (1.ª)

Clementina Augusta Pinto Tavares, de Coimbra — Coberta de linho e algodão, tecida em Castello Viegas por Guilhermina da Piedade Severina.

Emygdio Ferraz de Carvalho, de Coimbra — Dez pares de calçado, dos preços de 2$000 réis a 10$000 réis.[2] (4.ª)

Narciso Fortunato da Silva Teixeira, de Ançã — Tremó de madeira de faia da America. (3.ª)

Antonio de Carvalho, de S. Martinho do Bispo, concelho de Coimbra — Toucador de madeira e caixilho, obra de talha. (4.ª)

Anna da Encarnação, de Coimbra — Guardanapo bordado a malha eterna.

Antonio Augusto da Paixão Junior, de Coimbra — Fraque e colete de panno, e calça de cazemira. (2.ª)

Maria Amalia d'Almeida, de Coimbra — Tapete feito de tirinhas de panno. (4.ª)

Antonio Maria Gomes Tinoco Junior, de Coimbra — Oratorio grande, de folha de Flandres, lavrada, vendido por 18$000 réis; outro dito dito, de menor formato, vendido por 5$000 réis; outro dito dito, por acabar; lampada grande, de folha de Flandres. (2.ª)

Aluisio Lopes Ferreira, de Coimbra — Locomotiva a vapor, de media pressão, de um metro de comprimento.[3] (2.ª)

[1] Conta este estabelecimento nove annos de existencia, e occupa regularmente cinco officiaes e dois aprendizes. Os salarios são de 160 a 300 réis diarios.

A materia prima consta de folha de Flandres, estanho, zinco, arame, etc., quasi tudo comprado no Porto.

[2] A loja é na rua do Infante D. Augusto (rua Larga); occupa, termo medio, 6 operarios, com os salarios diarios de 400 a 500 réis.

[3] O fabricador d'esta maquina ainda não tem 18 annos. É filho do

José Joaquim Lopes, de Coimbra — Orgão, proprio para alugar. (2.ª)

Augusto dos Santos Gonçalves, de Coimbra — Mesa para jantar, de dobrar, e dois caixilhos, obra de talha A mesa foi vendida por 18$000 réis. (2.ª)

D. Jesuina de Albuquerque Sousa Seabra, de Coimbra — Coberta de linha de algodão, toda relevada, feita com agulha de meia. (4.ª)

Antonio dos Santos & Filhos, de Coimbra —Viola de nogueira preta, choupo e platano; violão de nogueira preta, choupo e pinho de Flandres; cavaquinho de mogno. (2.ª)

Antonio dos Santos Gomes Freire, de Coimbra —*Vitrine* de nogueira; compasso de freixo. (4.ª)

Abilio Alves Romão, de Coimbra — Par de botas á Frederica, de vitella franceza. (4.ª)

Antonio Joaquim de Sá e Mendonça, de Coimbra — Colcha branca de algodão, fabricada em Castello Viegas.

José Adelino Pinto de Sousa, de Maiorca — Guarnição bordada para lençol; bordado para cima de mesa.[1]

Manuel dos Santos Heleno, de Cellas, concelho de Coimbra — Dobadoura.

João Guedes Coelho, de Coimbra — Par de botas de montar, de couro da Russia; botinhas de polimento. (2.ª)

Luiz Francisco da Costa, preso na cadeia de Santa Cruz — Tres rocas feitas de palha, com enfeites de retroz.

José Julio Cesar, de Coimbra — Diversos objectos de louça.[2] (2.ª)

Joaquim Alfredo Pessoa, de Coimbra —Diversos objectos de louça.[2] (2.ª)

sr. José Joaquim Lopes, ajudante maquinista do Observatorio Astronomico da Universidade, e reside na rua do Corpo de Deus.

Empregou nesta locomotiva, ferro, aço, metal amarello, chumbo, zinco e cobre.

[1] Estes dois bordados foram feitos por uma filha do expositor, que falleceu poucos dias antes de aberta a exposição, e tinha apenas doze annos. Era quasi cega, e viveu sempre entrevada.

[2] O progresso que tem tido entre nós a fabricação da louça, data do seculo passado, em que deu o primeiro impulso a esta industria em Coimbra o sabio Domingos Vandeli.

Maximiano de Figueiredo, de Coimbra — Fato á hespanhola, para menino. (4.ª)

Custodio Braz de Lemos, da Figueira da Foz — Duas rodas de leme. (2.ª)

Julio Braz de Lemos, da Figueira da Foz — Tres mesas, obra de talha, para jogo de damas; quinze moitões e duas roldanas; dez peças de poleame, para diversos usos nauticos.[1] (2.ª)

Joaquim Gonçalves Fino, de Coimbra — Bilhar de madeira olho de perdiz, da America do Norte; estante de pau preto. O bilhar e seus pertences foram vendidos por 250$000 réis. (1.ª)

D. Maria de Jesus Rosado e Silva, de Coimbra — Coberta a crochet, para banco de piano

Diogo Ferraz, de Coimbra — Algibeira bordada a retroz.

Guilhermina da Conceição, da Torre de Bera, freguezia de Almalaguez — Toalha de linho e algodão, e guardanapo, com as armas reaes portuguezas. (4.ª)

Maria da Piedade Severina, de Castello Viegas — Coberta de algodão e linho; cochim, feito de lã de camello e de algodão. (3.ª)

Maria Rita Severina, do mesmo logar — Dois guardanapos.

Felicidade Maria de Jesus, do mesmo logar — Lençol; toalha; travesseiro e travesseira; tudo com lavores.

Francisco de Paula e Silva, de Coimbra — 17 livros diversos, todos impressos na *Imprensa litteraria*, sendo: Nobiliarchia conimbricense — Bosqueijo historico da nobreza de Coimbra; Indices e summarios dos livros e documentos do archivo da camara municipal de Coimbra; A confederação dos tamoyos, poema; Elementos de arithmetica, por M. A. Marques Lobo; Elementos de arithmetica, por J. da C. Mello e Silva; Noções elementares de arithmetica, por M F. de Vargas; Deducção explicita de trigo-

[1] Este estabelecimento de polearia foi fundado em 1862. O valor annual d'esta industria regula por 2:000$000 réis. O consumo dos seus productos é no Porto, Lisboa, Africa e Brazil Emprega cinco operarios.

Uma das mezas foi offerecida pelo expositor ao ex.mo sr. Francisco Maria Pereira da Silva.

nometria; Historia da philosophia em Portugal, 1.° fasciculo; Principios geraes de mineralogia e geologia; O arrependimento, romance; *Theses ex universa medicina,* do dr. Fernando de Mello; Primeiras folhas, poesias; Oração evangelica, pelo dr. F. A. Rodrigues de Azevedo; A fé, sermão, por José Frederico Laranjo; Synopse do bosqueijo historico, por A. C. Borges de Figueiredo; Elementos de geographia e chronologia, pelo dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro; Elementos de philosophia racional, pelo dr João Antonio de Sousa Doria. (2.ª)

José Francisco da Cruz, de Coimbra — Quinze frascos com differentes qualidades de bolacha. (1.ª)

Francisco Augusto Pereira de Magalhães, de Coimbra — Banca de pau santo, para leitura, reformada pelo expositor; cofre para senhora, com segredo. (4.ª)

João Antonio Bisarro, de Coimbra — Quatorze pares de tamancos, grandes e pequenos. (3.ª)

Antonio Gonçalves Pereira, de Villa Nova d'Anços — Cadeia de pau buxo para relogio, feita d'uma só peça. (4.ª)

José Maria Ervideira, de Coimbra — Par de botas de elastico, de guarnições inteiras.

Um anonymo, de Coimbra — Par de tamancos pequenos.

Anna do Carvalhal, de Maiorca — Coberta de linho e algodão.

Joaquim Esteves, de Coimbra — Dois esqueletos para selim; selim á ingleza, de couro de porco; tres almatrixas ou albardões, tendo um os loros, cilhas e estribos de couro, e dois simples; estribos bordados, de couro da Russia; arreios; bolça de viagem; cabeçada com rédea, freio e bridão. (2.ª)

João Matheus dos Santos, de Coimbra — Assucar refinado, que se vende a 270 réis, e orchata a 320 réis o kilo. (2.ª)

José Diniz de Carvalho, de Coimbra — Cama de ferro; dois fogões de cosinha. (2.ª)

Antonio Diniz de Carvalho, de Coimbra — Cama de ferro; lavatorio; martello para carpinteiro; ferro e sega, ferro de mãosinha, gravato e medeixo, tudo para charrua. (2.ª)

José Joaquim de Paula, de Serpins, concelho da Louzã —

Amostras de diversas qualidades de papel, feito na sua fabrica de papel continuo; tres peças de madeira, modelo das de ferro fundido, que se acham na roda hydraulica em laboração na mesma fabrica.[1] (2.ª)

Francisco Joaquim Arede, de Coimbra — Tres bahús; duas malas; mala-mochila; tres porte-viagens; dois pares de correias para campainhas. Alguns d'estes objectos foram vendidos. (3.ª)

Antonio da Costa Barreira, de Coimbra — Doze diversas pedras de sabão. (4.ª)

Antonio dos Santos Junior, de Coimbra — Par de botinhas de bezerro, pellica e polimento. (4.ª)

D. Maria José da Conceição Coelho, de Coimbra — Chapéo de seda para senhora. (4.ª)

Isaac Torres Veiga, de Coimbra — Par de botas para homem; par de chinellas para senhora. (4.ª)

Manuel Antonio Damil Beato, de Coimbra — Dois esquadros de madeira e metal (pau preto e buxo, e metal branco e amarello). (4.ª)

Manuel Martins Ferreira, de Coimbra — Dois enxergões; colchão; albardão com cadeirinha. (3.ª)

José Maria dos Santos, de Coimbra — Duas dentições, uma em platina, e outra em caoutchouc; peça de dois dentes; colar de ouro com medalha (2.ª); laminador para puchar folha de prata e ouro.

José Joaquim Coelho Porto, de Coimbra — Estojo de madeira de jacarandá e buxo; oratorio feito de varias madeiras. (3.ª)

Abilio Roque de Sá Barreto, de Coimbra — Mesa para comer na cama, com pinturas á chineza.

[1] Teve principio em 1863, e ainda se acha por concluir.

Os salarios regulam desde 60 réis até 500 réis. O motor é de força de 46 cavallos em 3 rodas hydraulicas. O trapo vae de Lisboa, Porto e da Beira. Os principaes mercados de consumo são Lisboa, Porto e Coimbra.

Obteve já a medalha de prata da Associação Portuense em 1861, e outra da Associação promotora da industria fabril de Lisboa, em 1863.

Esta fabrica está habilitada a satisfazer qualquer encommenda de papel de impressão, seja qual for a dimensão e qualidade.

Francisco Antonio de Carvalho Montenegro, de Poiares — Sabonetes de pó de arroz, de summo de alface, e de alcatrão; cestos de palha.

Antonio Alves Bibiano & Irmão, com fabrica de lanificios em Castanheira da Ribeira de Pera — Nove amostras de cazemiras; uma de picutilho de risca, outra de saragoça trançada, dita lisa; chailes de differentes cores e qualidades; chailes-mantas; baetas, etc.[1] (2.ª)

Custodio Simões de Carvalho Pio, de Coimbra — Borla de doutor da faculdade de direito. (2.ª)

Joaquim Wladislau Bruno, de Coimbra — Viola. (2.ª)

José Ferreira das Neves, de Soure — Rolhas de cortiça. (4.ª)

Candida Rosa, de Coimbra — Quatro differentes peças de corda. (3.ª)

Antonio Fernandes Mesquita, da Figueira da Foz — Mesa de costura e cadeira, de nogueira.[2]

Anselmo Mesquita, da Figueira da Foz — Balde e regador de zinco; dois lampeões; duas lampadas; terrina de lata; canudo de lata sem costura;[3] cafeteira de zinco e lata; taboleta grande de lata. (3.ª)

Joaquim Augusto da Maia, da Figueira da Foz — Oratorio de madeira do Brazil.[4]

Antonio Augusto da Maia, da Figueira da Foz — Mesa de jogo, dita de costura, marchetadas.[5] (4.ª)

Ignacio Lopes de Oliveira, da Figueira da Foz — Dez lunetas e quatro pares de oculos de ouro; broche de camafeu; quarenta e quatro pares de botões para punho; quatro descanços para trinchadores; seis etiquetas, para garrafas; dois agulheiros; alfinetes de peito, e ganchos

[1] O motor da fabrica é da força de 40 cavallos. Empregam se no fabríco lans nacionaes e estrangeiras. Os mercados de consumo são Lisboa, Alemtejo, Algarve e Beira. O valor da producção annual regula por 50:000$000 réis.

[2] O productor é carpinteiro de obra branca.

[3] Esta peça foi exhibida para mostrar a perfeição da soldadura, que se não conhece nem por dentro nem por fóra.

[4] O productor é carpinteiro de obra branca.

[5] Foram feitos estes objectos nos invernos de 1867 a 1868, e 1868 a 1869. O productor foi carpinteiro de machado, e actualmente é carpinteiro de obra branca.

para fazer meia, tudo de prata. Muitos d'estes objectos foram vendidos. (3.ª)

João Soares, da Figueira da Foz — Duas piteiras feitas de folha de Flandres. (4.ª)

Antonio Vieira, preso na cadeia de Santa Cruz — Caixa de madeira, coberta de palha a cores.

Bento Martins Lobo, de Coimbra — Rebeca. (3.ª)

Maria Augusta da Pureza Santos, de Coimbra — Cadeia de cabello para relogio. (4.ª)

Maria Amelia da Conceição Santos, de Coimbra — Cadeia de cabello, e differentes amostras de trabalho em cabello. (4.ª)

Maria Candida Santos, de Coimbra — Cordão de cabello. (4.ª)

José Correia de Mello, de Coimbra — Dois fraques, de differentes feitios, um de panno inglez, e outro francez. (4.ª)

Joaquim d'Assumpção, de Coimbra — Cavaquinho, feito em casa de Joaquim Wladislau Bruno.

José Menezes Parreira da Fonseca, de Coimbra — Esteira fina de junco.

Antonio Vieira, da Figueira da Foz — Sete pares de botinas; par de butes; dito de chinellas; productor Gaspar da Costa Pinto[1] (2.ª); — bandeira nacional; dita italiana, e dois galhardetes de filete.

José Ferreira de Carvalho & A. A. de Sá, de Coimbra — Capacete prateado. (4.ª)

Antonio Mendes de Castro, de Coimbra — Apparelho para pescar á cana.

Acacio Soares Couceiro, de Tentugal — Coberta de linho e algodão, feita por uma senhora d'aquella localidade.

José Clemente Pinto, de Coimbra — Collecção de amostras de massas e bolachas.[2] (1.ª)

[1] O expositor tem estabelecimento de sapateiro, na Praça Nova da Figueira, o qual foi fundado em 1867.

Tem, termo medio, sete operarios, ganhando de 60 a 400 réis diarios. Tem cylindros para comprimir a sola. A producção annual regula por 1:000$000 réis.

O principal mercado de consumo é a villa da Figueira; e por falta de operarios se não satisfazem alguns pedidos para a Africa e Brazil.

[2] Esta fabrica é movida a vapor, e está situada junto ao gazometro.

Antonio Soares Couceiro, de Tentugal — Coberta de linho e algodão, tecida por uma criada do mesmo.

José Rodrigues da Encarnação, de Coimbra — Varios objectos feitos de esparto.

Antonio José, de Coimbra — Amostras de cordas, que fabríca no carreiro do Arenado. (3.ª)

Eugenio Pereira de Miranda, de Coimbra — Borla de doutor da faculdade de direito. (2.ª)

Abilio Severo & Irmão, de Coimbra — Encadernação do *Episodio de Ignez de Castro, extrahido do canto terceiro do poema epico, os Lusiadas,* impressão da imprensa nacional de Lisboa. A encadernação é feita em *chagrin.* (4.ª)

Antonio Leitão, de Coimbra — Encadernação de um exemplar dos *Apontamentos para a historia contemporanea,* do sr. Joaquim Martins de Carvalho; encadernação de um exemplar dos *Elogios historicos dos reis de Portugal*, pelo sr. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco. (4.ª)

Joaquim dos Santos Gonçalves, de Coimbra — Cómmoda de nogueira, feita por Antonio Maria dos Santos.

Antonio Baptista, de Coimbra — Sapatos de pastor.

Joaquim Augusto da Cruz, de Coimbra — Prensa aperfeiçoada de aparar papel. Vendida por 12$000 réis. (4.ª)

Luciano Fernandes Falcão, da Ribeira de Podentes, concelho de Penella — Nove resmas de papel, de differentes qualidades.[1] (4.ª)

Maria de Jesus, de Coimbra — Amostras de cordas e sedellas para peixe. (3.ª)

Joanna Theresa de Jesus, de Coimbra — Agulhas de meia.

Manuel de Abreu Pinto, de Coimbra — Dois coletes; casaca. (3.ª)

[1] Esta fabrica está collocada nos limites da Retorta, na margem esquerda do rio Eça, concelho de Penella. Foi fundada pelo expositor, começando a edificação no dia 10 de janeiro de 1865.

Os operarios têm regulado de 15 a 20. De futuro tenciona occupar maior numero. Desde outubro de 1867 tem-se esforçado por aperfeiçoar os seus productos, e desenvolver o fabríco, em que tem gasto avultadas quantias. Teve de abrir uma nova valla para a conducção da agua, que só á vista se pode avaliar a sua importancia. Tambem tem um novo cylindro para montar.

Maria da Nazareth Ribeiro, de Formozelha — Cadeiras, canapé e jardineira, tudo em ponto pequeno. Vendidas.

José Coelho das Neves e Oliveira, de Coimbra — Dois aparadores para casa de jantar, de madeira de murta; duas caixas de mogno, para estojo de instrumentos de medicina operatoria; cadeira á Voltaire, de madeira de cerejeira (vendida); sophá; guarda-vestidos de mogno, com frente de espelho; colxão de molas; quatro molas de differentes tamanhos, para colchões. (2.ª)

Manuel Simões, de Coimbra — Dois albardões. (4.ª)

Antonio de Pina, de Coimbra — Quatro peças de corda ou cordinha. (3.ª)

Imprensa da Universidade — Memorias do Bom Jesus do Monte, em Braga, 2.ª edição, com nove estampas lithographicas, pelo dr. Diogo Pereira Forjaz de Sampaio; Lições de cosmographia, com seis estampas lithographicas, pelo dr. José Joaquim Manso Preto; Geometria no espaço, com sete estampas lithographicas, por J. R. de Andrade; Elementos de arithmetica, pelo dr. Rufino Guerra Osorio; Origem dos logarithmos, por José Lopes Marçal; Finanças, estudo sobre o imposto, por Joaquim José de Oliveira Valle; Dissertação inaugural e theses de direito, por Manuel da Maia Alcoforado; Pyrethologia, por Manuel da Costa Alemão; Hydrophobia rabica, por Antonio Alves de Sousa; Reforma do processo civil ordinario portuguez, por Manuel de Oliveira Chaves e Castro; Economia politica, pelo dr. Adrião Pereira Forjaz; Manual do processo civil, por José Homem Correia Telles; Direito commercial, por Avelino Cesar Augusto Maria Calisto; Estudo sobre a legislação de minas, por Alberto Guedes Coutinho Garrido; Manual do Ministerio publico, por José da Cunha Navarro de Paiva; Quadros do seculo, por João de Sousa Araujo; Odes modernas, poesias, por Anthero do Quental; A fada, por F. Guimarães Fonseca; Quadros cambiantes, por Candido de Figueiredo; Vozes sem echo, por Abilio Guerra Junqueiro; Flores silvestres, por José de Lemos de Napoles; Recreios poeticos, tomos 1.º e 2.º, por Joaquim Pinto de Sousa Macario; Considerações sobre o brazão da cidade de Coimbra, com uma estampa lithogra-

phica, por Antonio Maria Seabra de Albuquerque; Dissertação inaugural de theologia, por José Joaquim Richoso; Geometria elementar, com quinze estampas lithographicas, pelos drs. Francisco de Castro Freire e Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto; A lingua portugueza, por Francisco Adolpho Coelho; Historia de Santa Izabel, por D. Fernando Correia de Lacerda; Guia do viajante em Coimbra, por Augusto Mendes Simões de Castro; Roteiro do viajante nos caminhos de ferro portuguezes, por João Antonio Peres Abreu; Arzilla, romance, por Bernardino Pinheiro; A Providencia, romance, por Augusto Sarmento; Cancioneiro popular, por Theophilo Braga; O mundo interior, poesias, por José Simões Dias; Progresso, poesia, offerecida á Associação dos Artistas de Coimbra, por Amelia Janny; Elementos de arithmetica, por José Adelino Serrasqueiro: Padroado portuguez, dissertação e theses de direito, por José Joaquim Lopes Praça; Inspirações do claustro, poesias, por Abilio Guerra Junqueiro; Do direito internacional privado, dissertação e theses de direito, por Lucas Fernandes Falcão; Geologia, por Adriano de Paiva e Faria Leite Brandão; Da Osteologia, pelo dr. Antonio da Cunha Vieira Meyrelles; Elementos de epidemologia portugueza, pelo mesmo; Dissertação inaugural de theologia, por Luiz Maria da Silva Ramos; Relatorio d'uma viagem scientifica, pelo dr. A. A. da Costa Simões; Elementos de physiologia humana, tres volumes, com gravuras no texto, pelo mesmo; Relatorio sobre as obras do Mondego; Linhas trigonometricas, pelo dr. Luiz da Costa e Almeida; Superficies no espaço, pelo mesmo; Apontamentos para a historia contemporanea, por Joaquim Martins de Carvalho; Grammatica latina, por Joaquim Alves de Sousa; Themas graduados, pelo mesmo; Grammatica portugueza, por Bento José de Oliveira; Direito dos filhos illegitimos, por José Virgolino Carneiro; Noções elementares de geographia, com gravuras no texto, por Manuel Francisco de Medeiros Botelho; Toxicologia judicial e legislativa, pelo dr. José Ferreira de Macedo Pinto; Medicina administrativa, dois volumes, pelo mesmo; Astronomia, com oito estampas lithographicas, pelo dr. Rodrigo Ri-

beiro de Sousa Pinto; O arcebispo D. Frei Caetano Brandão, drama, com o retrato do arcebispo, em gravura lithographica, pelo dr. Antonio da Silva Gaio; Sorrisos e lagrimas, drama, por D. R. Formosinho; O Aristarco portuguez; Permanencia dos polos terrestres, por João José de Antas Souto Rodrigues; Theoria do imposto, por Lopo Vaz de Sampaio e Mello; Theoria das provas judiciaes, pelo mesmo; Historia do direito portuguez, por Theophilo Braga; Roteamentos e colonias agricolas, por Antonio de Avellar Severino; Elementos de anatomia pathologica geral, ornados com 41 estampas de gravura lithographica, pelo dr. Francisco Antonio Alves; Philosophia do direito, pelo dr. J. M. Rodrigues de Brito; Dissertação de mathematica, por Gonçalo Xavier de Almeida Garrett; Revista de legislação e de jurisprudencia, redigida pelo dr. Manuel de Oliveira Chaves e Castro; Contos, com o retrato do auctor, por Alvaro do Carvalhal; cartas de bacharel e formatura (1.ª), sendo feitas as caixas de prata pelo sr. Abilio Maria Martins; — cavalete e respectiva caixa typographica, pelo systema moderno; galé; galeão; componedor; divisorio; tudo feito por José Antonio Meco, carpinteiro do mesmo estabelecimento. (4.ª)

Antonio Correia Lemos, de Coimbra — Casaca e collete de panno preto. (2.ª)

Joaquim Carvalho Porto, de Coimbra—Cómmoda de murta; toucadores; guarda-vestidos de vinhatico; tremó; peanha e cruz de pau preto. (2.ª)

Antonio Fernandes Ervideira, de Coimbra — Doze pares de calçado de differentes feitios e qualidades.[1] (1.ª)

Antonio Paulo, d'Arregaça, concelho de Coimbra—Dezeseis peças de barro vermelho, d'Anobra.

Manuel Rodrigues do Nascimento, de Coimbra — Oratorio com seis gavetas occultas, e tres armarios, feito por Luiz Francisco Neves & Filho. (3.ª)

[1] O expositor offereceu um par de botas de caça a Sua Magestade el-rei o senhor D. Luiz; um par de botas altas a Sua Magestade el-rei o senhor D. Fernando; um par de botas altas a sua alteza o senhor infante D. Augusto; e um par de sapatos bordados a ouro a sua alteza o serenissimo principe D. Carlos.

Joaquim Alves Fernandes Aguas & Filho, da Figueira da Foz — Pipa *sem arcos*, de madeira de chué. (4.ª)

João da Silva e Sousa, da Figueira da Foz — Celha *sem arcos*. (4.ª)

Paulino Joaquim Mesquita e Santos, da Figueira da Foz —Vinte panellas; cassarolas; raladores; terrinas; bulles; cafeteiras; caldeiras, tudo de lata e de differentes tamanhos. (4.ª)

Gaudencio José Dias, de Coimbra — Selim á ingleza, de meia corrida, feito de couro de porco inglez; sela de picaria, de caça; coxim bordado a retalho; cartucheira; duas bolças de rewolver, de portinhola; porte-viagem bordado a retalho; dito pequeno; indispensavel; cabeçada aberta para cavallaria, com freio, bridão e rédeas; par de loros com estribos de ferro; cabeçada á Marialva, e freio portuguez; dois pares de estribos de sola; ditos de pau, com ferragem amarella e loros. (2.ª)

Empresa das minas do Cabo Mondego —Telhas; e tijolo para abobadas e para chaminés. (4.ª)

José Bernardes Gallinha, de Coimbra — Cama de ferro;[1] compaço de reducção, de metal amarello, ferro e aço, de um metro e 10 decimetros de comprimento, que reduz de 1 por 15; outro de distancias, dos mesmos metaes, de 60 centimetros de comprimento; pequeno fogão de ferro fundido, para trabalhar com gaz; collecção de panellas de ferro, de tres pernas, desde numero $^1/_2$ até 10; esquadro de metal amarello e aço; outro de metal amarello; suta de metal amarello; moinho de café, de invenção do expositor[2]; cruz de ferro fundido; dois fogões de sala; seis tubos de ferro fundido, de diversos diametros, para canalisação; quatro curvos, tambem de ferro fundido, de diversos diametros, egualmente para canalisação; dois varões de ferro sextavados, e só forjados, em diversas grossuras, para amostra; amostras de ferro moldado, de differentes feitios. (1.ª)

[1] Tem no alto da cabeceira uma figura, em relevo, de ferro fundido, representando a *musica;* e no centro uma *lyra*, em talha aberta, com duas faces. Nos pés, que têm o mesmo formato da cabeceira, outra figura, com duas faces, representando a *meditação*.

[2] Tem incontestavel vantagem sobre os até agora usados.

Theresa da Conceição Marques, de Coimbra — Dois odres.

Francisco Rodrigues de Almeida, de Coimbra — Fraque de panno (4.ª)

José Maria Mesquita, de Coimbra — Capelladas de polimento para tamancos, bordadas a torçal.

João Marques Perdigão, de Coimbra — Meada de pavio do mais fino, proprio para lamparina; rolo mais grosso; dez velas de cera. (4.ª)

Augusto Gonçalves Mendes, da Figueira da Foz — Modelo de um palhabote. (4.ª)

Josepha Barbosa, de Coimbra — Dezeseis rodilhas de tiras de panno, matizadas.

Antonio Bernardes, de Coimbra — Duas joeiras; uma peneira de cabello; duas ditas de seda.

Manuel Teixeira, impressor, de Coimbra — Verniz para impressão typographica de verão, e dito para impressão de inverno. (4.ª)

João Garcia Ribeiro Junior, de Oliveira do Hospital — Fechadura pequena, com campainha. (4.ª)

Francisco de Almeida, do bairro de Santa Clara — Cinco peças de oleado. (4.ª)

Um anonymo, de Coimbra — Duas caixas, feitas de buzios, com espelho na tampa.

Fabrica de vidros de Buarcos — Nove amostras de vidros de differentes cores. (2.ª)

Libania de Jesus, de Coimbra — Toalha a crochet.

Luiza Roza, de Torre de Bera — Brim de linho. (3.ª)

Manuel Contente Pinto, de Coimbra — Vasilhas de castanho; celha. (4.ª)

João Antonio da Cunha, de Coimbra — Dois lavatorios de louça; dois vasos grandes, idem. (3.ª)

José Monteiro de Figueiredo, de Coimbra — Velador de madeira.

Adriano Francisco Dias, de Coimbra — Mala-mochila; mala de viagem. (3.ª)

Serafim Martins Ferreira, de Coimbra — Albardão de cadeirinha, manufacturado por Manuel Martins Ferreira, sobrinho do expositor. (3.ª)

Olympio Nicolau Ruy Fernandes, de Coimbra — Collecção de vasilhas do systema metrico-decimal, desde 1:000 li-

tros até 50 litros; outra de medidas para seccos, desde litro até meio decilitro, para servirem de modelo aos operarios de tanoaria d'este districto; outra de medidas para liquidos, desde litro até meio decilitro, para egual fim.

Antonio José de Oliveira, de Coimbra — Velas de cera.

Antonio Maria do Rego, de Coimbra — Maquina electrica de disco. (2.ª)

Manuel Carvalho, preso na cadeia de Santa Cruz — Duas celhas de madeira.

Honorio & Filho, de Coimbra — Botins altos; botinhas de senhora; par de botas de caça. (3.ª)

Joaquim da Silva, de Coimbra — Palitos lisos e de flor. (3.ª)

José Carrameiro, do Ameal — Colxão de bunho, vendido; dois esteirões redondos, vendidos; duas esteiras, vendidas.

Rachel da Conceição, de Coimbra — Duas arvores de palitos de flor; duas amostras de palitos de flor; palitos marquezinhos superiores; palitos lixados. (3.ª)

Antonio Maria, de S. Martinho do Bispo — Duas palhoças

José Joaquim de Paula, de Serpins, concelho da Louzã — Modelos em madeira de centros, cambotas e carretões,[1] para roda hydraulica, feitos sob a direcção do expositor, e executados pelo seu mestre carpinteiro, Manuel Luiz Antunes, da Gandra da Louzã. (4.ª)[2]

Antonio Henriques de Carvalho, de Coimbra — Espingarda caçadeira, encoronhada por João da Silva Linhaça, da Figueira da Foz (3.ª)[2]; — espingarda de dois canos, encoronhada por Antonio de Miranda, de Valle de Linhares; uma clavina lisa, encoronhada pelo mesmo. (3.ª)[2]

Antonio de Sousa Pinto, de Coimbra — Oratorio de madeira de caixão.

Antonio Augusto Ferraz de Pontes, de Goes — Duas costellas de apanhar tralhões.[3] (4.ª)

[1] Por estes moldes foram fundidos, pelo sr. José Bernardes Gallinha, d'esta cidade, dois centros, vinte cambotas e dois carretões, que se acham em movimento na roda hydraulica da fabrica de papel, com feliz resultado, movendo oito cylindros e uma bomba centrifuga.

Alem d'estas peças fundiu o sr. Gallinha outras mais meúdas, ou de menor pêso, com muita perfeição.

[2] A classificação pertence ao manufactor.

[3] O expositor não é artista, e tem muita falta de vista; a maior parte do seu trabalho foi feito a canivete.

Domingos Antonio da Costa, de Coimbra — Chapéo alto *á franceza*, de pello de seda; dito *á ingleza;* dito *á hespanhola*, de feltro, guarnecido de velludo; dito de panno; dito de feltro, *á exposição*. Vendidos alguns. (4.ª)

Abel Augusto de Campos e Paiva, de Coimbra — Meada de linha fina, manufacturada no convento de Lorvão.

Anna Benedicta, de Coimbra — Doce de caramello.

Augusto Frederico de Sousa Doria, de Coimbra — Coberta de algodão, lavrada; carteira de pau camphora; caixa de madeira com embutidos; quadro bordado a fróco e seda.

D. Libia Lisarda Alves de Moura, de Coimbra — Coberta de linho e algodão, feita com agulha de meia. (4.ª)

Antonio Diniz de Carvalho Junior, de Coimbra — Chave de desatarrachar porcas de parafusos.

Carolina de Nazareth Paiva, de Coimbra — Rodilhas entrançadas, de cores.

Conceição Pinto de Sousa, de Maiorca — Guardanapo a crochet, guarnecido de renda; guarnição para um lençol.

D. Luiza Benedicta Furtado de Mascarenhas Castello-Branco, de Coimbra — Lençol com guarnição de lavor em relevo, manufacturado por Guilhermina da Conceição. (3.ª)[1]

Francisco José Leite, de Coimbra — Par de butes de bezerro, cosidos com correia do mesmo cabedal.

Joaquim Ferraz, de Coimbra — Dois barretes de clerigo.

Efigenia Saraiva, de Coimbra — Menino Jesus; peanha para um crucifixo.

Daniel da Veiga Saraiva, da Barroca, concelho de Coimbra — Vassouras de palha de milho.

José Gomes Ferreira, de Coimbra — Vasilha de 70 litros. (3.ª)

Antonio Lourenço da Silva, de Coimbra — Orchata. (4.ª)

José Maria Ventura, de Coimbra — Guardanapos e toalhas de linho.

Vasco da Costa, de Maiorca — Coberta de linho e algodão.

Numero de expositores nesta secção 175.

[1] É a classificação definitiva, que pertence á expositora, em substituição de outra a pag. 150.

SECÇÃO DE BELLAS ARTES E PRENDAS

Francisco Teixeira de Araujo, photographia Academico-Conimbricense, rua da Sophia, n.º 138, 2.º andar — Productos photographicos em dois quadros, contendo 25 retratos.[1] (3.ª)

Antonio da Conceição Mattos, photographia Lusitana, rua do Corpo de Deus, n.º 99 — Quadro grande com 4 retratos tirados em cartão de visita, amplificados ao tamanho natural; quadro com 25 retratos, quasi todos antigos, sendo quatro com as cores azul, vermelha, rosa e amarella, primeiras experiencias de reagentes, feitas em 1866 e 1868; quadro com a vista de Coimbra, tirada do alto de ~~Santa~~ Clara em 1856, e colorida com reagentes em 1866; copia photographica da planta de Coimbra, levantada em 1845 pelo sr. Izidoro Emilio Baptista, escala $^1/_{10}$ de legua portugueza, reduzida na proporção de 1 : 400; dois estudos a oleo em tela, representando a capella de Santo Antonio na Barroca d'Alva, no Alemtejo, e a espera da mala-posta na vespera do natal (costumes inglezes); quadro photographico colorido; esculptura em barro em baixo relevo[2] (3.ª); uma rosa bordada a froco para descanso de relogio, feita no convento de Sant'Anna.

José Augusto Vieira da Cruz, de Coimbra — Cinco quadros photographicos. (3.ª)

Arsène Hays, de Coimbra — Tres quadros de photographias. (3.ª)

Joaquim Dias da Costa, da Figueira da Foz — Cinco quadros abertos em madeira: sendo dois as linhas do Porto; dois contêm algumas datas notaveis do tempo das nossas

[1] Principiou este estabelecimento em 10 de março do corrente anno. Tem um administrador e um operador.

[2] Principiou este estabelecimento em 1856, e foi o primeiro que houve em Coimbra. Sahiram d'elle as primeiras photographias sobre papel, vidro e oleado; assim como ultimamente têm sahido d'alli as primeiras amplificações.

dissensões politicas; um tem no meio de ornatos a palavra — FRATERNIDADE; outro tem uma ave de rapina; um quadro, commemorativo da presente exposição e offerecido á Associação dos Artistas de Coimbra. (2.ª)

Luiz Adelino Lopes da Cruz, de Coimbra — Quadro calligraphico; arte calligraphica e seu additamento; collecção das escriptas dos alumnos que mais se tem distinguido na aula de calligraphia da Associação dos Artistas; collecção das primeiras e ultimas escriptas de varios individuos que o expositor tem ensinado em 18 lições.[1] (2.ª)

Henrique Leonardo Marques Perdigão, de Coimbra — Presepio de cortiça, começado em março de 1867.

Leovigildo Antonio da Cunha, de Coimbra — Quadro feito a missanga pela sr.ª D. Eugenia Aillaud.

José Marques Perdigão Donato, de Coimbra — Quadro feito de cortiça.

Ismenia Ermelinda Macedo, de Coimbra — Quadro feito de madeira, vidro e cortiça.

D. Carlota Augusta Carneiro da Costa, da Borda do rio, freguezia de Soure — Quadro com ramos de flores, feitas de junco. (4.ª)

D. Dulla Olympia, mestra do collegio das orphãs, de Coimbra — Larangeira artificial; collete para homem, feito a crochet, com uma silva a relevo do mesmo ponto; par de punhos para senhora, bordados a branco; lenço com bainha aberta; pannos de barba bordados; *abat-jour*, feito de tiras de papel de côres. (2.ª)

Rachel Diolinda, Maria José dos Santos e **Maria José Lopes de Macedo**, alumnas do collegio das orphãs, d'esta cidade — Bordados. (4.ª)

Manuel Augusto da Cunha Novaes, de Coimbra — Quadro a craião, representando Eva; outro com o retrato do ex.mo sr. conselheiro José da Silva Mendes Leal.[2] (4.ª)

Uma senhora, anonyma, d'esta cidade — Quadro em re-

[1] O expositor foi premiado com a medalha de cobre na exposição industrial portuense em 1857, por ter feito e exposto um livro de 109 paginas, escriptas e ornadas á penna.

O livro foi offerecido, em dezembro de 1863, a El-Rei o Senhor D. Luiz, que conferiu ao expositor a mercê de calligrapho da casa real.

[2] O expositor é um curioso, e não tem principios de desenho.

levo, representando o castello da Pena em Cintra, feito com pequenos fragmentos de pedra; o forte de Santa Catharina, da Figueira da Foz, em vulto, feito de fragmentos de pedra e cal ligados, e pintado ao natural.

D. Maria José Forjaz, de Coimbra — Quadro bordado a fio de escumilha, representando uma paizagem ao luar[1]; outro quadro, nem bordado nem pintado, mas feito de cabellos de nove sobrinhos da expositora, reduzidos quasi a pó e collados, representando Moysés salvo das aguas; outro, cortado á tesoura, representando M.elle de La Vallière; outro a *petit point*, grupo de meninos; quadro bordado em relevo, com flores; outro de missanga, collado entre vidros, representando casas e paizagens. (1.ª)

D. Maria do Carmo Forjaz, de Coimbra, sobrinha da antecedente — Quadro bordado a *petit point*, um arabe. (3.ª)

João Pedro Fernandes Thomaz Pipa, da Louzã — Quadro a oleo, imitação do quadro de Raphael — *A Virgem na cadeira;* quadro desenhado a lapis. (1.ª)

D. Maria Manuela da Silva Salazar e Vasconcellos, de Villela, concelho de Coimbra — Jarra com flores de pennas.

Francisco Mesquita, de Coimbra — Presepio. (4.ª)

José Ferreira Barbedo Vieira, de Coimbra — Quadro calligraphico. (4.ª)

D. Maria Adelaide Romana dos Santos, de Coimbra — Dois quadros, sendo um bordado a fio de escumilha sobre seda, representando a frontaria principal da Universidade; outro bordado a cartão, sobre veludo escarlate.[2] (2.ª)

D. Maria Julia Romana dos Santos, de Coimbra — Dois quadros, sendo um bordado a cartão picado, e outro a seda e lã; uma boneca vestida; uma barra pequena, com enxergão e roupa competente bordada a crochet.[3]

[1] Tem por baixo a seguinte quadra, tambem bordada a escumilha:

É noite. Immerso em negrura
Jaz o prado, o monte, o céu;
A lua apenas fulgura
Envolta em mystico véu. E. S. P.

[2] O primeiro quadro foi feito em mez e meio, e o segundo em seis dias.

[3] Um dos quadros é bordado a cartão picado por D. Maria Adelaide Romana dos Santos; e outro é bordado a fróco, pela mesma;

Manuel Ignacio da Conceição, de Coimbra — Imitação, em vulto, do observatorio astronomico da Universidade e da capella do Senhor do Arenado. (4.ª)

Domingos Barata Diniz, de Coimbra — Retrato pintado a oleo pelo sr. Antonio José Gonçalves Neves.

Alfredo Ferreira Barbedo Vieira, de Coimbra — Quadro bordado a cartão pela sr.ª D. Maria da Conceição Ferreira Barbedo Vieira.

D. Libania das Neves Holtreman, de Coimbra — Moldura e semanario de flores de sola; bilheteira, quatro tapetes e suspensão, feitos de contas; *Ecce Homo,* feito de missanga. (3.ª)

D. Julia das Neves Holtreman, de Coimbra — Quadro representando umas ruinas e uma casa. (4.ª)

D. Maria da Assumpção Coelho, de Coimbra — Dois corações de cera, feitos a bico de canivete, representando os corações de Jesus e Maria; chapéu branco de seda.[1]

D. Fortunata Emilia Coelho, de Coimbra —Toalha de bordado brazileiro. (4.ª)

Antonio Fernandes da Piedade, de Coimbra — Paizagem feita de cera.

Guilherme Mesquita, da Figueira da Foz — Cinco quadros a aquarella, sendo dois d'architectura e tres de figura.[2] (4.ª)

Possidonio da Silva Alves Brandão, de Coimbra — Imagens de S. Jeronymo e S. Francisco; dois retratos; paizagem do salgueiral; cinco aquarellas; quadro representando a miseria; estatua de Belizario; seis quadros a oleo. (2.ª)

Luiz Theotonio de Figueiredo, de Coimbra — Quadro bordado a missanga.

Antonio Luiz de Figueiredo, de Coimbra — Dois quadros de cortiça; dito de cartão e missanga. (4.ª)

Francisco dos Santos (menor), de Coimbra—Esculpturas em barro, imitando a memoria de D. José I em Lisboa, a mesa do relogio da torre de Santa Cruz, e o repuxo do claustro do Silencio em Santa Cruz. (3.ª)

a barra foi feita por um curioso d'esta cidade; e as botinas pelo sapateiro Manuel Roque.

[1] O chapéu vende-o a productora, que reside na rua da Moeda, n.º 10, por 4$500 réis.

[2] O productor é carpinteiro de obra branca, e mestre de obras.

Antonio Aprigio de Freitas Honorato, de Coimbra — Dois bustos, sendo um do presidente da Associação dos Artistas, offerecido ao mesmo; e outro do sr. Alfredo Pessoa; dois moldes para mascaras; um grupo em barro. (3.ª)

Adriano da Silva e Sousa, de Coimbra — Retrato a oleo do presidente da Associação dos Artistas d'esta cidade, offerecido ao mesmo. (3.ª)

Real Collegio Ursulino de Coimbra — Dois quadros bordados a escumilha, representando El-Rei o Senhor D. Pedro V; vista do palacio real de Cintra; dito, bordado em seda branca, com um ramo de flores; dito, bordado a lã, com um papagaio, em alto relevo; dito bordado a fróco, assente em vidro de espelho, com um ramo de flores; dito, de cartão picado, com um ramo de flores; véu de calix, de seda de cordão; bolça de corporaes e *porta caeli* para sacrario, bordados a ouro; lenço e ramo de cambraia branca, bordados a branco. (1.ª)

João de Sousa Araujo, de Coimbra — Panno bordado a matiz, para jardineira, por uma senhora d'esta cidade.

Malvina Adelaide Mello Vieira, da Figueira da Foz — Coberta de cama e guardanapo de crochet. (3.ª)

D. Felisbella da Conceição e Silva, de Coimbra — Quadro de cartão picado, representando o palacio real de Queluz; quadro feito de flôres de sola, e uma flor de cera. (2.ª)

João Cabral de Moura Vilhena, da Figueira da Foz — Cesto e tres quadros de papel, imitando mosaico.[1] (1.ª)

Julia Arede Serafina, de S. Martinho do Bispo — Quadro feito de missanga; dito a fróco.

Antonio Lopes Guimarães Pedrosa, de Lavos —Trabalhos de architectura em aquarella, do primeiro anno de desenho da Universidade de Coimbra. (3.ª)

Zulmira Adelaide Bandeira, de Coimbra — Coberta de rede bordada, e outra de malha fechada. (3.ª)

Antonio Augusto de Oliveira Valle, de Coimbra — Ramo de flores de conchas e buzios, feito na Figueira da Foz.

Adelino Augusto Pereira Bahia, de Coimbra — Quatro desenhos do 3.º anno do lyceu d'esta cidade. (3.ª)

Fructuoso Abel, engenheiro, residente na Figueira da Foz

[1] É um trabalho inteiramente novo e de que o expositor é inventor.

—Plano e orçamento de uma casa, em construcção no novo bairro de Santa Catharina, na Figueira da Foz. (2.ª)

D. Anna Penha de Vasconcellos Galião, de Coimbra — Toalha bordada a ponto brazileiro; lenço bordado a branco. (3.ª)

D. Anna Fortunata d'Abreu Tavares Mascarenhas, da quinta da Boa-joia, freguezia da Carapinheira, concelho de Monte Mór o Velho — Quadro feito de pennas de pavão.

D. Maria de Nazareth Ribeiro, de Formoselha — Doze cadeirinhas, canapé, e jardineira, tudo em ponto pequeno.

Joaquim de Mariz Junior, de Coimbra — Vista da frontaria da egreja de Santa Cruz, desenho original a lapis; gravura em pedra, representando o antigo tumulo, onde primeiro esteve o corpo da Rainha Santa Isabel. (3.ª)

Francisco Maria Martins, de Coimbra — Imagem da Senhora da Conceição, esculpturada por Antonio Aprigio de Freitas Honorato; grupo, representando a fugida de Nossa Senhora com o Menino e S. José para o Egypto.

D. Herminia da Rocha Dantas, de Coimbra — Dois quadros, um a missanga, e outro a matiz em papel. (4.ª)

José Joaquim de Azevedo, de Coimbra — Imagem da Senhora da Conceição, feita por Domingos José Brandão, d'esta cidade. (2.ª)[1]

Francisco Antonio, de Coimbra — Dois Meninos Jesus, feitos por José Maria Saraiva, d'esta cidade; peanha d'um crucifixo, feita pelo mesmo; imagem da Senhora da Conceição, feita por José Leite, tambem d'esta cidade.

José Joaquim da Silva, de Coimbra — Quadro a cartão, com a imagem do Senhor dos Passos.

Luiz Gutterre Vasques da Cunha Sá e Mello, de Maiorca — Ramo de flores.

Providencia de Jesus Gonçalves, de Coimbra — Guardanapo de renda. (4.ª)

Emilia Rosa Gonçalves, de Coimbra — Guardanapo de renda; quadro bordado a missanga, representando S. Francisco de Borja. (4.ª)

Padre Manuel Joaquim Pereira Ribeiro da Rocha, de Coimbra — Estola bordada a ouro e a fróco.

[1] A classificação pertence ao manufactor.

Dr. Antonio José de Freitas Honorato, de Coimbra—Caixilho de madeira, tendo dentro um quadro de cartão picado, feito por D. Felisbella da Conceição e Silva, d'esta cidade.

João Correia dos Santos, de Coimbra — Coberta de linho e algodão, com lavor, tecida em Castello Viegas.

D. Maria de Oliveira Conceição e Castro, de Coimbra — Lenço de cambraia bordado a branco.

D. Maria Francisca de Vasconcellos, de Coimbra — Quatro almofadas bordadas a matiz.

D. Carolina Amelia de Sousa, de Coimbra — Tres quadros grandes bordados a fróco; quatro bordados pequenos.

D. Maria Adriana S. Thiago Gouveia Mattos, de Coimbra — Dois desenhos, sendo um de ornato sobre papel amarello, a dois craiões, e outro uma aquarella representando um cabaz com fructas. (4.ª)

Libania de Jesus, de Coimbra—Toalha feita de renda. (4.ª)

Irmandade do Santissimo da Sé Velha, de Coimbra — Manto de seda azul, para Nossa Senhora, laço de seda branco, estola de seda, bordados a ouro; capa de campainha, de prata, dos Santos Martyres, feita por Joaquim de Mariz, d'esta cidade; diadema de prata, feito por Abilio Maria Martins.

Antonio da Silva Rocha, A. A. B. Mourão, M. P. dos Santos Paixão, alumnos da aula de desenho da Associação dos Artistas de Coimbra — Desenhos feitos na dita aula. (4.ª)

D. Rachel Adelaide de Azevedo Pinho, de Coimbra — Quadro com fructas artificiaes. (2.ª)

José Antonio de Sousa Nazareth, de Coimbra—Duas toalhas de mesa, sendo uma de tecido em relevo; duas ditas de mãos, sendo uma bordada, e outra em relevo; quatro guardanapos, sendo dois feitos com agulhas de meia.

Antonio Honorato Marques Perdigão, de Coimbra — Presepio de cortiça.

Padre Manuel da Cruz Pereira Coutinho, prior da Sé Velha, de Coimbra — Estola bordada a ouro.

João Xavier, de Monte Mór o Velho — Quatro quadros a aquarella, copias de Mazeppa, por José Ferreira Vidal; quadro photographico da familia real portugueza; retrato de Garibaldi, a oleo.

D. Francisca A. O. Lopes Branco, de Maiorca—Desenho a craião, representando Raphael, e que foi premiado na exposição portuense de 1862; sophá para casa de campo; tres cestinhos feitos de aparas de madeira. (2.ª)

D. Etelvina Julia da Piedade Cavalleiro Santos, de Coimbra — Quadro bordado a lã sobre palha. (4.ª)

D. Augusta Emilia Fragoso, de Coimbra — Quadro bordado a fio de escumilha sobre seda branca, representando — *La grande Chartreuse —Vue latérale du monastère.* (2.ª)

José Rodrigues de Andrade, de Coimbra — Dois quadros a dois craiões, copias. (3.ª)

Adelino Augusto Pereira Bahia, de Coimbra — Quatro desenhos pertencentes ao 3.º anno do lyceu d'esta cidade.

D. Theresa Adelaide da Cruz Frasão, de Coimbra — Camisa de mulher, tres lenços de assoar, duas travesseirinhas, e uma toalha, tudo bordado pela expositora. (3.ª)

D. Maria Carolina Lisboa, de Coimbra — Lenços feitos a ponto brazileiro. (3.ª)

D. Maria do Ó Cabral Pereira de Menezes, de Coimbra — Toalha feita a ponto brazileiro. (4.ª)

Ernesto Simões de Carvalho, de Coimbra — Quadro bordado a fróco.

Antonio José Gonçalves Neves, de Coimbra — Onze quadros representando S. Jeronymo; S. Pedro; Senhora do Carmo; a Virgem amammentando o Menino Jesus; Nossa Senhora da Conceição; o Menino Jesus dormindo nos braços da Virgem; a Magdalena e a Mãe; Herodias com a cabeça de S João Baptista; um naufragio; um lago; a surpreza no bosque; retrato do presidente da Associação dos Artistas; tudo a oleo [1] (2.ª)

[1] Vid. adiante as notas illustrativas.

Numero de expositores nesta secção 84.

SECÇÃO DA INDUSTRIA AGRICOLA

A secção do jury, encarregada de estudar os productos agricolas da exposição industrial do districto de Coimbra, vem hoje apresentar o resultado dos seus trabalhos.

Inaugurada por modo tão auspicioso esta festa do trabalho na terceira cidade do reino, por iniciativa da benemerita Associação dos Artistas, todos se congratulam hoje por estreia tão feliz.

A exposição de Coimbra, offerecendo á concorrencia e publicidade os productos da sua industria districtal, foi uma escola de nobre emulação para todos os artistas, que inscreveram briosamente os seus nomes nesta pagina de verdadeiro progresso e fecunda liberdade.

Em todas as nações civilisadas se presta hoje o mais honroso culto a estas solemnidades, e se consideram como instituições de verdadeira utilidade nacional.

A importancia das exposições na Inglaterra e França vai crescendo de anno para anno. As principaes cidades britanicas disputam á porfia a honra de celebrar dentro do seu recinto um concurso industrial, desenvolvendo-se por toda a parte um sancto enthusiasmo, e votando-se com a maior prodigalidade os subsidios convenientes para as despezas d'estas festivas reuniões.

Em França succede o mesmo. A industria rural tem progredido neste paiz pelo impulso das sociedades agricolas, e pela lição eloquente das exposições e concursos regionaes. No anno de 1864 já se contavam cerca de 700 associações agricolas, recebendo do Estado e de subscripções particulares mais de dois milhões de *francos*.

Em Portugal já tinhamos os nobres exemplos, dados pelas cidades do Porto, Lisboa e Braga. Coimbra não podia permanecer indifferente a estes brados patrioticos, que a incitavam a uma manifestação solemne da sua vida industrial. Coimbra, a terra das letras, a terra da liberdade, a terra das mais honrosas tradições historicas, despertou da sua apathia e respondeu á voz do progresso, que lhe bradava por todos os lados, abrindo a sua primeira exposição em julho do corrente anno.

Se o primeiro passo foi tímido, se foi modesta a sua primeira manifestação, gravou com tudo em caracteres indeleveis a sua muita

aptidão para futuros e grandiosos melhoramentos. Os menos ousados e menos instruidos ahi aprenderam praticamente quanto póde a intelligencia, auxiliada pela perseverança e boa vontade, na realisação dos grandes commettimentos.

O districto de Coimbra, pelos seus privilegios naturaes, e pela luz da sciencia, que irradia da sua Universidade, já tinha concorrido de um modo digno e até brilhante ás exposições universaes de Londres, Paris e Porto, merecendo as mais bellas palmas de triumpho muitos dos seus expositores.

O districto mais central do reino, a região mais bem dotada pela Providencia, mais famosa pelas amenidades de clima, pela força productiva do solo, pelas bellesas e paizagens campestres, devia realisar na sua capital, na formosa rainha do Mondego, um basar de suas riquezas, e ostentar á luz da publicidade os mais valiosos productos da sua industria e do seu trabalho.

Foi esplendida a festa, e excedeu a expectativa dos mais exigentes. O soberbo e magestoso monumento do fundador da monarchia e do rei venturoso abriu as suas portas aos cultores e amigos do trabalho, e os seus salões e claustros converteram-se em vistosas galerias, onde se admiravam na mais graciosa perspectiva variadas collecções de productos, desde a flor mimosa até o artefacto esplendido.

Quem visitava a exposição, não podia deixar de extasiar-se perante essa tela variegada da industria, da historia natural, das bellas artes e agricultura; todos sentiam a mais pura alegria; todos participavam do sancto enthusiasmo, que preside a um espectaculo, que não só captiva os olhos, mas que falla ao espirito com as feições emblematicas e significativas do progresso e civilisação. Que lição eloquente! Que predições uteis! Que esperanças risonhas!

A exposição de Coimbra marca uma época memoravel na historia da industria nacional, e symbolisa uma aspiração fecunda para futuros melhoramentos. Oxalá, que tão nobre exemplo desvaneça as duvidas dos incredulos, anime os tímidos, e inspire a todos os mais fervorosos desejos, de popularisar estas festas do trabalho. Todos colherão os preciosos fructos d'esta semente abençoada.

A secção agricola não foi tão bem representada, como podia e devia ser. Todos esperavam que fosse muito maior o numero dos expositores e de productos, porque todos os proprietarios ruraes deviam concorrer, como o exigia a sua honra e o seu credito. Houve concelhos, que não enviaram um só objecto; e causava verdadeira estranheza, que alguns agronomos instruidos, que cultivam as suas propriedades á luz da sciencia, e que tanto honram a nobre profissão de lavrador, não annuissem ao convite que se lhes dirigiu.

Differentes causas explicam este facto. A indole da exposição, a sua feição mais caracteristica, era a industria fabril, a archeologia,

e bellas artes. Alem d'isto, a época não era a mais propria para a exhibição de productos agricolas, ainda cedo em relação ao tempo das colheitas, e já tarde a respeito de flores e certas plantas de ornamento.

Não obstante estes dois inconvenientes, ainda appareceram algumas collecções, que excitaram grande interesse, e que mereceram a attenção e curiosidade do publico.

Para facilitar o exame comparativo dos objectos expostos, convém adoptar uma classificação, em harmonia com os principaes ramos da agricultura. Com este fim, faremos as seguintes divisões:

1.º GRUPO

Productos immediatos da terra, comprehendendo cereaes, legumes, tuberculos, plantas pratenses e industriaes, arvores e arbustos, já de fructo, já de ornamento, plantas de jardim, de estufas, raras e exoticas, fructas, gommas e resinas, e madeiras.

2.º GRUPO

Animaes e seus productos, comprehendendo, alem dos especimens de raças, lã, seda, cera, mel, ovos, leite, queijo, manteiga, pelles, etc.

3.º GRUPO

Substancias empregadas como adubos do solo.

4.º GRUPO

Productos vegetaes, modificados pela industria, abrangendo farinhas, fructas seccas, fructas de doce, conservas, bebidas fermentadas, oleos vegetaes, etc.

5.º GRUPO

Machinas, instrumentos e livros, comprehendendo tudo que se refere á alfaia rustica, modelos de construcções ruraes, e quaesquer trabalhos escriptos sobre algum ramo de agricultura.

Em conformidade com esta classificação, o jury vai mencionar o que lhe pareceu mais digno de ser premiado, em cada um dos grupos.

1.º GRUPO

No primeiro grupo, as principaes amostras de cereaes e legumes pertencem aos srs. administradores dos concelhos de Monte-mór-o-velho e Penacova, Conde da Anadia da quinta da Varzea, Fructuoso

Ferreira da Silva, da quinta de Sancta Cruz, Joaquim Antonio Simões Pessoa, da Carapinheira, e Antonio Duarte Ariosa, de Coimbra.

De todas estas collecções, a que mais sobresaíu pela abundancia, variedade, boa conservação e disposição dos productos, não só do 1.º grupo, mas dos outros, foi a do sr. Joaquim Antonio Simões Pessoa, pelo que entendeu o jury, dever dar-lhe a 3.ª classificação.

A collecção do sr. Conde da Anadia tambem se recommenda pelos mesmos motivos; e por ser igualmente bem classificada em outras secções, principalmente no azeite, mereceu, na opinião do jury, a 2.ª classificação.

As collecções de cereaes dos srs. administradores dos concelhos de Monte-mór-o-velho e Penacova, pela boa qualidade e perfeito desenvolvimento das amostras, foram contempladas com menções honrosas. Pelo mesmo motivo se concedeu igual menção aos srs. Fructuoso Ferreira da Silva e Antonio Duarte Ariosa.

Entre as collecções de plantas uteis e de ornamento, figuram principalmente as seguintes:

Collecção ampelographica do sr. dr. Antonino José Rodrigues Vidal, lente de prima da faculdade de Philosophia, comprehendendo 54 vazos, contendo cada um 2 ou 3 pés de videiras de dois annos de vegetação. O auctor faz esta exhibição, como amostra do processo, empregado ha doze annos por elle, com admiravel resultado, na renovação das vinhas velhas e novas na Bairrada

Os viveiros de bacellos são hoje empregados com reconhecida vantagem por muitos viticultores instruidos, reconhecendo-se que as plantações com os barbedos de viveiro são muito superiores ás que se fazem com os bacellos sem raiz.

O auctor faz uma descripção minuciosa do seu processo, no n.º 1:403 do *Tribuno Popular*, de 17 de julho de 1869, para cuja leitura o jury convida os interessados.

Esta collecção, unica no seu genero, e cuidadosamente cultivada, entende o jury, que merece a 2.ª classificação.

Outra collecção importante, é a exposta pela direcção das obras do Mondego. Alem de um pequeno herbario de plantas florestaes, consta de alguns vasos com plantas dos viveiros do Choupal e Valle de Cannas, sobresaindo os eucalyptos, grevillias, cedros, pinheiros, magnolias, vinhaticos, cyprestes, nogueiras branca e preta, azinheiras, carvalhos e castanheiros.

Figuram mais nesta collecção 8 amostras de madeiras, de choupo ordinario, de choupo de Italia, freixo, amieira, salgueiro negro e branco, pinho, e frascos com sementes de bromus schadari, trevo de flor roxa, e milho sorgo, e amostras de terras araveis, e alem d'isto um vaso com um exemplar de milho do Japão, e um caixão cam a planta forraginosa bromus schadari.

Todos estes productos, bellamente dispostos em armarios envi-

draçados e em amphytheatro, offereciam uma perspectiva brilhante, e attrahiam a attenção dos visitantes. Esta parte da exposição attesta notaveis progressos na administração cultural das mattas do Mondego, onde se tem realisado grandes melhoramentos desde 1866, havendo já hoje milhares de eucalyptos e de outras arvores florestaes, constituindo formosos arvoredos, ou dispostas em abundantes viveiros, produzindo um rendimento annual avultado, e promettendo grande augmento em futuro muito proximo.

É curioso e altamente instructivo, o que se tem publicado nos jornaes de Coimbra, a respeito d'esta administração, e o jury convida os interessados á leitura de tão interessantes trabalhos.

Esta collecção, pela boa qualidade dos productos, pela sua regular classificação, por sua perfeita cultura, e por ser obtida á luz dos mais sãos principios da economia rural, merece ser contemplada com a 2.ª classificação.

De plantas ornamentaes, appareceu uma importante e curiosa collecção, composta de 85 vasos, exposta pelos srs. Douverel Gabriel, Carlos Machado e Encarnação Silva, sendo o primeiro expositor um jardineiro francez, que durante algum tempo esteve empregado no Jardim Botanico da Universidade, e ultimamente tem sido encarregado de alguns jardins particulares, nos arredores de Coimbra, como são os dos srs. visconde de Condeixa, Miguel Osorio, e outros. Os dois outros expositores são amadores muito entendidos em floricultura, sendo o sr. Carlos Machado, um dos botanicos, que mais se tem dado ao estudo da flora nacional, da qual já possue um herbario numeroso, e tendo já publicado alguns capitulos.

As principaes familias, representadas nesta collecção, são as seguintes: coniferas, gramineas, compostas, caryophylleas, euphorbiaceas, liliaceas, labiadas, campanulaceas, lycopodiaceas, solaneas, cruciferas, myrtaceas, malvaceas, aroideas, araliaceas, rhodoraceas, saxifregas, plumbagineas, fetos, apocyneas, polygonaceas, oenothereaceas, scrophulariaceas, amaryllidiaceas, crassulaceas, begoniaceas, geraniaceas, palmeiras, gesneriaceas, commelynaceas, caprifoliaceas, acanthaceas, bromeliaceas.

Se estas plantas não offerecem uma utilidade immediata pelas suas applicações, são comtudo exemplares apreciaveis pela vistosa apparencia de suas flores, pela belleza e elegancia de suas fórmas, e pelas côres variegadas e graciosas de sua folhagem.

Este ramo de agricultura é cultivado cada vez com mais enthusiasmo, e ostenta hoje em todas as exposições um logar distincto. Os mais bellos typos de plantas e arbustos de jardim figuravam nesta collecção, revelando o apurado gosto dos expositores, sobresaindo as begonias, caladios, coleos, bonapartias, draconeas, pelargonios, azalias, calceolarias, erezinas, geranios, cinerarias, fuchsias, fetos, petunias, etc.

Esta collecção, pela esmerada cultura dos exemplares, sua variedade e luxuosa vegetação, merece a 2.ª classificação.

O sr. Antonio Mendes Simões de Castro expõe uma collecção de plantas de jardim e florestaes, em 44 vasos. Este expositor dedica-se com muito esmero á cultura floristica, possuindo uma estufa e numerosas collecções numa quinta, nos arrabaldes d'esta cidade; e já abriu um estabelecimento de venda de flores, na rua do Visconde da Luz.

São poucas as plantas florestaes d'esta collecção, notando-se a calistra australis e diversas especies de cupressus. Entre as plantas ornamentaes, sobresaem um elegante exemplar de strelitzia augusta, alguns pittosperos, um achyrantho, uma bambuza, uma sensitiva, uma adenartylis japonica, etc. Alem d'estes productos, o sr. Mendes tambem expoz alguns frascos da excellente flor de tilia.

O expositor e cultivador d'estas plantas, pela dedicação extrema, com que se consagra á practica de jardinagem, e pela boa escolha e classificação dos exemplares que apresentou, é digno da 3.ª classificação.

Em horticultura, o unico expositor foi o sr. Antonio Rodrigues Pinto Junior, apresentando magnificos exemplares de couves e repolhos, cultivados em uma insua de seu pai, juncto á fabrica do gaz. Nesta collecção, pequena no numero, mas preciosa pela qualidade e variedade, sobresaía o seguinte: uma couve *frisé vert grand*, uma dicta *frisé rouge grand*, uma dicta *frisé de Napoles*, uma dicta *frisé et panaché blanc*, uma dicta *palmier*, uma dicta *york hatif pied court*, uma dicta de Bruxellas, e uma dicta de *Schoveinfurth*.

Alem d'estes productos horticolas, que mereceram os gabos espontaneos de todos os visitantes, o sr. Pinto expoz tambem alguns exemplares de eucalyptos, grevillias, e bouganvilleas.

O expositor é incansavel na acquisição de exemplares raros, mandando vir de paizes estrangeiros sementes e plantas das mais estimadas, e dedica-se com muito gosto e verdadeira predilecção a este genero de culturas. É por tanto digno da 3.ª classificação.

Em amostras de madeiras, expoz o sr. Wenceslau Martins de Carvalho, proprietario, do concelho de Condeixa, uma curiosa e escolhida collecção de 25 especies, que são as seguintes: figueira, castanheiro, pinheiro manso e bravo, agreira, cerejeira, azinheiro, freixo, carvalho, buxo, nogueira, pereira, laranjeira, sobreiro, damasqueiro, amoreira, cypreste, lamigueiro, oliveira, choupo, salgueiro branco, medronheiro, loureiro, cedro, zambujeiro.

Este expositor mereceu ser contemplado com a 2.ª classificação, não só pela sua curiosa collecção de madeiras, mas por outros productos, que pertencem a outros grupos, e pelos quaes já mereceu menções honrosas nas exposições universaes de Londres e Paris.

2.º GRUPO

Este grupo é o mais pobre da exposição. Basta dizer, que não foram representados os lacticinios, sendo certo, que alguns concelhos do districto gozam da verdadeira reputação neste genero, sustentando um activo commercio de exportação. De lã, apenas appareceu uma amostra de lã preta, inferior, exposta pelo sr. Miguel Antunes Marreco, de Miranda do Corvo. Foi uma falta muito notavel, porque a creação do gado lanigero constitue uma verdadeira riqueza em muitas localidades do districto. Todos esperavam que figurassem na exposição os principaes typos de lã branca e preta, merinos, feltreira e longal, e suas subdivisões.

Este expositor merece assim mesmo uma menção honrosa, não só por este exemplar de lã, mas por outros productos, que constam do mappa geral.

Em seda, houve tambem poucos expositores, sendo este ramo de industria agricola um dos principaes elementos da riqueza do paiz, á qual tanto se presta o solo e clima d'este districto, pela facil e rapida cultura da amoreira. É sabido, que alguns proprietarios ruraes, mais intelligentes e mais conhecedores dos seus interesses, vão modernamente dando grande impulso a esta producção; e é de esperar, que dentro de poucos annos, a sericicultura se tenha desenvolvido consideravelmente no districto de Coimbra.

De casulos e seda em rama, houve apenas 3 expositores, os srs. José Maria Pereira da Fonseca, do concelho de Cantanhede, Francisco Antonio de Carvalho Montenegro, de Poiares, e a sr.ª Maria José Lopes. O primeiro apresentou uma caixa, contendo bellissimos casulos e excellente seda em rama, e fiada, e tudo tão bem disposto, como amostras de sua industria sericola, que mereceu ser premiado com a 1.ª classificação. Os outros dois expositores foram contemplados com titulos de menções honrosas, como incentivo para futuros melhoramentos.

De cera e mel, houve apenas um expositor, com productos insignificantes. É para lamentar esta deficiencia, porque é bem conhecido o desenvolvimento d'este ramo de industria agricola em alguns concelhos do districto. De cera manufacturada, appareceram alguns expositores, mas não pertence a esta secção do jury a apreciação e estudo d'estes productos.

Se pretendessemos ajuizar da agricultura do districto de Coimbra por esta pobrissima parte da exposição, triste idéa deviamos fazer do progresso agricola nesta importante região do paiz.

É sabido que os gados e seus productos constituem a base fundamental da agricultura prospera e progressiva. A fertilidade da terra não pode manter-se sem lhe restituir, debaixo da fórma de adubos, o que ella perde com as successivas colheitas. A industria

pecuaria não é somente o meio indispensavel de abastecer o solo com os principios essenciaes de fecundidade: é tambem um ramo de producção, do qual o lavrador aufere os mais vantajosos rendimentos, com os productos valiosos, de que os animaes são as machinas vivas.

Os gados não só constituem os agentes vivos dos mais penosos trabalhos ruraes, mas são o laboratorio activo dos estrumes, e os artifices infatigaveis dos mais preciosos productos da industria fabril. A carne, o leite, as gorduras, a lã, a seda, as pelles, e até os ossos, constituem riquezas immensas, sem as quaes seria impossivel a vida do homem. Os paizes mais ricos em industria pecuaria são os mais florescentes em agricultura.

O districto de Coimbra foi por tanto pessimamente representado nesta secção agricola; e oxalá que em futuras exposições possa rehabilitar-se d'esta falta, e patentear as muitas riquezas, que nestes generos encerra, e para que possue as condições mais favoraveis de aptidão. Appellamos com confiança para muitos proprietarios e lavradores, que neste ponto não devem deixar correr á revelia a causa dos seus interesses, e a questão vital do seu credito e de sua honra.

3.º GRUPO

Nesta secção o jury nada tem que dizer, porque não houve expositores. Nem o gesso, nem o sal, nem a cal, nem o marne, nem adubo algum foi exposto; sendo certo, que estas substancias são em todos os paizes bem cultivados abundantemente empregadas, e com grande vantagem, como elementos fertilisadores do solo aravel. O que os livros ensinam, e a experiencia confirma, a este respeito, constitue um dos mais interessantes capitulos de chimica agricola e da agronomia. Está sobejamente demonstrado, que os adubos mineraes não são menos uteis e indispensaveis, do que os adubos organicos.

É mister que os agricultores se convençam d'estas verdades, e sigam os exemplos magnificos, que a Inglaterra e outros paizes lhes offerecem, para elevar a producção da terra ao maior grau de perfeição e intensidade.

4.º GRUPO

É esta a secção agricola mais bem representada na exposição, principalmente em bebidas fermentadas, oleos vegetaes, e fructas de doce. Dizemos isto, em relação aos outros grupos; porque, relativamente á importancia e extensão do districto, ainda são pobres as collecções, havendo apenas 30 expositores de vinhos, 4 de licores, 9 de geropiga, 6 de aguardente, 17 de vinagres, e 17 de azeites.

Na apreciação d'estes productos, o jury resolveu proceder com

a maior circumspecção, e convocou em seu auxilio alguns cavalheiros competentissimos, que de bom grado se prestaram a auctorisar com o seu voto as decisões mais importantes. O sr. dr. Macedo Pinto, lente jubilado da faculdade de medicina, proprietario vinicola no Douro, e muito instruido, o sr. Antonio Maria Homem Sampaio e Mello, abastado proprietario e grande productor de vinho do Douro, cavalheiro illustrado, bacharel formado em direito, actualmente residente em Coimbra, o sr. dr. Fernandes da Costa, lente cathedratico de medicina, um dos agronomos mais esclarecidos d'este districto, e proprietario de um bello predio, marginal do Mondego, aros d'esta cidade, cultivado á luz dos principios da sciencia, o sr. Tollens, habil chimico allemão, que dirige actualmente os trabalhos practicos do Laboratorio da Universidade, foram as pessoas, que mais serviços prestaram, e que valiosamente coadjuvaram o jury nos seus trabalhos nesta secção.

Os dois primeiros assistiram a muitas reuniões, e classificaram a maior parte dos vinhos finos, estudando minuciosamente as principaes qualidades physicas, apreciando-as pelos sentidos da vista, do gosto, e do olfacto. O terceiro auxiliou o jury com o seu voto auctorisado no estudo do azeite; e o quarto cooperou activamente no estudo chimico dos vinhos, e especialmente na analyse perfeitissima dos vinagres, de que apresentou um interessante mappa, que vai juncto a este relatorio.

O jury não póde deixar de manifestar o seu reconhecimento a todos estes cavalheiros, pelo assignalado serviço que se dignaram prestar-lhe, em trabalho tão melindroso e de tanta responsabilidade.

Foram estudados os vinhos, na sua transparencia ou limpidez, na sua grossura ou corpo, densidade, acção dos reagentes corados, espumosidade, prova na ante-bocca, no meio da bocca, na parte posterior da bocca, nas fossas nasaes, e aroma, tanto á distancia, como juncto dos gargalos e nos copos. A esta prova physica accresceu o estudo chimico, determinando-se a força alcoolica pelo apparelho de Salleron, por meio de distillações successivas.

O resultado final de todos estes trabalhos, difficeis, delicados, e muito demorados, foi a classificação de vinhos em quatro classes.

1.ª Classe

Os expositores que apresentaram vinhos d'esta cathegoria, foram os seguintes: os srs. João Francisco da Silva, de Coimbra, Antonio Rodrigues Pinto, de Coimbra, José Lopes Guimarães, de Coimbra, padre Manuel Joaquim dos Sanctos Neves, de Coimbra, e Albino José de Freitas, da Ega. Os quatro primeiros expositores foram contemplados com a 1.ª classificação, e o ultimo com a 2.ª

2.ª Classe

Os expositores que pertencem a esta graduação foram os srs. Fernando Affonso d'Almeida Coutinho, José dos Sanctos Pereira

Jardim e Antonio Joaquim Guedes. Foram todos considerados com a 2.ª classificação. O primeiro já obteve distincções nas exposições de Londres, Paris e Porto.

3.ª Classe

Os expositores classificados nesta secção, foram os seguintes: os srs. Conde da Anadia, da quinta da Varzea, Joaquim da Silva Ramos, Antonio de Lemos, Bento José d'Oliveira, Costa Pereira e filhos, Daniel da Veiga Saraiva, Diogo José dos Sanctos, Fortunato Rocha, Serafim Garcia Ribeiro, Guilherme Pereira Nunes e D. Lucia Leopoldina.

Os dois primeiros expositores foram contemplados com a 2.ª classificação, pela abundante e escolhida collecção de productos agricolas que apresentaram, recaindo o premio do primeiro especialmente na excellente amostra de azeite, e o do segundo pelo vinagre de primeira qualidade que expõe. Todos os outros expositores d'esta secção mereceram a 3.ª classificação, excepto os dois ultimos, que obtiveram uma menção honrosa.

4.ª Classe

Os expositores classificados nesta secção foram os srs. Serafim Nunes da Costa, Joaquim da Cruz Freire, conselheiro Antonio Roberto d'Oliveira Lopes Branco, e J. L. O. Todos foram contemplados com um titulo de menção honrosa, como incentivo para futuros melhoramentos.

Os vinhos de todos os outros expositores foram rejeitados, uns como inferiores, e outros como alterados, e até com reacção acida.

Vê-se, por este resultado, que a grande maioria dos expositores de vinhos foi premiada, o que é um facto extremamente lisonjeiro para a industria vinicola do districto de Coimbra. A respeito de alguns vinhos de 1.ª classe, ouvimos pronunciar aos cavalheiros já citados um juizo tão favoravel, que não podemos deixar em silencio voto tão auctorisado, concedendo áquelles vinhos um logar honroso a par dos melhores vinhos do Douro.

Os srs. Silva, Pinto e Lopes Guimarães são negociantes em grande escala d'este producto, fazendo todos os annos avultadas exportações para paizes estrangeiros, e já mereceram diplomas de distincção nas exposições de Londres, Paris e Porto. O sr. Daniel Saraiva é o herdeiro e representante do sr. Francisco Bernardes Saraiva, viticultor distincto do concelho de Coimbra, já fallecido, e premiado nas mencionadas exposições universaes.

O jury não póde deixar de congratular-se com o resultado d'esta apreciação dos vinhos do districto de Coimbra, porque revela uma situação auspiciosa neste ramo de riqueza agricola.

O vinho é indubitavelmente o mais precioso artigo da agricultura portugueza, e são altamente honrosos todos os esforços tendentes a elevar este ramo de producção ao maior grau de valor.

São bem conhecidos os males da industria vinhateira, e a decadencia a que tem chegado este ramo, outr'ora tão florescente, da nossa agricultura. Os vinhos portuguezes encontram hoje uma concorrencia perigosa nos mercados estrangeiros; e os vinhos de Hespanha, França, e do Cabo da Boa Esperança são os seus terriveis competidores.

Houve tempo, em que as libações britanicas não admittiam quasi outros vinhos, senão os nossos. Hoje os vinhos de Hespanha já nos levam uma vantagem decidida, como se deduz dos mappas estatisticos. A Hespanha não é um paiz mais privilegiado para a viticultura, do que Portugal; e todavia os terrenos de Malaga, Xerez e Barcelona vão-se successivamente cobrindo de novas plantações, e o nosso commercio vai sendo cada vez mais affrontado com a concorrencia poderosa dos nossos visinhos.

É indispensavel levantar a nossa primeira industria agricola do abatimento em que tem jazido, aperfeiçoando o seu fabrico, procurando novos mercados, e estabelecendo novas relações internacionaes. Promova-se, por todos os modos, a genuina preparação d'esta bebida fermentada, evitando as adulterações, que tanto a depreciam, e tanto tem concorrido para o seu descredito commercial: e os vinhos portuguezes não terão rivaes. Oxalá que o districto de Coimbra concorra para esta regeneração agricola, como parece dever esperar-se d'esta tentativa tão promettedora.

Comprehendem-se ainda no 4.º grupo, de que estamos tractando, os vinagres, aguardentes, geropigas, licores, vinhos passados e abafados, azeites, e doce de fructas.

Como já dissemos, a analyse dos vinagres foi encarregada ao sr. Tollens; e segundo o mappa d'este habil chimico, foram classificados os expositores em quatro grupos.

1.º Os srs. Joaquim da Silva Ramos, e Abilio Roque de Sá Barreto. O primeiro já foi contemplado com a 2.ª classificação, e o segundo, não só pelo excellente vinagre de 1.ª qualidade, mas pelo vinho abafado, de que expoz varias amostras, mereceu a mesma classificação.

2.º Sr. José Lopes Guimarães. Este expositor já mereceu a 1.ª classificação pelos vinhos que expoz.

3.º Srs. Antonio Augusto de Mascarenhas, Antonio Joaquim Guedes, Daniel da Veiga Saraiva, José Julio Soares Couceiro, e Miguel Antunes Marreco. O primeiro mereceu um titulo de menção honrosa. O segundo e terceiro já foram contemplados com a 2.ª e 3.ª classificação, na exposição dos vinhos. O quarto merece menção honrosa; e o quinto já foi contemplado com menção honrosa, pela amostra de lã, que expoz.

4.º Os srs. Conde de Anadia, Antonio Rodrigues Pinto e João Francisco da Silva já foram premiados na secção dos vinhos.

Em aguardentes não appareceu amostra de 1.ª qualidade, sendo classificadas em 2.ª, 3.ª e 4.ª classe. Os expositores foram, da 2.ª o sr. José Lopes Guimarães, da 3.ª os srs. Conde de Anadia, Daniel Saraiva e Seraphim Garcia Ribeiro, e da 4.ª o sr. administrador do concelho de Penacova. Todos estes expositores já foram premiados em outros grupos.

Em geropigas houve a seguinte classificação: 2.ª classe, padre Manuel Joaquim dos Sanctos Neves e José Lopes Guimarães; 3.ª, João Francisco da Silva e Fernando Affonso d'Almeida Coutinho; 4.ª, conselheiro Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco, Antonio Augusto de Mascarenhas e Seraphim Garcia Ribeiro. Todos estes expositores já foram premiados por outros productos.

Em vinhos passados e abafados, apenas os srs. Abilio Roque de Sá Barreto e dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito apresentaram amostras dignas de se mencionar, merecendo o primeiro a 2.ª classificação, como já foi mencionado em outro logar, e o segundo foi contemplado com a 3.ª classificação.

Em licores appareceu o sr. José Augusto dos Sanctos Maia com excellentes amostras; mas o jury não pôde conceder-lhe premio, porque o expositor não pertence ao districto de Coimbra. Outro expositor foi o sr. Antonio Lourenço da Silva, d'esta cidade, que pelas amostras de licores e doce de fructas mereceu um titulo de menção honrosa.

Em doce de fructas tambem concorreu a sr.ª D. Leocadia Candida Freitas do Carmo, sendo contemplada com menção honrosa.

Em azeites, o unico de 1.ª qualidade que appareceu, foi exposto pelo sr. Conde de Anadia. As outras amostras foram classificadas em 2.ª, 3.ª e 4.ª classe.

Pertencem á 2.ª os srs. Albino José de Freitas, Daniel Saraiva, Francisco Zuzarte e José Leal Gouvêa Pinto. Os dois primeiros expositores já foram premiados em outros grupos, e o terceiro e quarto merecem menções honrosas.

Na 3.ª classe figuram os srs. Antonio Rodrigues Pinto, José Gonçalves Philippe e Luiz da Costa Pinto. O primeiro já foi premiado nos vinhos, e os outros merecem menções honrosas.

Á 4.ª classe pertencem os srs. Fortunato Rocha e administrador do concelho de Penacova, que ambos já foram premiados em outras secções.

5.º GRUPO

Nesta parte da exposição concorreram apenas dois expositores, os srs. Antonio Bernardes Gallinha, de Coimbra, e João Pedro Cortesão. O primeiro é um artista muito habil, com estabelecimento de serralharia, ha muitos annos, e que cultiva, como rendeiro, algumas propriedades nos arredores d'esta cidade. O segundo é um

proprietario rural, das margens do campo, que dirige as suas culturas com muito zelo e intelligencia.

O sr. Antonio Bernardes Gallinha expoz uma charrua de aiveca movel, toda construida de ferro forjado, segundo um modelo de uma charrua franceza, trazida ha annos pelo sr. Paulo de Moraes, e por este sr. empregada com muita vantagem na lavoura de suas propriedades. A construcção d'esta charrua é solida, simples e elegante. Todos os seus orgãos estão bem dispostos. A aiveca pareceu-nos de bom typo, assim como a sega e relha. Um regulador, collocado na extremidade do aipo, satisfaz com simplicidade aos fins d'esta parte do apparelho. O artista modificou o typo da charrua franceza, affirmando que o seu modelo é muito mais leve, lavra mais fundo, e é de mais facil direcção.

Alem d'esta charrua, o sr. Antonio Bernardes Gallinha expoz uma araveça, do mesmo systema, propria para lavras mais superficiaes, e em terrenos mais accidentados, e outro arado, singello e economico.

O expositor e constructor d'este e outros instrumentos agrarios, tem já feito muitas charruas para varios proprietarios, e entre outros, os srs. visconde da Ponte da Barca, conde da Graciosa, Paulo de Moraes e Augusto Cesar dos Sanctos.

O jury lamenta não ver funccionar estes instrumentos, para formar juizo mais seguro; mas, tendo em consideração o allegado pelo expositor, resolveu conceder-lhe a 3.ª classificação.

O sr. João Pedro Cortesão apresentou um arado e grade de madeira, com todas as peças que lhes pertencem, algumas de ferro, de construcção segura e pesada, geralmente usadas nos campos de Coimbra. O jury decidiu não premiar este expositor, por lhe parecer que o typo d'estes instrumentos de lavoura não offerecia melhoramento algum aconselhado pela mechanica rural, representando ainda a forma primitiva do antigo arado e grade portuguezas. O preço d'estes dois instrumentos era modico.

É para lamentar que a alfaia rustica fosse tão mesquinhamente representada na exposição districtal de Coimbra. Sabemos que muitos proprietarios instruidos empregam hoje na sua lavoura charruas de Dombasle, mais ou menos aperfeiçoadas, e de outros systemas, assim como outros instrumentos agricolas modernos. Entre outros cavalheiros, lembra-nos citar o sr. Paulo de Moraes, que, depois de viajar muito tempo pelos principaes paizes da Europa, veio estabelecer-se em uma quinta, nos arredores de Coimbra, onde applica nos seus processos de cultura os mais sãos principios da agronomia.

Foi muito para sentir que este sr., assim como outros proprietarios, em condições similhantes, não acudissem ao convite da benemerita Associação dos Artistas de Coimbra. O sr. Paulo de Moraes é um agronomo muito instruido e auctor de excellentes artigos so-

bre varios assumptos e questões da maior importancia da sciencia agricola, publicados no *Jornal do Commercio* de Lisboa.

Ninguem hoje desconhece que o emprego das machinas mais aperfeiçoadas é uma condição essencial do progresso rural. As riquezas, que a mechanica moderna tem creado na industria fabril e nos meios de transporte, devem ser imitadas na agricultura. Com as condições de solo e clima, que possuimos, é impossivel produzir mais, melhor e mais barato, do que os outros paizes, em quanto os trabalhos do campo continuarem a ser executados pelo modo imperfeito, proprio da infancia da vida rural.

No estado actual da civilisação, todas as industrias, para satisfazer ás necessidades da vida, cada vez mais imperiosas e exigentes, têm de executar os seus trabalhos com rapidez, regularidade, perfeição e rigorosa exactidão. Ora, só o emprego das machinas pode satisfazer a estas condições, porque só ellas aproveitam, transmittem e distribuem as forças naturaes, do modo mais conveniente e productivo.

Pela applicação da mechanica rural poupa-se o homem aos serviços mais pesados e insalubres, facilita-se a divisão do trabalho, submettem-se á nossa direcção e vontade as forças dos agentes naturaes, melhora-se a producção em quantidade e qualidade, e diminue o preço dos productos. O que torna fecundo e verdadeiramente util o trabalho do homem, é o emprego dos meios mechanicos, que a sua intelligencia sabe dirigir e aproveitar, e com que tem realisado os maiores prodigios da civilisação.

Uma das feições mais salientes da agricultura moderna, e que mais caracterisa os seus progressos, é o melhoramento e augmento dos gados; mas os gados dependem do aperfeiçoamento das culturas, e para aperfeiçoar as culturas, é preciso dispôr de instrumentos apropriados ás novas necessidades agricolas.

Convençam-se todos os agricultores, que os tres elementos capitaes de verdadeiro progresso agricola, são — os gados, prados e afolhamentos—; e que é impossivel dar o devido impulso a estas tres forças, sem empregar na cultura o que a mechanica rural ensina e aconselha. Como é possivel competir a agricultura portugueza com a estrangeira, se nós empregamos ainda, na maior parte do paiz, o primitivo arado de Virgilio, e nos outros paizes até a lavoura a vapôr já vai realisando os seus prodigios?

A nossa alfaia rustica é a mais simples e imperfeita; não empregamos esterroadores, nem escarificadores, nem extirpadores, nem rolos, nem enchadas de cavallo, nem amontoadores, nem semeadores, nem distribuidores de estrumes liquidos ou pulvurulentos, nem machinas de ceifar, nem debulhadores mechanicos, e confiamos tudo ao arado e grade de construcção primitiva, e ao trabalho braçal do homem.

A charrua não pode por si só fazer a lavoura, e ao mesmo tempo completal-a e aperfeiçoal-a. É necessario empregar outros instrumentos complementares. A Inglaterra e Estados-Unidos da America devem a esta divisão do trabalho agricola, e á numerosa e variada alfaia rural, a perfeição da sua agricultura.

As lavouras profundas e repetidas, e os amanhos successivos do terreno são indispensaveis para a perfeita pulverisação das camadas araveis, e d'esta condição mechanica depende essencialmente a conveniente permeabilidade do solo, a acção da atmosphera, a distribuição regular dos estrumes e da semente, em summa dependem todos os quesitos de uma perfeita lavra. Com os nossos instrumentos agrarios é impossivel conseguir todos estes resultados; e a terra não dá o que podia dar, se fosse convenientemente explorada.

Fazemos estas singellas considerações para excitar em todos os agricultores do districto de Coimbra o desejo de melhorar a sua alfaia rural, porque sem isto a sua industria continuará rachitica e pouco lucrativa, e incapaz de concorrer nos mercados com os productos estrangeiros, tanto em quantidade, como em qualidade e barateza. Attendam todos ao numero de sementes, que em outros paizes se obtem, comparado com a mesquinha producção do nosso solo, bem digno de melhor sorte.

O jury dá por terminada a sua tarefa, pedindo desculpa de alguma omissão ou inexactidão involuntaria, e fazendo votos para que as futuras exposições do districto de Coimbra possam representar de um modo digno e brilhante a primeira industria do paiz.

Ensaio dos vinhos

Nomes dos expositores, qualidade dos vinhos, data da colheita, força alcoolica, e classificação

Administrador do concelho de Penacova — Tinto mesa commum, 1868, força alcoolica 13,1; branco mesa commum, 1868, f. alc. 14,4.

Albino José de Freitas — Tinto mesa fino, 1848, f. alc. 17,6 (1.ª); dicto dicto 1868, f. alc. 15,4 (4.ª); branco mesa fino, 1868, f. alc. 14,2 (4.ª).

Antonio Augusto de Mascarenhas — Tinto mesa commum, 1868, f. alc. 12,6; branco mesa commum, 1868, f. alc. 12,5; bastardo, 1864.

Antonio Correia da Fonseca — Tinto mesa, 1858, f. alc. 17,4 (4.ª).

Antonio Joaquim Guedes (*a*) — Branco mesa fino, 1865, f. alc. 21,6 (2.ª).

Antonio de Lemos — Tinto mesa, 1863, f. alc. 15,7 (3.ª); tinto embarque, 1862, f. alc. 21,2 (4.ª); branco mesa, 1862, f. alc. 13,6; dicto 1867, f. alc. 17,3; dicto 1860; tinto mesa, 1867.

Antonio Maria da Silva Ramos — Tinto mesa commum, 1868, f. alc. 15,4.

Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco — Tinto mesa, 1862, f. alc. 19,4 (4.ª); dicto, 1863, f. alc. 17,2 (4.ª); dicto, 1864, f. alc. 19,4 (4.ª); branco mesa, 1864, f. alc. 19,4; Arinto, 1864, f. alc. 17,3; Fernampires, 1865, f. alc. 17,3; tinto mesa, 1865, f. alc. 20,2 (4.ª); dicto, 1866, f. alc. 20,4.

Antonio Rodrigues Pinto (*b*) — Branco embarque, 1867, f. alc. 21,2 (2.ª); tinto embarque, 1866, f. alc. 19,8 (1.ª); dicto dicto, 1867, f. alc. 23 (3.ª); dicto dicto, 1865, f. alc. 21,2 (4.ª).

Antonio Vieira (*c*) — Tinto mesa commum, 1868, f. alc. 11,3.

Bento José de Oliveira — Tinto mesa commum, 1868, f. alc. 14,8 (3.ª); dicto dicto, 1868, f. alc. 15,9 (3.ª).

Conde de Anadia — Branco mesa, 1867, f. alc. 15,6 (3.ª); tinto mesa, 1868, f. alc. 13,8.

Costa Pereira & Filhos — Tinto embarque, 1865, f. alc. 21,2 (3.ª); tinto mesa, 1868, f. alc. 19 (3.ª).

Daniel da Veiga Saraiva (*d*) — Branco mesa, 1843, f. alc. 19,8 (3.ª); branco commum, 1868, f. alc. 14,4 (4.ª); tinto mesa, 1868, f. alc. 13,4; dicto dicto, 1841, f. alc. 13,1; branco commum, 1868.

Diogo José dos Sanctos — Tinto embarque, 1865, f. alc. 22 (3.ª); dicto dicto, 1868, f. alc. 23,4 (3.ª).

Fernando Affonso d'Almeida Coutinho (*e*) — Tinto embarque, 1857, f. alc. 25,2 (2.ª); branco embarque, 1857, f. alc. 21,2 (3.ª); branco mesa, 1868, f. alc. 16,7 (4.ª); tinto mesa, 1868, f. alc. 14,2 (4.ª).

Fortunato da Rocha — Tinto mesa, 1868, f. alc. 14,4 (3.ª); dicto, 1858, f. alc. 20.6 (4.ª); branco mesa, 1868, f. alc. 12,8 (4.ª).

Guilherme Francisco Pereira Nunes (*f*) — Tinto mesa, 1868, f. alc. 14,4 (3.ª); branco (*alterado*).

João Francisco da Silva — Tinto mesa fino, 1852, f. alc. 19,4 (1.ª); branco dicto, 1867, f. alc. 21,2 (3.ª); tinto dicto, 1852, f. alc. 17,3 (3.ª); tinto dicto, 1862, f. alc. 18 (3.ª); branco dicto, 1867,

(*a*) Exporta para o Brasil e Açores.
(*b*) Exporta para o Brasil, Loanda, Nova Gôa e Hamburgo.
(*c*) Exporta para o Brasil.
(*d*) Menção honrosa na exposição universal de Londres.
(*e*) Medalha de 1.ª classe na exposição do Porto, e de 3.ª na de Paris.
(*f*) Menção honrosa na exposição de Londres.

f. alc. 22,9 (4.ª); tinto mesa, 1868, f. alc. 13,4; branco mesa, 1868, f. alc. 13,9 (4.ª).

J. L. O. — Tinto mesa, 1868, f. alc. 19 (4.ª).

Joaquim da Cruz Freire — Tinto mesa, 1857, f. alc. 18,6 (4.ª); dicto, 1865, f. alc. 17,2 (4.ª); tinto mesa, 1868, f. alc. 14,2 (4.ª); dicto branco, 1868 (4.ª).

João dos Sanctos Pereira Jardim (*a*) — Embarque, 1853, f. alc. 22,2 (3.ª); mesa, 1857, f. alc. 19 (3.ª); embarque, 1858, f. alc. 22,4 (2.ª); mesa, 1859, f. alc. 19 (3.ª); embarque, 1861, f. alc. 21,2 (4.ª); mesa, 1862, f. alc. 19,4 (4.ª); embarque, 1865, f. alc. 20,6 (4.ª); dicto, 1867 (4.ª); dicto, 1868, f. alc. 21,2 (4.ª); dicto, 1860, f. alc. 21,2; mesa, 1864; dicto, 1866; embarque, 1863, f. alc. 21,2 (4.ª).

Joaquim da Silva Ramos — Vinho de maçãs, 1862, f. alc. 15,1 (3.ª); branco mesa fino, 1858, f. alc. 21,6 (4.ª).

José Leal de Gouvêa Pinto — Tinto commum, 1868, f. alc. 13,6.

José Lopes Guimarães — Tinto embarque, 1851, f. alc. 23,4 (2.ª); dicto, 1852, f. alc. 23 (1.ª); idem, 1861, f. alc. 22 (3.ª); branco mesa, 1863, f. alc. 19,8 (4.ª); dicto, 1864, f. alc. 20,4 (3.ª); tinto embarque, 1865, f. alc. 23,4 (4.ª); dicto, 1866, f. alc. 26 (4.ª); dicto, 1867, f. alc. 26 (4.ª); dicto, 1868, f. alc. 22 (3.ª); dicto, 1868, f. alc. 24 (3.ª).

Lucia Leopoldina (D.) — Tinto mesa commum, 1867, f. alc. 14,2 (3.ª); dicto, 1868, f. alc. 17,4 (4.ª); branco mesa, 1854, f. alc. 16,6 (4.ª); dicto, 1852, f. alc. 14,1; tinto mesa, 1858, f. alc. 13,9.

Luiz Ruivo de Figueiredo — Tinto mesa commum, 1868, f. alc. 16,2.

Manuel Joaquim dos Sanctos Neves — Tinto mesa fino, 1859, f. alc. 27,2 (2.ª); dicto, 1865, f. alc. 24 (1.ª); dicto, 1864, f. alc. 17,6 (1.ª); dicto, 1861, f. alc. 23,4 (3.ª); dicto, 1863, f. alc. 21,6 (4.ª); dicto, 1867, f. alc. 15,4 (4.ª).

Seraphim Garcia Ribeiro — Branco mesa, 1863, f. alc. 16,2 (3.ª).

Seraphim Nunes da Costa — Tinto mesa, 1868, f. alc. 14 (4.ª).

Manuel Joaquim Tavares Mendes Vaz — Branco mesa, 1865, f. alc. 14,2 (4.ª); dicto, 1865, f. alc. 13,4 (4.ª).

(*a*) Exporta para o Brasil.

Vinhos abafados, vinhos passados, geropigas e licores

Nomes dos expositores, designação dos productos, e classificação

Abilio Roque de Sá Barreto — Vinho abafado de 1845 e 1846. (1.ª)
Joaquim Maria Rodrigues de Brito — Vinho passado de 1868. (3.ª)
Ant.º Aug.to de Mattos Mascar.as — Vinho passado de 1863 e 1866.
Antonio Lourenço da Silva — Sete variedades de licor. (4.ª)
José Augusto dos Sanctos Maia (a) — Cinco variedades de licor. (2.ª)
Antonio Augusto de Mattos Mascarenhas — Geropiga branca de 1868. (4.ª)
Fernando Affonso — Geropiga branca de 1862; tinta de 1868. (3.ª)
Antonio Maria da Silva Ramos — Geropiga branca de 1868. (4.ª)
Conde de Anadia — Geropiga branca de 1868.
José Lopes Guimarães — Geropiga tinta de 1852 (4.ª); dicta de 1864. (2.ª)
Seraphim Garcia Ribeiro — Geropiga tinta de 1864. (4.ª)
Ant.º Roberto d'Oliv.ª Lopes Branco — Geropiga tinta de 1865. (4.ª)
Manuel Joaquim dos Sanctos Neves — Geropiga tinta de 1862 (2.ª); dicta tinta de 1867. (3.ª)
João Francisco da Silva — Geropiga tinta de 1851. (3.ª)

Ensaio das aguardentes

Nomes dos expositores, qualidades das aguardentes, graduação (areometro de Cartier), e classificação

Antonio Augusto de Mattos Mascarenhas — Aguardente fina, graduação 30°; dicta baixa, gr. 18°; dicta de fructa, gr. 19°.
Administrador do concelho de Penacova — Aguardente baixa, gr. 16°,5. (4.ª)
Seraphim Garcia Ribeiro — Aguardente superfina, gr. 34°; dicta de medronho, gr. 33°,5. (3.ª)
José Lopes Guimarães — Aguardente redonda (colheita de 1864), gr. 29°,5 (2.ª); dicta (colheita de 1865), gr. 28°,5 (2.ª); dicta (colheita de 1866), gr. 29°,5 (2.ª); dicta (colheita de 1867), gr. 29° (3.ª); dicta (colheita de 1868), gr. 30°,5 (3.ª); dicta (colheita de 1862), gr. 28° (3.ª); dicta (colheita de 1863), gr. 30° (2.ª); aguardente de mesa (colheita de 1853), gr. 25° (2.ª); dicta fina (colheita de 1854), gr. 28° (2.ª).
Daniel da Veiga Saraiva — Aguardente baixa, gr. 19°,5 (3.ª); dicta fina, gr. 27° (3.ª); dicta baixa, gr. 16 (3.ª).
Conde de Anadia — Aguardente superfina, gr. 31° (3.ª).

(a) Não reside no districto.

Vinagres

Frascos	Nomes dos expositores	Origem dos vinagres	Classificação
1	José Julio Soares Couceiro.....	Laranja.	3.ª
2	Abilio Roque de Sá Barreto....	Vinho tinto de 1846...	2.ª
3	Dicto	Vinho tinto de 1845...	2.ª
4	Dicto	Vinho tinto de 1845...	1.ª
5	Antonio Rodrigues Pinto.....	Vinho tinto.....	4.ª
6	Daniel da Veiga Saraiva.....	Vinho tinto.....	3.ª
7	Antonio Augusto de Mascarenhas	»	3.ª
8	Dicto	»	3.ª
9	Miguel Antunes Marreco	Vinho	3.ª
10	Daniel da Veiga Saraiva.....	»	4.ª
11	Abilio Roque de Sá Barreto....	Vinho tinto.....	1.ª
12	Antonio Joaquim Guedes.....	»	3.ª
13	Joaquim da Silva Ramos.....	»	1.ª
14	João Francisco da Silva.....	Vinho de 1867	4.ª
15	Conde de Anadia	Vinho de 1867	4.ª
16	José Lopes Guimarães	Vinho de 1852	2.ª
17	João Francisco da Silva	Vinho de 1868	4.ª

Essais des vinaigres

N.º	Origine	Pour cent d'acide acétique	Densité	Remarques
1	Oranges	9,02	1,0204	Traces de fer.
2	Vin rouge	10,75	1,0319	Contiennent beaucoup de phosphate de chaux.
3	» »	10,50	1,0319	
4	» »	11,26	1,0247	Traces de fer.
5	» »	6,31	1,0076	» » »
6	» »	6,68	1,0104	
7	» »	6,50	1,0104	Traces de fer.
8	» »	7,70	1,0233	Fer.
9	Vin	6,83	1,0164	Traces de fer.
10	»	4,97	1,0069	» » »
11	Vin rouge	11,11	1,0243	» » »
12	» »	7,32	1,0186	Traces de fer et d'autres métaux.
13	» »	12,15	1,0283	
14	» »	5,01	1,0066	Traces de fer.
15	» »	5,28	1,0104	» » »
16	» »	10,15	1,0254	» » »
17	» »	4,09	1,0062	» » »

Les vinaigres ne contiennent ni acide sulfurique ni acide chlorhydrique libres, ni poivre ou d'autres substances âcres, non acides.

Il se trouve des traces de fer dans la plupart, des traces d'autres métaux dans le n.º 12.

Les n.º 2 et 3 contiennent beaucoup de phosphate de chaux, probablement dérivant de l'emploi de charbon animal non purifié.

De petites quantités de chlore, d'acide sulfurique, etc., comme on les trouve dans l'eau, se trouvent dans presque tous les vinaigres.

Coimbra, 25 Juillet, 1869. — *Dr. Bernhard Tollens.*

Ensaio dos azeites

O resultado da prova, designado pelas letras *B*, *I*, significa *Bom*, *Inferior*.

O resultado da congelação, indicado pelos algarismos 1, 2, 3, 4, significa a quantidade relativa de oleina, correspondente a cada amostra.

Nomes dos expositores	Data da colheita da azeitona	Resultados da prova	Resultados da congelação	Classificação
Admin.or do conc.º de Penacova	1868	B	4	4.ª
Conde de Anadia	1866	B	1	1.ª
Joaquim da Cruz Freire.....	1860	I	4	»
José Leal de Gouvêa Pinto...	1868	B	2	2.ª
Antonio Aug.to de Mascarenhas	1868	I	4	»
Antonio Maria da Silva Ramos	1855	I	4	»
Fortunato d'Oliveira Rocha...	1862	I	2	4.ª
Antonio Rodrigues Pinto	1868	B	3	3.ª
José Gonçalves Philippe (*a*)..	»	B	3	3.ª
Conde de Anadia	1868	B	3	3.ª
Albino José de Freitas	1868	I	4	»
Daniel da Veiga Saraiva	»	B	4	4.ª
Narciso Fortunato.....	1862	B	4	4.ª
Daniel da Veiga Saraiva.....	1868	B	2	2.ª
Albino José de Freitas.....	Clarificado	B	2	2.ª
Francisco Zuzarte (*b*).....	»	B	1	1.ª
Luiz da Costa Pinto	»	B	3	3.ª

(*a*) Enxertia em freixo.

(*b*) Este azeite foi tirado do fructo do zambujeiro, segundo a declaração do expositor.

Classificação geral da secção da industria agricola

Abel Augusto de Campos, de Coimbra — 1.º grupo, linho, begonia. (4.ª)

Abilio Roque de Sá Barreto, de Coimbra — 4.º grupo, vinho abafado e vinagre. (2.ª)

Administrador do concelho de Monte-mór-o-velho — 1.º grupo, trigo, milho, centeio, cevada, feijão, batatas. (4.ª)

Administrador do concelho de Penacova—1.º grupo, trigo, milho, feijão, linho, centeio, cevada; 3.º grupo, aguardente, azeite, vinho. (4.ª)

Adriano Francisco Dias, de Coimbra — 1.º grupo, batatas.

Albino José de Freitas e Almeida, de Condeixa — 4.º grupo, vinho e azeite. (2.ª)

Antonino José Rodrigues Vidal (dr.), de Coimbra — 1.º grupo, plantas e flores. (1.ª)[1]

Antonio Augusto de Mascarenhas, do Sebal, concelho de Condeixa — 4.º grupo, geropiga, vinagre, vinho, vinho de passas, aguardente e azeite. (4.ª)

Antonio Bernardes Gallinha, de Coimbra — 5.º grupo, instrumentos agrarios. (3.ª)

Antonio Corrêa da Fonseca (padre), prior da freguezia de Maiorca — 4.º grupo, vinho.

Antonio Corrêa de Lemos, de Coimbra —1.º grupo, milho e feijão.

Antonio Duarte Ariosa, de Coimbra —1.º grupo, milho e cevada. (4.ª)

Antonio Joaquim Guedes, da Figueira da Foz — 4.º grupo, vinho e vinagre.[2] (2.ª)

Antonio de Lemos, da Figueira da Foz — 4.º grupo, vinho. (3.ª)

[1] Foram apresentadas como amostra do processo da sua invenção, empregado com admiravel vantagem ha 12 annos na renovação das vinhas da Bairrada. (Vejam-se as Notas illustrativas, adiante).

As videiras acham-se no segundo anno da vegetação, e no fim do terceiro anno cada pé em cada vaso é tirado com seu torrão para o logar vago da vinha velha ou nova.

[2] Vende-se o vinho a 120$000 réis a pipa, e o vinagre a 60$000 réis. O expositor reside na rua do Matto.

Antonio Lourenço da Silva, de Coimbra — 4.º grupo, licor, doces de fructa. (4.ª)

Antonio Maria da Silva Ramos, d'Ançã — 4.º grupo, geropiga, vinho e azeite.

Antonio Mendes Simões de Castro, de Coimbra — 1.º grupo, plantas e flores.[1] (2.ª)

Antonio Roberto d'Oliveira Lopes Branco, de Maiorca — 4.º grupo, vinho e geropiga. (4.ª)

Antonio Rodrigues Pinto, de Coimbra — 4.º grupo, vinho, vinagre, azeite. (1.ª)

Antonio Rodrigues Pinto Junior, de Coimbra — 1.º grupo, plantas e flores. (3.ª)

Antonio Vicente do Amaral Monteiro, de Coimbra — 1.º grupo, batatas.[2]

Antonio Vieira, da Figueira da Foz — 4.º grupo, vinho.[3]

Bento José d'Oliveira, de Coimbra — 1.º grupo, feijão; 4.º grupo, vinho. (3.ª)

Conceição Emilia Gaspar de Lemos — 1.º grupo, algodão em rama.[4]

Conde d'Anadia, quinta da Varzea, em Coimbra — 1.º grupo, trigo, milho, centeio, fava, feijão; 4.º grupo, vinho, aguardente, vinagre, azeite, geropiga. (2.ª)

Costa Pereira & Filhos, da Figueira da Foz — 4.º grupo, vinho.[5] (3.ª)

[1] Vid. no fim d'esta secção a lista das plantas expostas pelo expositor.

[2] Foram produzidas na quinta de Valle de Figueiras, proximo a Cozelhas. Estas batatas dão-se muito bem nos terrenos calcareos. Querem terra cavada bem funda. e bem desfeita e estrumada. Semeiam-se entre fevereiro e março, tendo a vantagem de lhes não dar a molestia. Ainda mesmo que alguma cousa sejam atacadas, as folhas, não soffrem as batatas nada com isso.

O expositor, que reside na rua da Calçada, vende cada kilo d'estas batatas a 100 réis.

[3] Estes vinhos estão dispostos para todos os climas, sendo engarrafados; e no Brasil estão substituindo o Bordeus.

O expositor é commerciante e preparador, e tem armazem na praça Nova da Figueira.

[4] Cultiva este producto em um quintal em Maiorca, por curiosidade, para observar se é susceptivel de maior desenvolvimento.

[5] Os expositores são commerciantes e exportam para o Brasil. O seu movimento commercial regula de 300 a 400 pipas por anno.

Daniel da Veiga Saraiva, da Barroca, concelho de Coimbra — 4.º grupo, vinho, aguardente, vinagre, azeite. (3.ª)[1]

Douverel Gabriel — 1.º grupo, plantas e flores. (2.ª)[2]

Diogo José dos Santos, de Larçã — 4.º grupo, vinho. (3.ª)

Direcção das Mattas do Mondego — 1.º grupo, plantas e flores. (3.ª)[3]

Fernando Affonso d'Almeida Coutinho (bacharel), de Cantanhede — 4.º grupo, vinho e geropiga. (2.ª)[4]

Fernando da Costa — 1.º grupo, batatas. (4.ª)

Fortunato d'Oliveira Rocha, de Lavarrabos — 4.º grupo, vinho e azeite. (3.ª)

Francisco Antonio de Carvalho Montenegro, de Poiares — 1.º grupo, feijão, linho, cardo penteador, dicto de leite; 2.º grupo, seda dobada, cera branca, e casulos; 5.º grupo, instrumentos agrarios. (4.ª)

Francisco de Lemos Azevedo Ramalho, de Condeixa — 1.º grupo, linho. (4.ª)

Francisco Zuzarte — 1.º grupo, grão de bico; 3.º grupo, azeite. (4.ª)

Fructuoso Ferreira da Silva, de Coimbra — 1.º grupo, trigo, fava, milho, feijão, batatas, ervilha. (4.ª)[5]

Francisco de Lemos Ramalho de Azevedo Coutinho, de Condeixa — Meada de linho, fiada em Condeixa.

Guilherme Francisco Pereira Nunes, de Oliveira do Hospital — 4.º grupo, vinho. (4.ª)[6]

[1] O pae do expositor, o sr. Francisco Bernardes Saraiva, já fallecido, obteve uma menção honrosa na exposição universal de Londres de 1862, por vinhos que expoz.

[2] Vid. no fim d'esta secção a lista das plantas expostas por este expositor, e pelos srs. Carlos Machado, e Encarnação Silva.

[3] Os melhoramentos nestas mattas principiaram em 1 de julho de 1866. Tem capataz, 3 guardas e 5 trabalhadores. Os salarios são de 160 a 400 réis. A venda annual das madeiras regula por 1:000$000 réis, para Coimbra e arredores. (Vid. a relação no fim d'esta secção.)

[4] Chama-se a attenção para o vinho designado nos disticos das garrafas, *sem confeição*, que é como sáe da sepa, e como se vende na adega; devendo notar-se a grande força alcoolica que elle tem, a grossura, tinta, tanino, etc., que tudo o torna notavel.

O expositor obteve a medalha de 1.ª classe no Porto, e a de bronze em Paris.

[5] Foi tudo creado na quinta de Sancta Cruz, em Coimbra.

[6] O expositor obteve diploma de distincção na exposição de Londres de 1862.

João Forjaz Pereira de Sampaio, de Coimbra — 1.º grupo, cebolas. (4.ª)

João Francisco da Silva, de Coimbra — 4.º grupo, vinho, geropiga, vinagre. (1.ª)

João Marques Perdigão, de Coimbra — 2.º grupo, cera amarella.

João Pedro da Silva Cortezão, de Lavarrabos — 5.º grupo, instrumentos agrarios.

João dos Sanctos Pereira Jardim, da Figueira da Foz — 4.º grupo, vinho. (2.ª)[1]

João Monteiro Gil Roldão, do Zambujal — 4.º grupo, grão de bico, feijão, azeite de zambujeiro.

Joaquim Antonio Simões Pessoa — 1.º grupo, trigo, milho, centeio, arroz, cevada, fava, ervilha, feijão, grão de bico, chicharos, tremoços, batatas, cebolas, semente de linho, nozes, pevides e sementes diversas; 2.º grupo, ovos; 4.º grupo, fructas seccas. (3.ª)

J. L. O., da Figueira da Foz — 4.º grupo, vinho. (4.ª)

Joaquim da Cruz Freire, de Portunhos, concelho de Coimbra — 4.º grupo, vinho, azeite. (4.ª)

Joaquim Maria Rodrigues de Brito (dr.), de Coimbra — 4.º grupo, vinhos passados. (3.ª)

Joaquim da Silva Ramos, d'Ançã — 4.º grupo, vinho e vinagre. (2.ª)

Joaquim Roque Mendes, de Maiorca — 1.º grupo, arroz.

Joaquim Soares de Campos — 1.º grupo, cebolas.

José Antonio Moreira Junior, de Soure — 1.º grupo, milho, feijão.

José d'Almeida e Castro, de Miranda do Corvo — 1.º grupo, centeio e feijão.

José Cardoso dos Reis, de Monte-mór — 1.º grupo, arroz.

José Gonçalves Philippe, de Guisoma — 4.º grupo, azeite. (4.ª)

José Maria Pessoa da Fonseca, da Pocariça — 2.º grupo, casulos e seda dobada. (1.ª)

José Leal Gouvêa Pinto, de Godinhela — 1.º grupo, milho, feijão; 4.º grupo, azeite e vinho. (4.ª)

[1] O da colheita de 1868 vende-se a 72$000 réis por pipa, a dinheiro, posto a bordo em Lisboa.

Tem armazem de preparo na Figueira desde 1853.

José Lopes Guimarães, de Coimbra — 4.º grupo, vinho, geropiga, aguardente, vinagre.[1] (1.ª)

José Julio Soares Couceiro & Irmão, de Tentugal — 3.º grupo, vinagre. (4.ª)[2]

José Augusto dos Santos Maia, d'Anadia — 4.º grupo, licor.[3]

Leocadia Candida Freitas do Carmo — 4.º grupo, doce de fructas. (4.ª)

Lucia Leopoldina Saraiva do Amaral (D.), de Coimbra — 4.º grupo, vinho. (4.ª)

Luiz da Costa Pinto — 4.º grupo, azeite. (4.ª)

Luiz Ruivo de Figueiredo, de Coimbra — 4.º grupo, vinho.[4]

Manuel Joaquim Sanctos Neves (padre), das costas de Rios Frios — 3.º grupo, vinho e geropiga. (1.ª)

Manuel José Ramos Barreirão, d'Ançã — 1.º grupo, linho.

Manuel José Simões, de Algaça de Poiares — 1.º grupo, ervilha, batatas, tremoços. (4.ª)

Manuel Joaquim Tavares Mendes, de Tentugal — 2.º grupo, vinho.

Maria José Lopes Pedrosa, de Lavos — 2.º grupo, casulos e seda dobada. (4.ª)

Maria José Ramos Barreirão, d'Ançã — 1.º grupo, linho. (4.ª)[5]

Miguel Antunes Marreco — 1.º grupo, centeio, feijão; 2.º grupo, lã; 3.º grupo, vinagre. (4.ª)

Miguel Dias Pereira, de Coimbra — 1.º grupo, baga de sabugueiro para confeição de vinho, creada no districto.

Narciso Fortunato Teixeira, d'Ançã — 1.º grupo, milho, 4.º grupo, azeite. (3.ª)

Sebastião José Campos, de S. Martinho d'Arvore — 1.º grupo, batatas. (4.ª)

Seraphim Garcia Ribeiro de Sampaio — 4.º grupo, vinho, geropiga, aguardente. (3.ª)

[1] Têm sido exportados para o Brasil; e as aguardentes, que são verdadeiras especialidades, são fabricadas na sua fabrica do Sebal.

[2] Teve menção honrosa na exposição industrial do Porto em 1851.

[3] Reside no concelho da Mealhada.

[4] Tem armazem em Antes, concelho da Mealhada.

[5] Em palha e em rama, em fio, córado e por córar, creado em terreno calcareo.

Seraphim Nunes da Costa, de Soure — 4.º grupo, vinho. (4.ª)

Vicente Maria de Lima (padre), do Espinhal — Vaso com uma figueira carregada de fructo.

Wenceslau Martins de Carvalho — 1.º grupo, amostras de madeira, nozes. (2.ª)

Nota dos objectos expostos pela direcção das obras do Mondego e da barra da Figueira da Foz, em junho de 1869

Dois armarios, em que se mostrava um herbario de plantas florestaes, convenientemente disposto, de modo que facilmente se podia comparar o numero de especies de arvores, que no anno de 1866 existia nas mattas do Choupal, Remolhas e Geiria, ha muitos annos a cargo das diversas administrações das obras do Mondego, com o que existe hoje; notando-se um grande augmento desde aquelle anno até agora, época da gerencia da actual administração. Este augmento torna-se mais notavel na matta da Geiria, onde existem dez especies differentes, em quanto que em 1866 não se encontrava alli uma unica arvore.

Alem do herbario referido expoz mais 32 vasos com outros tantos pés de *algumas* das especies de eucalyptus e de outras arvores existentes nos viveiros modernos do Choupal e Pinhal de Valle de Cannas, o pequeno crescimento das quaes permittiu que fossem ainda plantadas nelles.

Das especies de eucalyptus e arvores existentes em Valle de Cannas foram expostas as seguintes:

Eucalyptus — amygdalina, cornuta, falcata, gigantea, globata, globulus, mahagoni, piperita, resinifenus, riciana, risdoni, robusta, species (gum toped stringy bark), swartiana, viminalis.
Cassuarina muricata.
Cedrus atlantica (cedro do Atlas).
Cupressus — funebris, semper virens (cypreste).
Pinus Alepensis (pinheiro do Alepo).
Thuya occidentalis.
Graevillea robusta.
Magnolia.
Myrica serrata.
Schinus mole (pimenteira).
Vinhatico.

Da matta do Choupal vieram as seguintes:

Fagus castanea (castanheiro).
Juglans — alba (nogueira branca), nigra (nogueira preta).
Nogueira d'America (ignora-se a denominação scientifica, porque não veio declarada na factura que acompanhou a semente).
Quercus — semper virens (azinheira da Grecia), rubra (carvalho de folha vermelha).

Existia tambem em um vaso um exemplar de milho do Japão, cuja producção não é inferior á do nacional, como se conheceu por duas experiencias, feitas na matta do Choupal, nestes dois ultimos annos.

Expoz mais um caixão, em que vegetava o bromus scheraderi, totalmente desconhecido neste districto até abril de 1867, em que foi semeado na matta do Choupal na pequenissima porção do 0,25 grammas. (Vid. a diante a nota respectiva a esta planta forraginosa).

É tal a vegetação e reproducção d'esta excellente forragem, que esta fracção deu logo nesse anno dois cortes e um alqueire de semente. Nos annos seguintes o numero de cortes têm chegado a oito e a duas camadas de semente, sendo de notar que a forragem nos tres primeiros cortes tinha $0^{m},25$ de altura.

D'esta forragem tambem havia um vidro com uma pequena porção de semente, bem como em mais dois vidros havia semente de trevo de flor roxa e de milho sorgo, outras duas plantas forraginosas existentes no Choupal.

Para complemento d'esta exposição viam-se em quatro vidros as differentes qualidades de terra mais geraes em que vegetam todas estas plantas, contendo dois outros vidros amostras de terras da matta do Choupal, um dicto a da matta das Remolhas, e outro a da Geiria, não havendo nenhum com terra do Pinhal de Valle de Cannas, por estar em grande porção nos vasos das plantas.

Viam-se egualmente sete amostras de madeiras das mattas a cargo da direcção das obras do Mondego, e que existem no seu armazem para serem applicadas ás obras a cargo do estado; podendo os particulares fornecer-se d'aquellas madeiras, logo que satisfaçam os valores correspondentes.

Desejando a direcção propagar as especies que ficam referidas, expoz á venda parte d'estes productos, e não de todos por não existirem ainda em quantidade sufficiente. Dos eucalyptus e restantes arvores vende somente as seguintes especies pelos preços aqui marcados:

Eucalyptus — amigdalina 220 réis, falcata 120, gigantea 170, globata 140, globulus 120, mahagoni 220, piperita 170, resinifenus 200, riciana 200, risdoni 170, robusta 220, species (gum toped stringy bark) 140. — Cedrus atlantica 80. — Cupressus semper virens 80. — Graevillea robusta 120. — Pinus alepensis 80. — Schinus mole (pimenteira) 80.

Todas aquellas plantas são vendidas por estes preços, indo cada uma em seu vaso.

As sementes de — bromus a 25 réis o litro, de trevo roxo a 15, de milho sorgo a 20.

As madeiras têm sido marcadas a razão de

Choupo ordinario 5$000 réis o metro cubico, — dicto de Italia ou alamo 4$500; — freixo 10$000; — amieiro 7$000; — salgueiro negro 9$000, — dicto branco 7$000; — chorão 7$000.

Lista das plantas expostas pelos srs. Carlos Maria Gomes Machado, Joaquim José da Encarnação e Silva, e Douverel Gabriel

N.os	Nomes	Familias
1	Adenostyles japonica aureo maculata Sieboldii	Composeés.
2	» » fol. variegata	»
3	Centaurea babylonica	»
4	Cineraria maritima	»
5	Dahlia Lilipu	»
6	Campanula pyramidalis	Campanulacées.
7	Lonicera aureo reticulata	Caprifoliacées.
8	Phlox Drummondii	Polémoniacées.
9	» Leopoldii	»
10	» Rodowitzii	»
11	Petunia florea variegata	Solanées
12	» striata	»
13	Antirrhinum majus flor. albo punctactum	Scrophularinées.
14	» » striatum de jaune	»
15	» » purpureum	»
16	Calceolaria rugosa	»
17	Pentstemon de S.te Paul	»
18	» éclat	»
19	» George Sand	»
20	Gesneria splendens	Gesneriées.
21	Coleus Blumei	Labiées.
22	» nigricans	»
23	» Veitchii	»
24	» Verschffeltii	»
25	Oeillet de Chine flor. pleno	Caryophillées.
26	» Laciné	»
27	Plumbago capensis	Plombaginées.
28	Aralia papyrifera	Araliacées.
29	» Sieboldii	»
30	Saxifraga sarmentosa	Saxifragées.

N.os	Nomes	Famflias
31	Hydrangea japonica fol. variegata	Hydrangées.
32	Crassula ramosa	Crassulacées.
33	» cordata	»
34	Rochea falcata	»
35	Sedum involucratum	»
36	» Aizoon	»
37	» carneum variegatum	»
38	» Sieboldii	»
39	Mesembryanthemum cristallinum	Ficoides.
40	Fuchsia senator flor. plen	Onagrardées.
41	» Garybaldi flor. plen	»
42	» corymbiflora coccinia superba	»
43	Abutilon vexillarium	Malvacées.
44	Geranium zonale, M.me Vaucher	Geraniacées.
45	Agavea geminiflora	Amaryllidées.
46	Euphorbia splendens	Euphorbiacées.
47	Begonia opuliflora	Begoniacées.
48	» splendens	»
49	» Sécrétaire Morren	»
50	» Rex Leorpadina	»
51	» princesse Charlotte	»
52	» discolor	»
53	» manicata	»
54	» Charles Vagner	»
55	Achyranthes Verschaffeltii	Basilées.
56	» aureo reticulata	»
57	Thuiopsis dolobrata	Coniféres.
58	Ananaz	Bromeliacées.
59	Aspidistra fol. variegata	Liliacées.
60	Dracaena australis	Liliacées.
61	» congesta	«
62	» rubra	»
63	Funkea subcordata	»
64	Tritoma uvaria	»
65	Beloperone ambersti	Acanthacées.
66	Phalaris arundinacea	Graminées.
67	Zea japonica variegata fol. albo vitatis	»
68	Canna boleana	Cannacées.
69	» gigantea	»
70	» M.me Chaté	»
71	Bonapartia juncea	»
72	Corypha australis	Palmiers.
73	Caladium esculentum	Aroidées.
74	Osmunda regalis	Fougères.

N.os	Nomes	Familias
75	Lycopodium	Lycopodiacées.
76	Tradescantia discolor lineata	Comelinées.
77	» zebrina	»
78	Vinca major fol. variegata	Apocynées.

Lista das plantas expostas pelo sr. Antonio Mendes Simões de Castro

Coleus, Annanás, Bananeira, Russelia juncea, Tangerineira, Begonias, Jasmin do Cabo, Oliveira da China, Erezina, Igname, Tradescancia, Zebrina, Abutillon, Grevillea robusta, Salvia, Schinus-molle (Pimenteira), Habrothamnus, Geranio, Gynerium argenteum, Nespreiro, Canna Indica, Rozeiras Francezas, Eucalyptos, Mandeville, Seduns, Pittosporuns, Lantanas, Roqueia falcata, Fabiana imbricata, Cestrum, Acacias, Bignonia jasminifolia, Arassá, Fuchsias, Cupressus glauca, Saxifragas, Haya carnosa, Tydaea, Gymnostachyum, Alternanthera, Lycopodios, Lunicera, Amaryllis, Sophoras Japonicas, Sensitiva, Bambusa, Hibiscus, Caucidarias, Achimenes, Abies, Agapantus, Alecrins do norte, Pinus Alpensis, Cryptomeria, Giesta, Limonete, Petunia dobrada, Rozeiras amarellas, Spiroeas, 12 variedades d'amores perfeitos.

PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

Domingos Barata Diniz, de Coimbra — Preparados na sua pharmacia na praça de S. Bartholomeu d'esta cidade[1]: Xarope de rabano iodado; Xarope de balsamo de Talu, composto; Citrato de magnesia, apurado e aromatisado; Depurativo do sangue antiherpetico. (2.ª)

Joaquim Dias Guilhermino, da Figueira da Foz — Tinta para escrever; elixir gengival. (4.ª)

Antonio Duarte Ariosa, de Coimbra — Soda Water.

[1] Inventor do primeiro, segundo e quarto; e productor do terceiro.

SECÇÃO ESPECIAL

DE

Archeologia e de objectos raros, naturaes, artisticos e industriaes

---

Cabido da Sé Cathedral de Coimbra — Calix grande, de prata dourada, em fórma ogival, do terceiro periodo; dicto, de prata dourada, com uma inscripção em gothico, feito por *Geda Menendis*, na era de 1190 (anno de Christo 1152); dicto, no mesmo estylo gothico, tendo na base tres figuras em relevo; turibulo de prata com columnas, no estylo antigo; dicto, de forma espherica, com suas cadeias e trempe; caçoula de prata, onde se accende o lume novo em sabbado de alleluia; caldeira grande, de prata, que serve em sabbado de alleluia; relicario de prata dourada, de forma cylindrica, com um crucifixo e duas figuras na parte superior; cruz de prata com caranguejo, allusiva a um facto da vida de S. Francisco Xavier; dicta de prata dourada com esmalte, em estylo florentino; dicta em estylo gothico, de prata dourada e arrendada, tendo de um lado a imagem de Christo e do outro a de Nossa Senhora; relicario, em fórma pyramidal, de prata dourada, com esmalte, com uma imagem na parte superior; relicario, em fórma de oratorio, de prata dourada, com o emblema J. H. S. da companhia de Jesus; custodia, de prata dourada, em estylo gothico, com o ostensorio em rede de arame e varias figuras em vulto, e com o brazão do bispo D. Jorge d'Almeida; galhetas e prato, de prata dourada, com as armas do bispo D. Joanne Mendes de Tavora; caixa das hostias, de prata dourada, no centro de quatro columnas, com docel e algumas legendas gothicas na base e no relicario; relicario, de prata polida, no centro de quatro columnas, com dois frontões, e o relicario circumdado de grades; dicto, de prata dourada, sobre tres columnas, tendo no centro a imagem de S. Sebastião, tudo no estylo gothico, com um crucifixo na parte superior; custodia grande, de

prata dourada, em esmalte, e um brasão de armas na base, com osteario, que serve para a exposição do Sacramento; bacia e gomil, de prata dourada e lavrada em relevo, com as armas do bispo D. Affonso de Castello-Branco; cruz grande de azeviche com crucifixo de prata.

João Chrysostomo de Amorim Pessoa (dr.), arcebispo de Gôa, primaz do Oriente — Caixa grande de charão, com a photographia do expositor; dicta de charão para jogo; dicta de sandalo com figuras; dicta de sandalo marchetada; dicta de ébano bordada; candieiro grande, do uso gentilico da India, com 11 bicos; dicto de cima de mesa com 7 bicos; leque de sandalo com bordados abertos; bilheteira de prata com figuras chinezas; 3 peças de prata para adorno das mulheres de Calcutá; 12 manilhas ou braceletes lacreados; contas musulmanas; 2 terrinas e 6 pratos da India;—2 moedas de ouro, da companhia da India ingleza; 8 dos Indús; 2 gentilicas antigas da India; 4 inglezas da India; 4 gentilicas; 2 S. Thomés de Gôa; 2 fannons de Calicute; 1 sequim de Veneza; 1 gothica do rei Wamba;—7 moedas gentilicas, de prata, da India; 1 portugueza; 2 austriacas; 5 italianas; 2 brazileiras; 6 francezas; 1 ingleza; 6 hespanholas; 4 egypcias; 1 hollandeza; 1 dos Estados-Unidos; 5 dos Estados Pontificios; 10 xerafins ou pardaus goanos; 10 meios xerafins goanos; 10 rupias goanas; 4 de 4 tangas; 2 rupias da India ingleza; 2 rupias inglezas de differente cunho; 2 meias rupias da India ingleza; — 21 moedas de cobre de Goa; 6 de Diu; —2 de tutinagre, rodas; 3 de Damão; 2 da India ingleza.

Francisco de Lemos Ramalho de Azevedo Coutinho, de Condeixa — Cadeira de ébano; retabulo do Japão, com relevo; quadro feito á penna (primor d'arte original)[1]; lanterna, de cobre, do uso dos familiares e candeia, de cobre, dos carceres do Sancto Officio; rewolver antiquissimo, de pedreneira e de quatro tiros (mutilado); canno de espingarda antiga, marchetado de prata; travesseiro de palha feito no Chili; pella de nervo petrificada; calix de prata chinez coberto; relogio de prata, despertador, do seculo XVII (1654); duas figuras, feitas de osso e ma-

[1] Dedicado ao sr. infante D. Miguel, em 1827, por José Ribeiro da Silva.

deira, pelos gentios d'Africa; toucador antigo de sandalo; quadro de relevo em cera[1], representando Sancta Maria Magdalena; baixo relevo antigo, em madeira (Notre Dame); bule grande de barro chinez[2]; bacia e jarro, bacia de pés e regador para serviço de quarto no Japão; duas jarras de caraklé (rarissimo); quatro terrinas, sendo duas em fórma de cabeça de vitella, uma na de porco, e uma na de pato; duas molheiras, semelhando dois peixes, com tampas e competentes travessas; duas garrafas lapidadas e douradas, muito antigas; taça de crystal no estylo romano; prato arrendado, garfo e faca de prata com cabo de porcelana (existe o respectivo serviço em casa do expositor); 21 amostras de pratos grandes, de louça da India; 16 amostras de pratos e meias travessas; 41 amostras de chicaras, tambem da India.[3]

João Correia Ayres de Campos, de Coimbra — 135 moedas das familias romanas,[4] Acilia, Afrania, Annia, Antestia, Antonia, Aufidia, Aurelia, Baebia, Cecilia, Calpurnia, Caricia, Carvilia, Cassia, Cipia, Claudia, Cloulia, Coelia, Considia, Cordia, Cornelia, Cosconia, Crepusia, Critonia, Cupiennia, Dedia, Domicia, Egnacia, Emilia, Fabia, Fannia, Flaminia, Flavia, Fonteia, Fufia, Fundania, Furia, Herennia, Hosidia, Hostilia, Julia, Junia, Licinia, Livincia, Lucilia, Lutacia, Maianía, Manlia, Marcia, Maria, Memmia, Minucia, Nevia, Norbana, Opeimia, Papiria, Pinaria, Planeia, Pletoria, Poblicia, Pompeia, Pomponia, Porcia, Postumia, Procilia, Roscia, Rubria, Satriena, Scribonia, Sencia, Sergia, Servilia, Sextilia, Thoria, Ticia, Tituria, Tullia, Valeria, Vargunteia, Vibia, Voconia e Volteia; — 143 moedas (cobre, prata e ouro) dos imperadores, imperatrizes e cesares romanos,[5] Augusto, Caio e Lucio, Tiberio, Caligula,

[1] Feito em 1620 por Mattheus Durante, e é considerado por pessoas entendidas como objecto de muito valor.

[2] Tem as marcas na parte exterior do fundo.

[3] Da maior parte d'estes objectos, principalmente dos melhores, possue o expositor apparelhos completos.

[4] Achadas em Condeixa Velha, Alcabideque, Bobadella, Nogueira do Cravo e Louzã.

[5] Achadas em Condeixa Velha, Alcabideque, Almelaguez, Bobadella, Nogueira do Cravo e Monte-mor-o-Velho.

Claudio, Nero, Galba, Vitellio, Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerva, Trajano, Adriano, Lucio Aelio Cesar, Antonino, Faustina I, Marco Aurelio, Faustina II, Septimio Geta, Severo, Alexandre, Maximino, Gordiano, Gallieno, Solonina, Victorino, Tetrico senior, Claudio Gothico, Probo, Diocleciano, Constancio Chloro, Maxencio, Licinio, Helena, Constantino I, Crispo, Constantino II, Constante, Constancio II, Constancio III, Magnencio, Juliano, Valentiniano I, Valente, Graciano, Valentiniano II, Theodosio, Magno Maximo, Honorio, Arcadio e Romano; — 4 dictas celtiberas[1] (prata) de Iliberis, Elmantica, Segobriga e Turiaso; — 7 dictas (ouro) dos reis visigodos de Hespanha[2], Liovigildo, Reccaredo, Vittirico, Sisebuto, Recesvinto, Ervigio, e Egica e Vittisa; — 200 dictas portuguezas[3] (cobre, prata e ouro) dos reis D. Sancho I ou II, D. Diniz, D. Affonso IV, D. Fernando I, D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II, D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, D. Antonio, D. Filippe II e D. João IV; — 37 medalhas portuguezas, paz de Utrech, 1715; fundação da Academia real da Historia portugueza, 1720; inauguração da estatua equestre, 1775; fundação do templo do Coração de Jesus, 1779; Camões, 1782; regencia do principe D João, 1799, 1800 e 1802; batalhão academico, 1808; tomada de Cayenna aos francezes, 1809; Lord Wellington, 1812; acclamação de D. João VI no Rio de Janeiro, 1818; Villa Franca, 1823; fidelidade transmontana, 1823; Academia Real das Sciencias, 1826; D. Miguel I, 1828; D. Maria II, 1833; primeira exposição agricola, 1852; casamento de D. Pedro V, 1852; inauguração do caminho de ferro de leste, 1856; inauguração do palacio de crystal portuense, 1861; restauração de 1640, 1862; casamento de sua magestade el-rei D. Luiz I, 1862; exposição agricola de Braga, 1863; exposição internacional do Porto, 1865.

Imprensa da Universidade — 263 gravuras em cobre, sendo 22 de brasões nobiliarchicos; 12 dictas com os retratos

[1] Achadas em Condeixa Velha e Tentugal.

[2] Achadas em Coimbra, Condeixa Velha e Monte-mór-o-Velho.

[3] Achadas em Coimbra, Tentugal, Monte-mór-o-Velho, e outros logares d'este districto.

do conde D. Henrique até D. Philippe III; 4 dictas com retratos de homens célebres; 4 dictas com a planta e vistas dos observatorios, antigo e moderno, da Universidade; 1 dicta com a frontaria do muzeu; 4 dictas de allegorias; 5 dictas de musica, da arte de José Mauricio de Carvalho; 8 dictas de traslados da eschola popular de Jeronymo Soares Barbosa; 5 dictas de obras de medicina; 2 dictas de botanica; 150 dictas de differentes ramos de mathematica; 1 dicta de tarjas; 45 dictas de sanctos; — impressão typographica feita *ad hoc* com os caracteres hebreus, que pertenceram á typographia dos jesuitas, e caixa com os mesmos caracteres[1].

Diogo Barata de Lima de Tovar, de Coimbra — Quatro pinturas sobre tela: 1.ª o Salvador do mundo, 2.ª Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo, 3.ª S. Pedro, 4.ª Sancta Maria Magdalena[2]; duas pinturas sobre vidro de espelho, figurando uma a resurreição de Jesus Christo e a outra Jesus Cbristo no Horto; duas pinturas sobre madeira, representando uma o sonho da mãe de S. Domingos e a outra o triumpho de David; uma pintura sobre cobre, representando o antecedente; relogio antigo com caixa de ébano, tendo musica e figuras dançantes; missal portatil e estante de charão para o mesmo; livro de orações em 24 linguas, na maior parte orientaes; thesoura com enfeites, do anno de 1700; mateca ou sino indiano; bacia de charão da China; escrivaninha de sandalo com relevos e talha; outra escrivaninha preta; banqueta para oratorio[3]; seis imagens de sanctos, de marfim[4]; seis figuras allegoricas, de marfim[5]; salva de prata dourada, antiga; caixa de sandalo para alfinetes.

[1] Veja-se adiante as notas illustrativas.

[2] Pertencem á escola romana do celebre pintor André del Sarto.

[3] A banqueta consta de um crucifixo, feito de dente de cavallo marinho, sendo a cruz de ébano; servindo de peanha quatro figuras, representando as quatro partes do mundo, com os rostos, mãos e pés feitos de dente de cavallo marinho, as roupagens e a base da peanha são de ébano, e os enfeites e emblemas de prata.

[4] Com as peanhas de ebano e os enfeites e emblemas de prata.

[5] Com roupagens e peanhas de ebano, enfeites, emblemas e castiçaes de prata, e representam a Fé, Esperança, Caridade, Justiça, Fortaleza, e Prudencia.

Camara municipal de Coimbra — Foral de Coimbra, de 1516; dicto do Botão, de 1514; grimpa do arco d'Alegria; bandeira de vidro, sobre-porta, com as armas portuguezas coloridas; padrões, de bronze, de pesos e medidas, para liquidos e seccos, de 1499; planta antiga da cidade de Coimbra; carta de venda de algumas propriedades em Villeirinho de Eiras, na era de 1252; carta de alforria, que Fernando Nunes e sua mulher deram a Elvira Fernandes, em maio de 1260; campainha muito antiga, de prata, com as armas da cidade de Coimbra.

Joaquim Martins de Carvalho, de Coimbra — Breviario, primeiro livro que foi impresso em Coimbra e no proprio mosteiro de Sancta Cruz, onde se fez a exposição que se descreve, edição de 1531; dicto, mandado imprimir em Coimbra, em 1555, pelo bispo D. João Soares; dicto, que em 1549 foram imprimir a Braga os impressores de Coimbra João Alvares e João de Barreira; dicto, edição de 1514, provavelmente impresso em Braga; livro, em folio, com a historia sagrada e a profana dos differentes povos, em typo gothico, contendo numerosas gravuras em madeira, edição de 1493.

Guilherme Augusto de Vasconcellos Abreu, de Coimbra — 1.º volume do poema *A Ramáyada*, traduzido em italiano por Gaspare Gorresio; texto sanskrito do codigo indiano, em caracteres dévanáganios, intitulado *Livro das leis de Manu;* diccionario, em verso sanskrito, do poeta Amaradeva, que se suppõe escripto no seculo de Vikrâmáditya, na India, ou 56 annos antes de Christo; cópia photographica de um livro existente na bibliotheca do Porto, que se suppõe ser o codice Sclavonico; carta, em folha de palmeira, escripta em caracteres maratas, documento relativo ao nosso padroado na India; drama do poeta Kalidássa, intitulado *Cakuntalá*; dois livros chinezes, ignorando-se o titulo; bengala com relevos abertos a canivete na cidade de Petropolis, no Brazil.

Viscondessa de Maiorca — 14 volumes da geographia Blaviana, impressão com gravuras coloridas do seculo XVII.

Olympio Nicolau Ruy Fernandes, residente em Coimbra — Folhinha de algibeira, com capa dourada e bordada, que se suppõe ter pertencido a el-rei D. José I; bilheteira

de prata em baixo relevo e dourada; caixa para relogio, antiga; abotoadura do reinado de D. João V; sete quadros a oleo; treze diversas gravuras em cobre, pertencendo algumas á obra intitulada *Os Estrangeiros no Lima.*

Padre Manuel Marques Pereira Ribeiro, de Coimbra — Exemplar das Constituições do bispado de Coimbra, por D. Affonso de Castello-Branco, 1.ª edição, impressas em 1591 por Antonio de Mariz.

José Alves de Mariz, de Coimbra — O foral (original) dado por el-rei D. Manuel á antiga villa, hoje cidade de Faro, com a assignatura d'aquelle monarcha.

Luiz de Mello Tocho Soares de Albergaria e Castro, de Soure — Livro de edição antiga — *Aetas mundi.*

Antonio de Sousa Henriques Secco (dr.), de Coimbra— Espartilho de setim adamascado; colete, de homem, de setim branco, bordado; gibão ou casabeque de seda amarella e franja de prata; colete de veludo amarello; casabeque de senhora, de veludo verde; indispensavel de senhora, tudo do seculo XVII; colete de setim branco bordado, de homem, do seculo XVIII; capello e borla de doutor da faculdade de medicina, do anno 1704; casabeque de damasco de ouro; dicto de seda de damasco amarello com botões prateados; quatro pentes altos de massinha bordados; candieiro amarello grande; costella de balleia.

Francisco da Fonseca Correia Torres (dr.), de Coimbra — Quadro representando Nossa Senhora das Dores; dicto, pintura em cobre, representando S. Francisco; breviario[1], que pertenceu a D. Miguel d'Annunciação, bispo de Coimbra; lapide sepulchral.[2]

Manuel Marques de Lima e Figueiredo, de Coimbra — Brazão, muito antigo, em pedra, da cidade de Coimbra; candieiro grande, de cobre de Macau.

[1] Resava por elle o illustre prelado nos oito annos que o marquez de Pombal o teve preso no forte da Junqueira. Tem o dicto breviario muitas notas e conceitos espirituaes, escriptos pela mão do bispo nas margens do mesmo, assim como alguns papeis avulsos, e serviu-lhe de tinta o pó vermelho do tijolo com que era lageada a prisão.

[2] A inscripção é em letra antiga, e tem no centro, em meio relevo, a imagem de Nossa Senhora assentada em cadeira, com o Menino Jesus nos braços, e um ramo de oliveira na mão. A era é de 1320; tem de altura quatro decimetros, e de largura vinte.

Adelino Antonio das Neves e Mello (bacharel), de Coimbra — 16 quadros, sendo S. Miguel, Assumpção de Nossa Senhora, a cabeça da Virgem, Sancta Maria Magdalena, o Senhor preso á columna, S. João Baptista, Senhor no Horto, S. Paulo Eremita, Adoração dos Magos, Senhor da Cana verde, Menino Jesus deitado na cruz com todos os martyrios; caixa chineza do jogo de voltarete; dicta para chá; dicta de charão, tendo dentro quatro caixas de madreperola; dicta de charão para tabaço; dicta de charão escarlate do Japão; um par de sapatos chinezes; ventarola; dois livros com estampas coloridas de castigos dos chinezes; manta de palha bordada, feita em Manilla; dois lenços de palha, dicto de tres pontas, e guardanapo, bordados em Manilla; missal bracharense; Memorial de confessores, impresso em Coimbra em 1531; cofre de tartaruga com guarnições de prata; adaga mourisca antiga; uma cabana; um preto e uma preta, figuras em ponto pequeno (costumes).

Francisco dos Sanctos Donato (dr.), de Coimbra — Collecção de objectos de ornato, de cobre, esmaltados, segundo se suppõe, na China.

Luiz Adelino da Rocha Dantas (dr.), de Coimbra — Selo do governo francez em Portugal; quadro a oleo, pintado em tela, com a imagem de Nossa Senhora das Dores.

Alberto Affonso da Silva Monteiro, de Coimbra — Par de chinellas vermelhas, de Marrocos, bordadas a ouro.

Raymundo Venancio Rodrigues (dr.), de Coimbra — Secretária de madeira, com paizagem e figuras embutidas.

Manuel José Ferreira Leitão & Irmãos, de Coimbra — Oito quadros em pintura, representando Christo crucificado, S. Pedro e S. Paulo, e cinco de costumes americanos.

Manuel Fernandes Reis, de Coimbra — Quadro de cobre dourado, com miniatura a aquarella sobre marfim.

Adolfo Fereira de Loureiro, de Coimbra, residente na Figueira da Foz — Fragmentos de louças; dictos d'ossos de animaes; armas de pedra e de bronze.[1]

[1] Foram achados no monte de Sancta Eulalia, proximo a Maiorca, quando alli se fez um corte para a estrada de Coimbra á Figueira. Acompanha estes objectos uma planta, feita pelo expositor, do terreno onde os mesmos foram encontrados.

Joaquim de Vasconcellos, academico, do Porto, residente em Coimbra — Quadro a oleo, pintura sobre madeira, representando a Epiphania; um livro, com 72 gravuras em cobre, com desenhos de cabeças, copiadas dos quadros de Raphael d'Urbino; galeria de gravuras de assumptos biblicos, historicos e de paizagens, com descripções e explicações dos assumptos tractados, por John Kitto, Londres, 3 volumes, com 192 gravuras em aço, pelos melhores artistas inglezes[1]; Chevalier de Laborde, Choix de chansons mises en musique, ornées d'estampes, par J. M. Moreau[2]; as Canções de Mirza Schaffy (litteratura oriental), Berlim, edição da imprensa real secreta, 1863;[3] Shee Keêng, livro de poesias (litteratura chineza), Pekin; o conto de Frithiof (litteratura sueca), traducção de Karl Simrok, Stuttgart (Wurtemberg — Allemanha), edição e encadernação de Cota, de 1860[4]; Henrique Hertz — A filha do rei René (litteratura dinamarqueza), drama lyrico, traduzido do verso original, por F. A. Leo, Leipzig[5]; a Biblia, traducção de Luthero, edição e encadernação de Cöln, 1862.[6]

Victor da Costa Coimbra, de Coimbra — Collete e lenço de palha; calça de seda; pedras de gamão; e duas espheras de marfim; chapéu, dois copos, bule, chicara, pires e tampa, de côco; quatro esteiras do Brazil; duas cobertas de palha, para cama; toalha; rede de dormir; botas de pelle de veado, com esporas de prata; cabeçada ao uso do Brazil, e dois bocaes; capa de viagem no Brazil.

Antonio Correia de Lemos, de Coimbra — Relogio com musica, arvore artificial e aves naturaes desecadas moventes.

João Martins d'Oliveira, da Ega — Caixa de costura, emmalhetada de marfim; lenço de palha de annanaz, e outro de palha de arroz, bordados.

[1] Esta obra é hoje rarissima.

[2] Obra prima de execução artistica, e hoje de uma raridade extraordinaria. Alem de 167 trechos musicaes, contém 84 gravuras pelos melhores artistas francezes do seculo XVIII.

[3] Specimen de perfeição typographica.

[4] Specimen de encadernação.

[5] Specimen de encadernação.

[6] Specimen de encadernação, imitação gothica.

Antonio Maria Seabra d'Albuquerque, de Coimbra — Dois pratos do serviço de Sancta Theresa, rainha de Leão e reformadora do mosteiro de Lorvão, e de Sancta Sancha, fundadora do mosteiro de Cellas de Coimbra, filhas de el-rei D. Sancho I, segundo rei de Portugal[1]; imagem de Christo, em marfim, esculptura italiana; lapide com uma inscripção de 1338; cadeira ingleza de rezar (genuflexorio).

Abilio Roque de Sá Barreto, de Coimbra — Caixa de ouro e tartaruga, com mosaico, para rapé.[2]

Francisco de Sousa Pinto, escrivão da confraria dos Sanctos Martyres de Marrocos d'esta cidade — Livro dos assentos das entradas dos irmãos da mesma irmandade, tendo a capa altos relevos de prata, lavrada em 1740.[3]

Ruben Augusto de Almeida Araujo Pinto, de Coimbra — Pequena caixa de palha, feita nas cadêas de Lamego, e acabada em 26 de outubro de 1833; varias moedas e medalhas antigas.

Francisco Barreto Chichorro, de Pereira — Gomil e bacia, de prata lavrada[4]; cantaro antigo, tambem de prata lavrada; salva, ou bandeja, de prata com relevos; taça antiga, com o competente prato e tampa, de ouro.

Guilherme Francisco Pereira Nunes, de Oliveira do Hospital — Cota de malha de ferro;[5] moedas romanas em

[1] São hoje do sr. marquez de Sousa Holstein.

[2] Esta caixa foi feita no Brazil, no tempo de D. João V, e mandada com outras preciosidades a este monarcha, pelo vice-rei d'aquelle estado. Já neste seculo, D. João VI a deu ao conde de Villa Flor depois duque da Terceira, que a deu a um seu amigo, (José Maria Pereira) d'onde veio para a mão do actual possuidor.

[3] Teve no principio (actualmente encoberta com tinta preta) a assignatura authographa de D. Miguel, que em 1831 se declarou juiz perpetuo da irmandade, e tem ainda as das infantas portuguezas D. Izabel Maria, D. Maria da Assumpção, D. Maria Theresa, e D. Maria Francisca, e dos infantes de Hespanha D. Carlos Maria Izidro de Bourbon e Bourbon, D. Carlos Maria de Bourbon e Bragança, D. João Carlos de Bourbon e Bragança, e D. Fernando Maria.

[4] Estes objectos já existiam na casa dos antepassados do expositor em 1500, e querem alguns que sejam obra do florentino Benevenuto Celini, e outros que são trabalho de artistas portuguezes, que nesse tempo rivalisavam com aquelle celebre artista.

[5] Era a propria de que usava Braz Garcia de Mascarenhas, o cantor do *Viriato Tragico*.

prata e em cobre; moedas portuguezas do tempo de D. João III; leque de marfim, arrendado e lavrado.

Antonio Noronha Castel-branco Avilez — Jarro e bacia de prata, muito antigos.

Antonio Maria Martins, de Coimbra — Espada antiga, com copos de prata lavrada[1]; quadro a oleo, representando Christo sobre as aguas.

Antonio Augusto de Mattos Mascarenhas de Mancellos, de Condeixa — Tres objectos de madreperola; busio grande; dois vasos de côco, semelhando jarro e bacia; cunha de marmore; caracol do Brazil.

João Castanheira de Carvalho, de Coimbra — Dobadoura de marfim, de tamanho commum.

Anna Fortunata de Abreu Tavares (D.), da Carapinheira — Peça de marfim, representando a Sanctissima Trindade.

Augusto Mendes Simões de Castro, de Coimbra — Sinete do tribunal da Inquisição de Coimbra.[2]

Francisco Lopes Lima de Macedo, de Coimbra — Teclas primitivas do orgão de Sancta Cruz.

Bernardo José da Silva, de Coimbra — Oratorio e commoda de pau preto, antigos.

Leovigildo Antonio da Cunha, de Coimbra — Menino Jesus deitado em leito dourado e colorido.

Manuel José Simões Coimbra, de Poiares — Zagaias, armas dos pretos de Mossamedes; machadinha e punhal dos mesmos; cobre fundido pelos pretos do Lunda, no interior de Angola; marimba, instrumento de que usam os pretos de Angola; chapéu e tres colheres de pau, obra dos pretos do Golungo Alto; bonnet de palha, feito pelos pretos de Cabinda, ao norte de Loanda; pedra iman, de

[1] Julga-se que pertenceu a um dos 40 conjurados de 1640.

[2] É de metal amarello, e tem gravado o emblema de que usava o tribunal do sancto officio, e que consistia numa cruz entre uma oliveira e uma espada, tudo orlado pelo distico: *in hoc signo vinces.*

O brasão inquisitorial foi explicado da seguinte maneira pelo dr. Francisco Torres no *Sermão do auto celebrado em Coimbra, no terreiro de S. Miguel, aos 7 de julho de* 1720:

«Na espada se representa a justiça, e na oliveira se symbolisa a piedade; e como a mão direita, e não a esquerda, é a de que mais se usa, para mostrar que mais se inclina á piedade do que á justiça, tem á mão esquerda a espada, em que se representa a justiça, e á mão direita a oliveira, em que se symbolisa a piedade.»

Mossamedes; malaquite (cobre) das minas de Bembe, em Angola; tres moedas de prata e uma de ouro, do Japão; uma dicta de prata da Belgica; uma dicta de prata e uma dicta de cobre, da Alemanha; e tres dictas de cobre, da China.

José Diogo Pires, residente em Coimbra — Bilheteira de marfim, feita na China.

Vicente José de Seiça e Almeida (dr.), de Coimbra — Fructeira antiga, de prata.

Antonio Maria Homem da Silveira Sampaio e Mello, residente em Coimbra — Jarro e bacia de prata, antigos; fructeira de prata; urna de prata, para chá, em fórma de pipa.

Antonio Augusto da Costa Simões (dr.), de Coimbra — 5 facas de silica, do tempo dos Celtas (verificadas pelo sr. Carlos Ribeiro[1]; foral antigo da villa da Aguda, dado por el-rei D. Manuel em 1514.[2]

José Maria Mendes Fragoso, de Coimbra — Caixilho contendo a imagem do Senhor dos Passos, em meio relevo, feita de miolo de Figueira, na ilha do Fayal.

D. Henriqueta Tavares Pimentel, de Coimbra — Quatro adereços completos, de marfim e sandalo; dois pares de brincos, do mesmo; abre-luvas de marfim; bilheteira de marfim; seis chicaras e seis pires, de marmore da China.

Joaquim de Sousa Campos, de Eiras — Selim mexicano (silla vaquera) com os competentes loros, esporas, freio, vaquerillo, mantilla e chaparreras.[3]

[1] Foram encontradas, em 1868, em sepulturas que se descobriram por occasião de uma plantação de vinhas nas proximidades de Ancião, entre as povoações de Sarzeda e Cantanhede, numa pequena elevação de terreno areento.

[2] É escripto em 16 folhas de pergaminho, com pasta de couro preto. É assignada ou—*dada em ha nossa muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa ha XII dias de novembro e ano* (sic) *do nacimento de nosso Senhor Jesu Xp.º de mill e quinhentos e quatorze.*—Tem no fim a assignatura Real.

[3] A cabeça do selim serve para os mexicanos laçarem um touro ou cavallo, manso ou bravo. Na força da carreira dão-lhe duas voltas com a ponta opposta do laço, e fazem pular o cavallo, em que vão montados, para o lado opposto do outro animal, e assim o levam.

Os loros são muito fortes, porque os mexicanos coleam os animaes do modo seguinte: correm a cavallo atrás de um touro no campo, e, logo que podem deitar-lhe a mão á cauda, dão a volta com ella por

José Maria Martins Junior, de Coimbra — Relogio de prata, que foi atravessado por uma faisca electrica, estando na algibeira de seu dono, já fallecido.

José Gomes Paes, de Coimbra — Bilheteira arrendada, de marfim, feita no Mexico.

Ricardo Antunes de Macedo, de Coimbra — Contador pequeno, e mesa de páu preto marchetada de marfim.

Jacintho Nunes Soares, de Coimbra — Bengala de sandalo.

Luciano Fernandes Falcão, de Penella — Duas moedas brazileiras, de prata, do reinado de João VI.

Padre João Simões Louzã, de Alvaiazere — Corôa de contas de marfim, abertas e lavradas, e competente cruz.

Universidade de Coimbra (repartição das obras) — Tres lapides.[1]

D. Carolina de Carvalho, de Macau, residente em Coimbra — Duas costureiras e escrivaninha de páu sandalo, entalhadas e marchetadas, feitas na India; 9 leques de charão da China; 10 dictos de marfim do Japão; 6 bilheteiras de marfim, sendo 3 grandes e 3 pequenas; 7 dictas de sandalo, sendo 3 grandes e 4 pequenas; 6 brincos de ouro e crystal do Japão; 2 caixas grandes de sandalo.

Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos (dr.), de Coimbra — Crucifixo de marfim e cruz de ébano.

Maria Perpetua de Nazareth (D.), de Coimbra — Jarro e bacia de cobre imitando porcellana; quadro de duas vistas, representando uma a Senhora das Dores, e a outra o Senhor da canna verde.

Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, de Coimbra — In-

debaixo da perna e loro, fazem dar um salto ao cavallo em que vão montados, e o animal apprehendido cáe por terra.

Os mexicanos têm as esporas como adorno; poucas vezes fazem uso d'ellas, porque é com o chicote que obrigam o cavallo.

Um cavallo bem ensinado, com o freio mexicano, pára na força da carreira, sem que o cavalleiro se veja na necessidade de applicar a força, bastando chamar um pouco as rédeas.

O vaquerillo é a peça trazeira, onde amarram o jorongo.

A mantilla é para modelo, porque tem as medidas marcadas para se mandarem fazer para os selins.

As chaparreras servem para defender as calças.

[1] A primeira é um monumento sepulchral romano; a segunda um marco miliario romano; e a terceira estava juncto á estatua da Sabedoria, no collegio de S. Paulo, hoje theatro academico.

dispensavel, collar e duas pulseiras, feitos de sementes de linho, nas ilhas de Cabo Verde; livro impresso em Basilea em 1537; livro, original, manuscripto em papel do Japão, datado de Nagasaqui a 25 de fevereiro de 1608, com o titulo: Annua de Iapam do anno de 1607. Pera N. P. Geral Claudio Aquaviva, 2.ª via polla Inda Occidental. É assignado por — commissom do Padre Vice provincial, de V. P., filho indino e servo em o Sor, Joam Roiz Gyram.[1]

Antonio Martins de Carvalho, de Coimbra — Quadro de papel recortado, representando Sancta Maria Magdalena.

Commendador José Antonio Leite Ribeiro, de Coimbra — Terrina, turibulo e naveta, de prata; bacamarte grande.

Commendador Francisco da Silva Oliveira, de Coimbra — Quatro grandes quadros com gravuras em aço.

Joaquim Maria Rodrigues de Brito (dr.), de Coimbra — Seis quadros pintados em vidro; capellinha de marfim; exemplar dos estatutos da Universidade.[2]

Bernardino Augusto Leite Ribeiro, de Coimbra — Leito e contador grande de pau preto, antigos.

Joaquim Maria Soares de Paula, de Coimbra — Duas caixas de palha.[3]

Bento Seraphim, de S. Martinho do Bispo — Crucifixo de marfim, em ponto grande.

Carolina Amelia de Sousa (D.), de Coimbra — Sinete e faca de marfim, arrendados.

Manuel de Jesus Cardoso, de Coimbra — Crucifixo de marfim, e oratorio de pau preto.

João d'Almeida Junior (D.), de Coimbra — Cesto arrendado, de páu sandalo; contador de charão, com fechos

[1] Comprehende a historia do acontecido aos missionarios da companhia de Jesus e mais christandade do Japão no anno de 1607.

[2] Foram os primeiros que se imprimiram, e têm a data de 1593, edição de Coimbra, pelo impressor Antonio de Barreira.

Este exemplar pertenceu ao pae do expositor, o sr. dr. Joaquim José Rodrigues de Brito e Oliveira. É rarissimo: a propria bibliotheca da Universidade não o possue, havendo apenas alli uma copia manuscripta. Alem d'este exemplar existe um no gabinete reservado do sr. secretario da Universidade, e possue outro o sr. conselheiro José Maria de Abreu.

[3] Feitas pelo expositor, em 1833, na cadeia de Almacave, Lamego.

de prata; costureira; serviço completo para lavatorio e seus pertences, de louça da China.

Joaquim de Mesquita, de Coimbra — Caixa marchetada; imagem de Sancta Isabel; relogio antigo.

Francisco Maria Martins, de Coimbra — Peanha de páu sancto; jarra com flores de prata com 14 hastes; fonte com dois veados, de marfim; dois chins, de marfim; cruz de metal dourado, lavrada; Sancto Christo, dourado; escrivaninha; globo de páu torneado, com outra peça dentro; dois quadros de relevo em cera; caixa de madeira com embutidos.

Manuel Joaquim Fernandes Thomaz, de Coimbra — Collecção de 36 photographias, em ponto grande, representando os principaes monumentos e edificios de Coimbra.[1]

Antonio Joaquim de Sá Mendonça, de Coimbra — Imagem em esculptura de Sancto Antonio, feita de buxo; bandeja de prata lavrada.

Joaquim Alfredo Pessoa, de Coimbra — Imagem de Christo, de marfim.

José dos Sanctos Moraes e Sá, de Coimbra — 183 moedas de ouro, prata e cobre, romanas; 6 medalhas antigas.

Manuel Ignacio da Conceição, de Coimbra — Conchas e buzios; quadro pintado a oleo.

Augusto Frederico de Sousa Doria, de Coimbra — Quadro bordado a fróco; cama de rede de palha, com pennas.

Director dos hospitaes da Universidade — Vaso sagrado, de tartaruga, com engastes de prata; dois véus de calix bordados a ouro.[2]

Antonio d'Oliveira e Sá, de Coimbra — Copia, em porcellana, do apparelho que serviu para levantar a estatua equestre de D. José I, em 1775

Antonio Luiz Monteiro e Pina, de Alvôco da Serra — 28 moedas portuguezas, de ouro, de differentes reinados, no valor intrinseco de 332$560 réis.

[1] Estas magnificas photographias foram aqui mandadas tirar por conta do museu de Kensington, para o que veiu a esta cidade um photographo inglez. Foi offerecida uma collecção á Universidade de Coimbra, e outra ao secretario do mesmo estabelecimento, o sr. commendador Fernandes Thomaz.

[2] O vaso e os véus pertenceram aos jesuitas.

Joaquim Maria Martins, de Coimbra — Contador chinez.

Joaquim Mendes Simões de Castro, de Coimbra — Cantaro de barro, com o brazão de Coimbra, e a data de 1744.

D. Anna Paredes, de Coimbra — Dois castiçaes, salva e bacia, tudo de prata lavrada.

José Maria Martins Junior, de Coimbra — Quadro a oleo, pintado sobre cobre, representando Christo no Horto.

Joaquim de Vasconcellos, de Coimbra — Quadro a oleo, pintura sobre madeira, attribuido a Grão Vasco, representando a Epiphania.

João Antonio Pereira, de Coimbra — Pintura em cobre, representando Jesus Christo instituindo o Sacramento da Eucharistia; outra pintura, tambem em cobre, representando Sancta Luzia.

Angelo Cavetti, residente em Pereira — Dois quadros pintados a oleo, copias de Raphael, e que foram trazidos de Florença ha 27 annos.

Francisco Augusto Ribeiro, de Coimbra — Tres quadros a oleo, sendo: a morte de S. Francisco, Nossa Senhora do Carmo e a visita dos Magos a Belem.

D. Maria Benedicta Castro e Mello, de Soure — Quinze quadros pintados a oleo, em panno, madeira e cobre.

D. Fortunata Emilia Coelho, de Coimbra — Quadro a oleo, pintado sobre cobre, representando a Sanctissima Virgem com o Menino Jesus ao collo.

Padre Manuel Cardoso de Figueiredo Nogueira, de Coimbra — Quadro em cobre, representando S. João Baptista no deserto; fio de contas de madeira.

Aprigio José Vaz Ferreira de Sousa, de Coimbra — Quadro pintado em vidro, e outro dito em papel.

Antonio de Oliveira Silva Gaio (dr.), de Coimbra — Quadro attribuido a Grão Vasco; quatro photographias, por Carlos Augusto Relvas de Campos, sendo: vista de um açude em Thomar, janella do convento de Christo em Thomar, vista do castello de Leiria, e vista do castello de Almorol.

Anselmo Maria Urbano de Sampaio, de Coimbra — Quadro pintado a oleo, representando o Senhor preso á columna.

Carlos Eugenio Ribeiro Dias, de Coimbra — 12 photographias, sendo 8 de vistas do mosteiro da Batalha, e 4 do convento de Sancta Cruz d'esta cidade.

Maria da Luz da Conceição, de Coimbra — Imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Antonio dos Santos Ferreira, de Coimbra — Dois buzios capacetes.

José Adelino Serrasqueiro, de Coimbra — Collecção de quarenta e um molluscos.

Antonio Augusto de Mattos Mascarenhas, de Condeixa — Dois tortulhos petrificados; um sagui.

Francisco de Carvalho, do Sebal Grande — Nove petrificados.

Joaquim Dias Guilhermino, Figueira da Foz — Doze buzios differentes.

Albino José de Freitas e Almeida, da Ega — Amostras de pedra crystal.

Wenceslau Martins de Carvalho, de Condeixa — Stalactites.

Julio Pereira, estudante em Coimbra — Stalactites; estalagnites; crystaes petrificados.

D. Felicidade Perpetua Arede, de Coimbra — Quadro composto de varias especies de borboletas do Brazil.

Dr. Manuel Marques de Figueiredo, de Coimbra — Duas milleporas muricata, e cassis cornata.

Muzeu da Universidade de Coimbra — Numerosa collecção de amostras de madeira do Brazil.

Classificações d'esta secção

Historia natural

Dr. Manuel Paulino de Oliveira, de Coimbra — Collecção de coleópteros da Europa; dita de cepidópteros.[1] (1.ª)

José Maria Rosa, de Cellas, concelho de Coimbra — Collecção de quarenta e sete ninhos com ovos e respectivas aves, e outra de reptis, tudo dos arredores de Coimbra. (2.ª)

Francisco José Paulo, de Coimbra — Frasco de vidro contendo um pequeno esqueleto de ave. (3.ª)

[1] Esta collecção, unica no seu genero neste reino, é o resultado do muito trabalho e da muita perseverança do sr. dr. Manuel Paulino.

João Pereira Forjaz de Sampaio, de Coimbra — Collecção conchyliologica. (3.ª)

Joaquim Pedro Baptista, de Coimbra — Collecção de cepidópteros e outros insectos colhidos nas proximidades de Coimbra. (4.ª)

Numismatica

João Corrêa Ayres de Campos — Collecção de moedas e medalhas. (2.ª)

Numero de expositores nesta secção 115.

Recapitulação do numero dos expositores na 1.ª época

Secção da industria extractiva.....	11
» » » fabril.....	175
» de bellas artes e prendas.....	84
» da industria agricola	81
» de productos chimicos e pharmaceuticos	3
» especial de archeologia, etc.	115
Total...	469

NOTAS ILLUSTRATIVAS

Minas do Cabo Mondego

Os productos, apresentados na exposição districtal de Coimbra pela empresa d'aquellas minas de carvão de pedra, não podem deixar de ser devidamente apreciados por quem avaliar de quanto alcance economico será para o nosso paiz o desenvolvimento da industria extractiva, por tanto tempo descurada entre nós.

Não se acerta com o motivo por que se tem dado pouca importancia á exploração das minas do Cabo Mondego, parecendo desconhecer-se a sua muita utilidade em relação á industria fabril e ao aproveitamento das forças productivas do paiz, despresando-se assim uma das mais importantes fontes da riqueza nacional.

A actual empresa das minas, de que é gerente o sr. João Arthur Pereira Caldas, e director technico o sr. Francisco Maria Henriques de Carvalho, cortando por todas as difficuldades, tem conseguido dar grande impulso e incremento á exploração d'aquella importante mina carbonifera, em que actualmente se empregam cerca de 200 pessoas, procurando fazer bem conhecidas as condições e natureza do minerio, que pode ser applicado com muita vantagem ao uso de differentes industrias; evidenciando d'este modo que, se elle não é superior, está a par do que importamos das afamadas minas inglezas, em detrimento dos nossos interesses.

Este livro, em que se commemora a primeira exposição industrial, que se fez em Coimbra, não podia, pois, omittir o que das minas do Cabo Mondego têm dicto pessoas auctorisadas; passando-se por isso em revista alguns escriptos de distinctos geologos e as opiniões emittidas por pessoas competentes.

— O importante relatorio do ex.^{mo} sr. D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, elaborado em 22 de fevereiro de 1868; e que não pode, pela sua extensão, ser aqui transcripto na integra, é um excellente trabalho, que merece ser consultado, porque claramente demonstra a riqueza da producção das minas do Cabo Mondego. O nome de seu auctor, que foi coadjuvado em tão importante trabalho pelo sr. Francisco Germano Claro; os esclarecimentos que apresenta; as particularidades que menciona; as luzes que diffun-

de; finalmente, as analyses a que procedeu num ramo da sciencia mineralogica, a que poucos se dedicam, tornam recommendavel a sua leitura, sendo que está escripto com a maior clareza e percepção, e revela os vastos conhecimentos de seu illustrado auctor.

Para devida apreciação, vai adiante inserido o quadro dos resultados obtidos pelo processo analytico, applicado a algumas amostras de carvão e de coke, podendo assim comparar-se o minerio do Cabo Mondego com o de Glasgow e de Newcastle; é o seguinte:

Carvão de pedra de Buarcos

Densidade		1,240
Composição	Carbóne	0,8103
	Hydrogenio	0,0884
	Oxygenio e azote	0,1013
		1,0000

Composição de differentes variedades de carvão e de coke

Especies	Enxofre	Coke	Perda pela distillação	Cinzas
Carvão de Buarcos, 1.ª sorte..	0,0069	0,58	0,42	0,022
» » » 2.ª sorte..	0,0167	0,52	0,48	0,048
» » » 3.ª sorte..	0,0313	0,50	0,50	0,078
Coke obtido pela pilha com carvão de Buarcos, *A*.....	0,0153	1,00		0,188
Coke obtido em pilha com o dicto carvão, *B*.....	0,0197	1,00	....	0,194
Coke obtido pela distillação, *A*.	0,0216	1,00	....	0,232
» » pela distillação, *B*.	0,0486	1,00	....	0,262
Carvão de Glasgow.....	.....	0,52	0,48	0,030
» de Newcastle.....	0,0107	0,62	0,38	0,015
Cannel-Coal.....	.....	0,55	0,45	0,030
Boghead.....	.....	0,33	0,67	0,320
Cardiff.....	0,0325	0,73	0,27	0,190
Coke metallurgico inglez	0,0048	1,00	....	0,134

A referida empresa, á frente da qual estão pessoas competentissimas e dedicadas, e que aos seus interesses alliam os interesses do paiz, querendo condignamente fazer representar aquellas minas na exposição districtal de Coimbra, para assim tornar bem conhecidos

os productos da sua exploração com as amostras de carvão, enviou 36 frascos com a designação das substancias contidas em cada um d'elles, pela forma seguinte:

1 Carvão de Buarcos, 1.ª sorte, e residuo da 6.ª experiencia correspondente a esse carvão.
2 Pó e botão de chumbo correspondente ao carvão supra.
3 Carvão de Buarcos, 2.ª sorte.
4 Pó e botão de chumbo correspondente ao dicto carvão.
5 Carvão de Buarcos, 3.ª sorte.
6 Pó correspondente ao dicto carvão.
7 Residuo da 6.ª experiencia, e botão de chumbo correspondentes ao carvão do frasco n.º 5.
8 Carvão de affloramento de Buarcos.
9 Pó correspondente ao carvão do frasco n.º 8.
10 Residuo da 5.ª experiencia, feita com o carvão do frasco n.º 8.
11 Residuo da 6.ª experiencia, feita com o carvão do frasco n.º 8.
12 Coke metallurgico obtido em pilha, em Buarcos, A.
13 Pó e botão de chumbo, correspondentes ao coke do frasco n.º 12.
14 Coke obtido em pilha, com o carvão de Buarcos, B.
15 Pó correspondente ao coke do frasco n.º 14.
16 Coke obtido por distillação, com o carvão de Buarcos, A.
17 Pó e botão de chumbo relativo ao coke do frasco n.º 16.
18 Coke obtido pela distillação com o carvão de Buarcos B, e botão de chumbo correspondente.
19 Coke inglez obtido em pilha, o que existe á venda em Lisboa; pó e botão de chumbo correspondentes.
20 Carvão de Glasgow.
21 Residuo da 6.ª experiencia com o carvão do frasco n.º 20.
22 Pó e botão de chumbo correspondentes ao dicto carvão.
23 Cannel-coal.
24 Pó correspondente ao conteúdo do frasco n.º 23.
25 Residuo da 6.ª experiencia com o conteúdo do dicto frasco.
26 Bog-head.
27 Pó correspondente ao conteudo do frasco n.º 26.
28 Botão de chumbo correspondente ao conteúdo do dicto frasco.
29 Carvão de Newcastle.
30 Residuo da 6.ª experiencia com o carvão do frasco n.º 29.
31 Pó e botão de chumbo correspondentes ao dicto carvão.
32 Pó de carvão de urse, e botão de chumbo correspondente.
33 Pó de carvão de sobro, e botão de chumbo correspondentes.
34 Cardiff e pó e botão de chumbo correspondentes.
35 Pó de bolas de cisco e botão de chumbo correspondentes.
36 Pedaço de carvão de Buarcos, que serviu para a determinação da densidade.

—O seguinte attestado do sr. Frederico Guilherme Burnai, cuja

opinião é insuspeita, corrobora o que ácerca das minas de Buarcos já têm dicto varios professores da sciencia mineralogica.

«Eu abaixo assignado, tendo feito a experiencia prática do carvão de pedra, proveniente das minas de Buarcos, achei os resultados seguintes:

«Para extracção de gaz, o rendimento pode considerar-se egual ao do melhor carvão de pedra estrangeiro e o cock muito superior.

«Empregado como combustivel para caldeiras a vapor, é um tanto inferior ao carvão de primeira qualidade vindo de fora, podendo ser considerado egual em qualidade aos carvões de 2.ª qualidade.

«Fabrica de azeites, no Baluarte em Alcantra, 12 de julho de 18 7.—*Frederico Guilherme Burnai.*»

Não é este o unico documento, que vem em abono das minas do Cabo Mondego, ácerca das quaes o distincto engenheiro de minas, o sr. Carlos Ribeiro, cuja auctoridade ninguem pode contestar, escreveu o seguinte:

«Illmo ex.^mo sr. — Recebi a carta de v. ex.ª e com ella uma caixa contendo amostras de carvão do Cabo Mondego de differentes qualidades e em diversos estados, e as quaes constituem os documentos justificativos de um relatorio em que se tracta da analyse e das qualidades industriaes do mesmo carvão, elaborado pelo ex.^mo sr. D. José de Saldanha, e o qual acompanha as indicadas amostras.

«Deseja v. ex.ª que eu lhe diga alguma cousa ácerca da importancia do jazigo do carvão do Cabo Mondego; mas, não tendo eu voltado a examinar esta mina desde 1854 até hoje, que poderei accrescentar sobre o que escrevi em uma memoria, que a respeito d'ella foi publicada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa? Repetir o que alli disse, mas de uma maneira mais resumida.

«Começarei por dizer que a bacia carbonifera do Cabo Mondego apresenta nos seus caracteres geologicos as condições requeridas para a formação do carvão, já manifestadas na constituição mineral das camadas que alternam com as camadas de combustivel e o acompanham, já nos fosseis que caracterisam as mesmas camadas. Em concordancia com esta bacia e a uns 100 kilometros para o S. E. d'ella, pouco mais ou menos, entre Porto de Moz e Alcanede, ha uma outra bacia de carvão situada na mesma formação e conhecida pelo nome de mina de carvão de Valverde e Cabeça de Veado. É fóra de duvida que, se o carvão d'estas duas bacias não está precisamente no mesmo horisonte geologico, as bacias que o encerram são synchronicas. Facto este que nos revela uma forte actividade das forças productoras do carvão em um periodo avaro da formação d'este precioso mineral.

«A serie de camadas que acompanham o carvão do Cabo Mondego tem a mesma feição mineral da serie da mina de Valverde; e tanto numa como na outra, a parte util resume-se em uma camada

de carvão com iguaes caracteres e tendo de possança 8 a 15, e mesmo a 22 (em Valverde) decimetros.

«Quando em tempo visitámos a mina do Cabo Mondego, a inspecção do solo e a dos trabalhos subterraneos fez-nos crer que a serie carbonifera, que constitue a mesma, mina não tinha continuidade para o nascente até aos flancos do valle do Mondego, e que ao contrario para a parte opposta havia todos os indicios, ou antes a maior probabilidade, de o carvão se estender bastante para o poente, ou por baixo do fundo do oceano.

«As informações, que em 1850 e 1854 obtive de testemunhas contemporaneas dos trabalhos subterraneos, que se fizeram nesta mina nos fins do seculo passado, e especialmente com referencia áquelles que foram lavrar o carvão abaixo do fundo do oceano pelas duas galerias antigas denominadas dos Raposos, que desceram até alem de 100 metros, firmaram a minha convicção, adquirida no exame dos trabalhos modernos, de que a camada de carvão do Cabo Mondego é contínua em profundidade, e que a sua possança tende a augmentar, mas vagarosamente.

«A structura geologica do solo entre o cabo, a linha de costa e o valle do Mondego, e especialmente a regular disposição que se observa nos andares da formação que contém a serie carbonifera, auctorisa-nos a dizer que a camada do carvão deve ter tanta extensão em profundidade como o que se tem observado no sentido da direcção da mesma camada. Pelo menos são desconhecidos os limites geologicos da bacia no sentido da inclinação das camadas da serie carbonifera; nem os mais remotos indicios ha d'elles, que, a existirem patentes, definiriam tambem os limites do carvão naquelle sentido.

«Conseguintemente a parte mais importante do carvão jaz no prolongamento do plano da sua camada, no sentido da sua inclinação.

«Por outra parte a continuidade, que a rocha do tecto da mina tem sempre apresentado em todos os trabalhos abertos, é um dos indicios mais fortes, se não a garantia, de que a camada do carvão se sustenta sem accidentes notaveis por grandes extensões tanto no sentido da direcção como no da inclinação.

«Em fim, a mina de carvão do Cabo Mondego é uma mina que tem futuro, não só pela quantidade de combustivel que a sua camada póde fornecer por uma lavra regular de 20 a 30 mil toneladas (tendo como tem um excellente tecto) como pela qualidade do mesmo carvão.

«O estudo dos combustiveis fosseis, sob o ponto de vista da sua idade e composição, tem feito conhecer: que a sua densidade diminue progressivamente desde o anthracite até á turfa, ou dos mais antigos para os mais modernos; que a proporção do seu carbonco segue a mesma lei geral de decrescimento progressivo; e que a

proporção dos seus gazes é regida ao contrario por uma lei inversa; isto é, cresce dos combustiveis mais antigos para os mais modernos.

«No entanto, é forçoso confessar que a classificação precisa de um combustivel fossil, ou a de combustiveis de diversas minas de uma mesma formação geologica, não é cousa facil; ao contrario é uma questão complexa e difficil, e na qual intervem o estudo do laboratorio por um lado, e os dizeres das industrias, que empregam os mesmos combustiveis pelo outro. Ha apenas 6 annos que a marinha franceza se emancipou dos carvões de *Cardiff* e de *Newcastle*, porque até então a practica ainda lhe não tinha feito conhecer o como substituir com os seus carvões as qualidades especiaes do *Cardiff* e do *Durham*.

«O ex.mo sr. D. José de Saldanha fez um excellente trabalho relativo á classificação dos combustiveis, que muito considero, e pelo qual, juncto ás analyses a que procedeu do carvão de Buarcos, concluiu que este carvão é uma hulha gorda, mui rica em hydrogeneo, propria para os diversos usos da industria e para o gaz de illuminação.

«Esta classificação em nada implica com a situação geognostica do jazigo, pois que o carvão do Cabo Mondego podia ser tambem uma anthracite: pela minha parte acceito-a; tanto mais que, segundo as analyses do mesmo sabio chimico, compete-lhe o nome de *carvão gordo*.

«Mas ainda quando no progresso da lavra este carvão se converta em uma hulha magra de chamma alongada, ainda assim parece-me que poderá ter util emprego na illuminação, dará um soffrivel coke, e o seu emprego nas outras industrias não diminuirá.

«Como quer que seja a mina de carvão do Cabo Mondego, ainda que estivesse situada num paiz hulheiro, não ficaria desaproveitada; quanto mais entre nós, paiz sem lenhas, sem carvão mineral, e, com a nossa pouca industria, a locomoção maritima e terrestre absolutamente dependentes do carvão de Inglaterra.

«É o que se me offerece dizer a v. ex.ª em resposta á sua referida carte; e terminarei por assignar-me de v. ex.ª attento venerador e creado — *Carlos Ribeiro*. — Ill.mo e ex.mo sr. João Arthur Pereira Caldas.»

Está, pois, demonstrada a importancia dos productos das minas do Cabo Mondego, visto que, pela analyse e experiencias, se conhece a riqueza de uma mina, que sempre se tem pretendido depreciar, e que de futuro, se por ventura já as não dá no presente, deve dar immensas vantagens aos seus exploradores, ás artes, ao commercio, e á navegação (*a*).

(*a*) O carvão, vendido no armazem da Figueira, custa 3$500 cada tonellada; o coke custa 3$400 réis. Em Coimbra vai a empresa estabelecer um deposito de todos os productos das minas que explora.

—Vem a proposito inserir neste logar algumas noticias historicas das minas do Cabo Mondego.

Aquella mina foi descoberta depois de 1700, e começou a ser explorada, por conta do estado, em 1783, sob a direcção dos tenentes de engenharia—Raposos, abrindo-se então os tres poços ou galerias de extracção, que hoje se denominam—Minas velhas, as quaes, sendo guarnecidas de aperfeiçoada cantaria, demonstram que a exploração não era feita por empreza particular, e que nessa época ainda se tinha pouco em attenção alliar a seguranca com a economia, especialmente na exploração de uma mina.

Algum tempo depois passou a sua administração ao intendente geral das minas, José Bonifacio d'Andrade, tendo ás suas ordens o engenheiro allemão, Augusto Bonbert, que percebia 350$000 réis por anno, alem de casa paga e a sustentação de um criado.

Levados os poços a $154^{m},0$ de profundidade, mandou o mencionado engenheiro abrir uma galeria horisontal em direcção ao mar; não tendo, porém, procedido previamente ás sondagens, e tendo despresado o aviso dos mineiros, que lhe diziam parecer sentir o embate das ondas, teve o desgosto de vèr num domingo, a horas felizmente em que ninguem trabalhava, o oceano irromper a fraquissima camada, e pela inundação da mina ficarem perdidos todos os trabalhos executados, e prejudicada a lavra futura!

O referido engenheiro, despedido, por este facto, dos trabalhos de que estava encarregado, foi para Lisboa, onde acabou seus dias, lançando-se dos arcos das aguas livres; e a mina, apesar das pomposas promessas de José Bonifacio, conserva-se até hoje inundada, sem haver esperança de poder ser explorada naquella parte (*a*).

Uma companhia arrendou depois a mina ao governo pelo espaço de vinte annos: executou grandes obras, e abriu uma nova galeria, denominada—Mina do Mondego. Porém, razões ponderosas, que a credulidade publica attribue a especulação e egoismo inglezes, levaram a companhia a descurar, ou antes a abandonar a mina.

Em 1838 passou a administração da mina á empresa do conde de Farrobo, que empregou consideraveis fundos na abertura dos poços—Esperança e Farrobo.

A mina estava ultimamente quasi em abandono, quando a actual empresa tomou conta da sua administração. Tem luctado, de certo, com muitas difficuldades; mas, graças á energia e esforços, de seus gerentes, pôde levantal-a do abatimento em que jazia.

A cal dos fornos da empresa das minas do Cabo Mondego é hydraulica, fazendo presa debaixo de agua em 24 horas, porque con-

(*a*) Ainda ha pouco existia em Buarcos um velho, a quem se devem estes esclarecimentos, que naquelle tempo era apontador dos trabalhos das minas.

tem 18 por cento de argilla, tendo a vantagem de fazer a presa mais consistente e de admittir maior dosagem de areia; podendo-se-lhe addicionar em cada cesto de cal quatro de areia, em quanto que á outra não se podem junctar mais do que dois.

A producção do forno da cal é de 8 metros cubicos diarios; vendendo-se, posta na Figueira, a 2$400 réis o metro cubico em pedra, e a 1$500 réis o metro cubico em pó.

O tijolo e telha, ainda que só existe ha quatro mezes aquella fabrica, e mesmo sem a perfeição que só o tempo e a habilitação de pessoal ha de trazer-lhe, têm já uma procura, que demonstra bem a boa qualidade da argilla e a perfeição da cosedura.

A producção diaria da tijolaria é já, proximamente, de 6:000 tijolos e 2:000 telhas, esperando poder-se em breve elevar ao dobro.

O preço da telha é de 4$000 réis posta na Figueira, e 3$600 juncto ao forno.

O preço do tijolo varía segundo as dimensões, sendo a usual de 0,24 × 0,12 × 0,06, que se vende a 6$000 réis o milheiro, posto na Figueira, e as demais dimensões proporcionalmente.

A fabrica recebe encommendas de todos os feitios, segundo as obras a que os tijolos são destinados.

—A empresa das minas espera em breve ter montadas mais duas fabricas, uma de cimento pelo processo Vicat, e outra de soda pelo systema Leblanc.

Fabrica de vidros em Buarcos

Foi construida pelo conde de Farrobo, e estava em completo abandono, quando o actual empresario, o sr. João Pedro Luizello, em sociedade com Celestino Bel, tomou conta da fabrica, porque reconheceu as vantagens que offerecia a localidade de uma fabrica juncto de uma mina de carvão em exploração, o preço das materias primas, e os lucros que poderia auferir de taes circumstancias, que não eram para desprezar.

Depois de immensas despezas no concerto do edificio, deu-se principio aos trabalhos, fabricando-se, termo medio, por mez, 50:000 kilos de optima vidraça de todas as cores, sendo para notar o bom corte e a belleza das cores (*a*). Todos os productos são vendidos

(*a*) É director da fabrica Mr. Maximilien Frantz. Os preços da vidraça de cores são os seguintes, por kilo:

N.º 1, rouge rubis foncé 1$000; n.º 2, rouge rubis clair 1$000; n.º 3, rouge cramoisi 800; n.º 4, vert couleur mais 800; n.º 5, breu clair 600; n.º 6, violet rouge 400; n.º 7, violet évêque 400; n.º 8, jaune d'or 400; n.º 9, jaune clair 400 réis.

por preço modico, o que não pode deixar de convidar os compradores, e concorrer para o desenvolvimento d'esta industria.

A fabrica tem, termo medio, 50 operarios, e emprega o carvão de Buarcos, de que tira os mais lisongeiros resultados, fazendo as fundições em menos tempo que o regular, o que prova a força calorifica do combustivel.

Dentro em pouco vae proceder-se ao fabríco de crystaes e de garrafas, o que deve ter muita procura.

Finalmente, a fabrica de vidros de Buarcos, pelas condições economicas do local em que se acha, pela facilidade no transporte de seus productos, e sobre tudo pela força de vontade de seu empresario, o sr. Luizello, e pela cooperação efficaz dos seus empregados technicos, deve dentro em pouco tomar notavel incremento.

Imprensa da Universidade

O vasto edificio da imprensa da universidade e as suas dependencias constituem uma extensa área, occupando todo o espaço comprehendido desde o collegio de Sancta Rita, ou dos Grillos, por um lado, até quasi á Universidade pelo outro.

Por provisão de 15 de outubro de 1772 foi para ella destinado o claustro da antiga sé de Coimbra; por provisão de 17 do mesmo mez e anno se lhe addicionaram as casas e quintaes contiguos; e por alvará de 9 de janeiro de 1790 foi approvado o regimento do governo da dicta imprensa.

Já de si importante, e sem duvida um dos mais uteis estabelecimentos publicos, porque não onera por alguma fórma os cofres do estado e presta relevantes serviços á instrucção publica, a imprensa da Universidade ainda seria susceptivel de muito maior desenvolvimento, se os governos quizessem ter-se aproveitado das vantagens economicas, que lhes proporciona este estabelecimento industrial, em que actualmente poderiam ser satisfeitas, com promptidão e economia, as requisições de impressos para o expediente das differentes repartições publicas das provincias do norte.

Para aquelle desenvolvimeuto é muito apto o edificio, a todos os respeitos, sendo que nos excellentes claustros, que formam o pavimento inferior, e que só servem para deposito de impressos caídos em desuso, para officina de carpinteria e para outros misteres secundarios, ficariam bem accommodados os prelos mechanicos de qualquer estabelecimento typographico, ainda do mais importante.

As officinas de composição e impressão occupam o pavimento su-

perior do edificio. Constam aquellas de duas espaçosas salas, uma virada ao poente, medindo 28^{m},31 de comprido por 4^{m},68 de largo; outra de 26^{m},72 de comprido e 5^{m},47 de largo. A de impressão tem 34^{m},70 de comprimento, e 5^{m},72 de largura. No mesmo pavimento está a eschola typographica, a officina para trabalhos de mappas com filetes, o deposito dos typos, a casa de molhar o papel e o lavadouro, o armazem do papel para as impressões, e a sala denominada da conferencia, de 15^{m},42 de comprido, e 5^{m},92 de largo, onde são distribuidos aos estudantes os livros com que têm de ser admittidos á matricula. Todas as salas e officinas são illuminadas a gaz.

Contiguos ás dictas officinas estão os gabinetes do administrador e o da revisão, arrecadações, etc.

No pavimento inferior está estabelecida a officina lithographica, e outras dependencias do estabelecimento.

Para o lado da rua do Norte está a loja da venda dos livros e respectiva officina de encadernação; e superiormente a estas os armazens dos impressos de prompta saída e que constituem grande valor; e, ainda na parte superior d'este corpo do edificio, o cartorio da imprensa, subdividido em sala de recepção e dous escriptorios, e ao lado a mui ampla casa do enxugo do papel impresso, etc.

A exposição de todo o edificio é excellente, não lhe faltando ventilação nem luz, ou qualquer outra condição hygienica, que possa ser exigida em casas de tal ordem.

É abundante e valioso o provimento de typos, que possue a imprensa da Universidade; sendo que, desde a ultima reforma, em 1854, ascende a 8:000$000 réis o custo do typo commum, vinhetas, filetes, traços caligraphicos e outros lavores typographicos, comprados desde aquella época á industria nacional e á estrangeira.

Alem d'aquelles typos, possue esta imprensa uma rica collecção de signaes algebricos, mathematicos, astronomicos, botanicos, pharmaceuticos, etc., etc.; assim como uma collecção de caracteres cursivos, desde corpo 12 até 117, e outras de caracteres gothicos e redondos, todos da antiga fundição de Firmin Didot.

Ainda a imprensa possue caracteres gregos dos corpos 9 e 12; hebraicos dos corpos 7 e 13; e as abreviaturas arabes.

O deposito das gravuras contem grande numero d'ellas em chapas de cobre, algumas das quaes são de muito merecimento artistico.

Pussue a imprensa dous prelos mechanicos, sendo um denominado — Universal — e outro — Indispensavel — do acreditado constructor Marinoni, de Paris, comportando o primeiro grandes formatos, e nada deixando ambos a desejar pelo seu excellente trabalho. Tem tambem a imprensa cinco prelos de ferro, sendo dous, de maior formato, da fundição de Massarellos, uma prensa hydraulica, tres prensas de apertar papel, dous prelos lithographicos, e um pequeno prelo de provas.

O pessoal da imprensa compõe-se de—1 director, 1 administrador, 1 revisor, 1 escripturario, 1 amanuense, 1 ajudante leitor, 1 director das officinas de composição, 1 mestre da eschola typographica, 1 mestre de impressores, 1 fiel dos armazens, 1 fiel da loja dos livros, 1 alçador, 1 lithographo, 14 compositores, 10 impressores e ajudantes, 15 aprendizes de composição, 3 aprendizes de impressão, 1 porteiro, e 3 serventes—Total 59.

Sendo o pessoal da imprensa composto, na maxima parte, de operarios, que não vencem ordenado permanente, e sujeitos por isso a eventualidades, que d'um para outro momento os podem privar de adquirir os meios de sua subsistencia e de suas familias, foi por isso fundada no estabelecimento uma instituição philantropica, com o intuito de lhes occorrer nas doenças com um soccorro de 200 réis diarios, de lhes subministrar as visitas de medico e cirurgião, e de lhes abonar os medicamentos e ainda a despesa dos funeraes. Os operarios impossibilitados totalmente de trabalhar, têm os mesmos soccorros da medicina e da pharmacia, e o subsidio vitalicio de 120 réis diarios. Cada socio contribue semanalmente com a quota de 60 réis; pagando de joia de admissão a quantia de 2$400 réis.

Os respectivos estatutos tiveram a sancção regia por alvará de 11 de setembro de 1867.

No anno de 1868-1869 esta utilissima instituição era composta de 55 socios, dos quaes foram socorridos 14, além do subsidio a dous socios inhabilitados.

É presidente nato da associação o administrador, Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

A gerencia do monte-pio é incumbida a uma direcção, composta de presidente, secretario, thesoureiro e dous fiscaes.

Fabricas de louças.

Os srs. José Julio Cesar e Joaquim Alfredo Pessoa, representam dignamente na exposição districtal aquella industria. Seria muito para desejar, que todos os fabricantes d'aquelle genero tivessem apresentado na exposição os seus productos; mas, em todo o caso, o que já alli se vê, dá uma vantajosa ideia do progresso a que tem chegado este ramo de industria.

O fabrico da louça é muito antigo em Coimbra; mas foi ao sabio Domingos Vandelli, que, vindo para Portugal por occasião da reforma da Universidade em 1772, deveu semelhante industria grande impulso. Do seu nome vem ainda hoje, por corrupção popular, o de *bandel*, dado á louça melhor fabricada.

O dr. Domingos Vandelli, lente da faculdade de Philosophia, e director do jardim botanico, fundou no rocio de Santa Clara uma fabrica de louça, a qual já ahi existia em 1788, porque em 20 de fevereiro d'esse anno lhe foi concedido, por provisão do desembargo do paço, licença para aforar um baldio pertencente á camara d'esta cidade, que estava junto á fabrica, para lhe dar maior ampliação.

Em 1792, alem do proprietario o dr. Domingos Vandelli, tinha esta fabrica por administrador, Francisco Lopes Guimarães; eram officiaes de pintura, Francisco Brandão e José Joaquim Gomes; officiaes de roda e forma, Francisco da Costa Allemão e Antonio Alves de Carvalho; e official de aviamanteiro, Antonio Martins Borracho.

Em provisão da real junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação, de 6 de setembro do dito anno de 1792, foram concedidos á fabrica de louça do dr. Domingos Vandelli os privilegios communs ás outras fabricas, determinando-se que os seus officiaes, e aprendizes, matriculados, em quanto nella trabalhassem, fossem isentos do serviço de mar e terra, tudo na conformidade do § 7.º dos estatutos da real fabrica das sedas, e da condição 8.ª com que foram transmittidas as reaes fabricas de Portalegre, Covilhã, e Fundão, e do que se estabeleceu na 6.ª das condições approvadas pelo alvará de 17 de agosto de 1789.

Era assim que então se protegia esta importante industria de Coimbra.

Á imitação do dr. Domingos Vandelli, outros industriaes, trataram de fundar fabricas de louça.

Em 1806, Manuel Francisco e Domingos Francisco, d'esta cidade, representaram ao principe regente, que tinham estabelecido em Coimbra uma fabrica de louça, que era de grande consumo nesta provincia, pela sua perfeição; e lhe pediam para que auctorisasse este estabelecimento, de publica utilidade, com a necessaria licença e com as graças e privilegios de que gosavam os de semelhante natureza.

Juntamente com esta representação, mandaram aquelles industriaes para Lisboa amostras de louças feitas na sua fabrica, as quaes foram apresentadas na real junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação.

Em consequencia d'isso, e das informações a que se mandou proceder, foi pela mesma real junta do commercio, em 2 de dezembro do dito anno de 1806, concedida aos requerentes a licença pedida, para que podessem livremente continuar na laboração da dita sua fabrica de louça, vulgarmente chamada de *faiança*, com todas as graças, isenções e privilegios, que tinham sido concedidos a outras identicas fabricas.

Apesar d'isso, pouco adiantamento continuou a ter a industria da louça em Coimbra. Haverá, porem, 20 annos, estabelecen-se entre os fabricantes uma nobre emolução, e d'ahi resulta a bella louça, pertencente aos srs. José Julio Cesar e Joaquim Alfredo Pessoa, que se vê na actual exposição districtal.

Muitas pessoas tem indagado o preço das louças expostas, com o desejo de fazerem encommendas. É por isso que, em relação aos produ-

ctos apresentados pelo sr. Joaquim Alfredo Pessoa, nos communicam, para esclarecimento do publico, o seguinte:

«O expositor não fez preços em principio aos seus productos, por não ter sortimento correspondente, e porque está compromettido a ceder parte d'elles para formar collecção, e alem d'isso teve sómente em vista o aperfeiçoamento de que é susceptivel.

Sendo porem continuamente procurado por individuos, que desejam saber o custo de differentes peças que se acham expostas, cumpre declarar que fica emendada a falta, marcando-se-lhes os seus respectivos preços, e se satisfaz a qualquer encommenda que seja exigida, concedendo-se-lhe o tempo necessario para se effectuar.

A variedade de azulejo exposto regula a preço aproximadamente de 15$000 a 40$000 réis por milheiro, a principiar pelo todo branco.

Alem d'aquelles gostos se executa todo e qualquer que seja exigido, para o que tem todos os elementos, podendo affiançar o maximo da perfeição.

A louça que apresentou podia ser muito superior ainda, se seis mezes antes tivesse preparado o barro para esse fim, e se não tivesse a infelicidade de lhe sairem consecutivamente estragadas as fornadas onde foram cozidos aquelles productos, por cujo motivo tinha deliberado não concorrer á exposição: apresentou se, porem com bastante repugnancia.

O esclarecido jury não ignora que da natureza e preparação do barro provém a boa qualidade; e tendo o expositor, por falta de tempo, de servir-se do que emprega na louça mais ordinaria, não admira que os seus productos sejam ainda muito menos perfeitos do que deviam ser; todavia a pintura, pelo que diz respeito a louça vidrada, cujas côres se desenvolvem pela acção do fogo, crê o expositor que até hoje não apparecera ainda de tanto mimo e gosto, sendo preciso para isso observar-se minuciosamente cada um de seus traços, o que é executado por um artista ainda moço, que aprendeu na fabrica do expositor, e nunca trabalhou em outra.

Muitos dos trabalhos que alli se vêem, como azulejos em relevo, dictos a marmore, uma bilheteira e outros, são executados pelo expositor, e tudo o mais é dirigido e emendado por elle.

Não fez a applicação de melhor vidrado, porque a natureza e preparação do barro o não permitte, tendo por isso de empregar o ordinario, que pela sua opacidade occulta em parte a imperfeição do barro.

A louça de Coimbra obteve menção honrosa na exposição de Paris, e não pouco se occuparam os jornaes da muita attenção que alli merecêra, pela qualidade e barateza; e sendo o expositor o unico, que d'aqui concorreu com productos d'esta qualidade, apparece todavia premiada sob o nome de José Nobre Garen, cujo equivoco e nome se ignora.» *Conimbricense*, 20 de julho.

Uma das cousas, que chama a attenção na exposição districtal, são as louças alli expostas, pertencentes ás fabricas dos srs. Joaquim Alfredo Pessoa e José Julio Cesar & Filhos. A industria da louça é uma

das mais importantes, se não a mais importante, de Coimbra, não só pela perfeição a que os fabricadores têm conseguido levar este ramo, senão tambem pelo baratissimo preço por que os productos são vendidos.

Já na exposição de Londres, de Paris e do Porto foi muito apreciada e elogiada a louça de Coimbra, e até alguns donos de fabricas receberam offerecimentos e amostras de barro, no caso que o julgassem apto para o gasto de seus estabelecimentos.

Desde então a esta parte as fabricas de louça têm continuado a progredir e a produzir objectos cada vez mais perfeitos, de que dão excellente ideia as amostras expostas na nossa festa industrial.

Tribuno, 21 de julho.

A fabrica do sr. Pessoa é no terreiro de Santo Antonio, aonde occupa uma grande casa construida para esse fim.

Alli se fabricam todas as difierentes qualidades de louça fina e grossa e quaesquer objectos de barro. O sr. Pessoa expõe uma bella collecção de azulejos, e excellentes amostras de pratos, terrinas, chicaras, etc. etc., notaveis sobre tudo pela perfeição da pintura, que sobresáhe muito, e é feita pelo seu official José Augusto da Fonseca, que alli apprendeu e se tem conservado sempre. A collecção de formas para pratos, terrinas, saladeiras e pratos cobertos e para todas as variedades de louça que as exigem, é feita na mesma fabrica.

São do sr. Pessoa os seguintes esclarecimentos, que temos o maior prazer em aqui publicar:

(Vide o que fica transcripto do *Conimbricense* de 20 de julho).

A isto podemos accrescentar que o sr. Pessoa enviou hoje para a exposição a collecção completa de amostras das materias primas, que entram na fabricação dos productos do seu estabelecimento. Esta curiosa collecção é como se segue:

«Barro quartz, d'onde provém o nome technico de barro de quarto: por si só referve na acção da vitrificação. É explorado junto á estação do caminho de ferro de Coimbra.

Barro da Povoa — argilla, que, comprehendendo porção de silice e alumina, é a melhor até hoje descoberta para o nosso fabrico; dissipa completamente o effeito do quartz, quando applicado em porção conveniente. É explorado no sitio d'aquelle nome.

Barro da Cioga — argilla, que tambem se póde empregar na composição do barro com o quartz; mas, comprehendendo porção de ferro, não resiste á acção do fogo sem que seja afrouxada por outra mais arenosa. É explorado no sitio d'aquelle nome.

Chumbo e estanho para a composição dos vidrados; cada 15 kilos de chumbo levam tres e meio de estanho para a louça fina, e uma e meio para a grossa. O estanho é importado do estrangeiro, e o chumbo explorado nas minas do Braçal.

Cinzas de chumbo e estanho para o vidrado de louça fina.

Cinzas de chumbo e estanho para vidrado de louça grossa.

Saibro, que é explorado junto a Soure, e se emprega na composição

do vidrado de louça fina; cada medida de cinzas correspondentes leva uma onça d'este saibro, calcinado a fogo forte.

Areia do mar, que vem da Figueira da Foz e se emprega na composição do vidrado, da louça ordinaria; cada medida de cinzas correspondentes leva duas e meia d'esta areia; é calcinada a fogo forte.

Sal — emprega-se na mistura das cinzas para desenvolvimento da fusão dos vidrados e tintas.

Vidrado já calcinado para a louça fina.

Vidrado já calcinado para a louça grossa.

Vidrado moído para louça fina.

Vidrado moído para louça grossa.

Vidrado transparente para pó de pedra: é superior pela sua transparencia, deixando ver através d'ella a natureza e preparação do barro; inapplicavel por isso no nosso fabrico pelas suas mas condições.

Tinta azul para a louça fina, mineral a que technicamente se chama esmalte; é importada do estrangeiro. Para ter o necessario brilho precisa ser composta com um fundente e calcinada a fogo forte.

Tinta encarnada, cujo nome se ignora: parece ser mineral; para desinvolver a côr, precisa juntar-se-lhe um fundente já calcinado, sem que a tinta seja submettida á acção do fogo, senão depois de applicado sobre o vidrado.

Amarelllo tostado — mistura do antimonio com o oxido de ferro, e o competente fundente.

Amarello gemado — mistura do antimonio com o respectivo fundente.

Tinta rôxa — composição do manganez com o respectivo fundente.

Tinta preta para a louça fina: encontra-se em pedras grandes junto á serra do Bussaco; é simplesmente pisada e moída, sem composição alguma.

Azul ordinario — outro esmalte, que parece ser extrahido do cobre, e cuja côr é desenvolvida pela acção do fogo e dos acidos: é importado do estrangeiro.

Tinta côr d'amora, para a louça grossa, cujo nome technico é *morado*, ou antes manganez, pela similhança de côr com o iman: é explorada de umas barreiras proximas á Anobra.

Oxido de cobre — sem composição alguma, dá côr verde para a louça grossa.

Antimonio — emprega-se na preparação dos amarellos: é importado do estrangeiro.

Manganez — emprega-se na composição da côr rôxa: é importado do estrangeiro.

Oxido de ferro — emprega-se na côr de laranja, serve para louça fina e grossa, divergindo apenas no ponto de calcinação.

Fezes — empregam se como fundente na preparação d'algumas tintas: são importadas do estrangeiro.

Zarcão — emprega-se na composição d'alguns fundentes: é importado do estrangeiro.

Seixo — emprega-se na composição d'alguns fundentes.

Alem das côres designadas provêm muitas das combinações das mes-

mas, como verde, lyrio, castanho e outras, segundo a mistura e gosto do artista que as emprega; podendo apresentar uma infinidade, que só com muita attenção se póde observar.

Todas ellas, para o bom resultado, precisam ser apuradas nas suas preparações e nas convenientes dóses, cuja proporção é geralmente pouco conhecida; e quando as naturaes são mas, as de combinação se tornam muito peores; e posto que sejam bem preparadas, variam sempre pela acção do fogo em relação com a boa ou má applicação do combustivel.» *Tribuno*, 21 de julho.

A fabrica dos srs. José Julio Cesar & Filhos é das de primeira ordem, e uma das mais antigas d'esta cidade. Occupa um extenso edificio na rua da Moeda, com casas aptas para todas as officinas. Ordinariamente dá trabalho a 16 officiaes, não contando a gente necessaria para amassar barro, conduzir a louça da fabrica, etc.

Os expositores apresentam uma variada collecção de louças de toda a qualidade em barro, e expõem, como novidade, algumas caixas para tabacos, excellentemente acabadas e imitando louça alleman; uma jardineira para sala no mesmo gosto; uma variada collecção de pratos imitando louça ingleza; um serviço para chá, com os pés torneados, cousa completamente nova; balaustres, pinhas e vasos para balaustradas; filtros; bastantes vasos, entre os quaes sobresahem, como modelo de perfeição e bom gosto, dous vasos brancos de barro ordinario com vidrado de pó de pedra, feitos pelo official da fabrica o sr. A. da Silva Rocha.

Tambem expõe garrafas para conservar a agua fresca, e muito superiores, para este fim, á louça de Extremoz; açafates, que imitam os de verga; pratos em fórma de folhas para diversos misteres, e umas caras fabricadas segundo uma esculptura que no anno passado fez o sr. Domingos Brandão, apesar de então estar quasi entrevado e contando já 86 annos. Tenciona ainda apresentar alguns vasos proprios para salas e cheios de galantes ornatos

Na fabrica dos srs. José Julio Cezar & Filhos apromptam-se annualmente milhares de duzias de louça de todas as especies, que se vende nesta cidade ou é exportada para o Alemtejo, Algarve, e outros pontos do reino, e tambem para Hespanha. *Tribuno*, 21 de julho.

Seda

Na exposição districtal chamam a attenção publica algumas amostras de casulo, semente de sirgo, e seda em fio, que expoz o sr. José Maria Pessoa da Fonseca, da Porcariça, concelho de Cantanhede.

A industria da seda, que tão bons resultados tem dado nas provincias de Trás-os-Montes e Minho, tem estado abandonada no districto de Coimbra. Apenas alguns curiosos, por mero passatempo, têm possuido algumas pequenas porções de sirgo; mas em breve tem deixado uma industria, que aliás tão vantajosa podia ser.

Felizmente parece-nos que é chegada a occasião de se propagar no districto de Coimbra o gosto pela industria da seda; e caberá a alguns cavalheiros do logar da Porcariça a principal iniciativa.

Já naquella localidade se acham plantadas mais de 10:000 amoreiras, e ha grandes viveiros d'ellas, d'onde resultará que dentro em poucos annos subam as amoreiras a um numero extraordinario; e, como se sabe, é esta arvore a base para a sustentação do sirgo.

As pessoas, a quem pertencem aquellas amoreiras, são os srs. José Maria Pessoa da Fonseca, padre Luiz Antonio Torreira, Antonio Ignacio Torreira, José Pedro da Silva, e José Feliciano Pessoa. Os dois primeiros já este anno tiveram boa porção de casulos; e o anno proximo esperm ter uma quantidade muito maior.

A seda, que o sr. José Maria Pessoa da Fonseca apresentou na exposição, tem uma linda apparencia. Foi por elle mandada fiar no Porto, por ainda aqui não haver quem com perfeição se occupe no seu preparo Com o tempo é de crer que se venha a prescindir de mandar ao Porto fiar a seda. Consta-nos que os srs. José Maria Pessoa da Fonseca e padre Luiz Antonio Torreira tencionam mandar vir de Trás-os-Montes uma mulher prática em fiar seda, logo que tenham dado o necessario desenvolvimento a esta industria.

Em Trás os-Montes já a seda está dando alguns centos de contos de réis de interesse; e por isso muito seria para desejar que os nossos agricultores do districto de Coimbra tomassem a sério este lucrativo ramo de industria.

Na exposição districtal tambem se vêem alguns casulos, expostos pelo sr. Francisco Antonio de Carvalho Montenegro, de Poiares; e egualmente se vê retroz, manufacturado em Lavos pela ex.ma sr.a D. Maria José Lopes Pedrosa, para seu uso particular, proveniente dos bichos da seda por ella creados.

Por emquanto, os productos apresentados por estes ultimos expositores não passam de simples curiosidade. Na Porcariça é que se trata já d'esta industria como fonte de receita, que se nos primeiros annos ha de ser diminuta, no futuro será de grande valor.

Muitas terras, que aliás eram muito pobres, tem mudado para povoações ricas e prosperas, com a introducção de certas industrias, que alli eram desconhecidas. O mesmo póde acontecer ás terras d'este districto, que se applicarem com perseverança á industria da seda.

Conimbricense, 24 de julho.

A imprensa dos jesuitas em Coimbra, e a fabrica de papel da Louzã

Os jesuitas fundaram em 1710, no Collegio das Artes, d'esta cidade, uma imprensa, que conservaram até á sua extincção, pelo marquez de Pombal, em 1759; e já no anno de 1716 compravam á fabrica da Louzã algum do papel para as impressões, que alli se faziam. Portanto, ainda mesmo que não funccionasse já antes d'essa epocha, existe a fabrica de papel na Louzã ao menos ha 153 annos.

Na imprensa dos jesuitas havia pelo menos tres prelos, porque tinham tres impressores, a que nessa epocha chamavam *tiradores*. Esses tiradores eram André Bareman, ou Barekman, Guilherme da Costa, e Domingos da Costa. Em 1719 foi substituido Domingos da Costa pelo tirador Manuel Rodrigues; e em 1721 deixou de imprimir o tirador Bareman, entrando em seu logar Manuel Ribeiro. Quando a imprensa dos jesuitas acabou em 1759, sendo transformada em imprensa da Universidade, era alli impressor João da Costa, que acompanhou a imprensa na sua mudança.

Ainda hoje ha descendentes d'aquelles impressores *Costas*. O sr. Rodrigo da Costa, impressor da actual imprensa da Universidade ha 56 annos, desde 1813, é descendente d'elles. O compositor da mesma imprensa o sr. José Maria da Costa, filho d'aquelle, é outro descendente dos referidos impressores; e o mesmo acontece com a esposa do sr. José de Mesquita, livreiro na rua das Covas, d'esta cidade.

Tinha a mesma imprensa dos jesuitas quatro compositores—Domingos Ferreira, Manuel Pires, José Rodrigues e José Ribeiro.

Havia mais do que um revisor, porque em Agosto de 1723 despenderam, os jesuitas 2$592 réis com a compra de uma groza de veronicas, para mimo aos *revisores!...*

Os revisores eram sempre jesuitas. Em Setembro de 1720 veiu de Evora exercer o cargo de revisor da imprensa o irmão José Carneiro; e em Outubro de 1721 egualmente chegou a esta cidade, para servir de revisor da referida imprensa, o irmão Antonio de Azevedo.

Tambem na mesma imprensa havia um torculo para a impressão das estampas, de que se fazia uso em muitos livros. As estampas eram impressas, algumas vezes, pelos proprios compositores, em logar de o serem pelos tiradores. O preço da tiragem julgar-se-ha pelo seguinte exemplo. Para o livro *Estrella d'Alva*, imprimiram-se 8:000 estampas pequenas, que foram pagas a 2 réis cada uma.

A fim de avaliar o grande movimento, que havia na imprensa dos jesuitas, bastará indicar o seguinte facto.

Nos 7 annos decorridos desde 1716 até 1723 havia 5 typographias em Coimbra. Pois, apesar d'esse grande numero de imprensas, que devia fazer repartir muito o trabalho por ellas, gastou a imprensa dos jesuitas, nos referidos 7 annos, 2:787 resmas de papel! E note-se que todo este papel foi comprado por conta da imprensa; porque, se admittirmos que alguns dos auctores comprassem directamente o papel para as suas obras, a muito maior numero chegariam as resmas de papel alli gastas.

As qualidades de papel, que então se usavam, eram—*florete*—*Veneza*—*ordinario*—*turquesco*—*imperial* (grande e pequeno)—*bastardo*—*Louzã*.

O papel era em geral muito barato. O usual de impressão regulava de 600 a 850 réis a resma. O imperial era o de maior preço: o grande custava a 3$400 réis, e o pequeno a 3$100 réis.

A maior parte do papel vinha de Lisboa. Era d'alli remettido a Tancos, e depois para Coimbra. O da Louzã vinha directamente da fabrica, e custava a 600 réis a resma. Actualmente vende-se em Coimbra o papel da Louzã pelos seguintes preços: 1.ª sorte a 1$850 réis a resma; 2.ª sorte a 1$350 réis; e 3.ª sorte a 1$000 réis.

Tambem algumas vezes compravam os jesuitas o papel aqui mesmo em Coimbra ao negociante Caetano Paes da Costa.

A lettra para a imprensa dos jesuitas era comprada na Allemanha. Em Julho de 1723 mandaram d'alli vir uma pequena remessa de lettra, que custou 148$607 réis.

Tinha aquella imprensa as seguintes qualidades de lettra — *athanazia* — *parangona* — *texto* — *leitura grossa* — *leitura miuda* — *breviario grosso* — *grego* — e *hebraico*. Esta forma de designar os typos ainda era usada entre nós ha menos de 30 annos. Hoje conhecem-se por corpos numerados, como por exemplo, corpo 8, corpo 10, etc. Quanto mais alto é o numero do corpo, maior é a lettra.

A tinta para a impressão era feita na propria typographia dos jesuitas. O azeite, que se comprava para fazer a tinta, regulava pelo preço de 600 a 800 réis o alqueire. Presentemente está em Coimbra o alqueire de azeite a mais de 2$000 réis.

O oleo de linhaça, para fazer a tinta para as estampas, custava a 100 réis o quartilho.

No texto de muitos livros que se imprimiam, costumava-se intercalar muitas lettras em vermelho. Nesta tinta empregavam vermelhão, sangue de drago, nacar, sinopla, e aguardente. O vermelhão regulava a 1$440 réis o arratel. comprado em Lisboa; porem algumas porções compraram em Coimbra a 2$000 réis o arratel.

Na imprensa dos jesuitas, assim como nas outras, não se usava, como actualmente, de rolos para dar a tinta na lettra; mas sim de *ballas*, feitas de pelles de carneiro, cheias de lã no interior. As pelles de carneiro custavam, termo medio, a 100 réis. Na actualidade as pelles de carneiro mais ordinarias custam a 300 reis. Uma pelle de carneiro de boa qualidade não custa menos de 400 réis.

Tambem, para se fazer a *decoada* para lavar a lettra, se gastava muita carqueja. Custava cada carrada de carqueja 400 réis, e a mais cara a 500 réis, ou 4 réis por cada feixe. Agora custa uma carrada de carqueja em Coimbra, termo medio, 1$900 réis.

Quando na imprensa dos jesuitas se trabalhava de noite, alumiavam-se os compositores e tiradores com velas de cebo.

A composição era simples, ou com uma *seda* (composição interlinhada?)

A uma *seda* foram compostas, em Março de 1719, duas folhas de impressão, mandadas fazer na imprensa dos jesuitas pelo celebre estudante, Francisco Jorge Ayres, chefe do *Rancho da Carqueja*, que pelos seus maleficios veiu a ser degolado em Lisboa no dia 20 de Junho de 1722, e a sua cabeça espetada em um pinheiro, na praça de S. Bartholomeu, d'esta cidade, no dia 1 de Julho immediato.

Já na imprensa dos jesuitas se usava do termo technico, que ainda hoje se usa nas typographias, chamando-se *remendo* a uma composição pequena, como um mappa, um edital, ou cousa identica.

Mandavam os jesuitas vir da Allemanha algumas das estampas em cobre para a sua imprensa, como succedeu em 1719 para o livro ácerca do *Concilio de Trento*, e para outras differentes obras.

Em 1722, precisando de limpar a collecção de estampas que tinham na imprensa, incumbiram este trabalho a um estrangeiro, que se achava em Coimbra, ao qual deram 4$800 réis em remuneração do trabalho.

Com o tempo vieram a não precisar de mandar vir de fóra do reino as estampas, por já terem em Coimbra quem lh'as fizesse. Para a segunda edição das *Constituições synodiaes do bispado do Porto*, do bispo D. João

de Sousa, impressas no Collegio das Artes em 1735, gravou em Coimbra, a buril, o gravador Bernardo dos Santos, o frontespicio; e o referido gravador fez para o mesmo livro outra estampa, representando o synodo do Porto.

As frisas para os prelos eram forradas de *branqueta*, que custava cada vara a 220 réis.

A imprensa dos jesuitas não tinha livreiro exclusivo para as suas encadernações e brochuras. Serviam-se ao mesmo tempo, ou alternadamente, dos livreiros José Antunes de Abreu, Estevão Rodrigues, Luiz Simões, Manuel Simões, Antonio Simões, Domingos Teixeira, José Gaspar, e outros, que moravam na rua de Quebra-costas, na rua das Fangas, e no Arco de Almedina.

Naquelle tempo não se empregava o termo *encadernador* para designar o artista que encadernava livros, mas sim o de *livreiro*. Este nome servia para designar quem encadernava livros, e quem os vendia. E até muitas vezes a palavra livreiro designava ao mesmo tempo o encadernador, o vendedor de livros, e o dono da typographia.

Para que se avalie o preço das encadernações d'aquelle tempo daremos um exemplo.

Os curiosos de certo conhecem o livro, em folio, de 785 paginas — *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus de Coimbra* — escripto pelo jesuita Antonio Franco, e impresso na imprensa do Collegio das Artes. Ora a encadernação, em pergaminho, de cada exemplar d'esse livro, dando o pergaminho os livreiros, custou 240 réis; e os encadernados em *pasta* custaram a 350 réis.

Hoje não se usa encadernar em pergaminho. A encadernação dos exemplares do livro a que já nos referimos — *Imagem da virtude*, que com o pergaminho custaram 240, réis presentemente não importariam em menos de 720 réis, porque só o pergaminho necessario para cada volume custaria 400 réis. Os mesmos volumes encadernados em *pasta* (que corresponde ás actuaes *encadernações inteiras*, isto é, todo o papelão forrado de carneira), e que, como já deixámos dito, custaram cada um a 350 réis, o mais barato por que se poderiam hoje obter em Coimbra, era a 1$000 réis.

No tempo da imprensa dos jesuitas não se usava, como agora, a chamada *meia encadernação*, que é a lombada do livro forrada de carneira, e o papelão forrado de papel pintado. Esse modo de encadernar começou a usar-se, entre nós, haverá 40 annos

Os moços da imprensa dos jesuitas ganhavam de salario mensal 1$800 réis. Um dos ditos moços chamava-se Bernardo Corcovado.

Administraram successivamente a imprensa os padres jesuitas Bento de Gouvêa, Duarte de Oliveira, José Gonzaga, e outros.

O agente da imprensa em Lisboa era Antonio Fernandes.

Os jesuitas, para estabelecerem a sua imprensa, tiveram de pedir dinheiro emprestado. Ao conego Antonio Ayres Nogueira pediram tres mil cruzados, a juro de 4 por cento. Em 1719 ainda lhe deviam 400$000 réis Nesse anno, porem, o procurador dos jesuitas, Raphael Mendes, pagou-lhe esse resto.

Em Dezembro de 1717 tinham pago a Noutel Fialho Barona 400$000 réis, que lhe havia pedido para a imprensa o padre Duarte de Oliveira. Parte do tempo esteve vencendo a dita quantia 5 por cento de juro, e outra parte só 3 por cento.

Tambem contrahiram em Braga, para a mesma imprensa, a divida de 1:935$800 réis a juro de 3 por cento.

Em 22 de Abril de 1720 já, porem, não devia a imprensa senão 300$000 réis ás capellas da egreja dos jesuitas, sendo tomada essa quantia por conta do letrado João Rodrigues Cordeiro, a 3 por cento, para distratar a divida, de egual quantia, que tinham contrahido com Bento de Figueiredo, a fim de se concluir o pagamento ao conego Antonio Ayres Nogueira.

Finalmente, os curiosos podem ainda ver na actual Exposição de Coimbra algum typo *hebraico*, que possue a imprensa da universidade, e que serviu na imprensa dos jesuitas. *Conimbricense*, 30 de Outubro.

Trabalhos calligraphicos

O sr. Luiz Adelino Lopes da Cruz, d'esta cidade, professor de calligraphia na Associação dos Artistas, expõe um quadro calligraphico, uma arte calligraphica e seu additamento, uma collecção das escriptas dos alumnos que mais se distinguiram na aula de calligraphia da Associação dos Artistas nos annos lectivos de 1866 a 1869, e a collecção das primeiras e ultimas escriptas dos differentes alumnos que pelo sr. Cruz têm sido ensinados em 18 lições.

O sr. Lopes da Cruz honra a terra em que nasceu; e decerto haverá muito poucas pessoas que o igualem na perfeição com que executa qualquer trabalho calligraphico. Na exposição industrial portuense de 1867 já foi conhecido o seu merito, sendo premiado com a medalha de cobre, por ter exposto um livro de 109 paginas, escriptas e ornadas á penna. Este livro foi offerecido pelo auctor, em dezembro de 1863, a el-rei o senhor D. Luiz I; e S. M. tanto o apreciou, que se dignou conferir ao sr. Lopes da Cruz a mercê de calligrapho da casa real.

Sabemos que o sr. Cruz tinha entre mãos outros trabalhos, que desejava apresentar na exposição, como eram: a relação dos socios honorarios e a dos alumnos que mais se distinguiram nas aulas nocturnas da Associação no anno lectivo de 1867 a 1868; um livro, feito á penna, comprehendendo differentes caracteres de lettras e uma quasi encyclopedia de instrucção primaria; mas o seu estado de saude inhibiu-o de os completar a tempo.

Em todo o caso os trabalhos expostos deixam ajuizar do merecimento artistico do sr. Lopes da Cruz. *Tribuno*, 28 de julho.

Industria fabril

Na exposição apparecem alguns objectos manufacturados por individuos que se acham presos na cadeia de Santa Cruz. A este respeito temos alguns esclarecimentos, que nos foram fornecidos pelo digno carcereiro, a quem os agradecemos.

Na cadeia trabalha-se em differentes misteres, segundo a habilidade dos presos.

Ha uma casa destinada para trabalho de carpinteiros, aonde se empregam diariamente 16 a 20 presos, construindo os seguintes objectos: arcas, celhas, canecos, baldes, cabidos, pratelleiros, cadeiras, bancos, mesas, moxos, etc. Estas obras, ainda que bastante toscas, têm muita extracção para as classes pobres, e consomem no seu fabrico, mensalmente, uma grande porção de madeira, que não é facil calcular.

— Em obras de esparto, que muito vantajosamente apparecem na exposição, occupa-se um só preso, que é João Marques Figueira. Este individuo está na cadeia desde 14 de fevereiro de 1857; sustenta com o seu trabalho a mulher e tres filhos, e, apesar d'isso, tem juntado algum dinheiro. Gasta annualmente perto de 100 arrobas de esparto, do qual compra parte em Coimbra, e parte lhe é remettido de Lisboa.

— Tambem na cadeia ha artistas, que exercem o officio d'alfaite e de sapateiro, mas com pouca fortuna.

— Ha um outro preso — Francisco d'Assumpção, que se acha na cadeia desde 29 de novembro de 1862, e está condemnado a trabalhos publicos no reino, por toda a vida, por crime de morte — que se emprega em fazer escovas e vassouras de piaçaba, do que tira algum proveito, porque é o unico que se occupa em trabalhos d'este genero.

Tribuno, 28 de julho.

Machina electrica

Devemos fazer menção especial de um notavel artista, que a exposição vae agora tornar mais conhecido. É o sr. Antonio Maria do Rego, morador na rua das Sollas, n.º 28. O sr. Rego veio da Louzã, d'onde é natural, para Coimbra, em 1855, para aprender o officio de carpinteiro, que exerceu até 1861. Depois d'esse anno principiou a occupar-se noutras obras, para que o chamava a sua habilidade intellectual. E assim começou a fabricar differentes objectos da sua invenção, e alguns outros já conhecidos, mas que só têm sido fabricados no estrangeiro. Em todos elles se revela um excellente artista, que merece ser auxiliado pelo publico, e por aquelles que prezam e estimam os homens de talento.

E depois notem que o sr. Rego dispõe de muito poucos recursos; e quem visita a sua officina, fica admirado como elle alli póde produzir obras tão perfeitas. Que faria se elle tivesse á sua disposição todos os meios e instrumentos precisos!

O sr. Rego apresenta na exposição uma machina electrica, de disco, e de bastante força. As pessoas competentes, que a têm examinado, são conformes em affirmar que é trabalho perfeitamente acabado. Alli não ha nada, que não seja seu, tanto o trabalho de fundição das differentes peças, que compõem a machina, como o da manufactura. E advertimos que o metal foi fundido com areia apanhada na Cioga do Monte, proximo de Coimbra. Tambem são obra d'este artista as pyramides da excellente barra exposta pelo sr. Antonio Diniz de Carvalho.

O sr. Rego anda a construir uma machina vertical, a vapor, de os-

cillação, propria para experiencias, e que não apresentou na exposição porque não está ainda completa.

Alem de tudo isto fabricou uns feixos de engrenagem, de sua invenção, para as portas das janellas da casa do sr. dr. Macedo Pinto, bem como umas balanças, que servem para pesar os objectos d'ouro na loja do sr. Francisco Borges, ourives na rua da Calçada.

Em vista de tudo isto não temos duvida em apresentar ao publico o sr. Rego como um dos artistas mais habeis que hoje ha em Coimbra.

Tribuno, 28 de julho.

Pintura

Diremos breves palavras sobre a secção de pintura, que na Exposição districtal, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra, está dignamente representada.

De relance mencionaremos aquelles dos quadros, que por instantes prenderam a nossa attenção.

O sr. Antonio José Gonçalves Neves expõe algumas pinturas de merecimento, entre as quaes notamos como mais perfeitas as seguintes:

Uma paizagem — notavel pela belleza do pensamento e primor da execução. A luz está bem distribuida, e os contornos avultam com bastante pureza. O effeito da perspectiva é optimo. Poderemos affoitamente dizer que o talento do sr. Gonsalves pronuncia-se bastante para este genero de pintura.

A surpreza no bosque — quadro que por si só bastaria a comprovar a intelligencia do seu auctor. A disposição das duas figuras é naturalissima, e os toques sombreados estão dados com mestria. Desejáramos que os rostos das duas surprehendidas revellassem mais um sentimento de receio, o que de certo concordava bem com a natureza do assumpto. Ainda assim o desenho dos corpos é correcto. O fundo d'este quadro é magnifico; a ramagem resente-se de um sombrio no colorido, provavelmente devido a effeito de luz. Parte do regato, que fica a um canto do quadro, está bem desenhado; a transparencia da agua está realmente bem feita.

Uma vista de mar. — Este quadro, bom na generalidade, decahe comtudo num ou noutro ponto em que ha menos firmeza e menos verdade. Para este genero de pintura requer-se uma tendencia especial, já pela indole da propria pintura, ja por um conhecimento indispensavel de objectos nauticos. O sr. Gonçalves foi muito feliz na execução d'este trabalho, cujo erro principal é a pouca versosimilhança do céu. As aguas têm pouca transparencia, o que se póde attribuir á influencia da tempestade; não obstante, a disposição geral está bem combinada.

Uma cópia de um quadro da — Virgem — de Paschoal Parente. — Este quadro distingue-se por uma rigorosa similhança, e pela flacidez do traço, que caracterisava as obras de Paschoal Parente.

— O sr. João Pedro Fernandes Thomaz Pippa expõe uma *Virgem da cadeira*. O plano geral do quadro distingue-se por uns toques quentes. O contorno das figuras tem verdade e perfeição. As linhas dos rostos

são expressivas, e ha harmonia em todo o desinvolvimento do quadro. É realmente uma obra de merito.

— O sr. Possidonio da Silva Alves Brandão expõe alguns quadros, entre os quaes citaremos um S. Francisco, — copia de um outro de Bazan (eschola italiana). Ha expressão neste quadro; o desenho é perfeito; o colorido conserva uma imitação rigorosa do d'aquelle citado pintor.

S. Pedro — copia de um outro, que existe no Bussaco.

A miseria — quadro premiado na exposição portuense em 1861. O pensamento é original e a sua execução está perfeita.

O sr. Possidonio expõe tambem algumas aguarellas, a melhor das quaes julgamos ser a vista de uma das galerias lateraes do Vaticano. Este desenho tem muito effeito de perspectiva, e a distribuição da luz está feita com bastante arte.

— O sr. João Xavier, de Montemór, só expositor, expõe quatro aguarellas a nankim, representando a historia de Mazeppa, lenda devida ao genio explendido do Byron. Foi a primeira vez que vimos traduzida em pinturas as scenas de mais effeito da citada obra.

A da maneatação ao cavallo, — supposto não esteja geralmente correcto, têm ainda assim traços, em que reluz bastante sentimento e expressão.

A corrida através os bosques — tem um outro defeito, que immediatamente desapparece pela propriedade da concepção. Realmente, estas duas aguarellas estão perfeitamente identificadas com a sentimental narração do celebre auctor do *Manfredo*.

— O sr. Joaquim de Mariz Junior expõe um desenho a lapis, representando o frontispicio da igreja de Santa Cruz de Coimbra. É um trabalho precioso, tanto pelas dimensões pequenas do desenho, como pela firmeza e perfeição do traço. O sr. Mariz é um mancebo intelligente e estudioso. É lamentavel que os nossos governos, tão descurados em objectos d'arte, não estimulem aquelles cuja vocação artistica é geralmente reconhecida.

— O sr. Antonio Lopes Guimarães Pedrosa, estudante do primeiro anno philosophico, expõe cinco aguarellas, sendo uma paizagem e quatro estudos de architectura, que são d'uma perfeição inexcedivel. É satisfactorio ver reunido a um talento esperançoso, uma tendencia decidida para aquelle genero de trabalho.

— A sr.ª D. Francisca A. O. Lopes Branco, de Maiorca, expõe um retrato a crayão.

Este trabalho foi premiado com a medalha de cobre na exposição portuense de 1862. Representa Raphael, tendo a cabeça encostada a uma das mãos. É uma obra de execução admiravel.

Tribuno, 28 de julho.

Massas

Não nos enganámos quando ha tempo, dando noticia do estabelecimento, nesta cidade, da nova fabrica de massas e bolaxas, pertencente ao sr. José Clemente Pinto, lhe augurámos um bom futuro.

A actividade do seu proprietario, e a boa direcção que tem dado ao

fabrico das massas e bolaxas, tem acreditado este estabelecimento por forma tal, que já não era sufficiente a machina a vapor, que até aqui movia todos os apparelhos.

A machina, que alli havia até agora, era da força de 15 cavallos; e ha poucos dias chegou de Inglaterra uma nova caldeira, da força de 30 cavallos.

Por este modo se vae este estabelecimento achar habilitado a dar o necessario desenvolvimento ao fabrico de massas e bolaxas, para assim satisfazer ao importante consumo que estão tendo aquelles generos, e egualmente para a moagem de trigo e milho, e descascamento do arroz, para os particulares.

Esta fabrica está fazendo avultadas remessas para o norte do reino, especialmente para o Porto, Braga e Vianna. Nestas duas cidades tem o sr. José Clemente Pinto depositos de massas, para fornecimento dos consumidores.

Apesar de se fabricarem massas no Porto, são alli, e em todo o Minho, preferidas as de Coimbra, por serem muito mais perfeitas do que as d'aquella cidade.

Tambem as massas e bolaxas da fabrica do sr. José Clemente Pinto têm consumo para o sul e leste do reino, em Torres Novas, Abrantes, Portalegre e Elvas; havendo depositos nestas ultimas cidades.

O trigo para o consumo d'esta fabrica vem do Alemtejo, e muito vem de Hespanha.

Folgamos de ver que em Coimbra se vão desenvolvendo estas e outras industrias. Se esta cidade não tem todas as proporções para ser o centro d'um grande movimento fabril, em todo o caso muito se póde conseguir, porque a boa vontade e a diligencia tudo vencem.

Conimbricense, 27 de julho.

Papel

O sr. José Joaquim de Paula, que tinha arrendado a fabrica de papel na Ponte do Sotão, concelho de Goes, resolveu-se a fundar uma fabrica por sua conta em Serpins, concelho da Louzã, para melhor desenvolver a sua industria. Effectivamente levou á realisação o seu desejo, achando-se já a funccionar a nova fabrica.

Tem machina contínua, movida por agua; e pela mesma forma são movidos os cyllindros e os demais utensilios.

A roda motora foi feita nesta cidade na fabrica de fundição Conimbricense, de que são proprietarios os srs. Antonio José Alves Borges e José Bernardes Galinha, sendo o ultimo o mestre d'este estabelecimento.

Esta importante roda têm de raio exterior 3 metros e 30 centimetros, e de raio interior á raiz do dente da engrenage, onde engrenam os carretos, que transmittem o movimento para dentro da casa ao machinismo, 2 metros e 85 centimetros. Tem de largura, de uma a outra abadura da roda, 3 metros. O ferro forjado e fundido, que levou esta grande roda, excede a 13:800 kilogrammas,

Pelo tamanho d'esta roda, de que se vêem os modelos em madeira na actual exposição districtal, se poderá avaliar a grandeza de todo o machinismo da fabrica. *Conimbricense*, 27 de julho.

Utensilios agricolas

O sr. Antonio Bernardes Galinha, com estabelecimento de serralheria na rua de Quebra-costas, expoz:

Um arado dobrado. Este arado, alem de divergir de todos os mais, é muito recommendavel pelo aperfeiçoamento que o sr. Gallinha lhe fez, pois lavra para a direita e esquerda, em quanto que o que o sr. Paulo de Moraes mandou vir de França, e que lhe serviu de modelo, só lavra para um dos lados: este é de ferro fundido, e o do sr. Galinha é forjado, o que o torna muito mais leve e maneavel, pois até uma mulher póde rabiçar com elle; e não é preciso guial-o constantemente, porque depois de collocado no rego lavra por si.

Poupa metade da semente que regularmente se lança á terra, porque, sendo os sulcos direitos e fundos, germina toda e com a maior regularidade.

Apesar da grande repugnancia, que os nossos lavradores têm de usar os novos utensilios agricolas, que a sciencia tem descoberto, este está sendo utilisado com grande vantagem pelos ex^mos^ srs. visconde da Ponte da Barca, conde da Graciosa. Paulo de Moraes, da Zombaria. e Augusto Cesar dos Santos, d'esta cidade, que até no amanho da terra para hortas o têm usado.

Uma aravessa: arado do mesmo systema do que acima descrevemos, mas sem carreta, que é destinado ao amanho das terras com arvores, para não lhes cortar as raizes nem offender a casca.

Um outro arado, para margear terra. *Tribuno Popular*, 31 de julho.

Louças

Lamentamos que, contra a geral expectação, a fabrica do Retiro não mandasse producto algum seu para a Exposição districtal, não se fazendo representar a par de outros estabelecimentos, cujas obras não se avantajam ás fabricadas nas suas officinas.

O seu proprietario, o sr. Joaquim Correia da Costa, artista habil e possuidor de uma carta de examinação, passada em janeiro de 1832, e d'um privilegio concedido pelo sr. D. João VI em 12 de dezembro de 1825, titulos que não assistem a algum dos novos fabricantes, veio collocar-nos na espectativa de encontrarmos algumas obras suas; deveu-se porém a circumstancias particulares a sua isempção nestas lides industriaes.

Não seria para se fazer reputar, porque em quarenta annos de proficuo trabalho tem adquirido credito de sobejo para se tornar conhecido em occasiões d'estas, mas por d'esta mesma fabrica terem sahido todos os artistas, que por aquella industria se têm distinguido. Entre

elles contam-se os srs. Manuel Joaquim da Fonseca e Bento José da Fonseca, industriaes de merito incontestavel.

Por esta falta não esquecerá um estabelecimento, que por sua direcção, confiada a pessoa habilitada, se tem engrandecido.

Tribuno Popular, 31 de julho.

Collecção ampelographica do dr. Antonino José Rodrigues Vidal

Com este titulo apparece na primeira exposição districtal de Coimbra uma collecção de 54 vasos, cada um com dois ou tres pés de videiras de dois annos de vegetação; o rotulo da collecção accrescenta: «Como amostra do processo de sua invenção, empregado ha doze annos, com admiravel resultado, na renovação das vinhas velhas e novas na Bairrada.»

Termina o dicto rotulo com o preceito geral do processo, que se reduz, essencialmente, á transplantação de um pé de videira de tres annos, com seu torrão inteiro, para a cova que se lhe destina na vinha velha ou no bacello.

Muitas pessoas, minhas amigas, das que ainda, por fortuna nossa, se interessam na exaltação das nossas cousas, e sobre tudo do abençoado Portugal, pediram-me, com instancia, que explicasse ou desinvolvesse o rotulo da minha collecção, para que o meu processo podesse ser avaliado e praticado por todos os viticultores, ainda mesmo os da mais mediana intelligencia: vou satisfazer a tão justa exigencia.

Quando digo no rotulo — *como amostra do processo*, etc., tive em vista declarar, que não fiz exposição da collecção para representar um numero avultado de variedades de videira (*Vitis vinifera* Lin.); guardo essa representação para outra exposição. Possuo já cerca de duzentas variedades, portuguezas e estrangeiras, que cultivo nas minhas vinhas da Bairrada (*Anadia* e *Mealhada* ou *Travaço*). Preparo-me para fazer figurar essa collecção na eschola agricola (*Fruticéto*) do Jardim Botanico da Universidade no proximo anno de 1870. Nesta collecção comprehendem-se já as variedades importantes de: Chacellas, Moscatel de Jesus, branco e roxo redondos e preto, Passa de Alicante, Tintureira, Sousão, Formosa, Diagalves, Bastardo, Fernão pires, branco e roxo, Aboal de cheiro, Malvasia, a maior parte das variedades do Douro e da Beira, e muitas variedades francezes temporans, que devo á generosidade do ill.mo sr. Paulo de Moraes, viticultor e horticultor enthusiasta das visinhanças de Coimbra.

Vou á descripção do processo.

Emprégo vasos de barro refractario, de tres decimetros de diametro na parte superior, vinte e cinco centimetros d'altura vertical, e dois decimetros de diametro na parte inferior, com tres aberturas lateraes e interiores, para esgotamento da agua da chuva ou rega. Enchem-se estes vasos de terra de horta, tendo o cuidado de pôr da parte de dentro das aberturas um pequeno fragmento de telha em cada um, para facilitar a drenagem ou esgotamento, e impedir assim a estagnação.

Cheios os vasos fazem-se em cada um tres covas com um plantador, uma bayoneta por exemplo, dirigidas obliquamente em relação ao eixo vertical do vaso, ou inclinadas para a circumferencia da parte superior. Introduzo, sem violencia, tres estacas de vide, de um ou mais annos, nas tres covas ou aberturas, com tres olhos, pelo menos, cada uma, dois dos quaes ficam cobertos de terra e um ao ar livre.

Faz-se esta plantação desde novembro até março, pouco mais ou menos, segundo o estado de adiantamento da estação.

Dispõem-se os vasos, ou em grupos, ou arruados, para se regarem com mais promptidão.

No fim do segundo anno de vegetação e depois da quéda das folhas destaca-se o vaso inteiro do torrão, tambem inteiro, e parte-se depois este em tantos torrões, quantos são os pés da videira, por meio de um balde de vallador, dirigido um pouco obliquamente.

Durante o terceiro anno de vegetação a videira completa a sua independencia, ficando o torrão revestido, em toda a superficie em contacto com o vaso, d'uma teagem de capillares, animadas da maior intensidade de força vital.

Findo que seja o terceiro anno de vegetação, transplanta-se o torrão de cada vaso para a cova que se lhe destina, na rareira da vinha velha ou do bacello: na vinha velha a cova deve ter, pelo menos, um metro de profundidade e quasi um metro de diametro, lançando-lhe no fundo terra meteorisada ou da superficie ou do sol e um pouco de estrume, a quinta parte d'um cesto poceiro por exemplo; no bacello a cova deve ser menos funda e com menos estrume.

Quando se quer pôr bacello pela primeira vez, aberta a manta e lançada no fundo a camada da terra meteorisada ou do sol, planta-se no logar do bacello a videira de tres annos com o seu torrão inteiro, e cobre-se com a terra do fundo ou bruta.

A experiencia de doze annos e a transplantação de mais de trinta mil pés, auctorisam-me a dizer, que o meu processo de viticultura é superior a quantos se tem empregado e nomeadamente á transplantação dos viveiros em alfobres, á sementeira dos gomos ou olhos, á mergulhia, enxertia e plantação ordinaria da vide sem raiz.

A planta tirada do viveiro em alfobre vem sempre com grande

numero de capillares cortadas e dilaceradas, e tem vivido no alfobre uma vida menos favorecida do que no vaso, no qual, no fim do terceiro anno, tem adquirido uma tal força e independencia, que triumpha com facilidade das raizes das videiras velhas e das resistencias que offerecem os despojos putridos e as excreções das mesmas raizes.

A sementeira dos gomos ou olhos é mais curiosa do que util; é mais morosa, e demanda mais cuidados desde a sementeira até á emancipação da videira.

A mergulhia, dando, como é sabido, fructo no primeiro anno, retarda dois annos a fructificação; mas, o que é mais importante, a mergulhia nem sempre é possivel e sufficiente nas vinhas muito velhas. Em todo o caso o meu processo póde empregar-se conjunctamente com a mergulhia, quando não haja abundancia de plantas no viveiro dos vasos.

A enxertia é mais precaria, menos segura, mais morosa e mais difficil. Entende-se, que não pretendo proscrever esta importante operação horticula, destinada especialmente á multiplicação das novas variedades.

Finalmente, a plantação da vide sem raiz fica a uma distancia tão grande do meu processo, que os seus resultados fazem um verdadeiro contraste. Um bacello plantado de pés de videira de tres annos do meu viveiro em vasos é uma verdadeira vinha improvisada, que fructifica ás vezes logo no primeiro anno, ou pelo menos no segundo, achando-se em plena fructificação no terceiro anno de plantação ou transplantação. O bacello plantado assim, segundo o meu processo, demonstra da maneira a mais admiravel que os tres annos de vegetação no vaso são tres annos adiantados na plantação.

Attendendo a que os cuidados, que demanda a vide durante os tres annos de cultura no vaso, são de mui pequeno dispendio, limitando-se á monda, que, sendo feita convenientemente, póde reunir as vantagens da sacha; e a uma rega, mais ou menos amiudada, que póde fazer-se rapidamente com os regadores ordinarios, achando-se os vasos em grupo, ou ainda mais promptamente com a bomba de regar: deve entender-se, que as despezas da cultura das vides no viveiro em vasos são insignificantissimas,

Considerando, por outra parte, que os vasos me custaram 50 réis cada um e que a maior parte tem servido dez vezes até hoje, contando que hão de servir por muitos annos mais, quebrando-se alguns apenas por desastre estranho ao processo:

Deve concluir-se, em vista das particularidades, que deixo referidas, que o meu processo para a renovação das vinhas velhas, replantação ou reparação dos bacellos e plantação dos mesmos em terrenos arroteados, — é o *mais simples e facil, seguro e economico de quantos se tem usado até hoje.*

Ao respeitavel jury da primeira exposição districtal de Coimbra e a todos os visitantes da mesma offereço as minhas vinhas do Travaço, proximas da estação da Mealhada e atravessadas (algumas) pela linha ferrea e com especialidade as vinhas da *Gaia*, do *Valdeantes* e da *Ponte de Viadores*, com cem mil videiras, pelo menos, — para verificarem a exactidão dos resultados aqui apontados succintamente.

A minha collecção, de mil vasos actualmente, é destinada por mim, como já disse, para o *Fruticéto* da eschola agricola do Jardim Botanico da Universidade, instituida no anno ultimo pela commissão administrativa, de que tive a honra de ser presidente.

Rua da Trindade, 13 de julho de 1869. — *Dr. Antonino José Rodrigues Vidal.*

Direcção das obras do Mondego

Entrando no soberbo claustro do Silencio e tomando a esquerda, o primeiro expositor que se encontra é a direcção das obras do Mondego com a excellente collecção de plantas, sementes, madeiras e terrenos das quatro mattas a seu cargo.

Os productos são expostos por meio de um herbario das plantas florestaes, contido em dois armarios, e uma collecção de algumas plantas dos viveiros das mattas do Choupal e Val de Cannas. Oito qualidades de madeiras, tres frascos de vidro com sementes, e mais quatro com terras das differentes mattas.

Comprehende tambem um caixão com uma planta ferruginosa, e um vaso com uma nova qualidade de milho.

Na repartição agricola póde considerar-se esta a principal secção florestal da exposição, ficando assim a primeira em ordem e em cathegoria.

É de notar, que seja pela iniciativa particular, e simplesmente particular, que um estabelecimento do Estado venha a publico occupar logar distincto nesse torneio de productores, e procurar as vantagens que lhe são communs como aos competidores particulares com quem concorre.

Póde d'aqui deduzir-se que nunca são infructiferos os capitaes dispendidos pelo Estado no aperfeiçoamento dos seus estabelecimentos, e na cultura de todos os elementos, que possam augmentar a riqueza e a civilisação do paiz.

As mattas dependentes da direcção das obras do Mondego não só se sustentam já hoje com os seus rendimentos, mas dão ainda um excedente de lucro muito importante, aperfeiçoando a industria florestal e agricola, e divulgando pelo paiz os beneficios d'esse aperfeiçoamento.

São já bastantes as encommendas, que recebe de sementes e de

plantas. D'estas encommendas algumas são de semente do *bromus scheraderi*, excellente forragem, cuja descripção daremos em outro artigo.

Tambem são importantes as encommendas dos eucalyptos, cujo conhecimento se vai generalisando, assim como de amoreiras.

Acrescentaremos ainda que a direcção possue agora nos seus viveiros, não contando as sementeiras d'este anno, mais de 12:000 pés de arvores, nas quaes entram pouco mais ou menos 3:000 eucalyptos para venda, fóra os destinados ás plantações das mattas.

Antonio Rodrigues Pinto Junior, expõe hortaliças, arvores e flores.

De horticultura é o unico expositor; mas são magnificos os exemplares de couves e repolhos, que apresenta.

É a seguinte a sua collecção:

Um exemplar de eucalyptus globulus; dicto odorata; dicto amygdalina; dicto Swartiana; dicto falcata; dicto ciderophola; dicto gigantea; dicto cornuta; dicto gravillea robusta; dicto bongainvillea; cinco exemplares de couves de ornamento (chou frisé et panaché); dois dictos de couve-repolho de Schweinfurt; um de couve de Bruxellas; dicto de couve de Yorkanãa.

Tribuno Popular, 17 de julho.

Bromus scheraderi

Esta planta forraginosa é originaria da America Septentrional e foi inculcada aos agricultores pelo sr. Lavalhée como forragem de grande producção.

Até ao principio d'abril de 1867, era totalmente desconhecida no concelho de Coimbra e suas immediações. Nessa epocha foi semeada na matta do Choupal, administrada pela direcção das obras do Mondego, no local denominado Serrado da Laranjeira. O Bromus scheraderi tem o caule grosso e as folhas bastante largas, reproduz-se por semente e tambem por hastes enraizadas; sendo comtudo tenra e muito procurada pelos animaes, vegeta vigorosamente no principio do inverno, quando a maior parte das outras gramineas forraginosas não vegetam. Esta planta augmenta consideravelmente as qualidades botyrosas do leite. O gado, tanto vaccum como cavallar, come-a magnificamente, e engorda com facilidade sendo sustentado com ella. A semente assimelha-se muito á aveia e pode empregar-se em rações ao gado cavallar.

Os srs. Lavalhée e Chatin dizem que os porcos a comem com optimo resultado.

O Bromus nasce em todos os terrenos, e por isso é uma forragem importantissima para poder ser semeada nas terras de monte, em pinhaes, olivaes e até nas montanhas aonde cahe alguma neve; em climas frios dá-se melhor do que nos quentes.

A melhor época de ser semeado é, na opinião d'uns, no fim de março, e d'outros no outomno, quando cahem as primeiras chuvas; mas a experiencia tem mostrado que a opinião dos segundos é mais vantajosa neste clima.

O processo de fazer a sementeira é como o de qualquer outra forragem, tendo-se só em vista espalhar a semente bastante rara, de sorte que as sementes fiquem, termo medio, a distancia de 15 centimetros umas das outras.

É muito conveniente ceifar o Bromus, depois de ter nascido, duas ou tres vezes, logo que tenha 0,25 de altura; pois assim desinvolve-se melhor e mais depressa. No primeiro anno a sua producção é insignificante, e só no segundo anno é que começa a dar uma producção regular. A planta conserva-se sete annos na terra. Nos terrenos de monte rebenta no outomno; dá 4 ou 5 córtes e uma camada de semente em annos humidos, e nos annos sêccos pode contar-se com 3 córtes, e em terrenos que podem ser regados no verão, 7 ou 8 córtes e duas camadas de semente; não é bom deixar o Bromus das duas camadas de semente em seguida, mas sim com intervallo de dois mezes, por exemplo uma nos meados de junho e a segunda no fim de agosto.

Quem quizer que elle produza bastante semente deve em outubro espalhar-lhe por cima um pouco de estrume muito miudo.

A palha tambem dá boa alimentação para o gado.

O Bromus é digno de ser cultivado pelos nossos agricultores, pois se avantaja muito ás forragens que cultivamos.

A semente d'esta planta foi fornecida á direcção das obras do Mondego pela repartição de agricultura do ministerio das obras publicas na quantidade de 0,25 grammas.

No primeiro anno deu tres córtes e duas camadas de sementes; em janeiro de 1868 foi transplantado, em consequencia das obras de reconstrucção do armazem, para outro local no mesmo serrado, e conjunctamente foi semeada a semente colhida no anno anterior na porção de um alqueire. Durante esse anno o Bromus, que foi transplantado, deu oito córtes e o semeado cinco; devendo notar-se que os primeiros tres tinham 0,25 de altura. Ambos deram duas camadas de semente na porção de 10 alqueires; esta semente foi semeada em setembro em diversos pontos do Choupal e no camalhão da Sapinha.

Este anno o Bromus, que foi transplantado e semeado em janeiro de 1868, já deu quatro córtes e uma camada de semente na porção de 11 alqueires; e o semeado em setembro passado no Choupal deu tres córtes, e o que foi semeado na Sapinha foi vendido.

Hoje o Bromus já vae crescendo espontaneo em toda a matta, e por isso as forragens d'aquella matta em poucos annos devem melhorar-se consideravelmente, pois esta planta tem a particularidade, em consequencia da sua grande vegetação, de extinguir as plantas nocivas, o que será um augmento consideravel da receita d'aquella propriedade. *Tribuno Popular*, 21 de julho.

Cereaes e legumes

É esta a secção mais pobre, que a exposição mostra á vista dos visitantes na parte serealica. Concorre para isto a má época, e o costumado e rotineiro desleixo dos lavradores do districto, que aliás é essencial e largamente agricola.

Compareceram sómente cinco exiguas amostras de trigo de todo o districto; e este concelho, vergonha é dizer-se, tem alli uma só de trigo tremez, excellente é verdade, e produzido na quinta da Varzea, quinta que tem admiravelmente melhorado desde que é administrada pelo actual procurador.

Todos sabem que ha tres qualidades de trigo no districto, que são empregadas com vantagem no consumo em differentes épocas do anno. Alli appareceram só duas.

Alem d'isso, de 17 concelhos que tem o districto, nem metade enviou productos á exposição.

A época não permittia que a exposição fosse typo, porque sómente em outubro se exhibiria com vantagem os productos agricolas districtaes; mas podia e devia ser muito mais abundante e variada, e em fim outra cousa que não é. O que é, pouco vale; e, a não ser o feijão, legume de muito menos importancia do que os cereaes, nem isso quasi que mereceria menção, com excepção de dois ou tres expositores.

Tambem a exposição está pobre de utensilios agricolas; lembrando-nos agora notar a falta, entre os expositores do districto, do nome do sr. Paulo Victorino, que passa por ser um dos agricultores mais esclarecidos do districto, e que mais tem occupado a imprensa com questões de processos agricolas.

Utensilios, pois, ha um semeador de milho e feijão, exposto pelo sr. Francisco Antonio de Carvalho Montenegro, de Poiares, e que se vende; tambem ha ferros de arados e outros.

Tribuno Popular, 24 de julho.

Archeologia

Um dos objectos mais apreciaveis d'esta secção é uma custodia de prata dourada, de formato fóra do commum, com delicadissimos e elegantes lavores no estylo gothico. Nota-se-lhe a singularidade de ter o ostensorio fechado por uma rede de arame, e não por discos de vidro, como geralmente se usa. Tem em varios pontos o brasão do bispo D. Jorge d'Almeida, que fez presente d'ella á sé d'esta cidade no anno de 1526, como se vê da seguinte inscripção, que tem na base: — HANC CVSTODIAM DEDIT SVE SEDI ILLVSTRIS ET MAGNIFICVS DN GEORGIVS DALMEIDA EPS GANILIS ANO DNI. D. XXBI COLIMBRIENCIS COMES.

Claramente se vê, que, ou por se terem deslocado as chapas em que estão relevadas as letras, ou por outro qualquer motivo, a ordem das palavras d'esta inscripção se acha alterada; a qual, segundo nos parece, devia ser como se segue, sem abreviaturas e na orthographia mais racional: — *hanc custodiam dedit suae sedi illustris et magnificus domnus georgius d'almeida episcopus conimbricensis, comes arganilis, anno domini* MDXXVI.

Os brasões constam de escudo esquartelado: no primeiro e quarto campo tres besantes entre uma dobre cruz; no segundo e terceiro campo leão rompente, servindo de timbre, em alguns, a mitra pontificia.

Num dos brasões, nas fitas da mitra, vêem-se estas palavras — *Neqvid nimis*, palavras que D. Jorge tomou por divisa, e que se vêem tambem esculpidas na primorosa pia baptismal, que elle mandou fazer para a Sé Velha, e que hoje se acha em a nova cathedral. Esta mesma legenda *Nequid nimis* se acha repetida nos quatro lados de uma tarja de angulos rectos, que orla o brasão de D. Jorge d'Almeida na frente das *Constituições*, que este prelado mandou imprimir, obra hoje rarissima, e considerada um paleotypo de grande valor, pois que foi impressa no anno de 1521. Ha um exemplar d'ella na bibliotheca da Universidade.

Os lavores e ornatos d'esta custodia são de grande perfeição e elegancia, exactamente no gosto do delicadissimo retabulo de talha da capella-mór da Sé Velha, obra mandada fazer tambem pelo mesmo bispo, e que Antonio Coelho Gasco diz ser o retabulo o mais curioso e subtil, que se sabe haver em Hespanha (*a*); que o conde Raczynski considera do mais puro estylo gothico (*b*); que Almeida Garret disse ser o mais fino, perfeito e delicado lavor gothico em talha, de que teve noticia, e talvez que exista (*c*); e que o sr. Vi-

(*a*) *Conquista de Coimbra.*
(*b*) *Les Arts en Portugal.*
(*c*) *Obras, Lyrica.*

lhena Barbosa classifica entre as obras que revelam a um tempo, na prodigiosa variedade de desenhos, uma imaginação viva e fecunda, na perfeição de trabalho aquelle estudo e esmero, que só podem nascer do amor pela arte, e, finalmente, na concepção de tantos primores esse gosto apurado que caracterisa em qualquer nação a florescencia das artes (*a*).

—Um busto de um imperador romano—Esta reliquia do passado é notavel pelas suas dimensões, que mostram ter ella pertencido a um corpo de mais de 20 palmos: é de granito alvissimo, e de qualidade que se não conhece nas pedreiras de Portugal; tem a fronte cingida por uma corôa de louro; e ainda hoje dá indicios de ter sido um trabalho delicadamente acabado.

Appareceu no anno de 1844 em uma escavação proximo de Bobadella, villa do concelho de Oliveira do Hospital, na qual parece ter havido uma importante povoação romana, por varias construcções, que ainda se conservam, e pelas muitas lapides e moedas, que ahi se têm encontrado. Braz Garcia de Mascarenhas diz no seu *Viriato Tragico:*

Na villa hoje chamada Bobadella
Esteve antigamente uma cidade,
Que estão, de quanto fosse grande e bella,
Indiciando vestigios nesta idade.
Gastadas lettras a memoria d'ella
Conservam na ruinosa antiguidade;
E cidade mui celebre a declaram
Se o tempo escureceu como a chamaram.

Canto 4.º, *oit.* 74.

Este busto foi offerecido ao museu da Universidade pelo sr. conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, que dá d'elle noticia na sua interessante *Memoria historico-chorographica do districto de Coimbra.* Na mesma obra se encontram curiosos esclarecimentos ácerca das antiguidades romanas de Bobadella.

Tribuno Popular, 17 de julho.

Pixide do seculo 12.º—Dos objectos expostos pelo cabido da Sé d'esta cidade, o mais antigo é um calix ou pixide de prata dourada, que tem esculpidas, em volta da copa, as figuras de Christo e dos apostolos.

Foi feito na era de 1190 (anno de 1152, reinado de D. Affonso Henriques, por Geda Menendis, em honra de S. Miguel, segundo diz esta inscripção latina, que tem na base:—GEDA ⋮ MENENDIZ ⋮ ME + EGIT ⋮ IN ONOREM ⋮ SCI ⋮ MICHAELIS ⋮ E ⋮ M ⋮ C ⋮ LXXXX ⋮

(*a*) *Panorama* de 1855, pag 386.

João Pedro Ribeiro, nas suas *Dissertações Chronologicas*, t. 1.º, pag. 350, faz menção d'este monumento, e diz que a pixide era do collegio de S. Bento de Coimbra, e que em outro tempo pertencera ao mosteiro de S. Miguel, de Refoios de Bastos.

O conde Raczynski aponta o auctor d'este trabalho, Geda Menendis, no seu *Dictionnaire Historique-Artistique*, pag. 195.

—Capello e borla da faculdade de medicina do anno de 1704—A obra de passamaneria d'estas insignias doutoraes é de muita simplicidade, e muito differente da que hoje se usa em taes objectos,

Pertenceram a Manuel dos Reis e Sousa, natural d'esta cidade, o qual tomou o grau de doutor no dia 20 de abril de 1704. Foi cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Sancto Officio, e vereador do Senado de Coimbra. Foi lente da cadeira de *Crisibus*, provido a 3 de agosto de 1717; da cadeira de Anatomia, em 5 de fevereiro de 1726; da de Vespera, a 28 de fevereiro de 1735; e ultimamente de Prima em 14 de março de 1743. Falleceu em 12 de maio de 1753, e jaz sepultado na egreja do collegio do Carmo em sepultura propria, onde ainda hoje se pode ler o seu epitaphio.

Deixou manuscriptas as seguintes obras:—*Tractus de Crisibus*—*Tractus Anatomicus, in quo per historias agitur de universa corporis humani fabrica*—*Manuductio ad Praxim*—*Tractus de Morbo.*

Tribuno Popular, 21 de julho.

Collecção numismatica — É riquissima a collecção numismatica exposta pelo sr. João Correia Ayres de Campos.

Os exemplares d'esta collecção, alguns dos quaes são ineditos e desconhecidos, têm sido encontrados em Coimbra, Condeixa-a-velha, Alcabideque, Almelaguez, Nogueira do Cravo, Louzã, Bobadella, Tentugal, Monte-mór-o-velho, Mealhada e Cantanhede. Consta de 125 medalhas de familias romanas, 117 moedas de imperadores romanos, 4 celtiberas, 7 dos reis wisigodos de Hespanha, 153 portuguezas desde D. Sancho I ou II até D. João IV, e 37 medalhas portuguezas.

As moedas gothicas, todas de ouro, são: de Leovigildo uma, de Recaredo duas, de Wittirico uma, de Sesebuto uma, de Ervigio uma, de Egica e Wittiza uma.

D'entre as medalhas portuguezas é muito apreciavel e bastante rara a que usaram os individuos, que se alistaram no batalhão academico, organisado em 1808 na Universidade. É de fórma elliptica, dentro de um aro de ouro, e coberta com vidro. Tem cercada por uma corôa de louro a palavra *audeo*, e por debaixo d'esta as armas do reino, um mocho e um livro, attributos da sciencia, e uma aguia derrubada, symbolo da quéda do dominio de Napoleão. Em volta lê-se a legenda: — PRO REGE PRO PATRIA PRO FIDE. Esta medalha

não se acha mencionada na *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas* do sr. Manuel Bernardo Lopes Fernandes, publicada pela Academia Real das Sciencias.

Por alvará de 15 de abril de 1811 se mandou dissolver o batalhão dos voluntarios academicos, e se lhes agradeceu a boa vontade com que se tinham alistado.

Foram muitos e mui vantajosos os serviços que os alumnos e lentes da Universidade prestaram pela occasião da invasão franceza: fabricaram no laboratorio chimico grande quantidade de polvora, com que se abasteceu a tropa portugueza, quando marchava para o Vimieiro; prepararam muitos petrechos militares; fizeram render os castellos da Figueira, Nazareth e Pederneira; excitaram os povos visinhos a pegar em armas pela defeza da patria; arredaram, e combateram as brigadas da gendarmeria franceza; interceptaram correios e communicações do governo francez; guarneceram e defenderam a cidade de Coimbra, a ponto de afugentarem valentes divisões, como foi a de Loison, que de Vizeu destinava vir a esta cidade; abriram e estabeleceram communicações com a esquadra ingleza, e facilitaram o desembarque das tropas britanicas no porto da Figueira; incorporaram-se, finalmente, mestres e discipulos, com as tropas portuguezas e inglezas nas batalhas da Roliça, Vimieiro, Albergaria, Grijó e Porto.

—Columna miliaria—Esta columna foi achada nas ruinas do antigo castello de Coimbra, quando no seu recinto se pretendeu erigir um observatorio astronomico, e conservada pelo cuidado do bispo D. Francisco de Lemos, reitor reformador da Universidade.

Tem esta inscripção:

CAESAR . DIVI.
AVG . PRON . AVG.
PONT . MAX . TRIB.
POT . III . COS . DESIG.
P. P.
M IIII

Esta pedra é um dos marcos, que os romanos costumavam collocar de milha a milha, á borda das suas magnificas vias, para indicar ao viajante as distancias das terras principaes, bem como o fundador ou reedificador da estrada.

De uma pedra analoga a esta, achada no anno de 1856 proximo da Mealhada, fallamos no *Guia do viajante em Coimbra*, pag. 278.

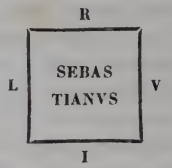
—Padrões de pesos e medidas de capacidade, feitos nos reinados de D. Manuel e D. Sebastião, pertencentes á camara de Coimbra —Acham-se incompletos.

Os padrões de pesos estão contidos em duas caixas de bronze,

que têm ambas por fóra duas espheras e as armas do reino. Uma d'ellas tem esta inscripção: — O MVITO . ALTO . E . EIXCELENTISIMO REI DOM . EMANVEL . O PRIMEIRO . DE . PVRTVGAL . ME . MANDOV FAZER . ANO . DO NCMTO . DE . NOSO . SNOR . HIV . XPO . D . 1499.

Outra tem esta: — ME . MANDO . FAZERE . DOM . EMANVEL . REI DE PORTVGAL . ANO . D . 1499. — *Ferr.ª d'Aves.*

As medidas de capacidade são 4 para solidos e 6 para liquidos, todas de bronze, tendo as armas reaes e esta inscripção:



A. S. 1575

Os padrões das medidas de liquidos têm a fórma cylindrica; as de seccos são paralellipipedos de base quadrada. Uma e outra serie d'estas medidas, assim como a dos pesos, seguem sempre nas suas divisões a bisecção contínua de 1, $^1/_2$, $^1/_4$, $^1/_8$, etc.

Acerca d'estes pesos e medidas escreveu o dr. Manuel Pedro de Mello, lente de mathematica na Universidade, uma *Memoria sobre os padrões de pesos e medidas, fabricados nos reinados dos srs. reis D. Manuel, e D. Sebastião, e depositados na camara de Coimbra, comparados com os padrões correspondentes das novas medidas francezas;* a qual os curiosos poderão ver no *Jornal de Coimbra*, de 1816, n.º XLVIII, parte 1.ª, pag. 382.

Tribuno Popular, 24 de julho.

Varios foraes — Vêem-se na exposição os foraes originaes em pergaminho dados por el-rei D. Manuel a Botão em 1514, a Coimbra em 1516, á villa de Aguda em 1514, e á de Faro. De todos elles o mais notavel é o de Coimbra, não só pelo esmero da encadernação e nitidez dos caracteres, mas principalmente pelo seu elegante frontespicio primorosamente colorido, onde entre as armas de Portugal, a empreza real e o brasão da cidade, tarjados de flores, se acha o nome dô monarcha DOM MANVEL com letras douradas sobre fundo azul.

— Bacia e gomil de prata dourada — Estes dous objectos, que têm apreciaveis lavores em relevo, muito bem cinzelados, são expostos pelo cabido, e pertenceram ao bispo D. fr. Alvaro de S. Boaventura, segundo se deduz do brasão gravado no centro da bacia, que

consta de escudo dividido em pala, tendo de um lado as armas reaes e do outro um leão rompente. Identico brasão se vê esculpido na pedra, que cobre a sepultura do referido bispo, juncto dos degráus da capella-mór da Sé Velha.

Na serie dos bispos, que depois da conquista de Coimbra, por D. Fernando Magno em 1064, tem regido a diocese d'esta cidade, D. fr. Alvaro de S. Boaventura foi o 52.°, e governou desde 1672 a 1683.

D. fr. Alvaro foi filho de D. Manrique da Silva, marquez de Gouveia, e de D. Maria de Lancastre e neto dos duques de Aveiro. Antes de ser bispo de Coimbra tinha sido frade da ordem dos menores na provincia de Sancto Antonio de Portugal, e bispo da Guarda.

Falleceu a 19 de janeiro de 1683, com 55 annos de edade.

—Lapide sepulchral romana—Esta lapide, de seis palmos de alto e dous de largo, com tarjas e lavores na extremidade superior e faces lateraes, tem gravada a seguinte inscripção:

D . M . S.
C . JVLJ.
MATERNI
ANN . CXIIII.
BOVIA. MA
TERNA . ET
IVLIA . MA
XIMA . PATRI
PIISSIMO
F . C.
CVRANT...
IVLIO DEX
TRO LIBER
TO . OB MERI
TA PATRONI.

Este monumento foi encontrado nas ruinas da Couraça de Lisboa, e conservado, como o de que démos noticia no numero anterior, pelo reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos.

Tribuno Popular, 28 de julho.

Breviario do bispo D. Miguel da Annunciação — D'este breviario se serviu o bispo D. Miguel da Annunciação quando esteve preso no forte de Pedrouços. Sendo havido como chefe e fautor das seitas dos jacobeus e sigillistas, e tendo publicado em 8 de novembro de 1768 uma celebre pastoral, que a mesa censoria declarou por

sentença ser *falsa, sediciosa* e *infame,* foi expulso do bispado, e por ordem do marquez de Pombal encarcerado na referida prisão. Por morte de el-rei D. José, havendo-se mandado soltar os presos d'estado, foi o bispo posto em liberdade a 23 de fevereiro de 1777, sendo rehabilitado por uma carta mui honrosa da rainha D. Maria I. Voltou para Coimbra e reassumiu o exercicio do episcopado, de que a morte o privou pouco depois, fallecendo a 27 de agosto de 1779.

As margens do breviario estão cheias de muitas notas escriptas na prisão, pelo bispo, com tijolo desfeito em agua.

—Inscripção lapidar do collegio de S. Paulo—Sobre a pedra em que está esta inscripção tinha as mãos uma pequena estatua de meio corpo, ao modo de quem na cadeira estava dictando; estatua que os collegiaes de S. Paulo guardaram sob o titulo de *Estatua da Sapiencia,* e como tal designada nos estatutos da Universidade, impressos em 1654, a paginas 3. Esta veneranda antigualha, anterior talvez á fundação do collegio, que se principiou em 1549, por ventura do tempo em que D. Diniz estabeleceu em Coimbra a Universidade, deu muito para dissertar na questão que houve entre o collegio de S. Paulo e o de S. Pedro ácerca da nobreza e preeminencias que cada um se arrogava. Nesta questão figuram principalmente os academicos D. José Barbosa, Diogo Fernandes de Almeida, e Manuel Pereira da Silva Leal.

A estatua desappareceu provavelmente por occasião das obras que se fizeram no collegio, depois que em 1838 a nova Academia Dramatica alcançou que o edificio lhe fosse doado para nelle construir o seu theatro; a lapide porém houve quem tivesse a curiosidade de a conservar. Os caracteres da sentença latina nella gravada são em allemão minusculo resaltado, e muitos d'elles já se não podem ler. Todavia para supprir as faltas de algumas palavras resta-nos a copia publicada por D. José Barbosa nas *Memorias do collegio real de S. Paulo,* a qual reproduzimos, alterando só a disposição das linhas, conforme parecem indicar os caracteres legiveis do original.

Diz ella:

AMICE SEQHUERE ME : ET NON DOMI
TAM TE : DISCE VIVERE IN SERVITUTE ET MORI
IN PAUPERTATE : QUAM USQUE ME NEMINI
PEPERIT MEMORIA : SAPIENTIAM ME
VOCANT NOSTRI : TU SANCTIFICA ILLOS:
ODI HOMINES STULTOS ET MALOS
VITA OPERA SEMPER IN QUIBVS NON SIT
ALIQUA UTILITAS. . . . . .

(Vide um artigo, ácerca d'esta e outras lapides, publicado pelo sr. Ayres de Campos no volume 10.º do *Instituto*).

Tribuno Popular, 31 de julho.

Historia natural

Contigua á grande sala, destinada á exposição archeologica, ha uma sala annexa, onde figuram productos de historia natural, que formam uma das partes mais valiosas e vistosas da exposição.

É limitado o cathalogo d'aquella sala, porque se reduz principalmente a quatro expositores; mas do seu intesse facilmente se avalia, sabendo que alli figuram a collecção de todas as madeiras, que já hoje não se podem considerar todas propriedade portugueza, quanto mais districtal, mas que ainda representam parte da riqueza florestal das nossas colonias e do Brazil, quando ainda este imperio andava na corôa portugueza.

É a collecção de 1:188 amostras de madeiras do imperio do Brazil e das nossas possessões d'Africa. Estas amostras pertencem ao museu da Universidade.

Fazemos aqui menção d'ellas, em separado das outras que se acham incorporadas na secção agricola, por serem ja hoje em grande parte uma recordação archeologica, e estarem tambem expostas nessa qualidade.

No meio da sala ha um mostrador envidraçado, onde se expõe a collecção completa de todos os reptis da região comprehendida nos suburbios de Coimbra, com excepção de um só, que logo mencionaremos.

Mais se vê alli a collecção curiosissima e quasi completa das avesninhos e ovos d'esta mesma região.

O colleccionador é o sr. José Maria Rosa de Carvalho, de Cellas, curioso muito apaixonado, muito entendido e muito conhecido nos museus nacionaes e correspondente do sr. Bocage nesta cidade.

Os nomes scientificos e vulgares dos reptis alli expostos são os seguintes:

Platydactylus muralis (Cuv.) — *Osga.*
Tropidosaura algira (Boié) — *Lagartixa do matto.*
Lacerta viridis (Dand.) — *Sardão verde.*
Lacerta ocellata (Dand.) — *Sardão grande.*
Lacerta muralis. — *Lagartixa dos telhados.*
Psamodromus (Edwardii.) — *Dumeril.*
Seps. chalcides (Bonap.) — *Fura-matto.*
Anguis fragilis (L.) — *Alicanço.*
Coluber nutrix (L.) — *Cobra d'agua.*
Coluber viperinus (Latr.) — *Cobra d'agua.*
Coluber girondicus (Dand.)
Coluber Monspessulanus (Mer.)
Coluber Hermannio (Vici.)
Vipera amodytes (L.) — *Vibora.*
Rana viridis (Roessi.) — *Rã ordinaria.*
Rana temporaria (Lin.)
Alytes obstetricans — *Sapinho parteiro.*
Pelobatus cultripes (Tre.)
Hyla viridis (Laur.) — *Réla.*
Bufo vulgaris (Laur.) — *Sapo ordinario.*
Salamandra maculosa.

Triton marinoratus. (Cuv.)
Salamandra aquatica.
Lipotriton punctatus e palmipes.
Chyoglona lusitanica (Bocage).
Aphisbena cinerea (Vandel).

Já dissemos que esta collecção comprehende sómente os reptis de Coimbra, faltando nella uma unica especie, que é — o sapo *Combinator igneus*, que o sr. Rosa declara ter já encontrado, quando ainda não colleccionava, mas que depois d'isso não conseguiu tornar a encontrar porque são mui raros.

Os nomes das aves, a que correspondem os ninhos e ovos, colleccionados pelo sr. Rosa, são os seguintes:

Falco tinnunculus (L.)— *Peneireiro.*
Athene nectua (Nilss.)— *Môcho.*
Hirundo rustica (L.)— *Andorinha.*
Scaps Zorca (Scop.)— *Môcho pequeno.*
Lanius rufus (Br.)— *Picanço.*
Murcicapa grisala (L.)— *Tralhão.*
Sylvia melanecephala, (Gen.)— *Tutinegra dos vallados.*
Sylvia atricapilla (L.)— *Tutinegra.*
Fillopneuste rufa (Luth.)— *Foloza.*
Hipollais polyglota (Vieill.)— *Foloza.*
Calamoherpe turdoides (Boie) — *Rouxinol do paul.*
Calamoherpe arundinacea (Gen.)
Philomela luscinia (L.) — *Rouxinol.*
Ruticilla tithys (Scop.)— *Rabirruiva.*
Erithacus rubicula (Cuv.)— *Pisco.*
Saxicola rubicula (L.) — *Cartaxo.*
Motacilla alba (L.)— *Alveloa.*
Motacilla sulphurea (Bec.) — *Alveloa amarella.*
Turdus visciverus (L.) — *Tordoveia.*
Merula vulgaris (Ray.) — *Melro.*
Oriolus galbula (L.)— *Papa-figos.*
Troglodytes europens (Cuv.)— *Carriça das moitas.*
Parus major (L.)— *Chapim.*
Parus cristatus (L.)— *Chapim de poupa.*
Parus cœruleus (L.)— *Chapim azulado.*
Parus caudatus (L.)— *Chapim rabilongo.*
Certhia familiaris (L.)— *Trepadeira.*
Picus viridis (L.)— *Peto verde.*
Yunx torquilla (L.) — *Papa-formigas.*
Corvus corax (L.)— *Corvo.*
Garrulus glandarius (L.)— *Gaio.*
Alauda arborea (L.)— *Cotovia.*
Alauda cristata (L.)— *Cotovia de poupa.*
Fringilla caelebs. — *Tentilhão.*
Chloraspisa chloris. (L.)— *Verdilhão.*
Linota cannabina L.— *Pintarrôxo.*
Carduelis elegans (Steph.)— *Pintasilgo.*

Paper domesticus (L.)—*Pardal.*
Serinus miridionalis (Bp.)—*Chamariz.*
Emberizacia (L.)—*Trigueiro.*
Emberiza cirlus (L.)—*Cia.*
Turtur auritus (Ray.)—*Rôla.*
Perdrix rubra (Br.)—*Perdiz.*
Coturnix communis (Bon.)—*Codorniz.*
Ardeola minuta (L.)—*Garcenho.*
Fulica atra (L.)—*Galeirão.*
Gallinula chloropus (L.)—Rebiscoelha.

Nesta collecção, que é importante, porque contém os ninhos e ovos da maior parte das aves, que se propagam nestes sitios, faltam bastantes exemplares de muitas especies, que o expositor espera obter, persistindo nas arduas fadigas das suas permanentes investigações e diligencias; mas seria consideravelmente mais interessante se elle não tivesse dado para o museu nacional de Lisboa muitos exemplares de ovos e ninhos representantes de outras especies tambem d'esta região de Coimbra.

O sr. Rosa possue a qualidade que caracterisa de ordinario os colleccionadores verdadeiramente apaixonados dos productos naturaes. Dá, e deseja dar muito. *Tribuno Popular*, 28 de julho.

A nossa predilecta Coimbra, que, não obstante ter vantajosas condições de progresso, temos visto abandonada quasi ao completo despreso por aquelles, que, tomando parte na governação publica, estão constituidos na obrigação de promover o seu engrandecimento, tem dado nestes ultimos annos alguns passos no caminho da civilisação, principalmente desde que um homem, que se votou d'alma e coração a esta formosa terra, amando-a e estremecendo-a, como se fôra seu filho, ousou, com vontade energica, arcar com diffieuldades e antagonismos, cujo resultado era o estacionamento.

Este fervoroso obreiro do progresso, a quem Coimbra, e com especialidade a classe artistica, muito deve, é o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, apostolo incansavel das ideias civilisadoras!

Não basta pensar, estudar, desejar: é necessario ainda emprehender, trabalhar, persistir; e ninguem por certo desconhece qualidades tão estimaveis neste prestante cidadão.

A muitos beneficios, que se tem ultimamente conseguido em favor d'esta cidade, no intuito de a engrandecer, quer seja pelo lado material, quer pelo lado moral, nós vemos vinculado o nome do sr. Olympio, apresentando-se sempre propugnador de ideias nobres, sempre entre os primeiros na dedicação para resolver graves difficuldades, que obstam á realisação de alguns melhoramentos, com o unico fim de levantar Coimbra do abatimento em que tem jazido.

E é com profunda dôr no coração que lamentamos que pequenas miserias, só vindas de espiritos acanhados e rotineiros, tenham feito com que se hajam perdido muitos e valiosos serviços d'este illus-

trado cavalheiro, certamente com prejuizo para a nossa terra, ha muito condemnada pelas mesquinhas ambições de alguns filhos seus.

Nós o vimos — nobre artista — levantar pela imprensa um brado contra a ignorancia e miseria da sua classe; — nós o vimos exaltar, com são juizo e profunda convicção, filha de consciencioso estudo, a associação dos menos protegidos na sociedade; — nós o vimos empenhar todas as suas forças para tornar bem patentes as vantagens da união da classe artistica nesta sancta cruzada contra o pauperismo, horrivel cancro das sociedades modernas.

E, vencendo obstaculos, esquecendo injurias, consegue realisar o seu grande pensamento, — e é inaugurada a Associação dos Artistas de Coimbra; podendo, sem duvida, avançar-se que, não obstante os poucos annos de sua existencia, é já considerada como modelo entre as sociedades d'esta natureza, pois que poucas ou nenhumas em principio, darão, na verdade, resultados mais prósperos.

Satisfeito, porém, este seu grande empenho, não descança todavia o sr. Olympio, porque é incansavel o homem, que ama o progresso.

Mette hombros a uma empreza bem mais ardua, e organisa nesta cidade, com pasmo de todos, a Associação do sexo feminino, primeira que existe em Portugal.

Coimbra, reconhecendo pois quanto deve ao dignissimo presidente da Associação dos Artistas, admira-o tambem como o iniciador do nobre commettimento da exposição districtal, que honra hoje o bom nome d'esta terra, e é o melhor incentivo para o progresso das artes, entre nós actualmente ainda pouco desenvolvidas.

Se foi arrojada a empreza, maior gloria alcançam os que, vencendo obstaculos, viram coroados os seus esforços do resultado nunca asperado, attendendo a circumstancias de todos assás conhecidas.

E certamente, contrariedades quasi insuperaveis soffreu o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes por parte d'aquelles, que, não querendo coadjuvar tão nobre tentativa, se contentavam com ridicularisar esta festa do trabatho, promovida por uma sociedade de artistas, com poucos recursos é verdade, mas com muita vontade de prosperar.

Confessamos, todavia, com grande satisfação nossa, que muitas pessoas dedicadas têm prestado relevantes serviços ao lado do presidente da Associação dos Artistas.

Louvores a todos elles.

Não se diga, portanto, que os filhos de Coimbra são inimigos do progresso, porque tal asserção soffre um solemne desmentido, quando apparecem homens de acção, como o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, que, dispostos a resolver attrictos, só aspiram ás bençãos do povo, unica recompensa de seus serviços á humanidade.

Conimbricense, 27 de julho.

SEGUNDA ÉPOCA

TRABALHOS DA PRESIDENCIA

Realisou-se nesta cidade, e com bom exito, a exposição districtal de industria agricola e fabril e de archeologia, promovida pela Associação dos Artistas; e, se em geral excedeu a espectativa publica, é certo que não foram completamente satisfeitos os intuitos de quem a promoveu, porque as diversas secções da exposição podiam estar mais ricas de productos, e melhor representados todos os concelhos do districto, alguns dos quaes ainda não figuram no respectivo catalogo, como não era de esperar.

Entendeu-se portanto que a exposição devia ser reaberta em outubro proximo, recebendo-se quaesquer productos desde o dia 1 até 10 d'aquelle mez, e sendo definitivamente encerrada no dia 31 do mesmo mez.

Não se poderá allegar agora, com razão, nem falta de tempo quanto á industria fabril, nem inopportunidade da epoca em relação á agricultura, visto que dentro em pouco estarão concluidas todas as colheitas.

A Associação dos Artistas, instituição popular, dirige-se novamente ás camaras municipaes, como representantes dos povos e dos interesses dos concelhos, esperando tudo da illustração de seus vereadores e do zelo das auctoridades administrativas, e confiando plenamente que, no interesse commum, e em honra do bom nome d'este districto, todos lhe prestarão os seus auxilios efficazes, promovendo directamente, e por meio de delegações parochiaes, a remessa de productos de qualquer especie, que representem devidamente as respectivas industrias agricola e fabril.

Dos actuaes expositores nas differentes secções e dos que de novo o houverem de ser, espera a Associação dos Artistas a sua activa cooperação, para que a segunda época da exposição se torne ainda mais brilhante do que o foi a primeira, elevando-se assim á sua verdadeira altura o conceito em que deve ser tido este districto.

Os objectos expostos podem ser retirados; mas têm de voltar, visto que os trabalhos do jury classificador ainda não ficaram concluidos. Os objectos vendidos têm, pois, de ser substituidos por outros eguaes ou por ventura melhores.

Coimbra, 4 de agosto de 1869. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da associação.

Ill.^{mos} srs. — Foi realisada a exposição districtal de industria agricola e fabril e de archeologia, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra; e, com quanto, no geral, excedesse a expectativa publica, é comtudo certo que não ficaram satisfeitos os intuitos de quem a promoveu, porque as diversas secções podiam estar mais ricas de productos, e melhor representados todos os concelhos do districto, alguns dos quaes não figuram, por em quanto, no catalogo da exposição.

Entendeu-se, pois, que a exposição devia ser reaberta em outubro proximo, recebendo-se quaesquer productos desde o dia 1 até 10 d'aquelle mez, e sendo definitivamente encerrada no dia 31 do mesmo mez.

A Associação dos Artistas, instituição popular, dirige-se novamente a essa ill.^{ma} camara, representante dos povos e dos interesses d'esse municipio,— desacompanhada de qualquer recommendação official, esperando tudo do cavalheirismo e virtudes civicas dos membros d'essa illustrada vereação, e confiando plenamente que, no interesse commum, e em honra d'este districto, lhe prestarão os seus auxilios efficazes, promovendo directamente, e por meio de delegações parochiaes, a remessa de productos de qualquer especie, que representem devidamente as industrias agricola e fabril d'esse concelho.

Deus guarde a v. s.^{as}— Coimbra, 4 de agosto de 1869.—Illmo sr. presidente da camara municipal de...— *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da associação.

Rogo aos srs. expositores da secção da industria fabril, residentes em Coimbra, o obsequio de comparecerem na casa da Associação, ámanhã, quarta feira, pelas oito horas da tarde, para objecto de reciproco interesse.

O mesmo favor peço aos srs. presidentes dos diversos gremios em que se subdivide a Associação.

Coimbra, 17 de agosto de 1869. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da Associação.

Extracto da acta da sessão do conselho da Associação dos Artistas de Coimbra, de 20 de agosto de 1869.— O sr. presidente, Olympio Nicolau Ruy Fernandes, propoz que o conselho expressasse o seu reconhecimento a todas as pessoas e corporações, que haviam contribuido para a realisação da ideia da exposição districtal, e que este agradecimento fosse extensivo á imprensa periodica em geral, e em especial á de Coimbra, em que se inclue o jornal o *Conimbricense*, de que é proprietario e redactor o nosso socio ho-

norario o sr. Joaquim Martins de Carvalho (*a*), o qual, com a maior dedicação, generosidade e desinteresse, se prestou por esta occasião, como sempre se tem prestado, a inserir nas columnas d'aquelle jornal todas as peças, ainda as mais extensas, tendentes ao expediente da exposição, auxiliando com a sua penna a publicação de taes peças.

O conselho, por unanimidade, deu o voto de louvor proposto pelo sr. presidente.

Ill.mo sr.—Alguns zoilos, ou antes uns malevolos, sempre dispostos a antepôr-se a tudo que seja honroso para esta terra, têm propalado o boato de que os mais importantes expositores da primeira época não virão á segunda, jactando-se aquelles de que este successo é devido á sua influencia pessoal! Entre os adherentes a este mesquinho proceder incluem o nome de v. s.ª, e affiançam que é seu decidido parcial. Fazendo completa justiça ao caracter probo de v. s.ª, e julgando-o incapaz do procedimento que lhe attribuem, não posso comtudo deixar de o pôr ao facto do que corre de boca em boca, para evitar que uma eventualidade qualquer podesse conduzir á satisfação de um tão miseravel intento.

Sou de v. s.ª, muito attento venerador e obrigado — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Coimbra, 5 de outubro de 1869.

Ill.mo sr. —Vou rogar a v. s.ª o obsequio de enviar, com a maior brevidade possivel, para a exposição districtal, que deverá ser reaberta no dia 16 do corrente, os objectos que alli teve expostos na primeira época: favor este, que espero, não só por sua condescencia, como por ser feito em harmonia com o artigo 12.º do programma de 22 de abril e final do annuncio de 4 de agosto d'este anno.

Esperando ser attendido, desde já agradeço este favor, assignando-me de v. s.ª muito attento venerador e orbrigado — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Coimbra, 13 de outubro de 1869.

Ill.mo sr. — Por intervenção de um amigo soube que v. s.ª estava disposto a honrar a Associação dos Artistas, a que presido, vindo

(*a*) O mesmo sr. presidente, em occasião opportuna, havia proposto, e o conselho approvou, que se déssem ao dicto sr. Joaquim Martins de Carvalho os devidos parabens e um voto de louvor pelo relevantissimo serviço pelo mesmo sr. prestado á nossa litteratura, com a publicação do seu excellente livro—*Apontamentos para a historia contemporanea.*

assistir, com o destacamento do seu commando, á reabertura da exposição districtal de Coimbra, favor que eu não acceitei então, por não fazer a reabertura com solemnidade, reservando porém a acceitação d'essa honra para o encerramento da exposição.

Faltaria, pois, a um dever de civilidade e de gralidão se deixasse de manifestar, desde já, a v. s.ª o meu reconhecimento; aproveitando a occasião para offerecer a v. s.ª e aos demais srs. officiaes d'esse destacamento a entrada na nossa sala, em qualquer occasião que lhes aprouver.

Sou, com affectuosa estima e consideração, de v. s.ª muito attento venerador e obrigado—*Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*—Ill.mo sr. capitão commandante do destacamento de infanteria n.º 14, estacionado nesta cidade.

Coimbra, 18 de outubro de 1869.

Ex.mo sr. — No dia 31 do corrente mez aliam-se dous factos importantes, ambos sympathicos para a Associação dos Artistas de Coimbra, os quaes ella se propõe solemnisar — o fausto anniversario natalicio de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz I e o encerramento definitivo da exposição districtal de industria agricola e fabril e de archeologia.

Para aquella solemnidade, que começará ás sete horas da tarde, tenho a honra de convidar a v. ex.ª, a quem desde já presto os devidos agradecimentos pela annuencia, que espero nos concederá.

Coimbra, 29 de outubro de 1869. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, presidente da Associação dos Artistas.

Identicas para os ex.mos srs.:
Governador civil, secretario geral, e 1.º official da secretaria.
Reitor, vice-reitor, e secretario da Universidade.
Vigario geral do bispado de Coimbra.
Deão e mais dignidades do cabido da Sé de Coimbra.
Membros da juncta geral de districto, residentes em Coimbra.
Membros do conselho de districto.
Presidente e vereadores da camara municipal de Coimbra.
Commissario dos estudos no districto de Coimbra.
Governador militar de Coimbra, e officiaes do destacamento.
Delegado do thesouro, e thesoureiro pagador d'este districto.
Juiz de direito, e delegado do procurador regio d'esta comarca.
Administrador do concelho de Coimbra, e seus escrivães.
Chefe da 2.ª divisão de obras publicas.
Director das obras publicas do Mondego.
Presidente da Associação Commercial de Coimbra.
Presidente do Monte-pio Conimbricense.

Presidente da Associação Conimbricense do sexo feminino.
Presidente da Academia Dramatica de Coimbra.
Presidente da Sociedade Philantropico-Academica.
Presidente do Instituto de Coimbra.
Presidente da direcção do Monte-pio da Imprensa da Universidade.
Presidente do Club Conimbricense.
Presidente da Sociedade Recreativa Commercial.
Presidentes das sociedades philarmonicas.
Presidente da mesa e direcção da sociedade Therpsichore.
Membros da secção de archeologia.
Membros do jury classificador da exposição.
Socios honorarios da Associação dos Artistas, residentes om Coimbra.
D. Amelia Janny.
Miguel Osorio Cabral, par do reino,
Redacções dos jornaes politicos e litterarios de Coimbra.
Dr. Antonino José Rodrigues Vidal.
Conselheiro José Ferreira de Macedo Pinto.
Dr. Lourenço de Almeida e Azevedo.
Dr. Bernardo de Serpa Pimentel.
Antonio Maria Homem.
José Maria Rosa de Carvalho.
Dr. Bernhard Tollens.
José Alberto Homem da Cunha Corte Real, e João de Sousa Araujo.

Aos trinta e um dias do mez de outubro de 1869, na sala da Associação dos Artistas de Coimbra, onde estava sendo effectuada a exposição industrial d'este districto, se reuniram muitos dos cavalheiros, que haviam sido convidados para assistir á solemnidade do encerramento da exposição, e outras pessoas (*a*).

O sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, presidente da Associação dos Artistas, dirigindo-se ao numeroso concurso, disse — que estava cumprida uma das mais importantes prescripções dos estatutos; — que se devia tractar, em occasião opportuna, da prosecução da tentativa, que acaba de ser realisada, para que os seus resultados estejam em toda a altura do bom nome do districto de Coimbra; — que a primeira época da exposição satisfez em parte os intuitos de quem a promoveu, e que a segunda satisfez quasi cabalmente esses intuitos, não obstante os attritos, que foi necessario destruir.

Fez varias considerações tendentes a demonstrar a utilidade das exposições, não só em relação á exhibição de productos, como das machinas e utensilios de trabalho, que tanto concorrem para o aper-

(*a*) Constam da relação que se segue á carta publicada a paginas 268 e 269 d'este livro.

feiçoamento das industrias, e de que tanto precisa a principal d'ellas — a agricultura, d'onde temos quasi exclusivamente a esperar a salvação d'este paiz, aproveitando-nos das excellentes condições do nosso solo e da amenidade do nosso clima.

Agradeceu a todas as pessoas e corporações, que por qualquer modo concorreram para o bom exito da exposição, especialisando outra vez os membros do jury classificador.

Dirigiu eguaes agradecimentos ás pessoas, academicas e não academicas, que haviam tido a generosidade de vir abrilhantar aquellas festas com os concertos philarmonicos, e disse que, para não os incommodar a todos, dava um abraço ao seu digno director, o sr. Pedrosa; tambem especialisou a sociedade philarmonica *Boa-União* e o destacamento de infanteria n.º 14, estacionado em Coimbra, e os officiaes do mesmo destacamento, pela sua deferencia á Associação.

Por fim disse que, confiando na benevolencia dos generosos cavalheiros, que haviam composto a secção de archeologia e dos que constituiram o jury classificador, lhes rogava que concedessem á Associação dos Artistas a elevada honra de permittir que seus illustres nomes fossem addicionados aos dos socios honorarios d'esta Associação; declarando que ao sr. Joaquim Dias da Costa, da Figueira da Foz, seria dada egual classificação.

Quando estava para terminar o sarau musical e a sessão solemne, dirigiu-se o sr. Olympio á ex.ma sr.a D. Amelia Janny, dizendo-lhe — que uma festa, como a que Coimbra acabava de presenciar, não podia ser encerrada com as palavras d'elle; e por isso, para que fosse encerrada com chave de ouro, pedia a s. ex.a que se dignasse recitar a sua excellente poesia — Progresso (*a*).

A ex.ma sr.a D. Amelia Janny logo accedeu a este pedido, recitando aquella poesia, a que a assembléa deu as maiores demonstrações de applauso.

Depois do que o sr. presidente deu por finda a segunda época da exposição, e por definitivamente encerrada a exposição districtal de Coimbra.

Para constar lavrei a presente acta, que assigno.

O secretario,

Luiz Adelino Lopes da Cruz.

(*a*) *Progresso*, poesia por Amelia Janny, recitada pela auctora em a noite de 12 de maio de 1867, ao festejar-se o anniversario da fundação da Associação dos Artistas de Coimbra, e offerecida á mesma Associação.

SYNOPSE GERAL DA CORRESPONDENCIA

(Expedida pela presidencia da Associação)

Agosto	4	Expediram-se 18 cartas para as camaras municipaes dos differentes concelhos do districto, participando-lhes que a exposição será reaberta em 16 de outubro do corrente anno.
»	5	Enviaram-se exemplares dos avisos para a 2.ª época a todos os administradores dos differentes concelhos do districto.
»	7	Igual remessa ás camaras municipaes dos concelhos do mesmo districto.
»	10	Carta ao marquez de Sousa Holstin, enviando-lhe as diversas obras de calçado, offerecidas pelo artista Antonio Fernandes Ervideira a suas magestades e altezas, a fim de serem entregues por por s. ex.ª áquelles augustos senhores.
»	11	Carta á direcção da companhia dos caminhos de ferro, em resposta á sua carta de 10.
Setembro	1	Carta para o dr. João Ignacio do Patrocinio da Costa.
»	29	Nova remessa dos segundos annuncios para as administrações e camaras dos diversos concelhos do districto.
»	30	Remessa de guias requisitadas pelo administrador do concelho de Soure.
Outubro	5	Cartas para Alexandre Maria de Campos, José Julio Cesar, Joaquim Alfredo Pessoa, e outros.
»	6	Cartas para o Visconde de Taveiro e Affonso Ernesto de Barros, membro do jury classificador.
»	8	Cartas para Francisco Abranches do Amaral Guerra, Miguel Osorio Cabral, dr. Francisco dos Sanctos Donato, Padre Antonio Noronha, e outros.
»	11	Cartas para Diogo Barata de Lima Tovar, e Abilio Roque de Sá Barreto.

Outubro 13—Cartas para os expositores, que não reenviaram os seus productos na a 2.ª época da exposição.

» 20—Carta de convite ao conselheiro Casal Ribeiro, por intervenção do dr. Antonio de Carvalho; dicta a Antonio Lopes Guimarães Pedrosa, pedindo-lhe que por si e por intervenção dos seus amigos, realise um ou dois concertos musicaes durante a 2.ª épocha da exposição; dicta para João Pedro Luizello, empresario da fabrica de vidros de Buarcos.

» 27—15 cartas de convocação para a reunião do jury classificador, neste dia.

» 29—Carta de convite para o encerramento da exposição, ás pessoas constantes da relação publicada a paginas 268.

Novembro 10—Carta para o conselheiro Mendes Leal.

Dezembro 5—Cartas de convite ás pessoas constantes da respectiva relação, para a distribuição dos diplomas aos expositores premiados.

DOCUMENTOS OFFICIAES

Intendencia pecuaria do districto de Coimbra. — Ill.mo sr. — A collecção dos productos agricolas exhibidos na exposição districtal, que a Associação dos Artistas de Coimbra ultimamente promoveu, não tendo correspondido aos desejos dos individuos que se interessam pelo progresso da agricultura do paiz, nem á espectativa dos que activamente cooperaram para abrilhantar aquella festa industrial, empregando os maiores esforços para serem alli dignamente representados todos os ramos das industrias d'este districto; deu logar a que a mesma associação resolvesse abrir de novo a exposição no proximo mez de outubro, a fim de facultar á classe agricola occasião mais propicia, para expor seus productos, do que a da primeira epocha da dicta exposição; concorrendo assim para o preenchimento de uma falta, cuja interpretação podia, até certo ponto, comprometter os merecidos creditos dos agricultores d'este districto, entre os quaes se conta bom numero de abastados e intelligentes proprietarios.

A illustração de v. s.ª por certo me dispensa de mostrar quanto seria inconveniente apparecer em outubro a secção agricola da exposição tão deficiente como esteve em julho; e bem assim a importancia que v. s.ª necessariamente liga á primeira de nossas industrias, evita as instigações que eu podia agora fazer, com o intuito de alcançar o valioso auxilio de v. s.ª na obtenção e remessa dos productos agricolas d'esse concelho.

Certo pois de que v. s.ª não duvidará cooperar para se tornarem sufficientemente proficuos os cuidados e diligencias empregados pela Associação dos Artistas de Coimbra na realisação de um certame industrial util, não só por dar a conhecer o estado das industrias agricola e fabril do districto, mas por fazer vingar, entre os productores, incentivos que promovam os melhoramentos e aperfeiçoamentos dos processos usados na producção, e portanto a perfeição e barateza dos productos; certo, digo, de que v. s.ª concorrerá para o bom exito d'esta tão util quanto arrojada empreza; tenho a honra de sollicitar de v. s.ª o favor de remetter para a dicta associação, até ao dia 10 de outubro proximo. os productos agricolas que houver obtido, e uma collecção completa dos que esse concelho produz, se os offerecidos pelos lavradores não podérem bem repre-

sentar a producção da agricultura nessa parte do districto; assim como os utensilios e outros objectos, que constam da nota juncta.

Deus guarde a v. s.ª—Intendencia pecuaria do districto de Coimbra ... de agosto de 1869. —Ill.mo sr. administrador do concelho de... — O intendente de pecuaria, *Gualdino Augusto Gagliardini.*

Identicas para os presidentes das camaras municipaes dos diversos concelhos do districto.

INDICAÇÃO DOS PRINCIPAES OBJECTOS QUE PODEM SER INCLUIDOS NA SECÇÃO DA INDUSTRIA AGRICOLA

I

MATERIAL AGRICOLA

Cortiços de abelhas, ordinarios ou aperfeiçoados
Gamellas para porcos
Bardos e redes
Cancellas, barreiras e fechaduras ruraes
Arados, charruas
Charruecas, labregos, etc.
Enchadas, pás, alviões
Sachos, sacholas
Ferramenta de jardinagem
Trilhos, manguaes, pás de aventar, ancinhos
Fouces, foucinhas, gadanhas, roçabouras
Machados, malhos, machadinhas
Corta-palhas, corta-raizes, atorçoadores
Machinas de escarolar o milho, etc.
» de joeirar
» de debulhar
Alcofas, golpelhas, ceirões, gigos, vindimos
Canastras, canastreis
Pipos, barris chatos
Odres, borrachas
Padiolas, carrinhos de mão
Balseiros, dornas, dornachos.

II

PEODUCTOS VEGETAES

NÃO CULTIVADOS

Espartos, bracejos, juncos, tabúas, piteiras, vimes

Lupulo
Barrilhas, fetos e outras plantas empregadas na extracção da potassa ou da soda
Iscas de cardo, etc.
Bagas de sabugueiro, etc.
» de zimbro
Cardo penteador.

PRODUCTOS FLORESTAES

Madeiras para construcções civis e hydraulicas
» » » navaes
Cortiças preparadas e não preparadas
Cascas textis
» empregadas nos curtimentos
» odoriferas
» corantes
» de uso medicinal
Sabugos, folhas e fructos bravos de uso industrial e medicinal.

PRODUCTOS ARVENSES

Trigo, milho, centeio, arroz, cevada, aveia, painço, milho miudo, sorgho, etc.
Fava, ervilha, feijão, grão de bico, lentilhas, chicharo, tremoço, etc.
Batatas, inhame, batata das ilhas, topinamba ou batata carvalha
Fenos — de luzerna, trevo, anaphe, sanfeno, e prados naturaes
Palhas — de trigo e de cevada
Bandeira de milho e de painço
Plantas oleosas — sementes de linho, de mostarda, papoula, nabo silvestre e de colza, etc.
» tinturiaes — ruiva, lirio dos tintureiros, pastel, assafrão, turnesol, etc.
» medicinaes — alteia, alcaçuz, papoula, etc.
Fructos oleosos — azeitonas, nozes, amendoas, etc.
» farinaceos — castanhas, bolotas, lande, alfarroba
Exemplares de enxertos e de espaldeiras.

PRODUCTOS MODIFICADOS

Cevadinhas, fructos descascados
Farinhas de cereaes — de trigo, milho, centeio, cevada, etc.
» diversas — de favas, ervilhas, lentilhas, castanhas, etc.
Feculas e glutens — de cereaes, de batata, dextrina
Massas alimentares — aletrias, macarrões, semulas e similhantes
Biscoutos, bolacha ordinaria e de embarque

Arrobes, xaropes
Vinhos tintos, brancos, licorosos, espumosos, seccos e abafados, maduros e verdes, geropigas, imitações de vinhos naturaes
» artificiaes — de laranja, de sorgho, de medronho, etc.
Aguardentes e alcools — de vinho, de figo, de alfarroba, de cereaes, de fructos diversos
Genebra, licores finos diversos
Azeite de azeitona, velho e novo, purificado ou natural
Oleos — de amendoa, e outros de uso industrial ou medicinal
Vinagre — de vinho, de fructos, artificiaes e aromatisados
Conservas em alcool — de pecego, ginjas e outros fructos
» em vinagre — de hortaliças, fructos diversos, condimentos, mostardas
» em assucar — de ameixas, pecegos, damascos, etc., cobertos ou em calda
Geleias e marmelladas
Figos, passas de uva, ameixa, pera, marmelo, etc.
Linhos, canhamos, pitas, amostras de algodão, etc.
Carvão, rolhas, palitos.

III

PRODUCTOS ANIMAES

Pellos, crinas, sedas, cerdas
Lãs — pretas e brancas, de pente e de carda, lavadas ou sujas
Casulos e seda dobada
Cera e mel
Couros — de boi, de cavallo, de vitella, de veado; em cabello, seccos ou espichados
Pelles — de cordeiro, de cabra, de cabrito, de coelho, de lebre, de lontra
Manteiga fresca
» salgada
Queijos — de vacca, de cabra, de ovelha e mixtos
Carnes para embarque, de porco ou de vacca
» salgadas e fumadas, — presuntos, toucinho, linguas de porco e de vacca
» ensacadas e fumadas, — chouriços de carne, chouriços ordinarios, linguiças, paios, salpicões, salame, chouriços de sangue, gordura e carne picada, chouriços mouros ou negrinhas, chouriços de farinha e gordura ou farinheiras.

IV

TRATAMENTO DOS ANIMAES E ANALOGOS

Systemas diversos de apeiragem, cangas, molhelhas, etc.
Instrumentos de tosquia e ferra
Ferraduras e canellos, cravos, etc.

V

PESCA E DERIVADOS

Azeite de peixe
Oleo de raia
Collas
Conservas em azeite,—sardinhas
» em sal,—pescadas, sardinhas, atum, etc.
» seccas,—enxovas, arenques, polvo
» em escabeche,—salmão, lampreia, mexilhões, trutas
Redes
Artes
Fisgas
Linhas e anzoes
Saí miudo e grosso e preparado para mesa.

N. B. As amostras de madeira em troncos com casca de $0^m,15$ de comprido e $0^m,08$, pouco mais ou menos, de diametro cada uma com sua etiqueta.

—As cortiças em amostras de $0^m,2$ de comprido por $0^m,1$ de largo, pouco mais ou menos, ou com as dimensões usadas no commercio, quando os expositores o julguem conveniente.

—Os cereaes em quantidades não inferiores a um litro.

—Os liquidos numa garrafa bem attestada, rolhada e lacrada, ou com capsula de estanho. Sempre que for possivel devem as garrafas ser de vidro claro.

Administração do concelho de Cantanhede, N.º 585 — Illmo e ex.^{mo} sr. — Tenho a honra de enviar a v. ex.ª a collecção dos productos agricolas, que pude obter neste concelho.

Não remetto amostras de vinhos por estarem ainda crus, e não ser a colheita d'este anno da melhor qualidade.

Deus guarde a v. ex.ª Cantanhede, 15 de outubro de 1869. — Illmo e ex.^{mo} sr. presidente da Associação dos Artistas de Coimbra. — O administrador do concelho, *José Luiz Ferreira Freire.*

CORRESPONDENCIA RECEBIDA

Ex.mo amigo, e sr. — Recebo a carta de v. ex.ª, e respondo que por deferencia e consideração que tenho por v. ex.ª, está á sua disposição alguma cousa que possuo: peço-lhe pois tenha o incommodo de vir por esta sua casa, para ver e escolher o que lhe convier. — De v. ex.ª amigo attento e venerador — *Alexandre Maria de Campos.*

Sua casa, 6 de outubro de 1869.

Ill.mo ex.mo sr. — Acabo de receber a carta de v. ex.ª, á qual me cumpre responder, que eu não me associo a pessoa alguma, que pretenda desvirtuar a exposição, a que v. ex.ª preside; não posso porém concorrer á segunda exposição, porque, tendo vendido parte dos objectos, que mandei á primeira, e não tendo tido tempo para mandar fabricar outros, por causa da feira de S. Bartholomeu, não me acho por isso habilitado a poder concorrer á segunda exposição; pedindo a v. ex.ª que acredite que são estes, e não outros, os motivos, que prendem a minha escusa. — Sou, como devo, de v. ex.ª muito obrigado — *José Julio Cesar.*

5 de outubro de 1869.

Ill.mo e ex.mo sr. — Pela obsequiosa carta, que v. ex.ª se dignou dirigir-me, deprehendo que não ignora o meu prolongado padecimento, do qual ainda com brevidade difficilmente me restabelecerei.

Collocado, pois, em um estado de saude summamente desagradavel pelo espaço de dois mezes, tem sido meu unico cuidado promover o meio de restabelecer-me, esperando de dia para dia um melhoramento, que ainda até hoje não pude obter; creia v. ex.ª que, por tal motivo, até os meus pequenos negocios se têm resentido, como em regra acontece quando falta quem os administre como propriamente seus.

É verdade, que, por occorrencias ás quaes somente eu dei logar, deixando-me levar por cousas de nenhuma importancia e em que andei menos reflectidamente, tinha deliberado não concorrer á segunda época da exposição; mas depois, pensando mais seriamente neste objecto, me pareceu mui racional olvidar todas aquellas oc-

correncias, por isso que, o que não tem remedio, de sua natureza está remediado.

Não é, por tanto, por influencia de algum mordaz, que eu deixo de concorrer á nossa festa, mas tão somente porque, não tendo quem me dirigisse os trabalhos na minha falta, era-me muito difficil expor novos productos, que podessem collocar-se a par dos que na primeira época apresentei, e mui principalmente porque tencionava agora representar o meu fabríco por differente fórma, com objectos de singeleza, baratos e de reconhecida utilidade, circumstancia que na primeira época não me occorreu.

Por este motivo espero que v. ex.ª me desculpará; e muito me obsequeia fazendo constar a causa de minha falta, desmentindo assim os boatos dos taes criticos, que tanta importancia arrogam a si.

Agradeço sobremaneira tantos obsequios, que tão prodiga e immerecidamente sempre v. ex.ª me tem dispensado; e permitta-me que me assigne, com o mais decidido respeito e alta consideração, de v. ex.ª servo inutil o mais obrigado — *Joaquim Alfredo Pessoa.*

Coimbra, 8 de outubro de 1869.

Ill.mo e ex.mo sr. — Agora mesmo acabo de receber a attenciosa carta de v. ex.ª, e não podendo satisfazer ao honroso convite de v. ex.ª, cumpre-me communicar-lhe o seguinte, quando expuz na primeira época da exposição dous lavatorios, declarei que um ficcaria temporariamente e outro somente por dias, por quanto tinha disposto do mesmo; mas se havia duvida em qualquer occasião retiral-o, nesse caso só expunha um. Responderam-me que não; e como não tivesse opportunidade em o enviar para o seu destino, senão depois da conclusão da exposição, fiz a devida entrega, e o outro na chegada a esta sua casa quebrou-se; se ainda assim julgar conveniente, está á disposição de v. ex.ª

É o quanto se me offerece participar-lhe, como devo.

Sou, com mais profundo respeito, de v. ex.ª, attento venerador e criado—*João Antonio da Cunha.*

Coimbra, 15 de outubro de 1869.

Ex.mo sr. — Em resposta á carta de v. ex.ª, como digno presidente da Associação dos Artistas e da exposição industrial d'esta cidade, cumpre-me dizer que, com a melhor vontade annuia ao convite de v. ex.ª, se acaso o fato que expuz estivesse ainda em meu poder, o que assim não acontece, por o ter vendido a um meu freguez.

Sou, com toda a consideração e estima, de v. ex.ª muito attento venerador e criado—*Manuel Abreu Pinto.*

Coimbra, 16 de outubro de 1869.

Ill.mo sr.—Recebi a carta de v. s.ª com data de 13 do corrente, e em virtude d'ella remetto umas amostras d'algumas especies do meu estabelecimento, as quaes não são as mesmas que ahi na exposição já estiveram, porque não sabia que ainda ahi deviam tornar a figurar; e não foram ha mais tempo por ter estado muito occupado.

Sou, com muita attenção e respeito, de v. s.ª criado muito attento venerador e obrigadissimo—*João Francisco da Silva.*

S. C., 16 de outubro de 1869.

Ill.mo sr.—Remetto a v. s.ª, para a exposição agricola, os productos constantes da respectiva guia, os quaes, finda a exposição, receberá meu sobrinho, o dr. Seiça.

São productos da quinta do Freixo.

Sou, com particular estima, de v. s.ª amigo, obrigado, affectuoso e muito venerador—*Vicente Ferrer Neto Paiva.*

Quinta do Freixo, 19 de outubro de 1869.

Ill.mo sr.—Por doente primeiro, e depois por excessivamente occupado, não tenho podido responder á carta de v. s.ª, de 6 do actual. Faço-o agora, e estou certo que v. s.ª me desculpará.

É certo que muito senti não ver a v. s.ª quando aqui esteve ultimamente, não só porque ha muito ambicionava conhecel-o pessoalmente, como tambem para ter occasião de fallar com v. s.ª sobre a sua filha querida—a exposição districtal. Não pôde, porém, ser assim: paciencia. Se eu ainda no corrente anno podér ir a essa cidade, ficarão satisfeitos os meus desejos, que com prazer vejo serem tambem os de v. s.ª

Não pude conseguir que d'aqui fossem novos productos para a segunda época da exposição. Creio que apenas o sr. Ignacio Lopes de Oliveira, artista intelligente, concorre d'aqui com novos productos.

Agradeço infinitamente os obsequiosos offerecimentos de v. s.ª, e felicito-me por me conceder a honra de contal-o no numero dos bons amigos, que tenho nessa cidade.

Eu, posto que para nada sirva, continúo á disposição de v. s.ª, e ser-me-ha sempre muito agradavel cumprir seus preceitos, pois sou, com cordeal estima, de v. s.ª muito attento venerador, amigo e obrigado—*Affonso Ernesto de Barros,*

Figueira, 19 de outubro de 1869.

Ex.mo sr.—Recolhendo hontem de Lisboa, onde estive desde o principio do mez corrente, encontrei uma carta do meu gerente na

fabrica de vidros de Buarcos, recommendando-me de mandar a essa exposição districtal, amostras dos productos da mesma fabrica: em virtude da minha ausencia, não pude satisfazer até os dias marcados para a recepção dos dictos productos; mas rogo a v. ex.ª, que se sirva dizer-me, não lhe causando incommodo, se ainda podem ser recebidos e expostos, pois que, pela affirmativa, promptamente os remetterei.

Sou, com toda a consideração, de v. ex.ª muito attento venerador e obrigadissimo criado — *João Pedro Luizello.*

Porto, 19 de outubro de 1869.

Ill.mo e ex.mo sr. — O sr. Casal Ribeiro visitará com muito gosto a sua exposição, e hoje mesmo, se v. ex.ª quizer.

De v. ex.ª attento venerador e criado muito obrigado — *A. de Carvalho.*

Coimbra, 20 de outubro de 1869.

Ex.mo sr. — Agradeço muito o seu obsequioso convite para o sarau musical d'esta noite na sala da exposição industrial; e de certo minha esposa e eu concorreriamos com muito gosto a esta festa, em que a v. ex.ª cabe a mais distincta parte, se a distancia, o tempo agreste, e sobre tudo os arranjos da minha mui proxima partida para Lisboa, me não inhibissem da satisfação de presencear o encerramento d'esta exposição, que tanto honra os que, como v. ex.ª, emprehenderam e levaram a cabo tão patriotico pensamento.

Aproveito, com muito gosto, esta nova occasião de lhe expressar estes meus sentimentos, e de me offerecer no seu serviço em Lisboa, como quem é de v. ex.ª amigo attento e muito obrigado — *José Maria de Abreu.*

Cidral, 31 de outubro de 1869.

Ill.mo sr. — Accuso a recepção do seu favor de 10 do corrente. Espero ainda ir, se o serviço publico então m'o permittir. Como v. s.ª avaliará, raras vezes posso dispôr de um instante.

Desejarei poder ser-lhe agradavel; pois sou com particular estima de v. s.ª affectuoso apreciador — *Mendes Leal.*

Lisboa, 14 de novembro de 1869.

Ex.mo sr. — Com prazer accedo ás ordens de v. ex.ª, approveitando a occasião de mostrar mais uma vez aos artistas de Coimbra e meus consocios a estima e elevada consideração em que os tenho.

Espero porém alcançar de v. ex.ª o favor de me guardar um dos primeiros logares da inscripção. — De v. ex.ª amigo muito obrigado — *Manuel da Assumpção.*

Coimbra, 14 de novembro de 1869.

Ex.mo sr. — Accuso a recepção do officio de v. ex.ª, datado de 13 do corrente, e agradecendo sobremaneira o seu convite, que muito me honra, cumpre-me participar a v. ex.ª que acceito de bom grado o logar que me reserva para assistir á sessão de 8 de dezembro de 1869, mas que não posso de fórma alguma prestar-me a fallar nessa noite. O motivo é o meu estado de saude, que de certo me impediria de levar a cabo uma oração. A minha falta, porém, estou certo não se tornará sensivel, quando oradores de tão subido nome se prestam a abrilhantar a festa que v. ex.ª prepara.

Rogo-lhe que, por este facto, não ponha em duvida a minha sympathia pela Associação dos Artistas, pois que diariamente me não recuso a dar-lhe provas do muito que a admiro e da alta consideração em que a tenho.

Deus guarde a v. ex.ª — Ex.mo sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, dignissimo presidente da Associação dos Artistas. — *Augusto Cesar de Sá.*

Coimbra, 19 de novembro de 1869.

APRECIAÇÃO DA IMPRENSA PERIODICA

E PARTE NOTICIOSA

Já é sabido que no proximo mez de outubro se abrirá novamente a exposição d'este districto de Coimbra. Quasi escusado será lembrar aos agricultores e industriaes a necessidade de virem tomar parte nesta festa popular.

A agricultura deverá ser alli dignamente representada, o que até aqui não podia ter logar, em razão de a epocha não ser propria para isso. Da mesma forma os industriaes poderão apresentar eguaes ou melhores productos do que aquelles que expozeram no mez passado. Não se allegará agora falta de tempo.

Esperamos do brio de todos, que não faltarão, como couber nas forças individuaes, a fazer honrar e acreditar esta cidade e districto.

Na primeira epocha da exposição foram numerosos os objectos expostos, que se venderam; e ainda muitos mais se venderiam, se os industriaes se convencessem de que as exposições não devem só constar de productos de luxo e caros; mas que convem que, a par da perfeição no fabrico, sejam commodos no preço, para serem accessiveis ás fortunas mais modestas.

Uma das razões principaes da exposição d'este districto, é para convencer o publico de que não é necessario ir a Lisboa e ao Porto para comprar os objectos do uso commum; porque se fazem aqui eguaes, e pelo mesmo preço d'aquellas localidades. É por tanto mister que os productos expostos satisfaçam a estas exigencias dos consumidores.

A maior parte dos que assim procederam, foram plenamente recompensados na primeira exposição; ao mesmo tempo que foram raros os objectos de preços elevados, que tiveram venda.

Sabemos, com toda a satisfação, que são muitos os industriaes que se preparam para a nova epocha da exposição; oxalá que todos sigam esse louvavel exemplo, e que mais uma vez esta cidade e todo o districto sáiam triumphantes de tão civilisador commettimento.

Conimbricense, 10 de agosto.

No proximo mez de outubro será novamente aberta ao publico a exposição districtal de Coimbra; e, sem sermos prophetas, ousamos affirmar

que estará mais completa e por isso ainda mais brilhante do que na primeira epocha.

Nós congratulamo-nos com os auctores de tão util pensamento, e confiados nelles esperamos que neste sentido serão empregados todos os esforços.

A energia, a actividade e a força de vontade, que alguns homens verdadeiramente progressistas empregaram para a realisação de tão fecundo pensamento, de certo não faltarão agora, depois que o primeiro resultado os encheu de gloria e satisfez quasi plenamente as aspirações dos que se interessam pela prosperidade e desenvolvimento de Coimbra.

Mas é preciso tambem que todos aquelles, que d'alguma sorte os podem secundar no seu trabalho, se empenhem do coração e os auxilem nesta grande conquista de civilisação.

É mister declarar guerra á indifferença, porque é a morte, e ao egoismo, porque é a destruição. É mister que todos se convençam que chegámos a uma epocha em que os povos só podem apresentar como titulos de verdadeira grandeza estas festas civilisadoras no templo das artes.

As nações brilham pelo desenvolvimento do commercio e da industria; e hoje é uma verdade quasi intuitiva, que as exposições são para isso um poderosissimo meio, pois que apuram o gosto pelas artes, pela industria e pela agricultura, excitando a emulação, que é a primeira origem das grandes obras.

Confiamos, por isso, que não succederá o mesmo que na passada epocha.

Houve tres concelhos, que não apresentaram um só producto!!! Não os queremos de novo apontar, para os não sujeitarmos outra vez a tão grande vergonha. Só lamentâmos que, apesar das circulares dirigidas aos srs. administradores, a sua influencia fosse tão diminuta ou o seu empenho tão fraco, que nem só um objecto se recebesse, para ao menos attestar ao publico os desejos d'aquellas auctoridades!

É que muitos administradores pensam que a sua missão é unicamente dirigir politica e administrativamente o concelho para que os nomearam; sem se lembrarem que tambem têm rigorosa obrigação de promover a prosperidade material e moral do povo, da qual de certo depende o melhor andamento dos negocios publicos.

Oxalá que elles agora emendem a sua falta, e procurem convencer os seus subordinados que devem accudir ao appêllo que novamente lhes dirige a Associação dos Artistas de Coimbra.

Temos fé que os expositores d'esta cidade tambem serão em maior numero, e que desapparecerão completamente algumas rivalidades, que, a não ser a firmeza dos iniciadores, poderiam ter prejudicado o bom exito da exposição.

Lembrem-se que com isso ninguem lucra, e que os primeiros a perder são os que procuram desconceituar os seus collegas, porque a opinião publica nunca é favoravel aos invejosos e aos pragnentos.

As exposições são um incitamento; a victoria só é illustre e honrosa neste campo. A aptidão e o talento artistico mostram-se com factos e não com palavras. Quem quizer vencer o seu adversario, procure executar com mais perfeição o trabalho do seu officio. Esta é que é a verdadeira lucta, sempre vantajosa e util para os que figuram nella.

Esperamos pois que, na segunda epocha da exposição districtal, os artistas de Coimbra e de todo o districto irão alli apresentar um docu-

mento cabal do seu talento e habilidade em trabalhos que os honrem e acreditem.

Contamos tambem que os srs. agricultores não se descuidarão de preparar os seus productos, para que a secção agricola represente fielmente a grande riqueza que neste genero tem o districto de Coimbra.

Tribuno Popular, 14 de agosto.

Assistimos no domingo a uma brilhante reunião, dada no salão da sociedade Terpsichore Conimbricense, em honra do seu illustre presidente.

O sr. Guilherme Augusto Pereira de Miranda, vice-presidente da sociedade, principiou a festa com um excellente discurso, que agradou muito. O nosso estimavel e intelligente patricio fallou primeiro da Associação das Artistas, que alli estava representda pelo sr. Olympio e pelo secretario; disse que a Associação está prestando innumeraveis serviços aos socios, e saudou-a em nome dos grandes principios da caridade e da fraternidade; elogiou o grande commettimento a que a Associação se abalançara, levando a cabo uma exposição districtal, que primára principalmente na parte industrial e archeologica; e lembrou que a Associação nunca deveria olvidar dois nomes, que eram a sua protecção e a sua gloria: o sr. Olympio, que, arcando com obstaculos immensos, têm sabido triumphar de todos elles, e o sr. barão de Louredo, que lá nas terras de Santa Cruz promove com continuados donativos a prosperidade d'aquella instituição.

Depois o sr. Pereira de Miranda disse algumas palavras a respeito do estado agricola do paiz, lembrando aos poderes publicos a necessidade de desenvolver e aperfeiçoar a agricultura, quanto possivel, por que nella está o futuro de Portugal; notou que a falta de instrucção era um dos maiores, se não o maior embaraço de seu aperfeiçoamento; e terminou com algumas outras considerações sobre tão importante assumpto.

O sr. Olympio, em nome da associação a que preside, agradeceu os elogios que lhe tinham sido dirigidos. *Tribuno*, 13 de outubro.

O sr. conselheiro José Maria do Casal Ribeiro foi na quarta feira de tarde visitar a exposição districtal no edificio de Santa Cruz.

S. ex.ª procedeu a um minuciosissimo exame de tudo, nos differentes ramos de que se compõe a exposição.

Como verdadeiro apreciador ia s. ex.ª notando as bellezas e os defeitos dos objectos expostos, e mostrava-se muito satisfeito em ver o progresso que esta terra tem feito, tanto no ramo industrial como no agricola.

Tambem s. ex.ª avaliou merecidamente muitos dos objectos expostos na secção archeologica, a que den muita apreço.

Acompanhavam o sr. Casal Ribeiro os dois filhos de s. ex.ª, que vem nesta cidade proseguir nos seus estudos; e egualmente ia em sua companhia o sr. dr. Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos.

O sr. Casal Ribeiro, ao terminar a sua visita á exposição, o que levou perto de duas horas, deu os parabens ao sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes pelo feliz resultado dos seus esforços e das pessoas que o tinham coadjuvado nesta festa do trabalho.

A visita do sr. Casal Ribeiro á exposição districtal de Coimbra foi altamente lisonjeira para todos os que devéras se interessam pelo bom credito da nossa Coimbra.

Tambem entre as pessoas, que têm ido visitar a exposição, folgámosde ver hontem alli o distincto escriptor o sr. Albano Affonso de Almeida Coutinho.

S. ex.ª levou o seu interesse pela exposição não só a examinal-a detidamente de tarde, mas a voltar á noite a vel-a de novo.

O sr. Albano Coutinho, como amador apaixonado, que é, pela agricultura, fez por occasião da sua visita á exposição mui sensatas considerações ácerca das nossas cousas publicas e do abandono a que os governos têm deixado entregues os interesses agricolas.

Apreciadores como o sr. Albano Coutinho honram a exposição do districto de Coimbra. *Conimbricense*, 23 de outubro.

Está muito animada de productos das industrias agricola e fabril, e não menos de objectos raros, a segunda época da exposição districtal, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra; e, se não fossem os *despeitados*, que se empenharam para que muitos dos expositores da 1.ª época não accedessem ao convite que lhes foi feito, muito maior podia, e devia ser, a secção industrial. Mas, não obstante todos esses esforços, e apesar do *terror panico* malevolamente espalhado, a exposição está digna de ser vista, e já foi observada por grande numero de visitantes, que todos sahiram satisfeitissimos.

Na s cção archeologica acham-se, dignos de especial attenção, alguns objectos de raro merecimento artistico e de elevado valor, expostos por diversos cavalheiros da maior respeitabilidade, que não duvidaram confiar á Associação o deposito de taes objectos.

Vemos alli um quadro, que se diz ser de Raphael, representando a *Familia Sagrada*, e cuja moldura, de grandes dimensões, é toda da melhor tartaruga. Basta este quadro para o visitante se demorar algum tempo a examinal-o e a admiral-o.

Um *descimento da cruz*, feito de pau de bucho, numa só peça, tem causado a admiração dos visitantes.

Os variados objectos de prata, de ricos lavôres e de não pequeno tamanho, obrigam os visitantes a examinal-os por muito tempo.

Alguns outros quadros, cujas pinturas revelam o mais atilado estudo artistico, têm feito com que os visitantes se demorem na exposição.

Especificar todos os objectos expostos na secção archeologica, não o permitte o espaço de que hoje podemos dispor: por isso convidamos o publico a vel-os e a examinal-os.

Não menos importante, e até muito superior á primeira epocha, está a secção agricola.

Augmentou o numero dos expositores, augmentando tambem e até variando abundantemente os productos expostos, o que tudo fórma a mais preciosa collecção, digna de ser observada com a mais minuciosa at-

tenção; e ainda ultimamente o ex.mo conselheiro Vicente Ferrer Netto Paiva, que tambem quiz honrar a Associação dos Artistas, tomando parte na exposição, enviou para ella alguns productos da sua quinta do Freixo, proxima da Louzã.

A secção industrial, se não está tão abundante de productos como na primeira epocha, acha-se comtudo digna de ser visitada, pelos importantes trabalhos que alli vemos executados pelos nossos melhores e mais acreditados artistas.

As classes dos marcineiros, sapateiros, chapeleiros, pintores, correeiros, serralheiros, pharmaceuticos, violeiros e outras, estão nella devida e ricamente representadas. O vasto salão da Associação está quasi todo occupado com os muitos objectos expostos; e poucos mais bastarão para que os visitantes se vejam a cada momento embaraçados no transito.

Consta-nos que no proximo domingo, ámanhã, haverá musica num dos locaes da exposição, indo alli tocar a benemerita philarmonica *Boa-União*, que espontaneamente, e livre de qualquer recompensa, se digna abrilhantar esta festa artistica, onde tudo é trabalho, e por consequencia *riqueza*, *virtude e vigor*.

Tambem consta que haverá alguns concertos musicaes; o que bastante conveniente se torna.

A exposição já foi visitada, na quarta feira á noite, pelo ex.mo sr. Casal Ribeiro, socio honorario da Associação dos Artistas, que ao seu presidente dirigiu expressões benevolas e attenciosas pelo progresso das artes no districto de Coimbra, e pelo credito e bom nome da classe industrial da terceira cidade do reino.

Oxalá, pois, que os esforços da Associação sejam, como nós desejamos, coroados do mais feliz exito. *Tribuno Popular*, 23 de outubro.

Productos pharmaceuticos, chimicos e photographicos

Visitámos a exposição, e notámos por digno de verem-se os objectos expostos pelo sr. Ferraz, pharmaceutico, estabelecido nesta cidade desde 1858. É admiravel o apuro dos seus productos pharmaceuticos, chimicos e com applicação á photographia.

A falta de esclarecimentos inhibe-nos de apresentar hoje uma noticia mais desenvolvida dos 200 objectos expostos por aquelle senhor, o que faremos em um dos proximos numeros. *Paiz*, 22 de outubro.

O limitado espaço de que dispomos não nos permitte que examinemos minuciosamente cada um dos productos expostos pelo sr. Ferraz: fallaremos ligeiramente dos que nos pareceram mais notaveis.

Oleo de figado de bacalhau purificado.

A julgarmos pela boa apparencia, que se nota neste producto, podemos dizer que o meio de purificação empregado pelo expositor dá um preparado, que se nos figura não inferior aos oleos conhecidos no commercio, de Chevrier, Hogg, e Jong'hs.

Na preparação de xaropes medicinaes destingue-se notavelmente o apuro d'esta ordem de medicamentos — o xarope de seiva de pinho

maritimo, o de quina e ferro, o de iodureto de ferro, o de Gibert, de balsamo de Tolú, de hypo-phosphito de soda e de cal, e de musgo e jujubas, formam uma collecção muito digna de ver-se.

O xarope de musgo e jujubas, se a memoria nos não falha, tem sido annunciado neste jornal e noutros do paiz, tendo hoje um consumo grande em todo o reino e ainda no Brazil.

Nos productos chimicos e photographicos figuram alguns saes bem crystalisados, e vernizes usados em photographia.

Se os vernizes inglezes de Lamers, e os francezes da casa Sochnée Frères, se distinguem pela sua pureza, os do sr. Ferraz não são de menos valor.

Pode dizer-se que esta especie de industria não está explorada no nosso paiz. Os productos empregados nas nossas photographias são todos de origem ingleza, franceza, ou allemã; e bom seria que o sr. Ferraz dirigisse os seus trabalhos, desenvolvendo a fabricação de taes productos em grande escala. *Paiz*, 26 de outubro.

Os dôces medicinaes de naphé d'Arabia, de liriodendrum tulipifera, d'extracto de carne e pepsina, de santonina, e d'extracto hydralcoholico de monesia, expostos pelo sr. Ferraz, offerecem muita originalidade.

Sendo o assucar intermedio para varias formas medicamentosas, como as pastas solidas, saccharuretos, confeitos e outros preparados pharmaceuticos, serviu se o expositor com felicidade do assucar para formar os seus dôces medicinaes.

Pode reputar-se um bom meio de administrar medicamentos, meio que julgamos novo, e que tem todo o valor, jámais quando o medico tem de indicar medicações a pessoas de tenra edade.

Se porém, em muitos casos, esta forma pode servir com superioridade a muitas outras já conhecidas, temos de notar que muitas vezes tambem tal meio se deverá abandonar sempre que corpos mais ou menos amargos entrem na composição dos doces medicinaes.

O conhecido amargo do liriodendrum tulipifera não pode tolerar-se sendo administrado pela forma exposta pelo sr. Ferraz: seria melhor que este meio tivesse de ser empregado sempre que substancias sem sabor desagradavel tivessem de formar a base d'esta ordem de medicamentos

Nos objectos expostos ainda se admira o oleo de figados de bacalhau com iodureto de ferro, o mesmo oleo com quinina, a tinta de marcar roupa, a tintura portugueza para pintura dos cabellos, a pasta de musgo islandico, o tafetá gommado, as capsulas de matico, de sulfato quinino, e valerianato de quinina, o elixir de Richard, o saccharureto de pyrophosphato de ferro e soda, o phosphato de ferro soluvel de Lerás, a pommada para lustro dos cabellos, a agua de colonia nacional.

Não só na tintura portugueza, mas tambem no phosphato de ferro soluvel de Lerás, está indicado um preço limitado para os consumidores, quando se compara com o custo d'estes mesmos objectos vindos do estrangeiro.

A agua de colonia offerece sua novidade, porque os oleos essenciaes, que lhe dão o aroma, são obtidos de plantas colhidas nos suburbios ou arrabaldes de Coimbra.

Para descrever cada um dos artigos expostos, teriamos de roubar grande espaço ao nosso jornal, e por esta razão ultimamos esta rapida noticia com as seguintes palavras — Os objectos fabricados pelo sr. Ferraz dão muito credito ao expositor, e honram a exposição conimbricense. *Puiz*, 2 de novembro.

Tivemos o prazer de assistir á festa dos artistas na sala da respectiva associação.

Festejava-se alli, a um tempo, o anniversario natalicio do senhor D. Luiz I e o encerramento da exposição districtal.

O tempo correu agradavelmente desde as 7 ás 10 horas da noite. A orchestra executou com mestria excellentes peças; e o academico sr. Manuel Ferreira Cardoso teve bastantes e merecidos applausos pelas harmonias da sua flauta.

Num intervallo da musica, fallou o digno presidente da associação, o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, annunciando o encerramento da exposição, e agradecendo a varios individuos e corporações o auxilio e cooperação que lhe prestaram para que a exposição se tornasse digna de ser visitada pelos mais escrupulosos apreciadores, e por pessoas da maior consideração.

A pedido do mesmo sr. Olympio, recitou a ex.ma sr.a D. Amelia Janny a sua conhecida e festejada composição poetica — *Progresso*. Admirámos mais uma vez este genio tão explendido como modesto, que só muito de longe nos delicía com as suaves harmonias da sua musa.

Aos que ainda não conhecem a poesia alludida, desejavamos nós apresental-a aqui na íntegra. Escaceia-nos o espaço; mas não resistimos á tentação de transcrever aqui a primeira estrophe do poemeto:

«Progresso! palavra magica,
seductora, eterna fada!
a tua vara encantada
faz mil prodigios surgir!
Quem te nega, foge pallido
ante o poder de teu braço,
que transpõe e vence o espaço,
rasgando o seio ao porvir!»

O *Progresso* é uma poesia cheia de fogo e vida; e raramente a valentia da phrase e o varonil da expressão se revelam tão espontaneamente num talento feminino.

Houve concorrencia de damas, e espectadores de consideração, entre os quaes se via o sr. visconde de Villa-Maior, reitor da Universidade.

D'aqui felicitamos a Associação dos Artistas, e muito especialmente o seu zeloso e energico presidente, não só pelo explendor da festa com

que nos brindaram, senão tambem por haverem tão briosamente levantado aos olhos do paiz os creditos da nossa industria.

Paiz, 2 de novembro.

No domingo teve logar o encerramento da exposição d'este districto de Coimbra.

De tarde a philarmonica *Boa-União*, para tornar mais attrahente a concorrencia dos visitantes, foi briosamente tocar para a parte superior do claustro do Silencio.

Á noite houve um brilhante concerto no salão da Associação dos Artistas, onde se achava exposta a secção industrial. A concorrencia, tanto de senhoras, como de cavalheiros, era numerosa.

O sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, em um breve, mas conceituoso discurso, depois de mostrar as vantagens das exposições, e as difficuldades com que houve a lutar para levar a effeito a d'este districto, agradeceu a todas as pessoas e corporações que tinham coadjuvado este arrojado commettimento; e terminou pedindo licença a todos os cavalheiros, que compuzeram a commissão de archeologia, e as commissão classificadora, para inscrever os seus nomes entre os dos socios honorarios da Associação dos Artistas.

A orchestra era composta dos melhores artistas e curiosos, que ha nesta cidade, para os quaes são poucos todos os louvores.

Principiou a orchestra pela symphonia da opera *Lucia de Lamermoor*, de Donizetti.

Seguiu-se um dueto para flauta e piano sobre os motivos da opera *Lucia*, pelos srs. Manuel Ferreira Cardoso e Manuel Messias Mendes Fragoso.

Na segunda parte tocou a orchestra a symphonia da *Traviata*, de Verdi.

Seguiu-se depois o dueto de flauta e piano da opera *Lucrecia Borgia*, de Donizetti, pelos srs Ferreira Cardoso e Fragoso.

A terceira parte constou de uma valsa, e uma schotich, pela orchestra.

Todas as pessoas que compunham a orchestra se desempenharam perfeitamente; mas, não podemos deixar de especialisar o sr. Manuel Ferreira Cardoso, na flauta, que tocou com um mimo verdadeiramente admiravel. O publico bem lhe mostrou que devidamente o apreciava, applaudindo-o calorosamente.

A distincta poetisa, a ex ma sr.ª D. Amelia Janny, dignou-se recitar a sua linda poesia — *Progresso* — que muito agradou, tanto pelos bellissimos pensamentos d'aquella sua composição, como pela maneira como foi recitada.

Todas as pessoas que assistiram a esta festa, sahiram muito satisfeitas pelo modo agradavel e regular com que tudo correu.

Conimbricense, 3 de novembro.

Tivemos aqui hontem explendida festa, que nos offereceu a Associação dos Artistas. Foi o encerramento da exposição districtal. O sr. Olympio Fernandes, presidente da Associação, pronunciou um bello discurso, agradecendo a varios individuos e corporações o auxilio que lhe prestaram. A sr.ª D. Amelia Janny recitou a sua excellente poesia denominada —

Progresso. Foi espantosa a concorrencia de espectadores a este solemne acto. Esteve presente o sr. visconde de Villa Maior, reitor da Universidade.

Gazeta do Povo, 4 de novembro.

Com summo prazer noticiamos aos nossos leitores, que o sr. ministro dos negocios estrangeiros e eminente litterato, Mendes Leal, virá assistir á solemnidade da distribuição dos premios aos concorrentes á ultima exposição districtal, e aos alumnos das aulas da Associação dos Artistas, que mereceram ser contemplados com o diploma de merito.

O sr. Mendes Leal dá assim uma prova de consideração e apreço a uma instituição tão sympathica, bem como a esta cidade.

Tribuno Popular, 10 de novembro.

O sr. barão do Louredo communica-nos o seguinte:

O ocio é o maior dos deficits.

MENDES LEAL.

Mar, e terra, ar, e céu, tudo lida:
Deus a todos poz luz e deu mãos;
Lei suprema o trabalho é na vida:
Trabalhar, trabalhar, meus irmãos.

CASTILHO.

A exposição de 1869 em Coimbra deu uma nova era a esse districto. Foi uma grande ideia dos artistas, posta em execução pelo seu digno presidente.

Oxalá que a industria saiba aproveitar esse impulso, e o governo lhe proporcione meios de exportação.

Nesta data recommendo ao ex.mo sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, para comprar um relogio de torre, exposto pelo sr. Mattos, da Figueira da Foz.

Barbacena, 12 de outubro de 1869.—*Barão do Louredo.*

Conimbricense, 16 de novembro.

O sarau na Associação dos Artistas

Já foi encerrada a exposição districtal, essa pagina soberba, que a Associação dos Artistas de Coimbra juntou á sua historia, tão rica de ousados commetimentos, qual mais valioso e mais nobre. O encerramento foi solemne como o tinha sido essa festa verdadeiramente artistica, que, apesar do seu modesto programma, se apresentou pomposa, rica de galas e de enfeites, repleta de valiosos productos, que jámais se pôde sonhar serem encontrados em tão pequeno tracto de terra.

Os zoilos, esses entes antisociaes, que, apesar da sancta luz da civilisação e do progresso, se debatem ainda aferrados ás suas ideias velhas e carunchosas, esses mesmos curvaram a cabeça, e, mau grado seu, saudaram ainda uma vez essa instituição maravilhosa, que deviam ado-

rar como o maior elemento para a civilisação da terra, que lhes deu o berço.

Astrologos de repertorio, haviam sonhado, mesmo acordados, desgraças e miserias, que não vieram. Visionarios, previram cataclysmos impossiveis; parvos, escutaram boquiabertos os applausos da multidão, que saudava a ultima festa artistica como um acto digno d'este seculo e um passo gigante para o engrandecimento do paiz.

Nem sempre lhes podia ser favoravel a má indole, socia inseparavel d'essas ideias vetustas, que se rebellam contra tudo que póde apresentar uma forma nova, engrandecer, ou civilisar.

A Associação dos Artistas, esse templo do trabalho em que hoje cada pedra está sendo o monumento, que ha arrojado ao meio de Portugal um nome, que se admira, por ser rico de glorias, que se traduzem na sua prosperidade rapida, mostrou ainda uma vez a força produzida pela união. A festa foi grandiosa; o acto final não lhe foi inferior.

Ao perfume das flores, ás galas que se ostentavam no salão, aliaram-se ainda festejadas intelligencias, para mais espontaneos tornarem ainda os applausos d'um publico, que, comprehendendo a indole da Associação, se curvára respeitoso perante a realeza do trabalho.

Nas galerias via-se um subido numero de senhoras, as auctoridades principaes e as mais qualificadas pessoas de Coimbra.

Na orchestra encontravam-se muitos academicos. É que á mocidade anda annexa a grandeza d'alma; e os filhos da sciencia têm orgulho em se mostrar artistas, para que o seu exemplo incite e anime os que por brazão só têm o trabalho.

O sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, encerrou a exposição, agradecendo e elogiando ás pessoas que o tinham coadjuvado; e então os sons da musica echoaram na sala. A escolha das peças era boa e o desempenho foi magistral.

Seguiu-se o distincto academico, sr. Manuel Ferreira Cardoso, que tocou em flauta uma phantasia de Luigi Rezonico: — *Il Lombardi* — e pouco depois uma outra de Giullio Briccialdi — *Lucrecia Borgia*.

Se o sr. Ferreira Cardoso não tivera já firmada uma solida reputação como flautista, diria ainda que era admiravel. Alli allia-se o gosto ao sentimento e este ao mimo e á correcção.

Eu nunca tinha tido a felicidade de o escutar; á primeira senti a alma como presa aos sons maviosos e tristes, que modulava, tão cheios de sentimento e tão repassados de saudade. E, como a minha, que d'almas eram presas!... Que o digam os applausos ferventes da multidão, applausos que nasciam espontaneos, arrebatados, representando a mais solemne saudação ao genio, a mais subida admiração pelo talento.

A noite de domingo ultimo deverá ser no futuro para o sr. Ferreira Cardoso uma grata recordação da sua passagem em Coimbra, e um testemunho para maiores commettimentos se é que d'elle precisa quem, apesar de tanto talento tudo têm feito para tão joven ser saudado com tanto ou mais enthusiasmo do que esses apregoados artistas, que do estrangeiro se dignam entrar em Portugal, precedidos d'uma fama bem maior que o paiz que visitam.

Para mais completo tornar o sarau, e mais solemne e saudosa recordação deixar de si, o sr. commendador Ruy Fernandes sollicitou da sr.ª D. Amelia Janny a graça especial de recitar a sua linda poesia — *Progresso.*

O Progresso é uma poesia, mimosa pela dicção, rica de verdades e cheia de sentimento. É uma poesia que se applaude pelo que é e pelo muito que vale; que se admira pela sua natural ligação; e que se não escuta sem que as lagrimas nos humedeçam os olhos.

A sr.ª D. Amelia Janny foi muito applaudida. S. ex.ª recíta com muito mimo e maior correcção; e o publico conimbricense applaude sempre a mimosa poetisa do Mondego, que é innegavelmente uma das suas maiores glorias.

Assim findou uma festa grandiosa e solemne pelo seu valor intrinseco e pelo muito que representava.

Razão tinha eu de mais, quando ha dois annos annunciava um glorioso porvir a Associação. Folgo de não poderem ja hoje, como então, chamar-me ousado, porque a prophecia realisou-se, e o futuro, tenho fé, não desmentirá de certo o que então asseverei.

Glorias, applausos, grandezas são nada; não m'o repitam, que eu bem o sei; mas hão de sempre valer muito no mundo, onde, apesar das monstruosas ideias socialistas, ha e hão de haver sempre na sociedade duas camadas distinctas pelos seus costumes e pelo seu viver. Qual d'ellas é a mais nobre, não me compete dizel-o. Numa e noutra ha realesas, numa e noutra segredos e dramas intimos, que é difficil prescrutar. Decida quem quizer ou souber. *Tribuno*, 3 de novembro.

ADVERTENCIA

As relações, que vão seguir-se, são o additamento ás que já foram publicadas nas differentes secções, por terem estes expositores vindo só na 2.ª época.

SECÇÃO DA INDUSTRIA EXTRACTIVA

Albino José de Freitas e Almeida, da Ega — Sete amostras de marmores[1], extrahidas das suas pedreiras.[2]

[1] Offerecidas ao muzeu de Coimbra, depois de figurarem na exposição distrital.

[2] Espessura e comprimento das pedras, que poderão ser tiradas dos bancos:

1.ª Comprimento 50 a 80 centimetros; largura 50 a 60 centimetros; espessura 25 a 32 centimetros.

2.ª Comprimento 2 metros ou mais; largura 1 metro ou mais; espessura 1 metro.

3.ª Comprimento 1 metro e 80 centimetros; largura 75 centimetros; espessura 22 a 30 centimetros.

4.ª Comprimento 1 metro ou mais; largura 1 metro; espessura 1 metro.

5.ª Comprimento 1 metro; largura 1 metro; espessura 1 metro.

6.ª Comprimento 2 metros; largura 75 centimetros; espessura 22 a 30 centimetros.

7.ª Comprimento 3 metros; largura 2 metros; espessura 1 metro e 20 centimetros.

SECÇÃO DA INDUSTRIA FABRIL

Julio Braz de Lemos, da Figueira da Foz — Descalçador mechanico, feito de madeira de nogueira e metal amarello. (1.ª)[1]

D. Maria José de Figueiredo da Cunha e Napoles, de Goes — Têa de panno de linho. (4.ª)

João de Jesus, de Coimbra — Peanha e cruz de pau preto, para um crucifixo. (4.ª)

José Maria de Jesus e Almeida, de Coimbra — Guarda vestidos, folheado de erable (madeira franceza), guarnecido de páu preto; estante de madeira de cerejeira. (3.ª)

Emygdio Maria da Fonseca, de Lorvão — Amostras de palitos para os dentes. (4.ª)

D. Jesuina de Albuquerque Sousa Seabra, de Coimbra —Têa de panno de linho; dita de estôpa; dita de brim.

João Guedes Coelho da Silva, de Coimbra — Cinco pares de calçado, expostos de novo.[2]

Antonio Cardoso Borges de Figueiredo Junior, de Coimbra — Coberta de cama e toalha de linho e algodão.

Joaquim Esteves, de Coimbra — Quatro malas de viagem e duas cadeiras de dobrar.[2]

José Theotonio Cesar da Maia, de Coimbra — Par de botins altos. (4.ª)

Francisco dos Santos Ferreira, de Coimbra — Onze pares de tamancos (2.ª)

Joaquim dos Santos Gonçalves, de Coimbra — Meia cómmoda de madeira de nogueira. (4.ª)

José Mendes da Silva, de Coimbra — Toucador; pregadeira estofada.

José Maria Mesquita, de Coimbra — Descanço de metal amarello, para ferro de engommar, feito por José Pedro de Jesus.

[1] É a classificação definitiva, que fica pertencendo ao expositor, em substituição da que foi inscripta a pag. 150.

[2] Classificado na 1.ª época.

Antonio Diniz de Carvalho Junior, de Coimbra — Fogão pequeno de ferro, para cosinha. (4.ª)

João Arsenio Freire, de Coimbra — Dois chapéus altos; de pêllo de seda; cinco ditos baixos, de feltro. (1.ª)

Asylo da Infancia Desvalida, de Coimbra — Duas camisas e um travesseiro, feitas pelas alumnas do dito asylo.

Jerduvina Pinto de Paula, de Coimbra — Toalhas, travesseiros, guardanapos e coberta de cama, de algodão e linho.

Joaquim Gonçalves Fino, de Coimbra — Cama á franceza; toucador; lavatorio; banquinha de cabeceira.[1]

José Luiz Ferreira Freire, administrador de concelho de Cantanhede — Telha de cordinha[2]; tamoeiro[3]; tamancos[4]; linha branca[5]; linha azul[6].

Maria da Piedade Severina, de Castello Viegas — Tres cobertas, duas toalhas e uma coberta de berço.[1]

Manuel Martins, de Coimbra — Chapéus de feltro. (3.ª)

Francisco Maria de Sousa Nazareth, de Coimbra — Caixa de páu preto, entalhada

Camara municipal do concelho de Penacova — Amostra de palitos para os dentes[7]; cesta redonda[8]; cal em pedra.[9]

[1] Classificado na 1.ª época.

[2] Custa o milheiro no forno 2$400 réis; o transporte para aMealhada importa em 240 réis.

[3] Custam 1$200 réis: fabricam-se na Pocariça, e vendem-se em todos os mercados d'este concelho; o que se remetteu é do sr. Manuel Ferreira Carmellos.

[4] Fabricam-se em grande quantidade na Pocariça; as amostras que se remettem são do estabelecimento do sr Alexandre da Silva Galvão.

[5] Custa a 1$800 réis o kilo; é a principal industria d'aquella villa.

[6] O preço de cada kilo é 1$200 réis.

[7] Foram premiados na exposição internacional de Paris em 1855. É uma boa industria; e podia ser optima, se não fôsse a fraude de alguns paliteiros, que a desacreditaram no paiz e no estrangeiro, para onde se pediam já muitas encommendas no valor de alguns contos de réis. Hoje está em decadencia. Emprega se no fabríco a vergontea de salgueiro branco e chonpo de dois annos.

[8] Feita por José Joaquim Carvalho. Pelo consumo, que se faz em Coimbra e noutras localidades, de cestas de todos os tamanhos e feitios, alem das que se vendem na localidade, se pode ajuizar das muitas pessoas que se empregam nesta industria, sendo d'este concelho o maior numero d'ellas. Emprega-se no fabríco a vara de castanho dos soitos de talhadia.

[9] Ha neste concelho differentes fornos de cal, muito superiores aos

José Candido Martins, de Coimbra — Pacotes de pêllo preparado para toda a qualidade de chapéus de feltro.

D. Rachel Augusta, de Coimbra — Recortes de papel para caixas de doce. (4.ª)

Antonio João, das Torres — Duas meadas de barbante, e uma dita de corda. (3.ª)

Serafim Martins Ferreira, de Coimbra — Dois regallos de carneira, estofados e com pelles, para os pés.[1]

José Marques Lourenço Junior, da Pocariça — Beserro cortido. (4.ª)

Carolina Lacerda, de Coimbra — Sete rodilhas de tiras de panno.

Antonio Vieira, preso na cadeia de Santa Cruz — Gaiola de arame.

Joaquim de Carvalho Porto, de Coimbra — Dois toucadores com lavatorio [1]

José Simões da Purificação, de Coimbra — Celha de madeira.

Antonio Bernardes Gallinha, de Coimbra — Cama de fero; grade para janella de sacada. (1.ª)[2]

Numero de expositores nesta secção 34.

de Coimbra; a que se expõe é do forno de Manuel dos Santos Laço, de Sernelha, freguezia de Figueira de Lorvão, que a tem vendido no forno a 2$300 réis o metro. Consome-se no concelho, e ainda tem ido alguma para Coimbra.

[1] Classificado na 1.ª época.

[2] É a classificação definitiva que lhe fica pertencendo.

SECÇÃO DE BELLAS ARTES E PRENDAS

D. Maria Christina de Napoles, de Goes — Lenço de cambraia, bordado a branco. (2.ª)

José Cardoso de Figueiredo Nogueira, residente em Coimbra — Mesa de pedra, em ponto pequeno, ornada. (4.ª)[1]

Francisco Xavier de Carvalho, do Sebal Grande — Coberta de algodão, bordada a crochet.

Delfina Rosa Ferreira, de Coimbra — Travesseira bordada a crochet. (4.ª)

Abel Augusto de Campos, de Coimbra—Coberta de relêvo.

Dr. Manuel Xavier Pinto Homem, de Coimbra — Coberta de algodão, para cama, bordada a relevo.

Possidonio da Silva Alves Brandão, de Coimbra — Retratos e paizagens.[2]

Moura e Sá & Sobrinho, de Coimbra — Presepio com um Menino Jesus.

Francisco José de Paulo, de Coimbra—Imagem de Christo; dita de Nossa Senhora da Conceição; dita de Nossa Senhora da Soledade.

Felicidade Perpetua Arede, de Coimbra — Coberta para cama, bordada a crochet.

Antonio Augusto Lopes Portugal, de Coimbra — Quadro á penna; dito a craião. (4.ª)

D. Rachel Adelaide de Azevedo de Pinho, de Coimbra — Coberta de algodão, para cama, com renda e borlas.[2]

Manuel Augusto da Cunha Novaes, de Coimbra — Quadro caligraphico com varias imitações.[2]

Augusto Mendes Simões de Castro, de Coimbra — Treze vistas photographicas de monumentos de Coimbra.

D. Maria da Piedade Monteiro, de Poiares — Vestido do Menino Jesus, de seda, bordado a ouro. (4.ª)

[1] O manufactor é João Cação de Lemos, de 13 annos de edade, natural de Buarcos, que não tem principios de desenho, e ao qual pertence a classificação.

[2] Já foi classificado.

Domingos Antonio de Freitas, de Coimbra — Retrato a oleo, do expositor.

Collegio Ursulino de Coimbra — Bordado a fróco; lenço de cambraia.[1]

Francisco Solano Ansuatigni, de Lima, capital do Perú, e residente em Coimbra — Dois quadros de flores, pintados em papel.[1]

João Pedro Fernandes Thomaz Pippa, da Louzã — Quatro quadros de paizagens, a oleo [1]

Maria José da Conceição, de Coimbra — Quadro em relevo, de cortiça, e ornatos imitando o natural, representando um monte e um castello. (4.ª)

Numero de expositores nesta secção 20.

[1] Classificado na 1.ª época.

SECÇÃO DA INDUSTRIA AGRICOLA

Administrador do concelho de Cantanhede, José Luiz Ferreira Freire.[1] — (1.ª)

Albano Coutinho, da Bairrada — 1.º grupo, milho; 4.º grupo vinho. (2.ª)

André Barreto Chichorro, de Goes — 4.º grupo, vinho. (4.ª)

Anthero d'Aguiar Frazão Soares, de Alfarellos — 1.º grupo, trigo e centeio[2], milho e feijão[3], batatas[4]; 5.º grupo, azeite[5]. (3.ª)

[1] Vide adiante a relação dos productos expostos.

[2] Tremez e centeio. Em terrenos bons, de 5 ares e 10 centiares, pode produzir 146 litros e 30 centilitros de trigo tremez. Em terreno do monte varía conforme a natureza do terreno, e da corrente do anno. Foi attacado da molestia, e por isso deu meia producção, o que não acontece nos annos regulares; as muitas chuvas deram este resultado.

[3] Milho amarello gatanho; feijão rajado, frade, branco e feijoca, produzidos em terrenos situados na freguezia da Alfarellos, e que são do expositor. Em terreno bom 5 ares e 10 centiares podem produzir 146 litros e 30 centilitros de milho. Em terreno do monte varía conforme o corrente do anno, e a natureza do terreno.

O expositor usa ha dez annos da semente d'este milho, tanto nas sementeiras temporãs como serodias; o seu desenvolvimento é mais rapido, e resiste mais ao tempo da estação da primavera e estio; produz com vantagem superior ao milho branco e amarello d'outra especie: o carolo é delgado e de 8 carreiros; deita pouca palha, e amadurece 15 a 20 dias mais cedo.

[4] Levadinha, molata ramalheira do campo, e ramalheira do monte; produzidas em terreno do expositor, situado na freguezia de Alfarellos, concelho de Soure. Não sendo atacadas da molestia, 5 ares e 10 centiares produz 817 litros e 8 decilitros.

As batatas foram semeadas no 1.º de junho, em terreno forte, e sem estrume; a batata levadinha produziu bem; a ramalheira resiste mais á molestia; e o mesmo succede no monte.

[5] Colheita de 1868; produzido em terrenos situados na freguezia de Alfarellos, e que são do expositor; foi fabricado em moinho de imprensa.

Antonio Dias Themído, de Coimbra — 4.º grupo, licor, aguardente e vinagre. (3.ª)

Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco, de Maiorca — 1.º grupo, maçãs e peras. (2.ª)[1]

Arcipreste, Prior de Lorvão — 1.º grupo, milho, feijão, batatas e alhos; 2.º grupo, mel. (2.ª)

Camara municipal de Penacova — Varas de castanho[2]; amostras de cortiça[3]; dicta de páu de castanho[4]; dicta de pinheiro[5]; maniota de carqueija[6]; dicta com tres qualidades de palha de milho — bandeira, folha e capa[7]. (3.ª)

Fructuoso Ferreira da Silva, de Coimbra — 1.º grupo, milho, fava, trigo, feijão, grão de bico, tremoços. (4.ª)

[1] É a classificação definitiva, que lhe fica pertencendo.

[2] Ha muitos soitos nesta freguezia e concelho, que produzem estas varas, e se chamam de *talhadia*. Applicam-se para cêstas, arcos de differentes vasilhas, para varejar azeitona, e para os carreiros. Cortam-se de 4 em 4 annos.

[3] Empregam-se neste concelho muitos individuos nesta industria, tirando-a não só dentro do mesmo, mas indo-a procurar a grandes distancias. Fazem-na conduzir para a borda do rio, onde a preparam e enviam para o Porto ou Figueira. Tambem se applicam para cortiços de abelhas, em que em tempo abundou muito este concelho, mas que os ladrões quasi têm acabado. Tambem dão bolota os sobreiros, á similhança da dos carvalhos.

[4] Este concelho abunda muito neste genero de madeira, que é consumida em vasilhas para vinho e em construcções de casas.

[5] Foi este concelho um dos mais abundantes em madeiras d'este genero; mas hoje, apesar de se ter promovido muito a sua sementeira, ainda podia dobrar muitas vezes, pelas muitas serras que contém, e que se podiam semear. Hoje está quasi esgotada a boa madeira. Muitas construcções novas, barcas, exportação para Lisboa e para fóra, de madeiras e lenhas, são a causa da sua diminuição.

[6] Parecerá esta amostra de pouca importancia; mas, quem considerar que é quasi este concelho que fornece a carqueija e lenha que se consome nos differentes fornos e cosinhas da cidade de Coimbra, ha de conhecer que ainda é d'alguma importancia tal industria.

[7] É neste concelho onde se aproveitam melhor as palhas de milho. Tira-se primeiro a bandeira, desfolha-se depois, ficando a final a espiga na capa, que na occasião propria se conduz para a eira e se escamisa e sécca, sendo a mesma capa optimo alimento do gado e para outras applicações. Nas margens do Mondego, d'onde é a que se expõe, se criam milheiros de 4 e 5 metros de alto; sendo muito de lastimar que as margens do rio se não achem bem aproveitadas, andando perdidos grandes valores, e muito prejudicada a navegação.

João Francisco da Silva, de Coimbra — 4.º grupo, vinho e vinagre.[1] (4.ª)

Joaquim Antonio Pereira, de Coimbra — 1.º grupo, milho.

Joaquim Correia d'Almeida, de Penacova — 1.º grupo, trigo, cevada, milho, feijão, tremoço, grão de bico, fava, ervilha, sementes de linho, batatas e nozes. (2.ª)

Joaquim da Cruz Freire, de Portunhos — 1.º grupo, milho. (3.ª)

José Fernandes Antunes de Carvalho, de Goes — 1.º grupo, milho, feijão, batata; 2.º grupo, mel; 4.º grupo, azeite. (3.ª)

José Maria Ferreira, de Coimbra — 4.º grupo, vinho, geropiga e vinagre. (4.ª)

José Leal de Gouveia Pinto, de Godinhela, concelho de Miranda do Corvo — 1.º grupo, milho, feijão, fava; 2.º grupo, mel; 4.º grupo, azeite. (4.ª)

Manuel Gaspar, da Figueira da Foz — 1.º grupo, cebollas.

Manuel Nogueira Ramos, de Goes — 1.º grupo, trigo, centeio, cevada, fava, arroz, milho, grão de bico, ervilha, feijão, tremoço, batatas, maçãs, peras, bolota, nozes; 4.º grupo, azeite. (2.ª)

Manuel José Simões Coimbra, de Poiares—1.º grupo, duas especies de milho[2]; batata doce[3]. (4.ª)

Manuel Rodrigues, da Povoa de Bordalo, concelho de Coimbra — 1.º grupo, batatas. (4.ª)

Maria José Borges, de Coimbra — 1.º grupo, meadas de seda.[4]

[1] Vide adiante a relação dos productos expostos pelo expositor.

[2] Uma das especies não se desenvolveu bem, porque foi semeado tarde e em terra sêcca: d'este milho se faz farinha para diversos mesteres, por exemplo, podim, etc., cuja farinha os americanos importam no nosso paiz, com o nome de *Mezena*. Esta semente trouxe-a o expositor de Paris, aonde esteve exposta juncto com a *Mezena* que alli se vendia. O expositor reconhece que convem a cultura d'esta qualidade de milho, porque produz com abundancia e funde mais na farinha, que é mais saborosa.

[3] Muito convem desenvolver a sua cultura, porque alem de ser muito nutriente e saudavel, produz muito, depois de acclimatada; tem todos os temperos comsigo, porque, ou assada ou cozida, o seu gosto é superior á outra batata. Com algumas mais pequenas se pode fazer uma grande sementeira, visto que é primeiro disposta, para depois se transplantar.

[4] É da colheita do anno de 1869.

D. Maria do Nascimento Freire de Vasconcellos, d'Arganil — 1.º grupo, meada de retroz.[1] (3.ª)

Vicente Ferrer Netto de Paiva (dr.), da Louzã — 1.º grupo, milho, maçãs, peras, pecegos, ananaz, banana. (1.ª)

Wenceslau Martins de Carvalho, d'Atadôa, concelho de Condeixa — 1.º grupo, trigo, milho, feijão, grão de bico, chicharos, favas, batatas e nozes[2]. (1.ª)

Numero de expositores nesta secção 24.

Relação dos productos agricolas, enviados á exposição districtal de Coimbra pelo administrador do concelho de Cantanhede

Numeros, qualidade do producto, e preço por alqueire ou 14l,42

1 Feijão mocho, rajado 360; 2 dicto escuro 360; 3 dicto carrapato 360; 4 dicto vermelho 360; 5 dicto branco 360; 6 dicto vassouro: muito usados neste concelho, e encontram-se nos mercados de Cantanhede nos dias 20 e na Porcariça nos dias 4 de cada mez.

7 Feijão do milho, vermelho 280; 8 dicto amarello 280; 9 dicto rajado 240; 10 dicto preto 240; 11 dicto côr de ganga 280; 12 dicto branco 280; 13 dicto escuro 280: muito usados nas freguezias das Febres e Cantanhede, e encontra-se em qualquer mercado do concelho.

14 Feijoca escura de flor 400: pouco usada, e ha pequena porção.

15 Feijoca branca 500: de muito boa qualidade, e vae-se vulgarisando o seu uso.

16 Feijão de sete semanas 480: muito usado porque começa a dar vage dentro de sete semanas.

17 Feijão frade, preto 300; 18 dicto amarello 300: denominados *gandarez*, por serem muito usados na freguezia dos Covões e parte da de Cantanhede, cujos terrenos são chamados *Gandara*.

19 Feijão frade branco 320: muito abundante neste concelho.

[1] É da colheita do anno de 1868.

[2] Nestas differentes qualidades apresenta o expositor a especialidade de milho, trigo, grão de bico e chicharos, colhidos dentro das muralhas da antiga Conimbrica em terreno do expositor, e os mais generos, egualmente creados em terra do expositor, na freguezia de Condeixa a Velha.

20 Feijão de trepar cedo 480: muito usado por amadurecer cedo.
21 Feijão rebollo 480; 22 dicto francez vermelho 500; 23 dicto frade 540; 24 dicto moleirinho 500; 25 dicto branco 540; 26 dicto pardo 500; 27 dicto mascarado 500; 28 dicto bicudo 500; 29 dicto real 520: estas especies de feijão, e os que se seguem até ao n.º 35, exceptuando o n.º 30, são muito usados neste concelho, mas na maior parte são consumidos em vage, e por isso não ha grandes porções a vender; comtudo ainda se encontram bastantes nos mercados d'este concelho, que são: Cantanhede no dia 20, na Porcarica no dia 4, nas Febres no dia 9, e em S. Caetano no dia 7 de cada mez.
30 Feijão mocho amarello 500: só o tem o vigario da Porcariça; é preferivel em qualidade, e produz mais 25 por cento que qualquer outro.
31 Feijão de trepar riscado 500.
32 Feijão de trepar francez preto 500: só o tem o capitão Manuel Pessoa da Fonseca, da Porcariça.
33 Feijão de trepar (poupa brôa) 500; 34 dicto latum 500.
35 Feijão de trepar macarrão 500: tem a vage branca, e por isso se chama macarrão.
36 Batata raiz de canna 160: é pequena a sua producção.
37 Batata arroba 180: é grande a sua producção.
38 Batata ramalheira vermelha 200: muito abundante nas freguezias da Tocha e Cadima.
39 Batata do mar 180: produz em grande quantidade.
40 Batata branca 160: muito usada em todo o concelho.
41 Batata ramalheira branca 160: muito abundante nas freguezias da Tocha e Cadima.

(Todos os productos agricolas, que se seguem, vendem-se nos mercados do concelho.)

42 Fava assaria 400.
43 Tremoço 300: cultiva-se muito nas freguezias de Cantanhede, Bolho, Portunhos, Outil e Porcariça.
44 Ervilha branca doce 640: de boa qualidade, mas ainda não está vulgarisada.
45 Grão de bico miudo 600; 46 fava galega 360; 47 ervilha papo de rola 620; 48 dicta de quebrar 620; 49 grão de bico assario 640.
50 Arroz carolino (em casca) 320: muito abundante nas freguezias da Porcariça, Sepins e Ourentã.
51 Arroz carolino pilado: vende-se por 900 réis a arroba, e contracta-se muito na Porcariça.
52 Milho branco 320; 53 dicto amarello 300; 54 ervilha preta 540.
55 Chicharo 320: é pequena a sua producção.
56 pinhão manço rigal 640: pouco abundante neste concelho.

57 Pinhão bravo 160: vende-se muito nos mercados d'este concelho; mas é melhor encommendal-o, porque o que se vende nas feiras é aberto em fornos.
58 Pinhão manço molar 700: é pequena a sua producção.
59 Linhaça 480; 60 trigo mouro 720; 61 dicto mourisco 620; 62 dicto tremez 700.
63 Sementes d'abobora: estas aboboras são muito grandes e muito boas para o gado e para doce.
64 Batata para conserva.
65 Sorgho: usado para pão, e tambem para forragens.
66 Trevo: usado para forragens.
67 Cevada 260; 68 serradella 600; 69 centeio 600; 70 aveia 480; 71 anaphe 400; 72 bromus 200; 73 ervilhaca 700; 74 alhos; 75 nóz selvagem 480; 76 favas em vage; 77 nozes 460; 78 vages de feijão.

(Todos os productos de pragana podem ser encontrados nos mercados do concelho.

79 Cebolla franceza, 100 réis o cabo.
80 Bet-rraba: muito usada na Porcariça para forragens.
81 Cebola vulgar, 100 réis o cabo.
82 Pimentos, 80 réis o cento.
83 Milho de varias qualidades: o milho encarnado não é espiga encontrada; ha profusão.
84 Batata mulata 160; 85 dicta chardou 200: encontram-se nos mercados do concelho.
86 Sirgo, seda em casulo e retrós: produzida em Cantanhede; a seda é fiada e torcida por uma senhora d'esta villa.
87 Lã preta; 88 dicta branca, 4$800 cada 15 kilos.
89 Lã lavada, 6$400 cada 15 kilos.
90 Linha, 1$200 o kilo.
91 Mel d'enchame novo, 200 réis o kilo.
92 Mel d'enchame velho, 160 réis o kilo.
93 Arrobe de vinho tinto, 2$250 réis o almnde.
94 Vinho de 1834: colhido em Cantanhede.

Productos expostos pelo sr. João Francisco da Silva

Vinho tinto de 1852, da Bairrada.
Dicto branco de 1860.
Dito tinto de 1856.
Dicto tinto de 1868, de Barcouço.
Vinagre tinto.
Dicto branco.

Productos expostos pelo sr. Antonio Dias Themido

Licor de rosa, 400 réis a garrafa.
Licor de ortelã pimenta, 320.
Licor de amendoa, 320.
Licor de canella, 300.
Licor de aniz, 240.
Aguardente, 240 e 400.
Vinagre tinto, 160.
Vinagre branco, 180.
Genebra, 300.
Tinta para copiar, 160.
Tinta preta, 140.

PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

José Libertador de Magalhães Ferraz, de Coimbra — Preparados pharmaceuticos. (1.ª)

Domingos Antonio Pitta Simões, de Coimbra — Xaropes; pastilhas; phosphato de ferro; rôlo de pasta de musgo islandico; cartas de tafetá gommado. (2.ª)

Dr. Bernhard Tolens, residente em Coimbra — Frasco com essencia de mostarda artificial. (2.ª)

Numero de expositores nesta secção 3.

Productos expostos pelo sr. José Libertador de Magalhães Ferraz

Oleo de figados de bacalhau, purificado.
Xarope de seiva de pinho maritimo.
Dito de musgo e jujubas.
Dito de quina e ferro.
Dito de hypo-phosphito de cal.
Dito dito phosphito de soda.
Dito de iodureto de ferro.
Elixir de Richard.
Saccaharureto de pyro-phosphato de ferro e soda.
Asotato de prata photographico.
Phosphato de ferro soluvel de Lerás.
Oleo de figados de bacalhau com quinina.
Oleo de figados de bacalhau com iodureto de ferro.
Tinta de marcar roupa.
Verniz photographico.
Tintura para pintar os cabellos brancos.

Xarope de Gibert.
Dito de balsamo de Tolú.
Doce de extracto de liriodendrum tulipifera.
Dito de naphé d'arabia.
Dito extracto de hydralcoolico de monesia.
Dito de extracto carne e pepsina.
Doce de santonina.
Agua de colonia nacional.
Pommada para lustrar os cabellos.
Pasta de musgo islandico.
Taffetá gommado.

SECÇÃO ESPECIAL

DE

Archeologia e de objectos raros, naturaes, artisticos e industriaes

---

Miguel Osorio de Cabral e Castro, da quinta das Lagrimas, Coimbra — Campainha de prata, muito antiga; salva de prata, dourada, com pé; jarro e bacia de prata, lavrada, antigos; relogio de prata, muito antigo; caixa de prata para tabaco; *Agnus Dei*, de philagrana de prata; caixa de ouro esmaltado; descimento da cruz, de madeira; quadro pintado em louça; taboleiro de louça, de Saxe, com duas chavenas, cafeteira, leiteira, e assucareiro; bandeja esmaltada, da India, e duas chavenas de aza; mesa com embutidos, imitando mosaico; livro antiquissimo, escripto em pergaminho; oratorio de madeira.

Alexandre Maria de Campos, de Coimbra — Salva grande redonda, de prata lavrada; duas dictas pequenas, tambem lavradas; bacia grande de pés, de prata; dicta pequena, lavrada; candieiro grande, de prata; dois pares de castiçaes, de prata; jarro e bacia, de prata; fructeira de prata; rosario de contas, de ouro; toalha com lavor, de linho da Russia.

Francisco Amado de Mello Ramalho, de Formoselha — Quadro, attribuido a Raphael, representando a Sagrada Familia, tendo a moldura de tartaruga; copo de vidro, tendo gravada a frontaria do palacio de Mafra, por um frade; cinco pratos da India.

Dr. Antonio Carlos da Maia, juiz de direito da comarca de Coimbra — Quadro, com uma flor, feita de miollo de figueira por uma senhora da ilha do Fayal.

Camara municipal do concelho de Penacova — Foral da villa de Penacova.[1]

José Luiz Ferreira Freire, administrador do concelho de Cantanhede — Espingarda antiga, americana.

André Barreto Chichorro, de Pereira — Duas fructeiras; dois vasos dourados, com pé; duas salvas; duas serpentinas: tudo de prata lavrada

Prior da freguezia da Pampilhosa — Calix com custodia; urna de prata com lavores.

José Carlos Zuzarte, de Coimbra — Jarro, bacia, barrufador, estojo de escrever, tudo de prata; leque de marfim, de 1700.

D. Anna Augusta de Campos Paredes, de Coimbra — Quatro salvas, e um par de castiçaes, tudo de prata lavrada.

Joaquim Augusto Alves Pereira, de Coimbra — Harpa, feita em 1810.

Antonio Julio Miranda de Campos — Imagem de Sancto Antonio, de marfim, feita d'uma só peça.

D. Maria Victoria Miranda de Campos — Imagens do Anjo Custodio e de S. Jose, feitas de buxo por um artista de Braga; dois quadros, pintura ingleza, representando um a Christo cruxificado e outro o descimento da cruz.

D. Maria Violante, de Coimbra — Crucifixo de marfim, e cinco quadros a oleo.

José Ferreira Nicolau, de Coimbra — Quadro representando S. Pedro; pequena estatua de marmore.

José Vieira da Fonseca, de Coimbra — Seis quadros, sendo dois a aquarella, e quatro de lithographia.

D. Candida Elvira da Cunha, de Coimbra — Quadro representando S. José, bordado a torçal em pergaminho.

Anna de Jesus, de Coimbra — Quatro quadros a oleo.

Moura Sá & Sobrinho, de Coimbra — Dois quadros a oleo.

Francisco Antonio de Carvalho Montenegro, de Poiares — Espingarda de ar, de invenção aperfeiçoada, feita em Liverpool: expelle até trinta tiros com a mesma carga de ar, por meio de dois cannos, um para bala, e outro para escomilha.

[1] É de lastimar o pouco cuidado com que este livro tem sido tractado. Tem uma encadernação antiquissima.

Joaquim Ignacio da Costa Vasconcellos, de Arganil — Velho e Novo Testamento com gravuras; *Stabat Mater* (musica), composto por Pergolisi; missa de *requiem*, do compositor Mozart; dicta a quatro vozes com orgão.

D. Maria da Luz e Mello, de Coimbra — Panno bordado pelas pretas de S. Nicolau (Cabo Verde).

Francisco Serrano, de Coimbra — Chapéu de senhora, usado em Portugal antes da invasão franceza.

Francisco Eduardo, de Coimbra — Selha de madeira, feita na India.

Alfredo Ferreira Barbedo Vieira, de Coimbra — Ovo de éma.

D. Henriqueta Candida Tavares Pimentel — Varios objectos de charão, da China e do Japão.

Classificação d'esta secção

Historia natural

Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, de Coimbra — Preparados anatomicos. (2.ª)

Numero de expositores nesta secção 27.

Recapitulação geral do numero dos expositores

	1.ª época	2.ª época
Secção da industria extractiva.....	11	1
» » » fabril.....	175	34
» de bellas artes e prendas...	84	20
» da industria agricola	81	24
» de productos chimicos e pharmaceuticos.....	3	3
» especial de archeologia, etc..	115	27
Total.....	469	108
Total geral..	577	

ACTAS DAS SESSÕES DO JURY CLASSIFICADOR

No dia 11 de julho de 1869, pelas 8 horas da tarde, na sala da Associação dos Artistas de Coimbra, e estando presentes os seguintes membros do jury classificador, approvado por portaria de 28 de junho do mesmo anno, os srs. Secretario Geral do districto, Vice-Presidente da Camara Municipal de Coimbra, Chefe da 2.ª Divisão das Obras Publicas, Engenheiro districtal, Presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho, dr. Antonio dos Sanctos Viegas, dr. Philippe do Quental, dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, dr. Luiz Adelino da Rocha d'Antas, Luiz Augusto Pereira Bastos, Francisco Antonio de Miranda e Abilio Roque de Sá Barreto, foram eleitos por unanimidade para presidente o sr. Secretario Geral do districto, e para Vice-Presidente o sr. Vice-Presidente da Camara Municipal; foram nomeados Secretarios os srs. dr. Antonio dos Sanctos Viegas e Engeneiro districtal, e relator dos trabalhos do jury o sr. dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles; e tomaram-se as seguintes deliberações:

Que houvesse quatro classificações de merito para classificar os productos expostos.

Que em relação á natureza das recompensas se adiasse a decisão até saber-se se os recursos da Associação, applicaveis á exposição, permittiam ou não a adopção de medalhas cunhadas.

Que se dividissem os productos expostos em tres grandes grupos, pelo seguinte modo:

1.º grupo—Industria fabril;
2.º dicto—Industria agricola;
3.º dicto—Archeologia, raridades e historia natural.

Que se repartissem os membros do jury pelos tres grupos precedentes, ficando:

No 1.º grupo os srs. Inspector do divisão das Obras Publicas, Engenheiro districtal, Presidentes das Associações Artisticas de Coimbra e Figueira, e Commercial da Figueira, dr. Philippe do Quental, dr. Luiz Adelino da Rocha d'Antas e Francisco Antonio de Miranda.

No 2.º grupo oa srs. Vice-Presidente da Camara, Intendente da Pecuaria, Presidente da Associação Commercial de Coimbra, Visconde de Taveiro. dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho e Abilio Roque de Sá Barreto.

No 3.º grupo os srs. dr. Antonio dos Sanctos Viegas, dr Albino Augusto Giraldes, dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, e Luiz Augusto Pereira Bastos.

Que cada grupo do jury apresentasse um relatorio parcial dos seus trabalhos para, sobre elle se elaborar o relatorio geral.

O 2.º Secretario, *Candido Xavier Cordeiro.*

No dia 28 de julho de 1869, na sala da Associação dos Artistas, teve logar a segunda reunião do Jury classificador dos productos expostos, estando presentes os srs. Secretario Geral do districto, Engenheiro districtal, Intendente da Pecuaria. Presidente da Associação dos Artistas, Presidente da Associação Commercial de Coimbra, dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho, dr. Philippe do Quental, dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, dr. Luiz Adelino da Rocha d'Antas, Francisco Antonio de Miranda, Luiz Augusto Pereira Bastos.

Tomaram-se as seguintes deliberações:

1.º Por proposta do sr. Presidente da Associação dos Artistas, que se chamassem algumas pessoas psra se consultarem sobre o merito relativo d'alguns objectos expostos, que pela sua natureza exijgiam conhecimentos especiaes, como principalmente as obras de al-aiate e de sapateiro;

2.º Por proposta do sr. dr. Simões de Carvalho, que no grupo da industria fabril se comprehendesse tambem a industria extractiva;

3.º Que, attenta a difficuldade de obter esclarecimentos sufficientes e verdadeiros sobre as industrias do districto, por não estarem os expositores preparados para os fornecer, se limitasse o Jury a apresentar um catalolo geral, documentado quanto possivel fosse, em substituição do relatorio geral.

O 2.º Secretario, *Candido Xavier Cordeiro.*

No dia 24 de novembro de 1869 reuniu-se o Jury classificador da Exposição Districtal de Coimbra, sob a presidencia do sr. Vice-Presidente da Camara Municipal. Sendo-lhe presentes as classificações feitas pelas diversas secções do Jury, nas classes respectivas, foram todas approvadas. Não podendo entrar em classificação os objectos de archeologia e de bellas artes, que não representassem um trabalho qualquer produzido no districto; e reconhecendo o Jury o subido merito de muitos dos objectos expostos nesta secção, resol-

veu unanimemente, que se lançassem na presente acta votos de louvor e agradecimentos a todas as pessoas e corporações, que se prestaram a contribuir com taes preciosidades para o engrandecimento da festa industrial do districto de Coimbra.

O sr. Presidente da Associação dos Artistas agradeceu aos membros do Jury a cooperação que d'elles havia recebido.

E como nada mais houvesse a tractar, deu-se por terminado o trabalho do Jury, e levantou-se a sessão, de que eu, dr. Antonio dos Sanctos Viegas, secretario, lavrei a presente acta, que assigno — *Dr. Antonio dos Sanctos Viegas.*

ADVERTENCIA

A solemne distribuição dos diplomas aos expositores terá logar no dia 8 de dezembro de 1869, na sala da Associação dos Artistas.

Os expositores classificados em mais d'uma secção, só têm a receber o diploma correspondente á classificação mais graduada.

A COROA DO TRABALHO

Hymno da Exposição Agricola, Industrial e Fabril, promovida pela benemerita Associação dos Artistas de Coimbra. [1]

A luz que percorre a terra,
banhando-a de pólo a pólo,
faz abrotar maravilhas
d'este abençoado solo!

A industria, a sciencia, as artes,
regadas por santo orvalho,
estendem braços gigantes
sobre os filhos do trabalho!

Côro

O céu, que orvalha
o chão da vida,
cubra de bençãos
quem súa e lida!

Paz, venturas, honra e gloria,
são do trabalho os thesouros!
são a corôa do artista,
e, após o combate, os louros!

[1] Offerecido á Associação pelo socio, o sr. José Melquiades Ferreira Santos. Poesia do sr. Candido de Figueiredo; musica do sr. Luiz José Maria de Oliveira.

Bemdicta a mão, que levanta
a enchada que volve a terra;
e a mão que faz maravilhas
do lenho tosco da serra!

Côro

O céu, que orvalha,
o chão da vida,
cubra de bençãos
quem súa e lida!

Bemdicto o suor que inunda
do artista o mirrado rosto,
desde o alvor da madrugada
até á luz do sol posto!

Bemdicto o pão, que o trabalho
leva aos braços da indigencia,
óbolo santo, caído
do seio da Providencia!

Côro

O céu, que orvalha,
o chão da vida,
cubra de bençãos
quem súa e lida!

Sob os tectos da officina
nunca a miseria descora,
nunca a vergonha lá entra,
nunca de fome se chora!

Não ha gritos de innocentes
que imploram o pão da vida,
nem alma, no lôdo impuro
das paixões adormecida!

Côro

O céu, que orvalha
o chão da vida,
cubra de bençãos
quem súa e lida!

Em folhas, que o vento leva,
deixa o rei seu nome escripto;
mas o artista deixa o nome
em folhas de ouro e granito!

Quanta vez transpõe os seculos
a gloria de quem trabalha!
Falle o Colyseu e o Louvre,
o Escurial e a Batalha!

Côro

O céu, que orvalha
o chão da vida,
cubra de bençãos
quem súa e lida!

Obscuras, mas altas glorias,
eil-as hoje á vossa vista;
vêde os fructos do trabalho,
vêde as corôas do artista!

Gloria ao nome de quem lida,
ao nome que fica impresso
nas corôas do trabalho,
na bandeira do progresso!

Côro

O céu, que orvalha
o chão da vida,
cubra de bençãos
quem súa e lida!

FIM.

INDICE

PRIMEIRA ÉPOCA

Pag.

Acta da sessão da assembléa geral..... 5
Trabalhos preparatorios..... 7
Documentos officiaes..... 19
Correspondencia expedida..... 31
Correspondencia recebida..... 43
Dimensões do vasilhame, em millimetros..... 48
Synopse geral da correspondencia expedida pela presidencia da Associação..... 65
Apreciação da imprensa periodica e parte noticiosa..... 71
Advertencia..... 144
Secção da industria extractiva..... 145
Secção da industria fabril..... 146
Secção de bellas artes e prendas..... 163
Secção da industria agricola..... 171
Ensaio dos vinhos..... 185
Vinhos abafados, vinhos passados, geropigas e licores... 188
Ensaio das aguardentes..... 188
Ensaio dos vinagres..... 189
Ensaio dos azeites..... 190
Classificação geral da secção da industria agricola..... 191
Nota dos objectos expostos pela direcção das obras do Mondego e da barra da Figueira da Foz..... 196
Lista das plantas expostas pelos srs. Carlos Maria Gomes Machado, Joaquim José da Encarnação e Silva, e Douverel Gabriel..... 198
Lista das plantas expostas pelo sr. Antonio Mendes Simões de Castro..... 200
Productos chimicos e pharmaceuticos..... 200
Secção especial de archeologia e de objectos raros, naturaes, artisticos e industriaes..... 201
Historia natural..... 217
Numismatica..... 218
Recapitulação do numero dos expositores da 1.ª época.. 218

Pag.

Notas illustrativas 219
Minas do Cabo Mondego 219
Carvão de pedra de Buarcos 220
Fabrica de vidros em Buarcos 226
A imprensa da Universidade 227
Fabricas de louças 229
Seda 234
Imprensa dos jesuitas em Coimbra, e a fabrica de papel da Louzã 235
Trabalhos calligraphicos 239
Industria fabril 239
Machina electrica 240
Pintura 241
Massas 242
Papel 243
Louças 244
Utensilios agricolas 244
Collecção ampelographica do dr. Antonino José Rodrigues Vidal 245
Direcção das obras do Mondego 248
Bromus scheraderi 249
Cereaes e legumes 251
Archeologia 252
Historia natural 259

SEGUNDA ÉPOCA

Trabalhos da presidencia da Associação 265
Synopse geral da correspondencia expedida pela presidencia da Associação 271
Documentos officiaes 273
Indicação dos principaes objectos que podem ser incluidos na secção da industria agricola 274
Correspondencia recebida 279
Apreciação da imprensa periodica e parte noticiosa 285
Productos pharmaceuticos, chimicos e photographicos 289
Sarau na sala da Associação dos Artistas 293
Advertencia 295
Secção da industria extractiva 296

Pag.

Secção da industria fabril 297
Secção de bellas artes e prendas..... 300
Secção de industria agricola..... 303
Relação dos productos agricolas, enviados pelo administrador do concelho de Cantanhede..... 306
Productos expostos pelo sr. João Francisco da Silva.... 308
Productas expostos oelo sr. Antonio Dias Temido..... 309
Productos chimicos e pharmaceuticos 311
Productos preparados pelo sr. José Libertador de Magalhães Ferraz..... 311
Secção especial de archeologia e de objectos raros, naturaes artisticos e industriaes..... 313
Historia natural..... 315
Recapitulação geral do numero dos expositores..... 316
Actas das sessões do jury classificador..... 317
Advertencia..... 319
A Corôa do trabalho — Hymno da exposição agricola, industrial e fabril, promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra..... 321

1396

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS

DE COIMBRA

PROTECTOR

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando

Presidente Honorario

Sua Alteza o Serenissimo Infante D. Augusto

DUQUE DE COIMBRA

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00027 0625